

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Elias Nascimento

Estudo das estratégias lingüístico-discursivas do risível em *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon* de José Cândido de Carvalho

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO  
2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Elias Nascimento

Estudo das estratégias lingüístico-discursivas do risível em *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon* de José Cândido de Carvalho

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Rosa Ferreira Dias.

SÃO PAULO  
2008

Banca Examinadora

---

---

---

## **Agradecimentos**

À minha orientadora, professora Ana Rosa Ferreira Dias, pela paciência e carinho, pelas observações sempre pertinentes e pela orientação segura;

Ao professor Dino Preti pela postura profissional exemplar, pelas aulas esclarecedoras e por compartilhar experiências de vida;

À professora Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira pelas valiosas sugestões dadas a este trabalho;

Aos professores Maria Thereza de Queiroz Guimarães Strôngoli, Luiz Antonio Ferreira e João Hilton Sayeg de Siqueira pelas leituras e discussões sempre estimulantes e pelo apoio e incentivo;

À Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Ensino Superior pela bolsa concedida;

Aos colegas da PUC/SP pelo estímulo e amizade;

A todos que colaboraram no desenvolvimento deste trabalho.

## RESUMO

O objetivo desta dissertação é estudar as estratégias lingüístico-discursivas do risível em *Porque Lulu Bergatim não atravessou o Rubicon* de José Cândido de Carvalho. A obra reúne dezenas de contos curiosos sobre o interior do país. Escritas de forma bastante característica, as narrativas apresentam personagens divertidos envolvidos em situações insólitas. O estilo do autor é marcado, principalmente, pelo uso do exagero cômico empregado às ironias e às metáforas. O estudo abrangeu o gênero conto, sua ligação com o riso e o laconismo inerente a ambos. Compreendeu a manifestação do riso a partir de um levantamento histórico que considerou os conceitos discutidos pelos filósofos e teóricos desde a Antiguidade até os dias atuais. Nesse estudo verificou-se que nos séculos passados o cômico era próprio das classes inferiores, rebaixadas, com vícios e falhas. A partir do século XX o riso passou a ter valor nas relações sociais. Nas teorias contemporâneas, o riso existe para corrigir costumes, castigar comportamentos e punir distraídos, e pode se manifestar de quatro maneiras: nas formas e movimentos, nas situações, nas palavras e no caráter. O *corpus* foi dividido segundo estas quatro categorias. A análise das estratégias lingüístico-discursivas do riso destacou a exploração polissêmica ocorrida nos contos não só pela utilização das metáforas e das ironias, mas também pelo uso de gírias, de aliteraões, de hipérboles, de trocadilhos, de nomes estranhos e de neologismos.

**Palavras-chave:** contos, comicidade, riso, estratégias lingüístico-discursivas

## ABSTRACT

The objective of this dissertation is the study of the linguistic-discursive strategies of the laughable in *Porque Lulu Bergatim não atravessou o Rubicon* of José Cândido de Carvalho. The author's work presents dozens of curious stories on the interior of the country. Written in a very characteristic way, the narratives introduce funny personages involved in unusual situations. The author's style is marked, mainly, by the use of the comic exaggeration employed in ironies and metaphors. The present study included the analysis of stories, their connection with the laughter and the brevity inherent to both. In the present work the manifestation of the laughter was analyzed considering the concepts discussed by the philosophers and theoretical from the Antiquity to the current days. In the study it was verified that in the last centuries the comedian was own of the inferior classes, lowered, with addictions and faults. Starting from the century XX the laughter began to have value in the social relationships. In the contemporary theories, the laughter exists to correct habits, to punish behaviors and to punish distracted, and it can be expressed in four ways: in the forms and movements, in the situations, in the words and in the character. The corpus was divided considering these four categories. The analysis of the linguistic-discursive strategies of the laughter detached the polissemic exploration happened in the stories not only by the use of the metaphors and of the ironies, but also by the use of slangs, of alliterations, of hyperboles, of puns, of strange names and of neologisms.

**Key-words:** stories, comicality, laughter, linguistic-discursive strategies

Estudado com lupa há séculos, por todas as disciplinas, o riso esconde seu mistério. Alternadamente agressivo, sarcástico, escarnecedor, amigável, sardônico, angélico, tomando as formas da ironia, do humor, do burlesco, do grotesco, ele é multiforme, ambivalente, ambíguo. Pode expressar tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia.

Georges Minois

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DO AUTOR E DO <i>CORPUS</i></b> .....	13
1.1 - José Cândido de Carvalho: o contador de histórias envolvido na História.....	13
1.2 - O conto cômico.....	19
1.3 - Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon.....	21
1.4 - Os contos de José Cândido de Carvalho.....	22
<b>CAPÍTULO 2 – TEORIAS SOBRE O RISO: DA ANTIGUIDADE AO RENASCIMENTO</b> .....	24
2.1 - O riso do ponto de vista do cristianismo.....	24
2.2 - Platão e as primeiras especulações sobre o riso.....	27
2.3 - O riso segundo Aristóteles.....	28
2.4 - Cícero + <i>Tractatus</i> = riso imortalizado.....	30
2.5 - A contribuição de Quintiliano.....	31
2.6 - Bakhtin e o riso medieval.....	32
<b>CAPÍTULO 3 – TEORIAS SOBRE O RISO: PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS</b> .....	35
3.1 - Freud e os chistes.....	35
3.2 - Bergson e a comicidade.....	40
3.3 - Propp e os tipos de riso.....	45
3.4 - Uma pincelada do humor de Raskin.....	48
3.5 - A contribuição de Possenti.....	52
3.6 - As considerações de Travaglia.....	53
<b>CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DO <i>CORPUS</i></b> .....	55
4.1 - Do cômico de formas e movimentos.....	56
4.1.1 - Aspectos físicos.....	56
4.2 - Do cômico de situação.....	59
4.2.1 - Contradição.....	59
4.2.2 - Violência.....	62
4.3 - Do cômico de palavras.....	65
4.3.1 - Gíria.....	65
4.3.2 - Metáfora.....	69
4.3.3 - Ironia.....	72
4.3.4 - Neologismo.....	75
4.3.5 - Nomes estranhos.....	78
4.3.6 - Trocadilho.....	80
4.4 - Do cômico de caráter.....	82
4.4.1 - Alogismos.....	82
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	85
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	87
<b>ANEXOS</b> .....	89

## INTRODUÇÃO

Quando do nosso primeiro contato com a obra de José Cândido de Carvalho, *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon*, percebemos, ainda que superficialmente, elementos lingüísticos capazes de provocar o riso. Logo nas primeiras páginas, as narrativas denunciavam uma forma espirituosa e bastante característica de escrever. A comicidade surgia ora pelo absurdo, ora pelo exagero, ora pelo inesperado. Nosso interesse pelo riso, aliado ao desejo de entender as sutilezas de sua manifestação nos contos de José Cândido, foi determinante para fixarmos o objetivo deste trabalho no estudo das estratégias lingüístico-discursivas do risível que o autor lançou mão ao escrever suas histórias.

A obra é composta por 151 relatos breves que o autor denomina como “contados, astuciados, sucedidos e acontecidos do povinho do Brasil”. Assim, nosso ponto de partida foi estudar o gênero conto. Constatamos que, historicamente, esse gênero passou a dominar a literatura do começo do século XVIII, em substituição à grande narrativa. Relatos breves tendem a ser cômicos pelo fato do riso ser incompatível com a prolixidade. Quanto mais breve a narrativa, melhor a relação conto-riso. Segundo Propp (1992, p. 192), “um dos erros mais comuns cometidos pelos autores de peças humorísticas está justamente na extensão de suas obras.”

Para melhor circunstanciar a obra e o contexto na qual se insere, no capítulo 1 fizemos um levantamento sobre a vida e sobre as obras de José Cândido de Carvalho. Percebemos que o bom humor e o riso presentes nos contos, também se faziam presentes no seu estilo de vida. Sua trajetória como jornalista, contista e romancista, permitiu-lhe escrever de forma leve e despreziosa e ao mesmo tempo rica em estratégias lingüístico-discursivas do riso.

Uma vez conhecidos o autor e os contos, precisávamos ampliar nosso conhecimento sobre o riso. Estabelecemos como meta investigar qual a sua origem, seus efeitos na história da humanidade. Nesse sentido, o capítulo 2 compreendeu um levantamento das teorias do riso, da Antiguidade até o Renascimento. Para tanto, as pesquisas de Bakhtin (1965)<sup>1</sup>, Attardo (1994), Alberti (1999), Minois (2003), foram imprescindíveis. Cada qual, a sua maneira, forneceu dados valiosos sobre a história do

---

<sup>1</sup> Julgamos importante destacar a data da primeira publicação, muito embora tenhamos nos servido da edição brasileira de 1993, conforme indicam as referências bibliográficas no final do trabalho.

riso. Embora com informações muito próximas, até porque muitas vezes a fonte era a mesma, pudemos enriquecer nossas considerações com comparações entre os autores.

Começamos pela gênese, pela criação do homem. No início, do ponto de vista do cristianismo, tudo era belo e perfeito e não havia espaço para o riso até a ocorrência do pecado original. A partir daí, o riso surge como algo negativo, ligado à imperfeição, à corrupção e à decadência humanas. O Antigo Testamento contém diversos registros de sua manifestação. Apuramos que, por séculos, o cristianismo rejeitou o riso por não haver no Novo Testamento menção alguma ao fato de Jesus ter rido. Por outro lado, os cristãos de hoje, por viverem em uma era humorística, esforçam-se para dar a Jesus características do bom humor e do riso, como as metáforas e as ironias (Cf. Minois, 2003).

O capítulo 2 considera ainda os conceitos dos filósofos gregos. Platão não tem um estudo específico sobre o riso, mas quando discute o bem e a sua relação com os prazeres, condena o riso por ser uma afecção mista. Atribui ao cômico valor negativo por sua relação com o elemento inferior da alma humana.

De Platão, partimos para Aristóteles, que também classificava a comédia como gênero literário inferior à tragédia. Para nossa pesquisa em especial, a contribuição significativa de Aristóteles está na divisão do objeto do riso em “cômico de ação” e “cômico de palavras”. Essa divisão e as especificidades do riso que cada filósofo lhe atribuiu, nortearam a análise que fizemos do nosso *corpus*, uma vez que percebemos a recorrência, na obra analisada, do cômico de ação e do cômico de palavras.

Todos os filósofos estudados, e mesmo os autores contemporâneos, fazem menção direta ou indiretamente a essa divisão aristotélica, ainda que com certa variação. Foi o que ocorreu com o filósofo Cícero que, para escrever sua teoria, tomou por base um manuscrito, conhecido por *Tractatus Coislinianus*, que alguns creditam a autoria a Aristóteles. E, por conseguinte, com Quintiliano, cujos conceitos são uma extensão da teoria de Cícero. Ambos discutem e detalham os efeitos do riso, mas não alteram a base de ocorrência do cômico, a saber: ações e palavras.

Encerramos o capítulo 2 no Renascimento, época em que viveu François Rabelais, quando o riso mostra sua face mais contestadora, mais libertadora. Cria-se uma visão cômica do mundo, que se manifesta por meio das festas populares. A principal manifestação dessas festas é o carnaval. O carnaval cria um mundo paralelo, em que o riso se torna um bem coletivo do povo. O riso é universal por atingir todas as

coisas e pessoas e ambivalente por ser ao mesmo tempo alegre e zombeteiro. Durante o Renascimento, as obras cômicas verbais apresentavam um novo vocabulário, no qual pragas e grosserias desempenhavam um papel importante. O riso causado pela comicidade de palavras tem base no vocabulário grosseiro assim como à comicidade de ação soma-se o cômico de formas e movimentos decorrente das muitas imitações e transformações pelas quais passavam os foliões.

Neste ponto de nossa pesquisa tínhamos uma idéia geral para a análise do nosso *corpus*. Suspeitávamos que explorar a comicidade de situação e de palavras, muito recorrente na obra de José Cândido de Carvalho, poderia ser o caminho. Partimos para a pesquisa das teorias contemporâneas do riso para confirmar nossas suspeitas.

Começamos o capítulo 3 abordando o conceito de chistes, proposto por Freud (1905)<sup>2</sup>. Consideramos importante a constatação de que os chistes se dividem em chistes de palavras e pensamentos. E não menos importante as características específicas próprias de cada um. De Freud destacamos ainda a economia de energia psíquica inerente às definições de chiste, cômico e humor.

Depois abordamos os conceitos de Bérghson (1900)<sup>3</sup>. Sua teoria é considerada uma referência no estudo contemporâneo do riso. Bérghson dá ao riso um enfoque diferenciado nas relações sociais, pois o considera como uma forma de punição para aquele que se desvia das normas impostas pela sociedade. A distração especial dos homens e dos acontecimentos deve ser reprimida e corrigida para o aperfeiçoamento social. Fundamenta sua teoria do riso como gesto social ao destacar três tipos de comicidade: das formas e movimentos, de situação e palavras, e de caráter. Suas definições vieram confirmar a linha de análise que aplicamos ao nosso *corpus*.

Partimos para Propp (1946)<sup>4</sup>. O teórico russo, embora não dê a mesma nomenclatura, também estuda os três aspectos da comicidade. Ao explorar *a comicidade de formas e movimentos*, o autor analisa o riso causado pelo cômico da semelhança e pelo cômico da diferença. O cômico nos movimentos é enfatizado nas ponderações

---

<sup>2</sup> Novamente julgamos importante destacar a data da primeira publicação, embora tenhamos adotado para a nossa pesquisa a edição brasileira de 1996, conforme indicam as referências bibliográficas no final do trabalho.

<sup>3</sup> Também aqui, em respeito à cronologia, anotamos a data da primeira publicação. Para a consecução desta dissertação foi usada uma publicação brasileira de 2001, cujas especificações aparecem nas referências bibliográficas finais.

<sup>4</sup> O procedimento anterior foi reiterado: fizemos questão de registrar a data da primeira publicação. As referências bibliográficas da edição brasileira de 1992 que nos serviu de apoio encontram-se no final deste trabalho.

sobre o riso relacionado à natureza física do homem, ao exagero cômico, no ato de fazer alguém de bobo, no malogro da vontade. Sobre a *comicidade de situação e palavras* a discussão concentra-se nas estratégias lingüísticas responsáveis pela manifestação da mentira e da paródia. A *comicidade de caráter* considera o riso provocado pelos caracteres cômicos, pelo alogismo e pela estultice. Porém, a teoria de Propp destaca-se, principalmente, pela classificação de tipos de riso como o riso de zombaria, o riso bom, o riso alegre, o riso maldoso, o riso cínico, o riso ritual e o riso imoderado.

Depois nossos levantamentos do riso contemplaram a teoria lingüística de Raskin (1985). Considerada abrangente e atual, sua teoria é baseada em *scripts*. O autor propõe uma fórmula para a produção do humor e estabelece uma oscilação na comunicação *bona-fide*(séria) e *non-bona-fide*(não séria) como fundamento para o jogo verbal responsável pela produção do humor.

As considerações de Possenti (1998), segundo as quais as teorias lingüísticas do riso devem importar-se mais em apreender como o humor é produzido verbalmente do que os seus efeitos, foram importantes para determinar o enfoque que daríamos à nossa análise. O autor discorre sobre possibilidades lingüísticas de compreensão do riso e, por meio de exemplos, ressalta conceitos que os lingüistas devem considerar em seus estudos.

Por fim, nossa pesquisa sobre as teorias contemporâneas do riso considerou as reflexões de Travaglia (1990). Embora o riso seja considerado a partir da análise de programas humorísticos televisivos, as ponderações do autor voltaram-se para o humor como forma de liberação, crítica e denúncia. Essas características contestadoras do humor manifestam-se por meio de *scripts* e mecanismos de produção do riso muito presentes em nosso *corpus*.

Como a obra de José Cândido de Carvalho reúne 151 contos, e notamos que em muitos a estratégia de riso é recorrente, separamos os contos analisados em quatro grandes categorias, a saber: *cômico de formas e movimentos*, *cômico de situação*, *cômico de palavras*, e *cômico de caráter*. A análise das estratégias lingüístico-discursivas do riso destacou a exploração polissêmica ocorrida nos contos pela utilização das metáforas, gírias, aliterações, ironias, hipérboles e neologismos. Os resultados obtidos com a pesquisa apontam para um riso emblemático, revelador do homem, sua língua e sua história.

## CAPÍTULO 1

### APRESENTAÇÃO DO AUTOR E DO *CORPUS*

A biografia e as obras de José Cândido de Carvalho contêm um riso latente que se revela à medida que ampliamos o contato com a sua história. A apresentação dos acontecimentos de sua vida torna-se importante para compreender a opção que fizemos por sua obra. Para fazer este relato, apoiamo-nos em informações encontradas no *site* oficial da Academia Brasileira de Letras, da qual o escritor foi membro. Também no livro *José Cândido de Carvalho*, organizado pela escritora Maria Aparecida Bacega (1983), que reúne depoimento biográfico, cronologia, obras, textos e um panorama da época, além de características do autor.

O fato de José Cândido de Carvalho ter tido uma significativa experiência como jornalista, aliado à sua formação acadêmica em Direito e ao seu trabalho em órgãos públicos, revelou-nos um homem inteirado com o seu tempo. Por isso, não nos limitamos à simples narração de sua biografia. Consideramos que uma pequena contextualização, em que se destacassem os principais acontecimentos históricos que permearam a sua vida, poderia aproximar-nos mais do autor, de sua época e de sua obra.

As citações, no corpo dos parágrafos, foram retiradas de um depoimento que José Cândido concedeu a Bacega (1983, p. 3-10) em julho de 1982, e as citações em destaque foram escritas pelo próprio autor em setembro de 1970 e constam do prefácio da obra que analisamos. Embora algumas vezes José Cândido aborde o mesmo assunto nas entrevistas, seus pontos de vista são enriquecidos pela lembrança de detalhes novos. Por isso, nos casos em que quisemos realçar determinada fase da vida do autor, transcrevemos suas duas formas de enxergar a própria vida.

#### **1.1 – José Cândido de Carvalho – o contador de histórias envolvido na História**

O início do século XX no Brasil é marcado pela chegada dos imigrantes, pelo florescimento do café e pelo desenvolvimento, ainda embrionário, da indústria. O advento da eletricidade e a revolução tecnológica contribuem para que a população cresça e urbanize-se. No mundo, a arquitetura ganha novas concepções de organização do espaço e da forma e nas artes plásticas, novos movimentos renegam a arte de “antigamente” (Cf. Bacega, 1983, p. 97).

Estamos em 1914. Nasce, no dia 05 de agosto, na cidade Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, José Cândido de Carvalho. “Nasci porque sou muito curioso. Arrebentou a Grande Guerra no dia 4 de agosto e eu, 24 horas depois, quis ver como era ela e nasci.” O menino cresceu, transformou-se em um jornalista, contista e romancista. Na Academia Brasileira de Letras foi o quinto ocupante da cadeira 31, eleito em 23 de maio de 1974, na sucessão de Cassiano Ricardo e recebido pelo acadêmico Herberto Sales em 1º de outubro de 1974.<sup>5</sup>Faleceu em Niterói, Rio de Janeiro, no dia 1º de agosto de 1989:

A bem dizer, fui inaugurado em 1914, vinte e quatro horas depois de rebentar a Primeira Grande Guerra. Era agosto e chovia em Campos dos Goitacazes. Comecei com jeito de grandeza. Meu ideal era ser usineiro, viver no último andar de trezentos mil sacos de açúcar. Como isso não foi possível, tratei de realizar o subideal que era ser funcionário da Leopoldina.

A década de 1920 foi de transformações na política e nas artes no Brasil. Aconteceram a Revolução dos 18 do Forte e a Revolta dos Tenentes, formou-se a Coluna Prestes, fundou-se o Partido Comunista. Idéias anarquistas trazidas por italianos e espanhóis ganharam grande número de adeptos (cf. op. cit., p. 98). Em 1922, aos oito anos, por doença do pai, José Cândido de Carvalho foi morar por algum tempo no Rio de Janeiro e trabalhou como estafeta na Exposição Internacional de 1922. Quando retornou à cidade de Campos, continuou a estudar em escolas públicas. Porém, nas férias trabalhava como ajudante de farmacêutico, cobrador de uma firma de aguardente e trabalhador de uma refinaria de açúcar.

Embora tenha guardado boas lembranças dessa época, considera que sua infância foi como a de qualquer outra criança, de qualquer menino sem poder aquisitivo. “Campos, no Estado do Rio, naquela ocasião era uma cidade muito rural. (...) E era uma cidade de encantos mis[sic]: havia lobisomens nas casas, havia flores nos jardins – e flores também encantadas, flores maravilhosas. Enfim, uma infância como outra qualquer”.

Filho de lavradores de Trás-os-Montes, norte de Portugal, seu pai, um pequeno comerciante, Bonifácio de Carvalho e sua mãe, Maria Cândido de Carvalho, fixaram-se em Campos dos Goitacazes. Como seus pais eram pobres, sempre cursou escolas públicas e de muitas delas foi expulso por ser irrequieto. “Lembro-me que, numa delas, a professora chamou minha mãe e disse: ‘Esse menino é muito burro, isso não pode,

---

<sup>5</sup> Fonte: <http://www.academia.org.br/>, consultado em 09.10.07

esse menino é burro demais. Em concurso de burro ele ganha de qualquer um” (Bacega, 1983, p. 3). Somente quando seu pai melhorou um pouco de vida é que ele se desligou da escola e passou a ter aulas particulares. “Terminei o meu curso primário e fui para o Liceu de Humanidades de Campos, onde não cheguei a fazer o curso todo. Fui completar o curso no Rio de Janeiro.” Ainda assim, sempre trabalhou. Primeiro em uma refinaria de açúcar e em uma torrefação de café. Depois como gerente de uma refinaria de açúcar, montada pelo pai, à beira do Paraíba, em Campos.

Sempre tive admiração toda especial por chefes de estação, espécie de donos de trem. Como esse subideal também não veio, tratei de escrever para os jornais da minha terra.

Em 1930 Getúlio Vargas e a Aliança Liberal tomam o poder. O novo presidente adota medidas de interesse social, outorgando as primeiras leis trabalhistas. Tem início a segunda geração de modernistas, da qual fazem parte Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Murilo Mendes, José Américo e José Cândido de Carvalho. Por ter herdado o gosto pela liberdade de criação e de expressão, essa é uma geração que enfrentaria problemas com o Estado Novo, seu Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e sua polícia secreta (Cf. Bacega, 1983, p. 99).

Com a iminência da Revolução de 1930, José Cândido trocou o comércio pelo jornal. Começou a atividade de jornalista na revisão de *O Liberal*. Entre 1930 e 1939, exerceu funções de redator e colaborador em diversos periódicos de Campos, como a *Folha do Comércio*, que se honrava de ter um dos jornalistas mais promissores de sua geração, Raimundo Magalhães Júnior. Também em *O Dia* passou a comentar a política internacional e ainda colaborava com a *Gazeta do Povo* e o *Monitor Campista*.

Uma tarde, em plena década de 1930, entrava este José para a redação da *Folha do Comércio* por uma porta e Raimundo Magalhães Júnior saía por outra. Eu para escrever notinhas de aniversários e casamentos de comerciantes locais e Magalhães Júnior para iniciar sua prodigiosa carreira de grande jornalista e grande escritor.

José Cândido de Carvalho era admirador de Rachel de Queiroz e de José Lins do Rego e deixou-se influenciar por este último quando começou a escrever, em 1936, o romance *Olha para o céu, Frederico!*. Em 1939, ano do início da segunda guerra mundial, a editora Vecchi publicou a obra na coleção Novos Autores Brasileiros. “Tive algum êxito com *Olha para o céu, Frederico!*. O Mário de Andrade achou um excelente livro. O meu querido amigo Alceu Amoroso Lima também fez referências elogiosas.

Mas só vim a escrever um novo livro 25 anos depois. Porque realmente sou muito preguiçoso”(Bacega, 1983, p. 5).

Foi em 1937, ano da implantação do Estado Novo e da dissolução do Congresso por Getúlio Vargas, que José Cândido de Carvalho conquistou o diploma de bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. “Fiz Direito porque meu pai achava muito bom. Ele nem queria o diploma, queria a beca. Principalmente o retrato, que tinha muita importância: “Meu filho é doutor!”. E realmente fui doutor durante algum tempo em Campos, na minha terra” (op.cit., p. 4).

De jornal em jornal realizei o sonho de todo o pai brasileiro do começo do século: ver o filho bacharel, fotografado de beca e de óculos. E bacharel saí na fornada de 1937, depois de passar, como o diabo pela cruz, através de lombadas de livros de alto saber jurídico. E uma ocasião, com a sacola soltando leis e parágrafos pelo ladrão, fui extrair da unha de subdelegado um pobre-diabo qualquer. Foi quando constatei, para desencanto do meu canudo de bacharel, que mais vale ter a chave da cadeia do que ser Rui Barbosa.

Mudou-se para o Rio e passou a viver no bairro de Santa Teresa, entrando para a redação de *A Noite*, um jornal de quatro edições diárias. Também trabalhou, embora por pouco tempo, como redator no Departamento Nacional do Café. Em 1942, a convite de Amaral Peixoto, então interventor no Estado do Rio, passou a dirigir *O Estado*, um dos grandes diários fluminenses, em Niterói, cidade para a qual se mudou. Com o desaparecimento de *A Noite*, em 1957, foi chefiar o copidesque de *O Cruzeiro* e dirigir, substituindo Odylo Costa Filho, a edição internacional dessa importante revista. “Sempre fiz jornalismo. Trabalhei em vários jornais do Brasil, grandes jornais inclusive. Trabalhei em *A Noite*. (...) Depois fui trabalhar na revista *O Cruzeiro*, onde cheguei a ser chefe do copidesque. Também dirigi *O Cruzeiro Internacional*. Jornalismo é o que gosto de fazer. Faço com um pé nas costas” (op.cit., p. 5).

Aborrecido, dei de mão numa resma de papel e escrevi meu primeiro romance, *Olha para o céu, Frederico!* Uns elogiaram, outros malharam. Embrulhado em suas páginas arrumei, no Rio de Janeiro, o cargo de redator da velha e saudosa *A Noite*. E em seu manso seio fiquei até que o governo, a poder de bofetões, fechou o jornal em 1957. Dos cacos de *A Noite* pulei para os *Diários Associados*. Nesse meio-tempo, entre uma coisa e outra, caí no serviço público, com escrivania no Ministério da Indústria e do Comércio, onde procuro tirar o país da beira do abismo a poder de relatórios que ninguém lê.

José Cândido de Carvalho, segundo o que ele mesmo dizia, não gostava de escrever. Só escrevia para suprir uma necessidade de dinheiro ou interior. Foi por isso que somente 25 anos depois de ter publicado o primeiro romance, voltou a publicar, em

1964, pela Empresa Editora de *O Cruzeiro*, o romance *O coronel e o lobisomem*. Considerado uma das obras-primas da ficção brasileira, teve imediatamente grande sucesso. Atingiu em 1996 sua 41ª. edição. Foi publicado também em Portugal e traduzido para o francês e para o espanhol. Recebeu o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, o Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, e o Prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. “Eu escrevo e reescrevo. Quando escrevo uma página, fico muito contente. Publiquei um romance em 1939 e parei. Em 1964 publiquei outro, *O Coronel e o lobisomem*. (...) Vinte anos de espaço entre um e outro”:

Quanto à ficção, é mato brabo no qual rarissimamente circulo, temente que sou de mordida de cobra e de dente de lobisomem. Vejam que não exagero. Publiquei o primeiro livro em 1939 e o segundo precisamente vinte e cinco anos depois. Entre *Olha para o céu*, *Frederico!* e *O coronel e o lobisomem* o mundo mudou de roupa e de penteado. Apareceu o imposto de renda, apareceu Adolf Hitler e o enfarte apareceu. Veio a bomba atômica, veio o transplante. E a Lua deixou de ser dos namorados. Sobrevivi a todas essas catástrofes.

Nos 25 anos que José Cândido ficou sem escrever realmente “o mundo mudou de roupa e de penteado”. Como jornalista, ele certamente acompanhou o panorama histórico da época e vivenciou os seguintes fatos: Em 1945 chega ao fim a segunda guerra mundial. Tem início a terceira geração modernistas, encabeçada por Guimarães Rosa. Em 1950, Getúlio Vargas reassume o poder por meio do voto direto e secreto. Em 1954, dois fatos marcam a história do Brasil: a criação da Petrobrás e o suicídio de Getúlio. Em 1956 toma posse Juscelino Kubitschek e “propõe um desenvolvimentismo desenfreado. As grandes multinacionais se instalam no país. Brasília é construída a toque de caixa” (op.cit., p. 100). “O Brasil só será um grande país quando funcionar democraticamente ao jeito de Juscelino Kubitschek. Ai sim, ele vai pra frente.”

No mundo, a década de 1960 é marcada pela adesão ao movimento *hippie*. O *rock* dá o tom. Os tabus de comportamento são rompidos. A televisão domina os meios de comunicação. “É a década do questionamento, das drogas, da esperança e da certeza de mudar, há revolta contra a guerra e a exploração” (op.cit., p. 100).

No Brasil, em 1961, ocorre a renúncia de Jânio Quadros e toma posse João Goulart (Jango). Em 1964, ano de lançamento do romance *O coronel e o lobisomem*, ocorreu o golpe militar que depôs João Goulart e submeteu o Brasil a uma ditadura militar que durou até 1985, quando, indiretamente, foi eleito o primeiro presidente civil desde o golpe de 1964, Tancredo Neves. “O Brasil está empobrecendo politicamente. Houve dois golpes fatais para a evolução política do Brasil: o Estado Novo de Getúlio

Vargas e esse golpe de 1964, apesar de tomarem parte nele grandes figuras, com o maior espírito público, querendo salvar o Brasil. Mas não salvaram o Brasil. Eles estavam errados” (op.cit., p. 6-7).

José Cândido de Carvalho, em 1970, é nomeado diretor da Rádio Roquette-Pinto, onde se manteve por quatro anos. Em 1971, publicou seu primeiro livro de contos, *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon*, objeto de nossos estudos e sobre o qual faremos uma abordagem específica. Em 1972, o autor publicou seu segundo livro de contos, *Um ninho de mafagafos cheio de mafagafinhos*. Os dois livros de contos se assemelham por tratar de “contados, astuciados, sucedidos e acontecidos do povinho do Brasil”, nas palavras do próprio autor. Ainda em 1972 publicou *Ninguém mata o Arco-Íris*, livro de entrevistas em que demonstra toda sua experiência de jornalista. “São entrevistas que fiz e, modéstia à parte, com certa originalidade. Eu interpreto as figuras” (op.cit., p. 5).

Em 1974 assumiu a direção do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério de Educação e Cultura. Como já havíamos apontado, foi eleito imortal por aclamação da Academia Brasileira de Letras. Ainda em 1974 publicou *Manequinho e o Anjo de Procissão*. O livro é uma seleção de contos já publicados e se destina ao Mobral. Em 1975, foi eleito presidente do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. “Escritores ou não, poetas ou não, os jovens devem trabalhar a língua portuguesa, que é uma língua muito bonita. Devem dar novos elementos a ela. Escrever muito para poder pelo menos fazer uma carta de amor bonita, que não seja uma carta comercial: respeitosa, vossa senhoria” (op.cit., p. 7).

De 1976 a 1981, foi presidente da Fundação Nacional de Arte (Funarte), atendendo a um convite do ministro Nei Braga, a quem admirava por sua atuação política. De 1982 a 1983 foi presidente do Instituto Municipal de Cultura do Rio de Janeiro (Rioarte). “Eu descreio da nova geração como dos escritores, porque não se ensina mais a língua portuguesa como deveria ser ensinada. A linguagem da mocidade hoje é muito pequena: fala-se mais por gestos” (op.cit., p. 7). Estava escrevendo um novo romance, *O rei Baltazar*, que ficou inacabado:

E agora, não tendo mais o que inventar, inventaram a tal da poluição, que é doença própria de máquinas e parafusos. Que mata os verdes da terra e o azul do céu. Esse tempo não foi feito para mim. Um dia não vai haver mais azul, não vai haver mais pássaros e rosas. Vão trocar o sabiá pelo computador. Estou certo que esse monstro, feito de mil astúcias e mil ferrinhos, não leva em consideração o canto do galo nem o brotar das madrugadas. Um mundo assim, primo, não está mais por conta de Deus. Já está agindo por conta própria.

José Cândido de Carvalho faleceu no dia 1º. de agosto de 1989. Suas obras constituem importante legado para a literatura brasileira. Ao estudar sua biografia, tivemos a sensação de que, assim como narrou, viveu os acontecimentos de sua vida de forma simples e envolvente. O modo bem humorado de encarar os fatos parece ter contagiado sua forma de escrever. Por isso, o riso é facilmente constatado em seus contos. Essa percepção foi determinante para optarmos pela obra *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon* como *corpus* de nossa pesquisa.

## 1.2 – O conto cômico

Em sua obra, *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon*, José Cândido de Carvalho narrou dezenas de pequenas histórias. Essas pequenas histórias respeitam um código narrativo: limitação de número de personagens, caracterização vaga e estereotipada, redução e imprecisão das referências espaciais e temporais, bem como a simplificação da ação<sup>6</sup>. Esse é o código narrativo do gênero conto. Entendamos, pois, como aspectos do conto se inter-relacionam com aspectos do cômico para provocar o riso.

Uma das principais características do conto é a sua brevidade narrativa. Na ação cômica essa brevidade torna-se ainda mais necessária, porque o riso não é compatível com a prolixidade. Para quem ri, o riso surge de repente, embora possa ser preparado de algum modo. Por isso, para atingir seu objetivo o conto cômico deve ter uma narrativa linear, evitar análises e complicações do enredo e não se aprofundar no estudo psicológico das personagens nem nas motivações de suas ações.

Inicialmente o conto tratava de histórias narradas oralmente pelos povos primitivos ao redor de fogueiras. Começou por ser um relato simples e desprezioso de situações imaginárias, destinado a ocupar os momentos de lazer. Dada a sua origem popular, não há um autor determinado para o gênero conto. Constitui-se em uma criação coletiva, o que mantém a atualidade do aforisma “quem conta um conto, aumenta um ponto”.

Com o advento da escrita, o conto liberou a imaginação criadora do contador, que não se submetia mais à censura implícita dos ouvintes. Por outro lado a narração oral e o código lingüístico que variavam de contador para contador e enriqueciam a narração, eram irreproduzíveis na escrita. Interessante notar que, embora os contos

---

<sup>6</sup>Fonte: <http://pwp.netcabo.pt/0511134301/conto.htm>, consultado em 09.10.07

populares, com que hoje nos defrontamos, sejam diferentes daqueles que, durante séculos, foram transmitidos oralmente de geração em geração, há neles uma censura latente. É ela que nos faz compreender a permanência de determinados valores sociais, independentemente do tempo e do espaço.

Tratando ainda sobre a origem do conto, temos os registros de Jolles (1976). Segundo o autor, o gênero conto surgiu na Europa no começo do século XVIII para “substituir, por um lado, a grande narrativa do século XVII, o romance, e, por outro lado, tudo o que ainda restava da novela toscana”(op.cit., p. 191). Um dos principais autores de contos daquela época foi Wieland e foi justamente esse autor que descreveu o conto como “uma forma de arte em que se reúnem e podem ser satisfeitas em conjunto duas tendências opostas da natureza humana, que são a tendência para o maravilhoso e o amor ao verdadeiro e ao natural” (op.cit., p. 191).

Para a comicidade, a concisão, a precisão, a densidade, a unidade de efeito próprias do conto são imprescindíveis para suscitar o riso. É nesse sentido que Propp (1992, p. 192) faz referência a uma frase de Tchékhov – um mestre do conto humorístico breve – que afirma: “A força do conto humorístico está, por sinal, em seu laconismo. Ele deve ser comprimido, como a mola de gatilho [...] A verbosidade é o mal de nossa literatura humorística.”

A tensão, o ritmo e o imprevisto são características necessárias na criação do conto. Mas é na reviravolta final que o conto surpreende o leitor. Ferraz (2007, p. 38) reforça essa idéia, quando declara: “O miniconto, como qualquer ficção curta, tem de pegar o leitor de cara, com recursos expressivos capazes de interessá-lo a seguir o desenvolvimento da história até chegar a uma reviravolta que provocará a surpresa e que geralmente é o objetivo do escritor.”

Às características necessárias para a criação do conto, podem-se acrescentar estratégias do risível para torná-lo um conto cômico. É o que teremos oportunidade de constatar ao analisarmos os contos de nosso *corpus*. De antemão, asseguramos que o discurso de José Cândido de Carvalho, em seus contos, foi simples e natural. Em suas narrativas, ele foi espirituoso e levou-nos ao sorriso de forma contida, sem apressar-se, desde as primeiras linhas, para obter o efeito cômico (cf. Propp, 1992, p.203).

### 1.3 – Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon

O conto que dá origem ao título do livro narra a história de Lulu Bergantim que, embora não tenha atravessado o Rubicon, fugiu do hospício e elegeu-se prefeito. O melhor prefeito já visto em Curralzinho Novo, com direito a estátua no melhor pedestal da praça das Acácias. Fatos históricos e relevantes relacionados ao título do conto merecem explicação.

A palavra Bergantim, por exemplo, diz respeito a uma antiga embarcação movida a velas e a remos. Em 1780, por ordem de D. Maria I foi construída a mais bela e imponente galeota real: o bergantim real ou galeota de D. Maria I. A sua construção destinou-se a servir os esponsais do príncipe D. João (futuro rei D. João VI) com a infanta espanhola D. Carlota Joaquina e, ainda, do infante D. Gabriel, de Espanha, com a infanta D. Maria Ana Vitória, ambos celebrados em 1784<sup>7</sup>. No conto 151 (p.164-6) a expressão “Lulu foi embora embarcado em nunca mais”, utilizada na recondução de Lulu ao hospício, é responsável pelo jogo de palavras envolvendo o significado de Bergantim e o particípio do verbo embarcar.

Ao conjunto de palavras que podem se relacionar com Bergantim, pode-se incluir o fato de Lulu não ter atravessado o Rubicon. Isso porque Rubicon é o antigo nome latino de um riacho no norte da Península Itálica. Na época romana, corria para o Mar Adriático entre *Ariminum* (atual Rimini) e Caesena. O rio ficou conhecido pelo fato do direito romano proibir, no período da República, qualquer general de atravessá-lo acompanhado de suas tropas. Tal medida visava a impedir que os generais manobrassem grandes contingentes de tropas no núcleo do Império Romano, evitando riscos à estabilidade do poder central. O curso d’água marcava então a divisa entre a província da Gália Cisalpina e o norte do território da cidade de Roma (posteriormente, a província da Itália)<sup>8</sup>.

Júlio César atravessou o Rubicão, em 49 a.C., em perseguição a Pompeu, violou a lei e tornou inevitável o conflito armado. Sobre o exato momento da travessia de Julio César, Martins (1952) constatou:

Quando, alta noite, chegou ao Rubicão teve um momento de hesitação, como quem vai cometer um crime. Passaram-lhe visões infernais pelo cérebro. Na noite anterior sonhara que violava sua mãe. As sombras povoavam-se de génios [sic], o silêncio murmurava... Teve ânsias, julgou que lhe vinha um ataque... mas, por um esforço de vontade racional, dominando os últimos escrúpulos, mandou o cocheiro bater, e passou o ribeiro dizendo consigo – *Alea jacta est!* (Martins, 1952, p. 172).

<sup>7</sup> <http://museu.marinha.pt/NR/exeres/95FA5C8C-959A-4C17-9FA4-EFB7836CFF48.htm>, consultado em 12.02.08

<sup>8</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio\\_Rubic%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Rubic%C3%A3o), consultado em 12.02.08

Em função da frase *alea jacta est* ou *a sorte está lançada*, a expressão "atravessar o Rubicon" passou a ser usada para referir-se a qualquer pessoa que tome uma decisão arriscada de maneira irrevogável, sem volta. Note-se que Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon. Com isso pode-se concluir que, embora fugido do hospício, tomou decisões acertadas como prefeito da cidade de Curralzinho Novo.

Lulu explicou “por que não atravessou o Rubicon, coisa que ninguém entendeu, expediu dois socos na Tomada da Bastilha, o que também ninguém entendeu”. A queda da Bastilha ocorreu no dia 14 de julho de 1789 e marcou o início do movimento revolucionário pelo qual a burguesia francesa, consciente de seu papel preponderante na vida econômica, tirou do poder a aristocracia e a monarquia absolutista<sup>9</sup>. A Bastilha – uma fortaleza-prisão construída por Carlos V, entre 1369 e 1382, com oito torres, muralhas de 25 metros de altura cercadas por fossos – era o símbolo do despotismo parisiense. Lulu Bergantim pode ser entendido como um tirano que rechaçou com dois socos a Tomada da Bastilha e que só não exercia seu poder de forma arbitrária e absoluta por ter prováveis problemas mentais, fugido do hospício que era. Ainda assim, frases exclamativas como: “- Já falaram, já comeram biscoitinhos de araruta e licor de jenipapo. Agora é hora de trabalhar!” ou “- Ou vai ou racha!” e também “- Agora a gente vai fazer serviço de tatu!” apresentam o lado imperativo de Lulu.

#### 1.4 – Os contos de José Cândido de Carvalho

A obra de José Cândido de Carvalho, *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon*: contados, astuciados, sucedidos e acontecidos do povinho do Brasil, reúne 151 contos, separados em três grupos temáticos: "Os elefantes do tempo", "Corretores do Juízo Final" e "Todo boticão tem sua dor de dente". Muitos contos foram originalmente publicados em *O Jornal*, onde o escritor assinava a seção Diário de JCC.

O escritor Gilberto Amado, em texto publicado no jornal *Última Hora*, em 8/7/1969, sobre o futuro lançamento do livro *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon*, que localizamos no prefácio da obra (2003, p. 9-10), reconheceu e elogiou a capacidade criativa, a verbalização e o conhecimento de José Cândido:

Quem me faz rir todas as manhãs, com riso grosso que deve fazer bem à saúde é José Cândido de Carvalho com sua verbalização abstrusa na apresentação de figuras do sertão num tom de extrema comicidade, um mundo estrambótico, brigas, festanças, pequenas farsas, tudo isso não raro obras-primas do gênero. O primeiro requisito do burlesco – o absurdo, a surpresa espontaneamente espoucando inesperados – revela no autor conhecimento do seu mister, capacidade de prever e de medir o alcance de seus achados e desígnios.

<sup>9</sup> <http://www.unificado.com.br/calendario/07/bastilha.htm>, consultado em 12.02.08

Lançado originalmente em 1971, o livro apresenta um importante painel de tipos brasileiros. Os contos reunidos traçam uma imagem do interior do país diferente daquela marcada pela falta de esperança e pela miséria. José Cândido de Carvalho, com sua linguagem simples e, segundo ele, por “extrair” suas personagens do “povinho do Brasil”, revela a simplicidade e a humildade do sertanista. Mas dá ênfase ao seu bom humor e à sua forma descontraída de encarar as mazelas da vida. Gilberto Amado ressalta a importância da obra de José Cândido:

As páginas cotidianas de José Cândido de Carvalho reunidas em volume constituirão, sem dúvida, uma das mais ricas contribuições literárias à nossa humorística, da fixação do patusco, do bufo, do fundo histriônico de uma população julgada macambúzia, enfadada, deprimida. José Cândido só encontrou gente reinadia, folgazã, chula mas voltada demais para o gozo.

Outra marca registrada do autor são os nomes engraçados. Sobre isso, prossegue Gilberto Amado:

Também de consignar-se nos escritos de José Cândido de Carvalho é sua contribuição para a onomastia brasileira. Há quem retenha na memória prenomes alucinantes de originalidade, sobretudo os formados pelas junções de sílabas dos nomes dos pais. Quão fora dos quadros da anormalidade, da prática dos demais povos essa nossa singularidade! No ano retrasado um pai do interior da França quis dar à filha o nome de Marjorie. O padre recusou e o juiz civil também. Nome de gente além do calendário só os de herói ou heroínas nacionais. Não é na França que se daria, por exemplo, a nenhum catecúmeno o nome entre todos venerado de um Churchill. O pai francês foi aos tribunais. Ignoro o resultado do processo. Portugal não sai do João, do Manoel, do José, etc. Na Inglaterra, como em outros países, as regras da tradição prevalecem. No Brasil até número é nome de gente. José Cândido de Carvalho aumenta a lista com alguns que excedem tudo que a extravagância pudesse conceber. Brasil imprevisível. Pelo menos nesse particular não imita o estrangeiro.

Consideramos que o riso na obra de José Cândido de Carvalho é emblemático dentre as obras do gênero. Escritos de forma bastante característica, os contos apresentam personagens divertidos envolvidos em situações insólitas. O estilo do autor é marcado pelo uso recorrente de estratégias lingüístico-discursivas do riso, por isso seus contos fornecem um vasto material para análise.

## CAPÍTULO 2

### TEORIAS SOBRE O RISO: DA ANTIGUIDADE AO RENASCIMENTO

#### 2.1 – O riso do ponto de vista do cristianismo

O homem é o único animal que ri. É a partir dessa constatação de Aristóteles que propomos uma reflexão dos caminhos percorridos pelo riso, desde a criação do homem, na perspectiva do cristianismo, até os dias atuais. Para a teologia clássica, Deus “não tem motivo de hilaridade. Puro espírito, sem corpo e sem sexo, o trio divino, imutável e imóvel, está eternamente absorvido em sua autocontemplação” (Minois, 2003, 111). Essa concepção é apoiada nos conceitos platônicos e aristotélicos, segundo os quais o riso, por pertencer ao domínio desprezível do mutante, do múltiplo, do feio, do mal, é estranho ao mundo divino, mundo imutável e da unidade.

Por isso o riso é um traço que distingue tanto o homem de outros animais como também o distingue de Deus. Fenômeno estritamente humano, o riso é “alheio ao mundo divino, surgido depois da queda e que é um dos símbolos da decadência da condição humana” (op.cit., p. 120). Segundo o cristianismo, essa decadência se deu em consequência do pecado original. Entendamos, pois, qual a relação desse ato com o surgimento do riso.

Criados como seres perfeitos, Adão e Eva não tinham motivos para rir. Eram eternamente belos, eternamente jovens. Viviam nus, mas não havia vergonha. Caminhavam em um jardim de delícias onde tudo era harmônico. Não havia defeitos, nem desejos, nem fealdades ou maldades a serem supridos. Por isso não havia espaço para o riso no jardim do Éden, nem para o riso de satisfação, pois só há satisfação quando alguma carência é suprida. Ou seja, o riso não fazia parte dos desígnios divinos. (cf. Minois, 2003, p.112)

Porém, quando o pecado original é cometido, tudo se desequilibra, cria-se a desarmonia e com isso o riso aparece. Como o diabo foi o responsável por essa dissonância, o riso está ligado à imperfeição, à corrupção, à decadência. Ao se dar conta de sua nova realidade, o homem é tomado pela angústia e pelo desespero e para não chorar, usa o riso como forma de consolo e defesa. É o que ratifica Minois (2003):

Agora, pode-se rir. Há de quê: rir do outro, desse fantoche ridículo, nu, que tem um sexo, que peida e arrota, que defeca, que se fere, que cai, que se engana, que se prejudica, que se torna feio, que envelhece e que morre – um ser humano, bolas!, uma criatura decaída. (op.cit., p. 112).

A partir do pecado original o homem passou a ser o único animal a poder rir, mas ainda assim, o primeiro registro de riso só aconteceu depois do dilúvio, da mistura das línguas, do extermínio de Sodoma e Gomorra. Ocorreu quando Deus disse a Abraão, com 100 anos de idade, e a Sara, com 90 anos, que eles deveriam ter um filho. Ele riu por duvidar do fato de conseguir uma ereção naquela idade e ela porque não tinha menstruação havia muito tempo. Como para Deus não há coisas impossíveis, o riso do casal O irritou e para assinalar aquele deboche, foi determinado que a criança se chamasse Isaac, que significa, “Deus ri” (cf. op. cit., p. 113).

Depois desse primeiro registro, outras manifestações do riso são encontradas no Antigo Testamento. A narrativa da trajetória do povo hebreu é permeada tanto por momentos alegres, em que há o riso, como por momentos tristes. É como pondera Minois (op.cit., p. 117): “Há na *Bíblia* uma fonte permanente de cômico, que provém da “conflagração do sagrado e do profano””. Ele prossegue explicativo: “No período mais arcaico, o riso é, antes de tudo, uma expressão agressiva de zombaria e de triunfo sobre os inimigos. A zombaria faz parte das invectivas rituais; é uma arma, uma ameaça, eficaz e temerosa, usada pelos bons e pelos maus.”

Nesse período histórico, o riso está ligado à dicotomia bom-mau. O riso de zombaria é atributo dos maus, que serão castigados por zombarem dos servidores de Deus. Por outro lado, o riso bom pertence às pessoas íntegras e honestas e traz leveza ao coração e alegria para a alma. Sobre estas formas de reflexão do riso, Minois afirma: “A concepção bíblica do riso é, de fato, clássica e equilibrada. Ela se revela até mais moderna que aquela do mundo greco-romano, uma vez que dessacraliza o riso, que não tem mais nada a ver com o sobrenatural.” (op.cit., p. 120).

No Novo Testamento há uma repressão sobre o riso. Sob o mito de que “Jesus nunca riu”, os Evangelhos, os Atos e as Epístolas são muito severos em relação ao riso. Rir é o mesmo que cometer uma heresia. É um atestado de falta de fé e desrespeito aos dogmas da igreja. Não há nenhuma menção ao riso positivo. “Daí o surgimento do famoso mito do qual se tirarão conseqüências mortais para os cristãos: já que não se fala que Jesus riu, é porque ele não riu, e como os cristãos devem imitá-lo em tudo, não devem rir”. (op.cit., p. 121).

Entre os eclesiásticos medievais, era recorrente a discussão a respeito do fato de Jesus ter rido em sua vida terrestre e sobre a asserção de Aristóteles de que o riso é próprio do homem. Jacques Le Goff (apud Alberti, 1999, p. 69) se posiciona sobre os dois temas da seguinte forma:

Vê-se, portanto, que em torno do riso travou-se um grande debate, que vai longe, porque, se Jesus não riu uma única vez em sua vida humana, ele que é o grande modelo humano, (...) o riso torna-se estranho ao homem, ou pelo menos ao homem cristão. Inversamente, se é dito que o riso é próprio do homem, é certo que, ao rir, o homem estará exprimindo melhor sua natureza.

Embora afirme que Jesus é inteiramente homem, o cristianismo lhe recusa as particularidades da natureza humana, entre elas o riso e o sexo. Os cristãos têm que resignar-se e aceitar simplesmente que ele comia. Ainda mais considerando que em 2000 anos de história, a condição dominante do cristianismo, não favoreceu nem o humor nem a ironia, qualidades julgadas subversivas (cf. Minois, 2003, p.123).

Nos dias de hoje, em função da valorização da comicidade, o cristianismo alterou sua forma de encarar o riso e essa mudança reflete na imagem que se projeta de Cristo. É como constata Minois:

Na idade humorística – a nossa -, que tanto admira os cômicos, os cristãos esforçam-se por mostrar uma imagem mais ou menos sorridente de Cristo. Sem chegar a fazê-lo rir, é divertido ver com que engenhosidade, com que piedosa satisfação, “descobre-se” que Jesus tinha um famoso senso de humor. (...) Suas parábolas seriam cheias de ironia em relação às práticas hipócritas dos fariseus, “sepulcros caiados”. Suas histórias de palha e de viga, do camelo e do buraco de agulha, o jogo de palavras com “Pedra-Pedro” (...) tudo isso revelaria um espírito facecioso, malicioso, zombeteiro (...) marcas de uma ironia mordaz, que a tradição cristã se empenhou em ampliar (op. cit., p. 124).

Este breve histórico do riso foi feito sob uma perspectiva do cristianismo, religião monoteísta que derivou do judaísmo a partir do século I, e os registros do riso que antecedem Jesus são constantes do Antigo Testamento. Somente no século IV, com João Crisóstomo, é que se desenvolveu o mito de que “Jesus nunca riu” (cf. op. cit., p. 130). No entanto, há uma unanimidade entre os estudiosos na aceitação de que as primeiras especulações sobre as causas do riso remontem à época de Platão.

## 2.2 – Platão e as primeiras especulações sobre o riso

Para Platão (428-347 a.C.) a natureza ambivalente do riso é inquietante. É uma paixão que perturba a alma e que pode estar ligada, ao mesmo tempo, ao prazer e à dor. Por isso, somente nas ponderações em que a questão central era o prazer, contemplou-se a ocorrência do riso e do risível. Ao elaborar o panorama histórico sobre o riso, Verena Alberti (1999, p. 40) constatou que, para o filósofo, os prazeres ou eram verdadeiros ou eram falsos. Os verdadeiros eram “puros e precisos, enquanto os falsos misturavam-se com a dor.”

O riso, por ser uma afecção mista, não estava entre os prazeres verdadeiros. Era um processo exclusivo da alma, como a cólera, o arrependimento, o luto, o amor, o ciúme, a inveja. Sócrates constatou a dificuldade de compreensão desse tipo de afecção e a comparou aos estados da alma despertados pelas comédias, que também misturavam prazer e dor. Considerando “que a inveja e a malícia são uma dor da alma, que o invejoso se regozija com os infortúnios alheios, e que a ignorância e a estupidez são males” (op.cit., p. 41-2), Sócrates concluiu que no riso e no risível as dores e os prazeres também se misturam.

Na continuação de *Filebo*, obra de Platão, Sócrates define o ser risível como vítima de uma ilusão, por não seguir aquilo que pregou o oráculo de Delfos, ou seja, conhecer-se a si mesmo. Esse desconhecimento de si pode ocorrer, “do ponto de vista da fortuna (quando crêem que são mais ricos do que o são na realidade), do ponto de vista do corpo (quando se acham mais belos do que o são) e do ponto de vista das qualidades da alma (quando se acham superiores em virtude)” (Alberti, 1999, p. 41-2).

Por não conhecerem a si mesmas, as pessoas dividem-se em dois grupos. Os que têm a força e o poder e se tornam temíveis e odiáveis por sua ignorância e os que não são nem fortes nem poderosos e se tornam risíveis por sua fraqueza. Portanto, o cômico só se verifica no segundo grupo, ou seja, naqueles cujo desconhecimento de si não causa temor nem ódio.

Um segundo argumento de Sócrates é sobre aquele que ri. O riso malévolos ratifica a natureza perturbadora do riso ao combinar bem e mal, prazer e inveja. Por isso, deve-se condenar o riso cotidiano e banal, por expor os infortúnios e pequenos reveses de nossos amigos. Porque quando se ri do ridículo do amigo, estimula-se uma combinação entre prazer e desgosto. É o que afirma Minois (2003, p. 71): “Rir do

ridículo de outrem é também demonstrar que não se conhece a si mesmo. O único caso de riso lícito é rir dos inimigos.”

Dessa forma, a teoria de Platão sobre o riso encerraria um duplo erro: aquele que é objeto do riso desconhece a si mesmo e aquele que ri macula o prazer verdadeiro com a inveja. O riso por não estar entre os prazeres puros, mas por misturar-se a eles, produz um falso prazer. Com isso a comédia e o cômico estão ligados a valores negativos em que o desconhecimento de si e a inveja opõem o prazer cômico ao prazer verdadeiro do conhecimento. Por isso, Platão condena moral e filosoficamente tanto o risível quanto aquele que ri, “pela relação com o elemento inferior da alma humana, a parte irrazoável e distante da sabedoria.” (Alberti, 1999, p. 44).

### 2.3 – O riso segundo Aristóteles

Aristóteles (384–322 a.C.) classificava a comédia como gênero literário inferior à tragédia. A tragédia e a epopéia representavam as ações humanas nobres, ao passo que a comédia representava as baixas. O riso é feio. A definição aristotélica do risível como “um defeito e uma feiúra sem dor nem dano” é também muito negativa (Minois, 2003, p.73). É o que o filósofo ratifica no capítulo 5 da *Poética*:

A comédia é, como dissemos, imitação de homens inferiores; não, todavia, quanto a toda espécie de vícios, mas só quanto aquela parte do torpe que é ridículo. O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que, sendo feia e disforme, não tem [expressão de] dor (Aristoteles, 1984, p. 245).

Na comédia o riso é produzido quando a ação cai no ridículo, mas em um ridículo voltado para os defeitos, para os vícios que não causam sofrimento. A base da comédia é o absurdo, e em suas ações participam não heróis, mas personagens sem grandeza, rebaixados, inferiores, com vícios e falhas. A exposição de tais falhas conduz as personagens a situações ridículas que, provocando o riso, castigam e procuram corrigir.

Aristóteles ratificou sua visão do cômico como algo baixo e torpe ao constatar, em seus estudos sobre as partes dos animais, que o homem é o único animal que ri e que isso se dá por conta de um efeito físico-biológico que compreende a ação do calor sobre o diafragma. Segundo o filósofo, o diafragma divide o corpo em duas partes: a alta e nobre, composta por cabeça, pulmões e coração; e a baixa e menos nobre, em que se localizam o abdômen, fígado, baço, vesícula.

O humor<sup>10</sup> quente, devido à digestão, advindo da parte baixa em direção à alta, passando pelo diafragma, provoca uma perturbação na sensibilidade e no raciocínio. O pensamento se opõe ao movimento quando o diafragma é sensibilizado pelo calor, que se origina nas partes baixas, ocasionando o riso. Para ilustrar sua teoria, verificou que ao se fazer cócegas em alguém, esse alguém logo se põe a rir porque “o movimento que resulta das cócegas gera um calor que, mesmo leve, produz um efeito sensível sobre o diafragma. O diafragma manifesta e experimenta imediatamente essa sensação e o pensamento se põe em movimento contra a vontade” (Alberti, 1999, p. 50).

Importa-nos em especial a afirmação que as coisas risíveis podem ser encontradas nos homens, nos discursos e nos atos, localizada na *Retórica* de Aristóteles. A partir dessa classificação tem origem a divisão do objeto do riso em “cômico de ação” e “cômico de palavras” que será a base para a análise de nosso *corpus*. Quando trata do estilo do discurso, Aristóteles refere-se ao fator surpresa causado pela troca de letras em uma palavra ou pela troca de palavra em um verso. O trocadilho produz um efeito diferente do esperado e, portanto, pode ser utilizado como recurso cômico.

Ainda no que concerne ao discurso, o riso é visto como um dos efeitos produzidos pelo orador na atenção do ouvinte. Ou seja, o riso advém da distração do espectador e serve para desviar a atenção dos fatos. Aristóteles valoriza a ironia em detrimento da bufonaria, porque pelo riso “o ironista procura seu próprio prazer; o bufão, aquele de outrem” (Alberti, 1999, p.54).

Dessa forma, para se atingir o riso por meio do cômico de palavras, o filósofo destaca como instrumentos: os pensamentos confusos, os sotaques, as marcas dialetais, os trocadilhos, as metáforas e as ironias. Ao passo que o cômico de ação pode fazer uso do engano, dos disfarces, das trocas de papéis, da presença do impossível, do cômico de ação inconsequente, dos eventos contrários à expectativa do espectador e do rebaixamento da personagem, para alcançar o riso.

---

<sup>10</sup> “A palavra humor derivou para nós do latim, e (...) desde os tempos mais antigos, todo humor corporal era considerado signo ou causa de doença. Os homens (...) têm quatro humores, isto é, o sangue, a cólera, a fleuma e a melancolia, e estes humores são as causas das enfermidades dos homens” (Pirandello, 1996, p. 20-1).

## 2.4 – Cícero + *Tractatus* = riso immortalizado

Antes de abordarmos a teoria de Cícero (106-43 a.C.), é importante mencionar a influência que o filósofo sofreu do *Tractatus Coislinianus*. Segundo constatou França (2006, p. 18), tratava-se de um pequeno texto grego encontrado em um manuscrito no qual havia prefácios às comédias de Aristófanes. O texto recebeu essa designação porque o manuscrito pertencia à coleção de Coislin, da Biblioteca Nacional de Paris.

Segundo o *Tractatus*, a origem do cômico nasce ou do que é *dito* ou da *ação*. Percebem-se algumas definições semelhantes às de Aristóteles, principalmente nas duas classificações cômicas: o cômico de palavras e o cômico de ação. No cômico de palavras, produzem o riso: “a homonímia, a sinonímia, a repetição de palavras, a paronímia, a forma diminutiva da expressão infantil, a modificação de palavras por gestos ou voz e os erros de gramática.” Para o cômico de ação, o *Tractatus* relaciona ao riso a “assimilação ao melhor ou ao pior, os artifícios usados por um personagem para atingir seu objetivo, o inesperado e a surpresa, a escolha do pior, quando se tem a possibilidade de obter o melhor, entre outros” (Alberti, 1999, p. 55).

A principal semelhança entre o *Tractatus* e a sistematização do risível proposta por Cícero está na compreensão do riso a partir da divisão entre o cômico de *coisas/ações* e o cômico de *palavras*. Na teoria apresentada, o conceito cômico de *coisas* parece se assemelhar ao conceito cômico de palavras. O riso ligado às coisas “compreende dois gêneros: o *conto* ou a *anedota* e a *imitação* cômica das pessoas” enquanto o riso ligado às palavras “consiste em uma expressão ou pensamento picantes” (op.cit., p. 59).

Porém o detalhamento dos conceitos afasta a possível semelhança entre as duas classificações. Cícero afirma:

O risível de coisas compreende, juntamente com o conto e a imitação, categorias que, ao invés de corresponderem ao gênero que se estende por todo o discurso, se aproximam muito mais dos ditos vivos e curtos da *dicacitas* (dito espirituoso). Entre essas categorias estão, por exemplo, a “frase de contrastes” (como em “Não falta nada a este homem, a não ser a fortuna e a virtude”), “dar à troça uma forma de sentença”, “nomear com palavra honorável uma ação repreensível”, ou ainda “aquela figura de linguagem que, para diminuir ou aumentar a verdade das coisas, é levada até o surpreendente e o inacreditável”. Todas essas categorias são risíveis de coisas, e não há como deixar de nos perguntar em que reside sua unidade (op.cit., p. 60).

As fontes do riso para Cícero estão ligadas às fontes de pensamentos graves. Nesse sentido a comicidade de palavras tem base nas figuras de estilo que também são utilizadas nos pensamentos graves, enquanto a comicidade de coisas constitui aquilo

que, no discurso, não concerne à escolha dos nomes em si, mas à prova ou demonstração, de um lado, e à ação, de outro. Com isso, para Cícero, o *cômico de coisas* inclui anedotas, caricatura (imitações), comparações e analogias e o *cômico de palavras* inclui ambigüidades, paronomásias, interpretações literais, uso de provérbios, alegorias, metáforas, antífrases.

Essa classificação para cômico de coisas contempla o “*argumento* do discurso (tudo o que se diz, tudo o que se finge dizer ou ainda tudo o que se deixa adivinhar pelo recurso à ironia, à comparação, à ingenuidade etc.) e à ação do discurso (a voz, os gestos, o tom, o ar etc.)” (op.cit., p. 62). Aqui, como no *Tractatus*, podemos identificar “*coisas e/ou ações*” como aquelas em que o risível resulta do *pensamento*.

Para Cícero, que estuda o riso sob uma perspectiva da oratória, a distinção de Aristóteles entre procedimentos cômicos do homem livre e os do bufão continuam válidas, uma vez que o bom orador se utiliza do risível movido apenas por boas razões, diferente do bufão que o faz de forma ininterrupta e inconseqüente (cf. Alberti, 1999, p. 59).

Essa distinção do riso proposta por Cícero, entre o cômico de palavras e cômico de coisas/ação, é recorrente também em teorias modernas, como teremos a oportunidade de verificar no decorrer de nossa pesquisa. Sobre esta atualidade da teoria de Cícero, Attardo (1994, p. 28) observa:

Se compararmos a classificação (de Cícero) às classificações contemporâneas do humor, é surpreendente como houve pouco progresso. Mais surpreendente ainda é que muitos autores que apresentam as classificações do humor desconhecem o fato de que a distinção entre humor verbal e referencial foi introduzida há cerca de dois mil anos; além do mais, Cícero foi completamente original em propor um surpreendente e moderno teste empírico para a oposição verbal/referencial<sup>11</sup>.

## 2.5 – A contribuição de Quintiliano

A teoria de Quintiliano embora não possa ser compreendida fora do contexto do ensinamento retórico e dissociada da teoria de Cícero, introduz novas categorias de análise do riso. O filósofo reitera a divisão conceitual do cômico das ações e do cômico das palavras ao dizer: “Fazemos rir igualmente ou pelo que *fazemos (facimus)*, ou pelo

---

<sup>11</sup> “If we compare the taxonomy to contemporary taxonomies, it is amazing how little progress has been made. It is even more amazing that so few of the authors who introduced taxonomies of humor seem to be aware that the distinction verbal/referencial was introduced two millennia before; furthermore, Cicero is completely original in proposing a surprisingly modern empirical test for the verbal/referencial opposition.” [Trad. nossa].

que *dizemos (dicimus)*” (apud Alberti, 1999, p. 64). No entanto, vai além ao especificar que o objeto do riso é localizado em três lugares: em nós mesmos, nos outros ou em elementos neutros:

A divisão primária é aqui a mesma que em todo discurso, onde se distinguem as coisas e as palavras. Mas, na prática, a distinção leva a três pontos: o riso se extrai ou de outrem, ou de nós, ou de elementos neutros. No que concerne aos outros, ou repreendemos, ou refutamos, ou humilhamos, ou replicamos, ou iludimos. No que diz respeito a nós, falamos rindo, e, para retomar a expressão de Cícero, dizemos palavras que beiram o absurdo. Porque as mesmas palavras que são asneiras se nos escapam por imprudência, passam por elegâncias se é[sic]um fingimento. O terceiro gênero, como ele o diz ainda, consiste em decepcionar a expectativa, em tomar as palavras em uma acepção deturpada, em usar outros meios, que não concernem nem a nós nem aos outros e que, por essa razão, eu chamo de neutros (apud Alberti, 1999, p. 64).

Para não sobrecarregar sua obra “de exemplos e fazê-la assemelhar-se às compilações para fazer rir” (apud Minois, 2003, p. 87), Quintiliano destaca alguns gêneros de risível que considera mais significativos. Interessante é perceber aspectos do risível que tornam atuais as teorias de Quintiliano, por serem recorrentes nas teorias contemporâneas como “as palavras com duplo sentido, ou com sentidos opostos; a modificação de letras para formar nomes de pessoas; a comparação de pessoas a animais; os risíveis fundados nos contrários, que são de diversas espécies, e assim por diante” (Alberti, 1999, p. 65).

Entre os gêneros de risível assinalados pelo filósofo reconhece-se o fundamento de Cícero, segundo o qual as fontes dos pensamentos graves e sérios são as mesmas fontes do risível. A diferença, segundo Quintiliano, está no fato de que, quando as figuras do pensamento se destinam a fazer rir, tudo não passa de simulação, fingimento. E esclarece: “A única diferença é que o pensamento grave se aplica às coisas honestas, às qualidades sérias; o risível, àquilo que é baixo e torpe” (apud Alberti, 1999, p. 65).

## **2.6 – Bakhtin e o riso medieval**

Por meio de sua obra, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, o teórico russo Mikhail Bakhtin expôs e discutiu a natureza do riso medieval. Observou que na sociedade da Idade Média havia uma divisão muito acentuada entre o sério e o cômico. As autoridades, os religiosos e os senhores feudais defendiam a seriedade como atributo da cultura oficial. Por outro lado, o cômico opunha-se à cultura oficial e este seu valor subversivo o transformou em uma característica essencial da cultura popular.

Essa dualidade na percepção do mundo e da vida humana não era novidade nos cultos realizados pelo homem ao longo de sua história, segundo mencionou Bakhtin. Nas sociedades primitivas encontravam-se paralelamente cultos sérios e cultos cômicos, mas “nas etapas primitivas, dentro de um regime social que não conhecia ainda nem classes nem Estado, os aspectos sérios e cômicos da divindade, do mundo e do homem, eram, segundo todos os indícios, igualmente sagrados, igualmente, poderíamos dizer, ‘oficiais’” (Bakhtin, 1993, p. 5).

Porém, diferente da era primitiva, na Idade Média o cômico foi excluído do domínio do sagrado. Elaborando-se de maneira autônoma, fora do controle das autoridades, o cômico adquiriu licença e liberdade consideráveis. A partir dessas constatações, Bakhtin percebeu que as múltiplas manifestações do cômico poderiam se subdividir em três grandes categorias, a saber:

1. *As formas dos ritos e espetáculos* (festejos carnavalescos, obras cômicas representadas nas praças públicas, etc.);
2. *Obras cômicas verbais* (inclusive as paródias) de diversa natureza: orais e escritas, em latim ou em língua vulgar;
3. *Diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro* (insultos, juramentos, *blasões* populares, etc.) (op. cit., p. 4).

A primeira categoria compreendeu toda a gama de festas populares, inclusive aquelas que utilizavam elementos religiosos: festas dos tolos, festa do asno, riso pascal e festas ligadas aos trabalhos agrícolas, ritos de passagem da vida, sempre com a participação de bobos e bufões. Organizava-se um mundo paralelo em que os ritos e espetáculos parodiavam as cerimônias oficiais. Foi o que notou Bakhtin ao afirmar:

Ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado; pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, *um segundo mundo e uma segunda vida* aos quais os homens da Idade Média pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles *viviam* em ocasiões determinadas (op. cit., p. 4).

Mas foram os festejos carnavalescos que marcaram a intensidade do cômico na cultura popular. “O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua *vida festiva*. A festa é a propriedade fundamental de todas as formas de ritos e espetáculos cômicos da Idade Média” (op. cit., p. 7). Com duração de até três meses nas grandes cidades, o carnaval exercia um efeito catártico sobre o povo. Era o triunfo de uma liberação temporária “da verdade dominante”, abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Foi o que asseverou o autor quando explicou a complexa natureza do riso carnavalesco:

É, antes de mais nada, um riso *festivo*. Não é, portanto, uma reação individual diante de um ou outro fato “cômico” isolado. O riso carnavalesco é em primeiro lugar patrimônio do *povo* (esse caráter popular, como dissemos, é inerente à própria natureza do carnaval); *todos* riem, o riso é “geral”; em segundo lugar, é *universal*, atinge a todas as coisas e pessoas (inclusive as que participam no carnaval), o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, esse riso é *ambivalente*: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente. (...) Uma qualidade do riso na festa popular é que escarnece dos próprios burladores. O povo não se exclui do mundo em evolução (op. cit., p. 10).

Esse contagiante riso carnavalesco expandiu-se para a literatura. Com isso as obras orais e escritas ganharam grande importância no registro do riso e traduziram uma literatura festiva e recreativa, típica da Idade Média. A partir dos apontamentos de Bakhtin, Minois assinalou:

a visão cômica popular do mundo traduz-se por obras verbais, elas próprias ligadas aos regozijos carnavalescos. Literatura de festa, parodística, pela qual as condições sociais oficiais são zombadas e reviradas e nas quais os ritos mais sagrados são parodiados: liturgias, preces e sermões bufos, paródias de romances de cavalaria, fábulas e farsas, peças religiosas com diabruras (Minois, 2003, p. 157).

Para expressar o caráter dinâmico, ambivalente e alegre da realidade, onde não havia barreiras hierárquicas, nem respeito a regras e tabus, privilegiou-se um vocabulário rico em insultos e grosserias. Essa nova forma de comunicação produziu gêneros lingüísticos inéditos, mudanças de sentido e eliminação de formas desusadas. Foi o que concluiu Bakhtin (1993, p. 15) ao afirmar: “A linguagem familiar converteu-se, de certa forma, em um reservatório onde se acumularam as expressões verbais proibidas e eliminadas da comunicação oficial.” Para o autor era como se as palavras tivessem assimilado a concepção carnavalesca do mundo e tivessem adquirido um tom cômico geral, apesar de sua heterogeneidade original.

Segundo Bakhtin, a cultura popular na Idade Média tornou-se cômica por produzir um tipo peculiar de imagens materiais e corporais e ter uma concepção estética da vida prática bem característica. A essa concepção o autor deu o nome de *realismo grotesco*. No realismo grotesco, atribuíam-se significações restritas e modificadas para a “matéria”, o “corpo” e a “vida material” (comer, beber, necessidades naturais). O centro das imagens da vida corporal e material eram a fertilidade, o crescimento e a superabundância, fatores determinantes para garantir o “caráter alegre e festivo das imagens referentes à vida material e corporal.” O realismo grotesco consistia no “*rebaixamento*, isto é, na transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato (op. cit., p. 17).

O riso medieval era um riso profanador e libertador. Embora essa visão cômica não chegasse ao nível da consciência, exerceu uma poderosa influência sobre o estilo de Rabelais. Também nos influenciou na medida em que a manifestação do riso na Idade Média reforçou a divisão, que procuraremos explorar na análise do nosso *corpus*, entre o *cômico de situação* e o *cômico de palavras*. Assinalou o cômico de situação quando propôs um mundo paralelo e avesso ao oficial e o cômico de palavras à medida que o vocabulário desse mundo paralelo inovou na produção de gêneros lingüístico-discursivos.

## CAPÍTULO 3

### TEORIAS SOBRE O RISO: PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS

#### 3.1 – Freud e os chistes

Freud (1856-1939), em sua obra *‘Os chistes e sua relação com o inconsciente’*, fez importantes considerações a respeito do riso e suas manifestações. Embora não discuta abertamente, o médico vienense endossou a divisão, proposta por Cícero e na qual temos particular interesse, entre a *comicidade de palavras* e a *comicidade de ação*. Em sua pesquisa, parafraseou inúmeras piadas, usando um procedimento de redução, e agrupou-as em 20 categorias de acordo com a técnica humorística nelas usada. Concluiu que os mecanismos do riso operam tanto no nível da palavra como no nível do pensamento. Reduziu as muitas categorias a apenas duas: condensação e deslocamento.

Para melhor apreendermos a teoria proposta por Freud, buscamos apoio no trabalho de Todorov (1996), *Teorias do Símbolo*, que dedica um capítulo à elaboração de relevantes questionamentos sobre o tema e propõe uma pertinente discussão sobre esses conceitos freudianos. Embora reconheça a importância de Freud e desses mecanismos para uma melhor compreensão do riso, Todorov assegura que a condensação e o deslocamento integram o próprio simbolismo lingüístico e são os mesmos classificados pela tradição retórica.

Segundo o autor, a condensação ocorre quando há um excesso de significado condensado em um único significante. Ele afirma: “Poderíamos então dizer que há a condensação sempre que um único significante nos induz ao conhecimento de mais de

um significado; ou, mais simplesmente, *sempre que o significado é mais abundante que o significante* (Todorov, 1996, p. 316).

A condensação, desse ponto de vista, justifica a concisão constatada por Freud nos chistes e nos sonhos. Sobre essa constatação, ele pondera:

(...) meti-me na investigação dos processos que fazem surgir os sonhos a partir dos pensamentos oníricos latentes, tanto quanto das forças psíquicas envolvidas nessa transformação. Dei o nome de ‘elaboração onírica’ à totalidade desses processos transformadores e descrevi como integrante dessa elaboração onírica um processo de condensação que mostra a maior similaridade com aquele constatado na técnica dos chistes – que, da mesma forma, leva à abreviação, e cria formações de substitutos da mesma natureza. Todos estão acostumados, pela recordação de seus próprios sonhos, com as estruturas compostas, tanto de pessoas como de coisas, que emergem nos sonhos. Na verdade, os sonhos constroem-nas mesmo com palavras, sendo possível então dissecá-las na análise (Freud, 1996, p. 36).

Já o deslocamento “consiste no desvio do curso do pensamento, no deslocamento da ênfase psíquica para outro tópico que não o da abertura.” Freud considera que um “chiste de deslocamento independe, em alto grau, da expressão verbal. Depende aqui não das palavras, mas do curso do pensamento”(op. cit., p.57). Com isso, o deslocamento é entendido como “um desvio do processo mental”, uma vez que abordado um tema, uma mudança na sua forma de apreensão, desloca-nos para outro tema, diferente do inicial.

Para Todorov (1996, p. 326) o deslocamento é entendido como a “*incoerência entre um discurso e uma resposta*”, idéia que vem ao encontro da perspectiva freudiana. Para esse autor, no deslocamento ocorre o duplo contexto de enunciação do chiste que envolve tanto as réplicas entre as personagens, quanto o estabelecido entre o narrador/leitor. Sendo assim, o deslocamento acontece tanto pelo jogo de palavras, como pela incongruência das ações de determinadas personagens, o que reafirma a divisão filosófica, já considerada neste trabalho, entre o cômico de palavras e o cômico de ações.

A classificação abaixo demonstra o caminho percorrido pelo chiste, a partir de sua divisão entre chiste de palavra e chiste de pensamento, para alcançar o riso. É possível contextualizar e perceber a aplicação da condensação e do deslocamento, conceitos analisados aqui. É interessante notar que a estrutura que envolve a construção dos chistes poderá ser, em muitos aspectos, comparada às estratégias do riso encontradas em nosso *corpus*.

chiste ---	chiste de palavras ---	condensação--	com palavras compostas com modificações
		emprego do material --	palavras inteiras e seus compostos intervenção pequena modificação as mesmas palavras no sentido pleno e vazio
		duplo sentido --	nome próprio e nome de objeto sentido metafórico e sentido literal jogos de palavras equivoco duplo sentido com alusão
	chiste de pensamento-	trocadilhos	----
		falhas de raciocínio--	deslocamento contra-senso outras falhas
		unificação	----
		representação indireta ---	pelo contrário por semelhança comparações

(Todorov, 1996, p. 313).

Outro aspecto importante na obra de Freud é a categorização de chiste, de cômico e de humor. Em cada um dos aspectos o mecanismo do prazer se manifesta por meio do que o autor denomina de *economia de despesa psíquica*. Para explicar esta *economia* de forma satisfatória, Freud recorreu ao conceito de “*mécanisation de la vie*” (mecanização da vida) proposto por Bérghson. Segundo esse conceito, a causa do riso está no mecânico sobreposto ao vivo ou na “divergência do vivo com o inanimado”. Tanto o automatismo percebido em uma mímica, quanto o automatismo psíquico, são fontes de comicidade. Sobre isso, Freud contextualiza:

Se, ademais, aceitamos estas plausíveis sugestões de Bérghson, não acharemos difícil incluir sua concepção sob nossa própria fórmula. A experiência tem ensinado que toda coisa viva difere de tudo o mais e requer uma espécie de despesa para a nossa compreensão; desapontamo-nos se, em consequência de uma completa conformidade ou de uma mímica enganadora, não necessitamos fazer nenhuma nova despesa. Desapontamo-nos no sentido de um alívio, sendo descarregada pelo riso a despesa com a expectativa que se tornou supérflua. A mesma fórmula cobriria todos os casos que Bérghson considera de rigidez cômica (...). Todos estes casos se reduziriam à comparação entre a despesa com a expectativa e a despesa efetivamente requisitada para a compreensão de algo que persiste sendo idêntico (Freud, 1996, p. 195).

Para explicar o prazer proporcionado pelos chistes, Freud os divide entre os que são inocentes e os que são tendenciosos. Ambos têm em sua essência o prazer proporcionado pelo *jogo* ou *gracejo* derivados do livre uso das *palavras* e dos *pensamentos*. Diferente do inocente, no chiste tendencioso o prazer se concentra em atingir uma segunda pessoa, ridicularizando-a.

Porém, quando o jogo com as palavras torna-se sem sentido ou o jogo com o pensamento torna-se absurdo, os chistes juntam-se às idéias para torná-las mais forte no embate contra o juízo crítico. Nesse sentido, o chiste inocente utiliza o que Freud determina como “princípio da confusão das fontes de prazer” e o tendencioso vem combater a supressão, suspendendo as inibições pelo “princípio do prazer preliminar” (op.cit., p.133). Sobre essa resistência dos chistes à razão e sobre a economia na despesa psíquica envolvida nesse processo, o autor esclarece:

Razão, julgamento crítico, supressão – eis as forças contra as quais sucessivamente se luta; conserva-se fiel às fontes originais do prazer verbal, e do estágio de gracejo em diante abre por si mesmo novas fontes de prazer, suspendendo as inibições. O prazer que produz, seja prazer no jogo ou na suspensão das inibições, pode ser invariavelmente referido à economia na despesa psíquica, desde que esta concepção não contradiga a natureza essencial do prazer e se comprove fecunda em outras direções (op.cit., p.133).

Diferente do cômico, que para se manifestar geralmente envolve o sujeito e o objeto do cômico, o chiste, “enquanto jogo com as palavras e pensamentos, prescinde de uma pessoa como objeto” (op.cit., p.139), exceto pelo chiste tendencioso que, como dissemos, visa a humilhar a pessoa que será alvo dele e por isso se aproxima do cômico. No estágio preliminar de *gracejo*, salvo dos protestos da razão, o chiste necessita de uma pessoa para transmitir seu resultado e verificar se atingiu seu objetivo. Freud considera esta, não uma segunda, mas uma terceira pessoa e assevera que “o processo psíquico nos chistes se cumpre entre a primeira pessoa (o eu) e a terceira (a pessoa de fora) e não, como no caso do cômico, entre o eu e a pessoa que é o objeto” (op.cit., p.139).

Partiremos agora para apreender qual o sentido de comicidade para o autor. Percebemos que é com alguma reserva que Freud expõe sua definição para a comicidade, uma vez que segundo ele “pensadores eminentes fracassaram em produzir uma explicação inteiramente satisfatória” para o fenômeno (op.cit., p.178). Sobre a manifestação cômica o autor afirma:

O cômico aparece, em primeira instância, como involuntária descoberta, derivada das relações sociais humanas. É constatado nas pessoas – em seus movimentos, formas, atitudes e traços de caráter, originalmente, com toda probabilidade, apenas em suas características físicas mas, depois, também nas mentais ou naquilo em que estas possam se manifestar (op. cit., p. 178).

Freud explica o cômico por meio da comparação que eu estabeleço entre mim e o outro. Nessa comparação o prazer é conseguido por meio da degradação, da humilhação da outra pessoa posto que se sente “uma gratificante sensação de superioridade com relação à pessoa (que achamos cômica)” (op. cit., p. 183). Essa

sensação de superioridade se dá quando se percebe o excesso de energia que uma pessoa gasta ao fazer algum movimento corporal ou ainda o excesso de energia que ela economiza para realizar algum ato intelectual. Freud dá prosseguimento à discussão sobre o cômico ressaltando que a percepção da inferioridade no outro se constata quando há empatia – “isto é, quando outra pessoa está envolvida: quando nós próprios nos achamos em apuros semelhantes, somos cômicos apenas de sentimentos aflitivos” (op. cit., p. 184).

O humor é a última manifestação de prazer tratada por Freud. Dentre os tipos de comicidade, o humor é a mais facilmente satisfeito. Completa seu curso dentro de uma única pessoa. Isso ocorre porque o prazer no humor revela-se por meio de uma liberação de afeto que não ocorre, ou seja, procede de *uma economia na despesa de afeto*. Segundo o autor, “o humor é um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como um substitutivo para a geração destes afetos, coloca-se no lugar deles” (op. cit., p. 212). Em outras palavras o humor bloqueia o afloramento do afeto penoso, e nos permite economizar um desgaste afetivo, daí o prazer que ele propicia.

Para ilustrar este “humor da piedade poupada”, Freud cita o exemplo de Mark Twain, que conta a seguinte anedota sobre seu irmão: empregado em uma grande empresa de construção de estrada, certa vez foi lançado longe pela explosão antecipada de uma mina. Diante do ocorrido, descontaram-lhe “meio dia de serviço, em seu salário, por estar ausente do lugar de serviço” (op. cit., p. 214). Distraídos de nossa compaixão, o humor cumpre a função de economizar a cólera ou a indignação, tornando-se assim, um processo de defesa que impede a eclosão do desprazer.

Freud considera o humor mais próximo do cômico do que dos chistes. Explica que o humor, assim como a comicidade, tem sua “localização psíquica no pré-consciente, enquanto os chistes, (...), são formados com um compromisso entre o inconsciente e o pré-consciente” (op. cit., p. 217). Ratifica que o do prazer advindo dos chistes manifesta-se por meio da *economia de despesa psíquica*. Sobre o assunto o autor declara: “O prazer nos chistes pareceu-nos proceder de uma economia na despesa com a inibição, o prazer no cômico de uma economia na despesa com a ideação (catexia) e o prazer no humor de uma economia na despesa com o sentimento” (op. cit., p. 218).

Após o estudo da obra de Freud, pudemos perceber sua grandeza, complexidade e contribuição para o entendimento do riso. Quisemos, de forma sintetizada, abordar conceitos que poderão nos ser úteis na análise do *corpus*. Percebemos que as idéias inicialmente discutidas a respeito de condensação e deslocamento são aplicadas durante a explanação de chiste, cômico e humor. Por fim, concordamos com a opinião de Attardo (1994, p. 56) segundo a qual “o interesse maior na pesquisa de Freud não está unicamente nas conclusões sobre o riso a que este chegou, mas nos efeitos que estas conclusões deflagraram no mundo acadêmico <sup>12</sup>”.

### 3.2 – Bérqson e a comicidade

À assertiva de Aristóteles, segundo a qual o homem é o único animal que ri, Bérqson (1859-1941) acrescenta o fato de que o homem é o único animal que faz rir. E faz rir porque compreendeu que a graça do riso não é percebida no isolamento, o riso precisa de repercussão. Com isso o fazer rir, ou seja, a produção do riso ocorre sempre em um grupo e para aquele grupo, tornando o riso um gesto social.

As pesquisas do autor a respeito das manifestações do riso partem de três premissas, a saber: o riso é próprio do homem; o riso não tem pior inimigo do que a emoção; e nosso riso é sempre o riso de um grupo. A comicidade é um desvio negativo do comportamento e o riso, sua correção. Segundo o autor, esse comportamento que o riso corrige é a rigidez dos gestos, a mecanização das atitudes que consiste na falta de elasticidade ou de flexibilidade e gera uma ausência de adaptação às mudanças. Essa falta de mobilidade da vida constitui, então, o mecânico – uma espécie de doença, um desvio em relação ao que é dado por natureza.

A vida em sociedade exige atenção sempre alerta e leveza de espírito e de corpo para se adaptar às necessidades do momento. Quando há desatenção, distração ou ainda por obstinação do corpo reflete-se a inconsciência, o gesto mecânico que contraria o movimento incessante da vida. Esse *efeito de rigidez* é imperdoável e terá como sanção o riso. É o que adverte Bérqson, quando diz:

O que a vida e a sociedade exigem de cada um de nós é uma atenção constantemente vigilante, a discernir os contornos da situação presente, é também certa elasticidade do corpo e do espírito, que nos dê condições de adaptar-nos a ela. *Tensão e elasticidade*, aí estão duas forças complementares entre si que a vida põe em jogo (Bérqson, 2001, p.13).

---

<sup>12</sup> “More interesting than Freud’s speculations are the reactions from subsequent scholars to Freud’s analysis of the techniques of jokes.” [Trad. nossa].

Para Bérqson a essênça da comicidade é “o mecânico sobreposto ao vivo” (op.cit., p. 36), ou seja, o automatismo do comportamento. Ele considera o riso “uma espécie de trote social” (op.cit., p. 101), por meio do qual se pretende manter e aperfeiçoar a homogenia social. O riso “é, acima de tudo, uma correção. Feito para humilhar, deve dar impressão penosa à pessoa que lhe serve de alvo. A sociedade vingasse por meio dele das liberdades tomadas com ela” (op. cit., p. 146).

A principal contribuição da obra de Bérqson, para nossa pesquisa, está na divisão da comicidade em três categorias, a saber: *comicidade das formas e movimentos*, *comicidade de situação e palavras*, e *comicidade de caráter*. Esta divisão é recorrente na teoria dos filósofos, Aristóteles, Cícero e Quintiliano. É encontrada na Idade Média e nas pesquisas de Freud. Mas, é em Bérqson que constatamos a amplitude de sua abrangência e uma melhor adequação aos contos de nosso *corpus*.

A comicidade provoca o riso à medida que as formas causam estranheza pela surpresa e pelo contraste. Nos movimentos, o riso surge quando a rigidez e a mecanização, sejam de gestos ou de atitudes, se impõem à mobilidade da vida. A propósito disso, o autor afirma que a comicidade provém do enrijecimento do corpo tal qual uma máquina (cf. op.cit., p. 37).

Sob o argumento de que “pode tornar-se cômica toda deformidade que uma pessoa bem-feita consiga imitar”, Bérqson (2001, p.17), discorre sobre o cômico causado pelas deformidades fisionômicas ou corporais e atribui o riso ao automatismo, à rigidez, ao vezo contraído em oposição à flexibilidade e maleabilidade próprias da alma e da personalidade. Essa elasticidade da alma transmite harmonia e graça à matéria. Porém, quando a matéria se contrai, se contorce e contraria os impulsos graciosos, obtém-se um efeito cômico. Bérqson sintetiza o conceito da seguinte forma:

Quando a matéria consegue espessar assim exteriormente a vida da alma, congelar seu movimento e contrariar sua graça, obtém um efeito cômico do corpo. Se, pois, quiséssemos definir aqui a comicidade aproximando-a de seu contrário, caberia opô-la à graça, mais do que à beleza. É mais rigidez que fealdade (op. cit., p. 21).

Segundo Bérqson, as deformações risíveis se tornam ainda mais risíveis “quando podemos vincular tais características a uma causa profunda, a certa *distração fundamental* da pessoa, como se a alma se tivesse deixado fascinar, hipnotizar, pela materialidade de uma ação simples” (op. cit., p.19). Esta é a definição da arte do caricaturista que apreende a distração fundamental à qual um rosto se renderia se fosse dominado pela matéria. Todo rosto, por mais simétrico que seja, nunca tem um

equilíbrio inteiramente perfeito. Podemos ver nele “o indício de um vezo que se anuncia, o esboço de um esgar possível, enfim uma deformação preferida na qual se contorceria a natureza.” (op. cit., p.19). O caricaturista tem a capacidade de apreender e de exagerar esse movimento.

Do cômico das formas, Bérghson passa para o cômico dos gestos. Para explicar como um mecanismo que funciona automaticamente pode suscitar o riso, o autor utiliza o exemplo de um orador cujos gestos, ao se repetirem, distraem a platéia. A platéia passa a observar e esperar a ocorrência do gesto e, quando este se dá, ri involuntariamente. O autor enfatiza que esse tipo de comicidade se dá pelo automatismo que, por distração, instala-se na vida, imitando-a. “Por isso certos gestos, dos quais não pensamos em rir, tornam-se risíveis quando alguém os imita”, assegura (op. cit., p.24). De suas reflexões, Bérghson conclui: “As atitudes, os gestos e os movimentos do corpo humano são risíveis na medida em que esse corpo nos faz pensar numa simples mecânica” (op. cit., p.22).

Como constatamos, a teoria cômica de Bérghson está centrada no “mecânico aplicado sobre o vivo”. Nos aspectos físicos, isso pode se traduzir no “corpo atenazando o espírito, o corpo impondo-se ao espírito” (op. cit., p. 41). Ou ainda no riso causado “sempre que uma pessoa nos dá a impressão de coisa” (op. cit., p. 43). De qualquer forma sempre que nossa atenção é desviada “do fundo para a forma ou do moral para o físico” (op. cit., p. 42) ocorre uma manifestação cômica. Daí outra importante conclusão de Bérghson: “É cômico todo incidente que chame nossa atenção para o físico de uma pessoa quando o que está em questão é o moral.” (op. cit, p. 38)

Para analisar a comicidade de situação, o autor parte do pressuposto de que “a comédia é uma brincadeira, uma brincadeira que imita a vida” (op.cit., p.50) e associa os mecanismos geradores do riso nas comédias às brincadeiras infantis, para, a partir delas, estabelecer relações com a mecanicidade da vida e sua relação com o aspecto moral.

A primeira associação é feita com um brinquedo denominado *caixa de surpresas*. A caixa guarda um boneco preso a uma mola que, quanto mais pressionada para dentro, mais impulsiona o boneco para fora ao ser aberta. A seqüência repetitiva de ações, que consiste em esconder, mostrar e surpreender, é a causa do riso. Transferindo esse jogo para um aspecto moral, chegaremos ao riso causado pela revelação de algum defeito que uma pessoa tente, a todo custo, esconder. O desnudamento do defeito que

causa o riso pode vir à tona de forma abrupta e surpreendente ou pela repetição. Aliás, a repetição só suscita o riso quando revela certos elementos morais.

Uma segunda associação é feita por analogia ao teatro de marionetes. Trata-se do *fantoches e seus cordões*, situação em que determinadas personagens se crêem livres, mas, na verdade, são manipuladas por outras como se fossem bonecos movidos por cordas. Transportado para o aspecto moral, rimos da situação em que percebemos que a pessoa é persuadida a tomar uma decisão, mas guarda a ilusão de que detém a liberdade de escolha. Enxergar essas pessoas como simples resultados de ações alheias é que desencadeia o riso.

Por fim, Bérqson se reporta ao efeito *bola de neve*, que podemos associar ao que modernamente conhecemos como efeito dominó. Relacionada ao aspecto moral, o riso está na expectativa frustrada que ocorre quando uma ação, aparentemente pequena e desprezível, gera conseqüências maiores e inesperadas, as quais, por sua vez, geram outras maiores ainda, até chegar a um acontecimento inteiramente desproporcional ao fato que deu origem ao processo. A complicação da situação e o exagero desmedido das conseqüências disparam o riso de quem as observa.

Embora tenhamos justificado o riso fazendo uma analogia entre os brinquedos e as atitudes da vida, consideramos que, na citação abaixo, Bérqson tenha conseguido exprimir a essência da associação. Ele pondera (op. cit., 64-5):

Mas por que rimos desse arranjo mecânico? O fato de a história de um indivíduo ou de um grupo nos aparecer em certo momento como um jogo de engrenagens, molas ou cordões é estranho, sem dúvida, mas de que provém o caráter especial dessa estranheza? Por que ela é cômica? A essa pergunta, que já nos foi feita de muitas formas, daremos sempre a mesma resposta. O mecanismo rígido que surpreendemos vez por outra, como um intruso, na viva continuidade das coisas humanas, tem para nós um interesse particular, por ser como uma *distração* da vida. Se os acontecimentos pudessem estar incessantemente atentos a seu próprio curso, não haveria coincidências, ocorrências fortuitas, séries circulares; tudo se desenrolaria para a frente e progrediria sempre. E, se os homens estivessem sempre atentos à vida, se constantemente retomassem contato com o próximo e também consigo, nada pareceria jamais ser produzido em nós por molas ou cordinhas. A comicidade é esse lado da pessoa pelo qual ela se assemelha a uma coisa, aspecto dos acontecimentos humanos que, em virtude de sua rigidez de um tipo particular, imita o mecanismo puro e simples, o automatismo, enfim o movimento sem vida. Exprime, portanto, uma imperfeição individual ou coletiva que exige correção imediata. O riso é essa correção. O riso é certo gesto social que reprime certa distração especial dos homens e dos acontecimentos.

A comicidade de situação também se manifesta por meio de três procedimentos típicos dos *vaudevilles*<sup>13</sup>. São eles: a repetição, a inversão e a interferência de séries. A repetição trata de uma combinação de circunstâncias que retorna tal qual, várias vezes, contrastando assim com o curso mutável da vida. A inversão ocorre quando uma pessoa subitamente toma o lugar de outra, seja do ponto de vista pessoal, profissional, hierárquico etc, melhorando ou piorando a situação. Esse procedimento pode ser contemplado na inversão de papéis de funcionário e de patrão, de ladrão que é roubado, de vilão que vê suas expectativas frustradas. Por sua vez a interferência de séries diz respeito ao fato de duas séries de acontecimento independentes se sobreporem e propiciarem uma possibilidade de dupla interpretação, como acontece no *quiproquó*.

Bérgson também estuda as diversas formas do cômico verbal, do trocadilho à paródia. Nesse sentido, reservamos algumas de suas considerações para ilustrar as estratégias do riso utilizadas em nosso *corpus*. Segundo o autor a “comicidade da linguagem deve corresponder, tintim por tintim, à comicidade das ações e das situações, e que, se nos for permitido exprimir-nos assim, ela não passa de sua projeção no plano das palavras” (op.cit., p.82). Portanto, podemos afirmar que é, principalmente, pela linguagem que a comicidade vem à tona.

A comicidade de caráter é a forma mais elevada de manifestação cômica e se encontra no que Bérgson chama de “alta comédia”. Trata-se do cômico do personagem de comédia, um personagem tipo marcado pela rigidez de caráter, isto é, pela insociabilidade, que é corrigida pelo riso. O autor volta a enfatizar que essa rigidez de caráter não deve emocionar o espectador, porque “o riso é incompatível com a emoção.” O autor afirma: “Descreva-se um defeito que seja o mais leve possível: se me for apresentado de tal maneira que desperte minha simpatia, ou meu medo, ou minha piedade, pronto, já não consigo rir dele” (op.cit., p. 104). Na comicidade de caráter, ocorre a fusão dos conceitos tratados por Bérgson sobre o riso. É o que o próprio autor ratifica, quando afirma: “Rigidez, automatismo, distração, insociabilidade, tudo isso se interpenetra, e é de tudo isso que é feita a comicidade de caráter.” (op.cit., p.110).

---

<sup>13</sup> Comédia ligeira e divertida, de enredo fértil em intrigas e maquinações, que combina pantomima, dança e/ou canções; divertimento teatral composto de vários números, p. ex., acrobacias, esquetes cômicos, danças, canções, animais amestrados etc., sem relação entre si. (Dicionário Houaiss).

### 3.3 – Propp e os tipos de riso

Em sua obra *Comicidade e Riso*, o pensador russo Wladimir Propp (1895-1970) faz importantes reflexões sobre o riso. O autor critica definições teóricas, surgidas no século XIX, que estabeleciam diferenças entre aspectos da comicidade como cômico superior e cômico inferior, cômico alto e cômico baixo, cômico vulgar e cômico sutil ou ainda fino e grosseiro. Segundo o autor, essa “escolha dos epítetos negativos que envolvem o conceito de cômico, a oposição do cômico e do sublime, do elevado, do belo, do ideal etc., expressa certa atitude negativa para com o riso e para com o cômico em geral e até certo desprezo” (Propp,1992, p.20).

Para o autor a diferenciação entre conceitos do cômico denuncia uma diferenciação social. Com isso, “o aspecto refinado da comicidade existe para as pessoas cultas, para os aristocratas de espírito e de origem. O segundo aspecto é reservado à plebe, ao vulgo, à multidão” (op.cit., p.23). Ele constata, porém, que, pelo fato de a vulgaridade ser encontrada em todos os setores da produção literária, os conceitos que diferenciam o cômico tornam-se ilógicos e inconsistentes.

Em suas ponderações a respeito da comicidade suscitada pelos aspectos físicos, Propp afirma que o riso surge quando se explicitam os defeitos que o indivíduo gostaria que ficassem implícitos. Para embasar sua teoria, o autor usa o exemplo de um orador que, durante uma palestra, é interrompido pela incômoda presença de uma mosca. A presença da mosca dispersa a atenção dos ouvintes, eles já não *ouvem* o orador, mas *olham* para ele. “A atenção se transfere de um fenômeno de ordem espiritual, para um fenômeno de ordem física” (op.cit, p. 42). Mas esse deslocamento de atenção não foi a única condição do riso; para o autor, o episódio da mosca revelou algum defeito oculto nas ações ou na natureza do orador.

Em outro exemplo de Propp, um gordo vai a um tribunal para fazer uma queixa, mas entala em uma porta. Nesse caso o riso surge quando se constata que circunstâncias de caráter exterior são mais fortes do que o desejo do homem. A situação tem seu foco desviado para a natureza física do homem. O riso surge para punir este deslocamento – das ações interiores para as formas exteriores – que revela o defeito e o torna evidente para todos. Propp adverte, porém, que “nem todos os defeitos provocam o riso, somente os mesquinhos” (op.cit., p.44).

Os defeitos, segundo o autor, por revelarem alguma debilidade do organismo, representam uma transgressão da norma biológica. Por falar em normas, a vida em

sociedade se tornou possível por conta do respeito a normas determinadas pelo homem. Cada povo, por meio de sua cultura e dos seus costumes, estabeleceu padrões de ordem pública, social e política. A não observação desses padrões, ou seja, a transgressão desses ideais coletivos é percebida como defeito e suscita o riso à medida que ridiculariza o transgressor (op.cit, p.60).

Para ilustrar como as mudanças e atualizações nas normas, se não acompanhadas, podem ridicularizar o transgressor desatento, suscitando o riso, Propp faz menção à efemeridade da moda, mas não só à moda, “mas em geral qualquer roupa extravagante que destaque o homem do seu meio. Do mesmo modo que se ri das modas novas, ao contrário, são ridículas as roupas fora de moda que às vezes as velhas vestem de acordo com o uso de seu tempo” (op.cit., p.63).

Propp reconhece, no entanto, que a comicidade inerente ao aspecto físico não está somente nos defeitos que transgridem a harmonia da natureza ou da sociedade. Pode ser encontrada também nas deformidades naturais que são risíveis simplesmente por contrariar noções de harmonia e proporção, como acontece nos reflexos distorcidos das imagens obtidas nos espelhos de parques de diversões. Por serem naturais, tais deformidades explicam o riso de crianças e pessoas ingênuas, que consideram ridículas “grandes pintas peludas, enormes orelhas de abano, olhos estrábicos ou saltados, lábios caídos, papo grande, boca torta, narizes vermelhos” (op. cit., p.64).

Atribuir ao homem uma aparência de animal é outra importante consideração de Propp sobre a comicidade inerente aos aspectos físicos. Segundo o autor, o riso só surge quando a aparência do animal nos faz lembrar qualidades negativas dos homens. “Chamar uma pessoa com nome de um animal qualquer é a forma mais difundida de injúria cômica tanto na vida como nas obras literárias. Porco, asno, camelo, gralha, cobra, etc. são xingamentos comuns que suscitam o riso dos espectadores” (op. cit., p.67).

Da mesma forma, há comicidade na comparação do homem a uma coisa que expressa algum defeito seu, como é o caso de pessoas gordas descritas como almofadas, barris e colchões. Nesse sentido, é interessante assinalar duas diferenças que Propp aponta em seus conceitos com relação aos de Bérghson. A primeira diz respeito ao fato de que Bérghson, ao afirmar que rimos toda vez que uma pessoa nos dá a impressão de coisa, não menciona que o riso só surge quando “a coisa é intrinsecamente comparável à pessoa e expressa algum defeito seu” (op. cit., p.75). A outra é acerca da afirmação de

Bérgson de que atitudes, gestos e movimentos são ridículos na medida em que representam uma mecanização do corpo. Sobre isso, Propp discorda e usa o funcionamento interno do corpo humano como exemplo de um mecanismo preciso que não é ridículo. Propp defende que a automatização dos movimentos é ridícula nas mesmas condições em que uma coisa é ridícula.

Embora não dê a mesma nomenclatura, os conceitos que abordamos até este ponto da teoria de Propp se assemelham à comicidade de formas e movimentos discutida por Bérgson. O mesmo ocorrerá com a comicidade de situação e de palavras, que Propp considerará por meio de instrumentos lingüísticos da comicidade e situações cômicas, como as de *vaudevilles*, também exploradas por Bérgson. Da mesma forma a comicidade de caráter será discutida por meio dos caracteres cômicos e dos alogismos, temas propostos por Propp. Assim como fizemos com alguns conceitos de Bérgson, também reservamos alguns conceitos de Propp para ilustrar a análise que fizemos do nosso *corpus*.

Em vez de sustentar a divisão do cômico por classes sociais, Propp propõe uma discussão concreta a respeito da ligação entre as formas de comicidade e as manifestações do riso. Partindo da premissa aristotélica de que o riso é exclusivo do homem, o autor enumera diferentes aspectos do riso ligados a diferentes atitudes do ser humano e observa como tais atitudes constituem um dos principais objetos da comédia.

Das análises que realiza infere que o *riso de zombaria* é o aspecto risível mais ligado à comicidade. Isso porque o *riso de zombaria*, também entendido como derrisão, ridicularização e escárnio, é o tipo de riso que mais se encontra na vida e na arte. A importante ponderação do autor é no sentido de que se a comicidade está associada ao “desnudamento dos defeitos, manifestos ou secretos, daquele ou daquilo que suscita o riso” é possível que exista “apenas um gênero de riso e que sua multiplicidade não passa da multiplicidade de seus aspectos e de suas variantes” (op.cit., p.171).

Segundo Propp, as causas que suscitam o *riso de zombaria*, bem como outros tipos de risos, estão vinculadas às “condições de ordem histórica, social, nacional e pessoal” (op.cit., p. 32). Assim, cada povo construiria seu sentido próprio e específico de humor e de cômico, de acordo com o contexto histórico e social em que está inserido em determinada época. Dessa forma, determinados sentidos de comicidade, produzidos em determinados períodos, seriam incompreensíveis em outros.

A respeito de outros tipos de riso considerados por Propp, destacamos *o riso maldoso ou cínico*. Semelhante ao riso de zombaria, o riso cínico também se manifesta com o desnudamento de um defeito oculto, mas, nesse caso, os defeitos são aumentados, inflados, alimentando assim os sentimentos maldosos, ruins e a maledicência. Esse riso não suscita a simpatia, porque os que riem maldosamente não acreditam em nenhum impulso nobre, sentem prazer pela desgraça alheia e vêm em todo lugar a falsidade e a hipocrisia.

*O riso alegre* é uma categoria de riso que não está ligada a algum defeito oculto. Desse riso sabem rir pessoas alegres por natureza, boas, dispostas ao humorismo. Este riso elimina a emoção negativa, apaga a cólera e a ira, vence a perturbação e eleva as forças vitais, o desejo de viver e de tomar parte da vida. O autor faz menção ao sorriso de um recém-nascido que alegra a mãe e a todos que o cercam, além do fato de o próprio recém-nascido, ao crescer, sorrir alegremente de qualquer manifestação significativa da vida que lhe agrade.

Há *o riso ritual* que atribui ao riso uma capacidade de elevar e despertar “as forças vitais”. Esta concepção sobre a força vivificadora do riso é encontrada na Antiguidade e em mitos primitivos referentes à idéia de fertilidade. Outra categoria é a do *riso imoderado*, desenfreado. Propp caracteriza esse riso como rabelaisiano, porque nos domínios de Rabelais as pessoas se abandonavam a comilanças e bebedeiras desenfreadas e aos tipos mais diversos de divertimento. “Porém, este riso não zomba nem satiriza, é de um gênero completamente diferente: trata-se de um riso alto, saudável, pleno de satisfação. (...) Ele expressa a *alegria animal* de sua própria natureza fisiológica” (op.cit., p. 167).

### 3.4 – Uma pincelada do humor de Raskin

Em sua obra, *Semantic Mechanisms of Humor*, Victor Raskin (1985) apresenta uma importante teoria lingüística sobre o riso: uma teoria baseada em *scripts*. O autor afirma: “A teoria do humor baseada em *scripts* fornece um paradigma universal totalmente neutro em relação às principais teorias sobre o humor, pois não se envolve com a veracidade ou falsidade das premissas apresentadas por elas<sup>14</sup>” (Raskin, 1985, p. 132).

---

<sup>14</sup> “The script-based theory of humor provides a universal framework which is a completely neutral with regard to the major theories and non-committal as to the truth or falsity or their claims.” (Trad. nossa)

No início de seu estudo, Raskin propõe uma fórmula para a produção do humor. A fórmula traça o caminho que uma situação deve percorrer para culminar no humor. Segundo o autor, o **HU (HUmor)** é composto pelos seguintes elementos: **S** (Speaker = falante), **H** (Hearer = ouvinte), **ST** (STimulus = estímulo), **E** (EExperience = experiência), **P** (Ppsychology = psicologia), **SI** (SItuacion = situação), **SO** (SOciety = sociedade). Quando a função do humor é bem sucedida, temos que **X = F** (FUnny = engraçado); quando não, temos **X = U** (UNfanny = sem graça), na seguinte fórmula:

$$\mathbf{HU (S,H,ST,E,P,SI,SO) = X, \text{ onde } X = F \text{ (FUNNY) ou } X = U \text{ (UNFANNY)}}$$

Para o humor verbal, definido como **VJ** (verbal joke), a fórmula sofre uma pequena alteração, porque segundo o autor, neste caso, o estímulo é sempre um Texto (**T**). No humor verbal, a situação de humor, para atingir o riso, tem que considerar a Experiência, a Psicologia e a Sociedade tanto do falante quanto do ouvinte. A partir dessa definição, a fórmula, a seguir, pode ser aplicada com êxito ao nosso *corpus*.

$$\mathbf{VJ (S, H, T, E_s, E_h, E_{s,h}, P_h, SI, SO_{s,h}) = F}$$

Uma questão importante levantada por Raskin diz respeito à intencionalidade do humor. Para o autor, o humor pode ser *não intencional* ou *intencional*, “o primeiro tipo ocorre quando alguém diz alguma coisa (ou alguma coisa acontece) e o observador percebe isso como engraçado; o que é inesperado para o falante. O último ocorre, quando o falante quer ser engraçado e, de fato, faz um esforço para sê-lo”<sup>15</sup> (op. cit., p. 27). O esforço do falante para ser engraçado inclui a zombaria, o deboche, a ironia, a brincadeira e pode se manifestar por meio da piada, da adivinhação, da charada, do jogo de palavras e do conto.

A intencionalidade no texto cômico só é atingida quando duas condições são preenchidas: “1º.) O texto é compatível, em parte ou na totalidade, com dois *scripts* diferentes, ou seja, há uma sobreposição de *scripts*; 2º.) Os dois *scripts* sobrepostos apresentam algum tipo de oposição e é desta oposição que decorre o humor”<sup>16</sup> (op. cit., p. 99). Segundo Raskin, quando somente uma condição é preenchida o texto torna-se ambíguo, mas não necessariamente cômico. É a relação entre a ambigüidade e a

<sup>15</sup> “In somewhat simplistic terms, the former kind occurs when somebody says something (or something happens) and the observer perceives it as funny, usually unexpectedly for the speaker. The latter occurs when the speaker intends to be funny and actually makes an effort to be so.” (Trad. nossa)

<sup>16</sup> “(i) The text is compatible, fully or in part, with two different scripts; (ii) The two scripts with which the text is compatible are opposite in a special sense defined in section 4. The two scripts with which some text is compatible are said to overlap fully or in part on this text.” (Trad. nossa)

sobreposição de *scripts* que produz um jogo verbal responsável por transformar a comunicação *bona-fide* (séria) em *non-bona-fide* (não séria); característica necessária para produção do humor. É o que acontece quando se conta uma piada, como constata o autor:

A mudança da comunicação *bona-fide* para o modo comunicação *non-bona-fide*, forma mais acessível e aceitável de contar piadas, se fundamenta no conceito básico do jogo, que é prontamente assumido pelas pessoas como a forma mais natural de comportamento e que compreende um jogo com regras mutuamente agradáveis<sup>17</sup>(op. cit., p.104).

Neste jogo, as regras de comunicação têm máximas bem distintas. Compreendê-las significa clareza para distinguir entre um discurso sério e uma piada. Segundo o autor (op. cit., p. 103), no modo *bona-fide*, as quatro máximas são as seguintes:

1. Máxima da quantidade: Dê toda a informação necessária;
2. Máxima da qualidade: Diga apenas aquilo que você acredita ser verdadeiro;
3. Máxima da relação: Seja relevante;
4. Máxima do modo: Seja sucinto.

Para o modo *non-bona-fide*, as máximas são outras em função do discurso ser cômico. Ficam da seguinte forma:

1. Máxima da quantidade: Dê somente a informação necessária para a piada;
2. Máxima da qualidade: Diga apenas aquilo que é compatível com o mundo da piada;
3. Máxima da relação: Diga apenas o que é relevante para a piada;
4. Máxima do modo: Conte a piada eficientemente.<sup>18</sup>

Dessa forma pretende-se evidenciar que o riso decorre do modo *non-bona-fide*, (*não sério*) pois neste tipo de comunicação a interação lingüística entre falante e ouvinte pode ocorrer sem que a verdade dos fatos e a relevância das informações sejam imprescindíveis. Pelo contrário, o prazer do riso decorre da competência em entender

<sup>17</sup> “The easy shift from bona-fide communication to joke telling as the most accessible and acceptable form of non-bona-fide communication may be underlaid by the basic concept of play, which is readily assumed by people as a natural form of behavior and which conforms to a set of mutually agreeable rules.” (Trad. nossa)

<sup>18</sup> “(i) Maxim of Quantity: Give exactly as much information as required;

(ii) Maxim of Quality: Say only what you believe to be true;

(iii) Maxim of Relation: Be relevant;

(iv) Maxim of Manner: Be succinct.

(...) The maxims on which the cooperative principle for the *non-bona-fide* communication mode of joke telling based must be different:

(i) Maxim of Quantity: Give exactly as much information as is necessary for the joke;

(ii) Maxim of Quality: Say only what is compatible with the world of the joke;

(iii) Maxim of Relation: Say only what is relevant to the joke;

(iv) Maxim of Manner: Tell the joke efficiently (...).”(Trad. nossa)

pistas, captar gatilhos, mudar de *scripts*. É o que ratifica o autor, quando afirma: “O humor parece representar a mais aceitável forma de comunicação na nossa sociedade depois da comunicação *bona-fide* (séria)<sup>19</sup>” (op. cit., p. 104).

O esclarecimento sobre essas formas de comunicação nos ajuda a compreender a sobreposição de *scripts*. Em um texto o primeiro *script* geralmente é *bona-fide* e o segundo *non-bona-fide*, e a ligação entre esses *scripts* é o que o autor chama de gatilho (*trigger*). O gatilho é o elemento disparador do humor, porque por meio dele destaca-se a ambigüidade ou a contradição existente entre os *scripts*. Sobre esse assunto, Raskin afirma: “O efeito habitual do gatilho é exatamente este: ao introduzir o segundo *script* ele cria uma sombra no primeiro e na parte do texto que o introduziu, impondo-lhes uma nova interpretação, diferente daquela que parecia a mais óbvia<sup>20</sup>” (op. cit., p. 114). A função do gatilho é levar o leitor a uma revisão interpretativa. O autor do texto prepara o leitor para a segunda interpretação por meio de pistas que só se tornam óbvias após o acionamento do gatilho.

Raskin reitera que a produção do humor será eficiente sempre que o falante responder ao “impulso de fazer a piada” (op.cit., p. 140) e respeitar os fatores de criação do humor discutidos até aqui. O autor sintetiza estes fatores da produção do humor da seguinte forma (op.cit., p. 140):

1. A oscilação no modo *bona-fide* para o modo *non-bona-fide* de comunicação;
2. O texto da piada;
3. Dois *scripts* parcialmente superpostos compatíveis com o texto;
4. Uma relação de oposição entre dois *scripts*;
5. Um gatilho, óbvio ou implícito, que realiza a relação de oposição.<sup>21</sup>

Raskin aplica esta teoria semântica em três tipos específicos de humor: o sexual, o étnico e o político. Embora o nosso material de estudo não trate especificamente do humor contido em piadas, objeto de estudo de Raskin, suas considerações sobre a produção do humor poderão ser constatadas em nossa análise. Principalmente no que

<sup>19</sup> “Humor seems to be the next most socially acceptable form of communication in our society after *bona-fide* communication.” (Trad. nossa)

<sup>20</sup> “The usual effect of the trigger is exactly this: by introducing the second script it casts a shadow on the first script and the part of the text which introduced it, and imposes a different interpretation on it, which is different from the most obvious one.” (Trad. nossa)

<sup>21</sup> 1. A switch from the *bona-fide* mode of communication to the *non-bona-fide* mode of joke telling;  
2. The text of an intended joke;  
3. Two (partially) overlapping scripts compatible with the text;  
4. An oppositeness relation between the two scripts;  
5. A trigger, obvious or implied, realizing the oppositeness relation. (Trad. nossa)

diz respeito ao humor sexual, manifestação sobre a qual Raskin dedica todo um capítulo, e que é uma estratégia do riso explorada por José Cândido de Carvalho, autor de nosso *corpus*.

### 3.5 – A contribuição de Possenti

Uma relevante contribuição de Possenti (1998), a respeito da discussão em torno das estratégias do riso, está em apontar aos lingüistas o questionamento a que devem buscar responder quando quiserem apurar os mecanismos lingüísticos de produção do humor. Segundo o autor, os lingüistas devem se preocupar em apreender o “como” o riso é deflagrado, pois outras ramificações da ciência, como a sociologia, psicologia e a antropologia, já se ocuparam, e insistem, em interpretar e explicar o “porquê”.

A lingüística se fixou como ciência a partir da segunda metade do século XX. Sendo relativamente recente, sofreu influências e interferências de outras disciplinas. No estudo das estratégias do riso não foi diferente. Por isso, Possenti discute alguns conceitos com o propósito de evidenciar a distinção entre as análises lingüísticas e outros tipos de análises do humor. Começa por indicar o tipo de questionamento que deve nortear o lingüista. O autor afirma:

A melhor maneira de estabelecer a diferença entre um tratamento lingüístico das piadas e outra abordagem qualquer dos mesmos textos talvez seja utilizar os termos de Raskin, segundo o qual a lingüística explica o “como” e não o “porquê” do humor. Ou, nos termos de uma distinção já clássica e retomada por Jameson, a propósito de textos literários, em *O inconsciente político*, não se tentará aqui explicar o que as piadas significam, mas como funcionam (op.cit., p. 15-6).

O autor introduz a polêmica reconhecendo que “são incontáveis os estudos sobre o humor e sobre aquilo que faz as pessoas rirem” (op.cit., p. 13), mas poucos se voltam aos aspectos lingüísticos envolvidos no humor. E isso ocorre porque o estudo lingüístico do humor é discriminado. Ele afirma: “Não sei por quais razões todos esses explicadores imaginaram que tratar dos fatores lingüísticos é chato e tratar dos fatores psicológicos, sociológicos, culturais, etc. é charmoso” (op.cit., p. 20).

Na história do riso, como pudemos observar durante nossa pesquisa, este sempre foi considerado, desde a época de Aristóteles, um gênero inferior, menos nobre. A falta de interesse pelos mecanismos lingüísticos, apontado por Possenti, pode ser um reflexo deste preconceito maior, o de considerar o humor um gênero menor. O autor reafirma o desinteresse, quando constata que não existe uma lingüística do humor. Ele pondera:

“No máximo, existem lingüistas que trabalham eventualmente sobre ou a partir de dados colhidos em textos humorísticos.” (op.cit., p. 21).

Em suas análises lingüísticas de piadas, o autor faz constantes referências a conceitos – já abordados por nós – de Raskin e Freud. De Raskin, por exemplo, Possenti destaca os fatores de produção do humor e ressalta “a descrição dos gatilhos e das razões que fazem um texto ser compatível com mais de um *script*” (op.cit., p. 23) como importante aspecto para o lingüista apreender qual a característica textual e/ou verbal da piada. Para Possenti, Freud transformou os chistes em uma rica fonte de análise que pode servir para os lingüistas estudarem “as propriedades essenciais das línguas naturais, tanto de sua ‘estrutura’ como de seu ‘funcionamento’” (op.cit., p. 23).

Nas análises de lingüísticas, em que se pode destacar o humor por meio da sintaxe, da morfologia, da fonologia, das regras de conversação, das inferências, das pressuposições, etc., como o fez Possenti, é a ambigüidade, o duplo sentido – resultado dessas estratégias – responsável por deflagrar o riso.

Para nós, a discussão em torno dessas estratégias lingüísticas do humor é importante uma vez que contribui para uma reflexão sobre a presença de tais estratégias em nosso *corpus*.

### **3.6 – As considerações de Travaglia**

Travaglia, em suas pesquisas, faz considerações sobre o uso dos *scripts* e mecanismos da comicidade para a obtenção do riso. O autor não é muito favorável a idéia do riso pelo riso porque a finalidade do humor é a crítica e a denúncia. Ele aborda os demais objetivos, como a liberação, que tem caráter sócio-psicológico, pois por meio do humor se rompe a proibição e a censura social imposta ao indivíduo ou a grupos. O autor infere que toda forma de humor, no fundo, tem essa finalidade liberadora.

Outro objetivo do humor é a crítica social, que pode ser política ou de costumes; pode se dirigir a instituições, serviço, governo, caráter ou tipo humano. Tendo em vista a melhoria da sociedade, o humorista expõe o absurdo e o ridículo de muitos comportamentos humanos para que o homem veja a necessidade de mudança na estrutura social vigente. Outro objetivo do humor é a denúncia de comportamentos explícitos, admitidos e mesmo incentivados pela sociedade.

Do ponto de vista da categoria de assunto, Travaglia (op.cit., 54) relaciona uma categoria de humor, a saber:

humor social, que enfoca grupos sociais e tipos humanos através da crítica de suas características, costumes, preconceitos, atitudes, da denúncia do que fazem contra a própria sociedade ou ajudando-os a libertar-se de amarras de que são vítimas.

A cada um desses tipos de denúncia corresponde uma subcategoria de tipos de humor: político, de costumes, de instituições, de serviços, de caráter, de governo, de classes, de língua.

Travaglia destaca alguns *scripts* de humor. Dentre eles, o da estupidez, que ressalta a dificuldade de alguma personagem para perceber as situações exatamente como o público as vê. Oposto a esse é o *script* da esperteza ou da astúcia, segundo o qual a personagem vale-se de sua esperteza para obter vantagens em certas situações. Um terceiro *script* é o do ridículo, em que se destaca certa inadequação por meio do exagero de situações, de caracteres ou de palavras. A esse, soma-se o do absurdo, que contraria o senso comum estabelecido, a razão, escapando a regras ou condições determinadas; é a fuga das evidências estabelecidas. Por fim, o autor destaca o *script* da mesquinhez, isto é, da personagem dada a miudezas, sobretudo no que se refere a dar algo a alguém.

Aos *scripts* estão aliadas às estratégias lingüístico-discursivas do riso. Das analisadas por Travaglia, destacamos a ironia, a ambigüidade, a contradição e o exagero, que estão presentes no humor de José Cândido de Carvalho. Esta categorização de Travaglia, embora trate do humor especificamente a partir da análise de programas humorísticos televisivos, foi muito útil para nossa análise por assinalar, assim como é nossa pretensão quando da análise do *corpus*, a comicidade de situação e de palavras.

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE DO *CORPUS*

Até este momento, nossa pesquisa se preocupou em traçar uma linha geral da história do riso. Constatamos que desde a Antiguidade até os tempos atuais o riso e o risível sempre estiveram atrelados a uma ambivalência. Estudiosos, filósofos, linguistas e escritores estabeleceram discussões sobre o risível que transitavam entre o sagrado e o profano, entre o prazer e a dor, entre o bem e o mal.

Uma característica recorrente nas discussões sobre o riso, antigas e atuais, ainda que com certa variação entre uma e outra, é a distinção ou divisão das categorias do riso entre cômico de ação e cômico de palavras. O fato de termos abordado o assunto reiteradas vezes durante nossa pesquisa, aliado à verificação desta recorrência em nosso *corpus*, permitiu-nos apresentar uma análise abrangente sobre as ações e as palavras usadas por José Cândido de Carvalho para suscitar o riso.

Mas não nos prendemos somente às ações e às palavras. Apoiados principalmente em Bérqson e Propp, incluímos em nossa análise as categorias do cômico de formas e movimentos, e do cômico de caráter. Desse modo, a análise dos contos selecionados, dar-se-á nos aspectos que o autor utilizou para enfatizar as quatro categorias previamente estabelecidas, a saber: cômico de formas e movimentos, cômico de ações ou situações, cômico de palavras e cômico de caráter.

Embora cada conto selecionado tenha sua narrativa acentuada necessariamente por uma das quatro categorias a que nos referimos, no processo de análise foi possível detectar correlações entre elas. Ainda que menos importante do que a categoria principal, a secundária, sempre que detectada, foi apontada e devidamente explicada.

Para facilitar a localização dos contos em *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon*, em parte anexa a este trabalho, além do sumário próprio da obra, enumeramos conto a conto, do número 1 ao 151. Dessa forma, além da página, referiremo-nos aos contos pelo seu número. Isso porque, muitas vezes, há mais de um conto em uma mesma página.

## 4.1 – Do cômico das formas e movimentos

### 4.1.1 – Aspectos físicos

A descrição detalhada das formas ou aspectos físicos das suas personagens é um recurso explorado por José Cândido de Carvalho para produzir o riso em seus contos. Entendemos por aspectos físicos, não só a deformidade física, como também o homem com aparência de animal, o homem-coisa, gesticulação exagerada, a imitação, a comicidade de diferenças e de semelhanças, além de deformações causadas por roupas e odores; assuntos que exploramos em nosso referencial teórico.

Nos contos selecionados destacamos o riso suscitado pelas características físicas. No entanto, é possível se perceber outros aspectos que serviram ao autor para provocar o riso, como a distração dos personagens e características lingüísticas do cômico representado por metáforas, comparações, contradições e hipérboles que indicaremos à medida que se apresentarem.

Sob o título ‘Os elefantes do tempo’, o conto 51 (p. 66-7) é o relato de um casal que, enquanto se arruma para sair, reflete sobre as condições físicas de um e de outro. Para o marido, a mulher “era um completo e acabado mafuá. Tinha de tudo, desde verruga no pescoço de zebu a esporão de galo nos pés.” Segundo o marido, se ela passasse na porta do circo seria contratada como elefante. A mulher por sua vez sente pena do marido. Outrora era “o sabiá-laranjeira de Brás de Pina”, agora mais parecia “um boi de presépio”, e conclusiva afirma que se “pelanca fosse dinheiro” seu marido seria o “Banco do Brasil em pessoa.” Já na rua, envolvidos em seus pensamentos, nem dão ouvidos à zombaria de um bêbado que ao vê-los garante haver “circo novo na praça”, porque “a elefantada está chegando!” Ela “em cima dos seus cem quilos” e ele “comboiando uma barriga de balão”.

As marcas do autor para tornar o conto cômico são: a distração do casal assinalada pela narrativa reflexiva; a comparação que fazem de si mesmos a animais presente em frases como: verruga no pescoço de zebu, esporão de galo nos pés, elefante, sabiá-laranjeira; as metáforas pejorativas: completo e acabado mafuá, boi de presépio; a aliteração presente na repetição da letra b e o exagero cômico, marcado pela hipérbole em expressões como: Banco do Brasil em pessoa, barriga de balão. Destaca-se ainda o nome do marido, Moscoso, citado 9 vezes no conto, que utiliza o sufixo oso que, linguisticamente, está relacionado com abundância, existência em grande quantidade.

O conto 22 (p. 41-2), sob o título ‘Amor imortal morre de tarde’, relata o “encontrão” ou “esbarrão” de duas pessoas que quarenta anos antes haviam sido muito apaixonadas. Sem se reconhecerem, Castro pondera: “- Uma ilha desta tonelagem devia andar no meio da rua, com placa de caminhão nas costas. É páreo para ônibus e não para gente de calça e botina.” E Mercedes: “- Cada tipo esquisito! Parece, de tão gordo, que está esperando criança. Se tivesse espelho em casa devia reparar que aquela sua cara de engomador elétrico não pode usar óculos nem costeleta. É cara para tomada de parede.”

O autor mostra uma predisposição para o cômico já no título do conto, pois faz uso de um oxímoro - figura de linguagem utilizada para harmonizar dois conceitos opostos numa só expressão, formando assim um terceiro conceito. Aliado a essa contradição no título, há a distração do casal – corrigida pelo encontrão, esbarrão – e a coisificação do homem – uma ilha desta tonelagem, cara de engomador elétrico, cara de tomada de parede – assinalando uma tendência do autor pelo cômico causado pelo exagero, pelo processo hiperbólico.

Neste caso, é importante ressaltar como dois conceitos tratados por de Bérghson (2001) evidenciam a veia cômica de José Cândido. O primeiro afirma que, para a pessoa que segue seu caminho sem se preocupar com os outros, “o riso estará lá para corrigir sua distração e para tirá-la do seu sonho” (op.cit., p.43) e o segundo assegura que “rimos sempre que uma pessoa nos dá a impressão de coisa” (op.cit., p.100).

No conto 55 (p. 73-4), sob o título ‘Como era verde o meu canhão’, há o reencontro de um homem com a mulher que trinta anos antes tinha sido seu amor. Na época fora impedido de namorá-la sob a ameaça de levar bala de canhão. Hoje era agradecido àquele canhão, porque ela estava “enorme, vazando gordura pelas presilhas.” Há aqui uma referência implícita a gíria canhão para referir-se a mulher feia ou sem atrativos. Aquela senhora “devia andar movida à gasolina e sobre rodas de borracha”. Há aqui uma referência ao canhão enquanto peça de artilharia, máquina de guerra. “Era melhor ser Papai Noel de casa de fazenda do que casar com aquele latifúndio.” Há aqui um trocadilho lingüístico entre as palavras latifúndio e fazenda.

O título do conto 55 faz alusão a um filme da década de 1940 intitulado ‘Como era verde o meu vale’. No filme assim como no conto os personagens recordam uma época já passada com saudosismo. José Cândido muitas vezes busca a comicidade existente no discurso polifônico, ou seja, na comparação, na alusão e na referência a

provérbios, slogans e ditados. Segundo Maingueneau (2005, p.170), por não explicitar a fonte do enunciado, José Cândido delega ao co-enunciador a responsabilidade de “identificar o provérbio como tal, apoiando-se, ao mesmo tempo, nas propriedades lingüísticas do enunciado e em sua própria memória”. No caso do título do conto ocorre o que Maingueneau denomina de *subversão*, ou seja, “quando o texto que imita visa desqualificar o texto imitado. Nesse caso a estratégia adotada é a da paródia” (op.cit, p. 173).

É interessante perceber que nos três contos analisados (22, 51, 55) o autor trata da relação amor-beleza e obesidade-feiúra, tendo o tempo como intermediário ou causa. O cômico criado pelas situações pode nos remeter a uma reflexão acerca da impossibilidade de se amar obesos ou da impossibilidade de obesos de se amarem, pela imposição do padrão de beleza ideal.

No relato do conto 12 (p. 32), sob o título ‘Na asa do último gás’, os serviços de um anão são oferecidos ao Pavilhão Americano. O anão é descrito como o maior saltador de altura da cidade. Com uma cacetada firme no tendão do pé, o sem-vergonha saltava mais que macaco em roça de milho. “Já disse e repito. Salta mais que o vento, mais que cabra e cabrito.” O cômico de José Cândido é evidenciado pela desproporção na altura da personagem e na comparação do anão com animais – macaco em roça de milho, cabra e cabrito. Linguisticamente chama atenção o peso no nome Jonjoca-Meio-Quilo com o fato de ele ser anão e também ser ele de Sapopira do Sul, em uma referência indireta ao anuro saltador.

Já a feiúra de um rapaz era o que mais encantava uma rica moça na cidade de São Sebastião da Várzea, segundo relata o conto 73 (p. 90-1), cujo título é ‘Um sujeito de linhas mal traçadas’. No entanto, ao saber da paixão da menina, o rapaz realiza uma modificação geral em seu visual e parte para “estraçalhar o coração da moça apaixonada.” Quando ela o vê, fica decepcionada com a transformação e põe um ponto final à paixão com estas palavras: “-Coitado! Mataram Zizito à tesourada de alfaiate. Ficou uma vaquinha de presépio. Não serve nem para a gente botar na lata do lixo.” O cômico está na inversão de valores de beleza padronizados e na coisificação da personagem: vaquinha de presépio.

A teoria de que os aspectos físicos podem desviar a atenção do moral para o físico e com isso suscitar a comicidade (cf. Bérghson, 2001, p. 38) vem ao encontro do cômico produzido por José Cândido de Carvalho no conto 136 (p. 150-1). Sob o título

‘Tango argentino morto a pauladas’, é o relato de um tabelião que viaja de sua cidade para o Rio de Janeiro para inteirar as autoridades do governo a respeito do que se passa em sua região. Porém, ao chegar ao Rio, o tabelião toma um banho demorado, exagera no perfume, muda as roupas tradicionais por roupas mais jovens e é visto a passear pela rua do Ouvidor. E para piorar sua situação aprende a dançar tango, algo considerado absurdo pelo relator dos fatos.

O cômico é percebido na transgressão à postura de autoridade determinada pela sociedade. No relato havia uma motivação moral para a visita do tabelião. Porém, quando alguns aspectos, como diferentes roupas e adereços, cheiros e atitudes, deslocam a atenção do leitor do moral para o físico, frustram a intenção intelectual e expõem um tabelião vaidoso, boêmio e folgazão, e com isso o autor obtém a comicidade. O linguajar utilizado pelo personagem do conto é bastante característico, provavelmente da região de São José dos Pilares. O destaque lingüístico está no trocadilho existente no fato do tabelião trabalhar em uma repartição e colocar uma roupa que “deixava a repartição traseira mais arrebitada do que rabo de tanajura”.

Dos exemplos analisados depreende-se que há a comicidade suscitada pelo exterior (físico, aparência) quando este se sobrepõe ao interior e torna claro um defeito que se tenta ocultar. Assim como há a comicidade suscitada pelo exterior, quando não se tem a noção exata de tempo e espaço. E, por fim, há a comicidade causada pelo exterior somente por contrariar o padrão social de harmonia e proporção. A assertiva de Propp (1992, p. 65), segundo a qual “têm razão os teóricos que, a começar de Aristóteles, afirmaram a identidade entre o cômico e o disforme”, vem ratificar a comicidade de aspectos físicos obtida por José Cândido de Carvalho.

## **4.2 – Do cômico de situação**

### **4.2.1 – Contradição**

Quando a ação vem de encontro ao que está previamente contextualizado e entendido ou subentendido pelo leitor, dá-se o paradoxo. Historicamente o paradoxo surge como elemento da retórica clássica. É importante considerar que a retórica, ou a arte de convencer e persuadir surgiu em Atenas, na Grécia antiga, por volta de 427 A.C., quando os atenienses estavam vivendo a primeira experiência de democracia de que se tem notícia na História. A retórica clássica se baseava na diversidade de pontos de vistas, no verossímil, e não em verdades absolutas. Naquela época os professores de

retórica em Atenas utilizavam o paradoxo para contrariar o discurso do senso comum. Uma das técnicas do paradoxo era criar discursos a partir de um antimodelo, ou seja, escolhia-se algum tema sobre o qual já houvesse uma opinião formada e escrevia-se um texto contrariando essa opinião<sup>22</sup>.

O paradoxo ou contradição é uma estratégia importante para suscitar o riso nos contos porque, na maioria das vezes, lida com situações cômicas cristalizadas pelo uso. Essas situações, normalmente, são engraçadas, independentemente das causas que nos fizeram achar graça. É o que se constata no “caso das variações em torno do tema do ladrão roubado. No fundo, trata-se sempre de uma inversão de papéis e de uma situação que se volta contra quem a criou” (Bergson, 2001, p.70).

Esta perspectiva ilumina a comicidade suscitada em alguns contos de José Cândido de Carvalho. É o que ocorre no conto 02 (p. 22-3). Sob o título ‘Viúva em quatro maridos’, narra o desejo de Jundiaí Carapebus de “ficar livre de dona Hermengarda e de sua mania de seguro de vida. Viúva de longo curso, pelos cuidados de Hermengarda transitaram três maridos, fora Carapebus, que ainda estava em pauta.” Ele a havia conhecido durante o luto do terceiro marido. “Funcionário de baixa extração, viu que era negócio hipotecar a solteirice na caixa-forte da viúva.(...) Foi nesse tempo que teve a idéia de acelerar a viagem de dona Hermengarda para o céu. Era mesmo para rir. Hermengarda, de papada e óculos, voando para Deus.(...) Foi pena que Jundiaí Carapebus pensasse nisso tão tarde. A bem informar, ele havia morrido dois dias antes, do mesmo modo que finou o capitão Albernaz de Melo, afogado numa feijoada. Subiu aos céus montado em toucinho e lombo de porco.”

Seguindo a mesma linha de raciocínio, em que o paradoxo suscita o riso, porque as ações da personagem contradizem algo estabelecido ou esperado pelo leitor, também está o conto 125 (p. 139-0). Nele o marido planeja a morte da esposa para apoderar-se da herança dela. Ocorre que é ele quem morre ao escorregar num degrau podre. “Era o quarto marido de dona Limocínia a tropeçar em degrau roído.”

Por meio destes dois relatos (02, 125), José Cândido suscita a comicidade pela contradição em cada conto individualmente e pela repetição, no conjunto. O autor reitera o conceito de comicidade de repetição abordado por Bergson. As coincidências

---

22

<http://books.google.com.br/books?id=oBESkw2IKhEC&pg=PA32&lpg=PA32&dq=retorica+classica+paradoxo&source=web&ots=yjxJfErfm&sig=igsuIgwTwi49qpaMV90BDKiF7PA&hl=pt-BR#PPA33.M1>, consultado em 12.02.08

dos relatos – ambos os maridos quererem dar um golpe na esposa, ambas as esposas perceberem e agirem antes dos maridos e ambas se livrarem do quarto marido – contrastam “o curso mutável da vida” (Bérgson, 2001, p. 67). Remetem-nos a uma reflexão sobre *vaudeville* (comédia ligeira e divertida) feita por Bérgson, que, aliás, parece ter sido feita sob medida para José Cândido de Carvalho. Ao abordar essa forma de construção do riso, ele pondera: “Mas a arte do contista e do autor de vaudeville não consiste simplesmente em compor o dito. O difícil é dar-lhe força de sugestão, ou seja, torná-lo aceitável. E só o aceitamos porque ele nos parece sair de um estado d’alma ou caber nas circunstâncias” (Bergson, 2001, p.47).

O conto 79 (p. 96) narra a história de um valente cobrador de dívidas que depois de beber cachaça deixa vir à tona toda sua valentia. Designado para cobrar uma dívida, conta vantagens e diz que faz e acontece. O fato é que o devedor o intimida por ser uma pessoa grande e pela faca que carrega na cintura. E, depois de somar e diminuir, chega à conclusão de que era a firma do cobrador que lhe devia dinheiro. O cobrador efetua o pagamento ao devedor e sai da situação “feliz da vida”, achando ter feito a coisa certa e dizendo que pedirá aumento na firma.

A comicidade de situação deste conto está na inversão de papéis. O riso é provocado ao se perceber a contradição existente entre aquilo que o cobrador falou e aquilo que de fato aconteceu. Novamente encontramos em Bérgson (2001, p.70) uma ponderação que parece refletir o pensamento de José Cândido ao suscitar a comicidade pela contradição: “É assim que rimos do réu que dá uma lição de moral ao juiz, da criança que pretende dar lições aos pais, enfim daquilo que se classifique sob a rubrica do “mundo às avessas.”

Nas análises realizadas constatamos que a contradição foi uma estratégia explorada por José Cândido de Carvalho para suscitar o riso em seus contos. Acreditamos importante finalizar estas considerações sobre a comicidade do paradoxo mencionando Travaglia (1989, p.62) que conseguiu sintetizar as diversas manifestações de contradição que provocam o riso. São elas:

negar o que é obvio pela situação; falar uma coisa e fazer outra; quando a ação, palavras ou atitudes contradizem algo estabelecido ou esperado de um grupo, instituição ou pessoa; o indivíduo falar de uma posição de sujeito que não é sua; quando duas pessoas tendo um objetivo comum em relação a uma terceira se contradizem; quando imagem e palavra se contradizem, ou seja, no uso de quaisquer dois elementos que se opõem e se contradizem.

#### 4.2.2 - Violência

Em 21 contos da obra que analisamos a comicidade é causada por uma narrativa rica em ações violentas. Por isso, consideramos importante uma reflexão sobre a representação da violência, ou ainda, ao discurso que a elabora e sua relação com a comicidade, pois segundo Michaud (1989, p. 111): “A violência são os fatos tanto quanto nossas maneiras de apreendê-los, de julgá-los, de vê-los – ou de não vê-los”

Em sua pesquisa, *O discurso da violência – As marcas da oralidade no jornalismo popular*, Dias (2003, p. 100) faz constatações a respeito de “uma violência filtrada pela comicidade”. A autora pondera: “Os aspectos grotescos, maliciosos, humorísticos acabam por amenizar a violência efetiva.” (op.cit., p. 115). Em outro artigo, ao abordar a relação do jornal sensacionalista e sua relação com a comicidade, Dias (2001, p. 214) afirma:

(...) como é o caso do humor, enquanto efeito de sentido, em notícias que tratam da morte, do crime e de insucessos de várias ordens. Contudo, observamos que é matéria do risível, no jornal popular, não propriamente o crime, o infortúnio, mas o modo como tais acontecimentos são relatados e representados no discurso da notícia.

De fato, a descrição bem humorada de contendas e conflitos é uma estratégia utilizada em nosso *corpus* para suscitar o riso. É nesse sentido que o riso do conto 40 (p. 56-7), sob o título ‘Saldos de uma tarde de verão’, narra o ocorrido no jogo entre o time de Poço das Antas e “o pessoalzinho de Seridó da Serra.” Quando o juiz da partida anulou “um gol feito com as duas mãos pelo time de Seridó da Serra”, deu-se o “Juízo Final, uma coisa nunca igual inventada.” Depois de tudo serenado surgiram os “troféus da guerra: cinco bonés, vinte e três garruchas, dez facas de matar porco, um mapa do Ceará, um retrato do Padre Cícero, duas dúzias de patuás, um vidro do famoso Xarope São Domingos e a gloriosa cadeira de rodas do major Nepomuceno Beirão que comandou a imortal batalha.”

O conto 17 (p. 36-7), com o sugestivo título: ‘Porretada nos ipisilones da confraternização geral’, segue a mesma linha narrativa. Relata a violência ocorrida durante o jogo entre a equipe de Limoeiros e a equipe de Jacarezinho. “Serenado o comício de cacetadas”, o delegado remeteu um relatório aos seus superiores em que dizia que “o pessoal embirrou com a costeleta” de um “treze-de-maio, mulatão do time visitante”. Mas o “piormente” aconteceu quando os visitantes, sem a menor “respeitoria” pelo povo de Limoeiros, “deu de enfiar gol no cangote de gol. Aí, com justas razões, o povo do distrito deixou de banda as boas educações e largou porretada

de fundir os ipisilones da dita confraternização”. Nem tudo foi prejuízo, “Dona Escolástica de Araújo levou uma bolachada tão bem lavrada naquela cara de fogão a gás que aprendeu a andar de bicicleta.”

O conto 54 (p. 73) também tem um título sugestivo: ‘Nos braços de uma cacetada’, e narra a violência sofrida pelo “pobre juiz Fofó Cruz”. O jogo entre a equipe de Jabuticabeiras e o “pessoalzinho sem caráter de Riachão do Norte”, ocorria de forma tranqüila, até que o juiz marcou penalidade máxima e antes de autorizar a cobrança do pênalti desmaiou “nos braços de uma cacetada que levou de dona Leôncia das Mercês, impoluta madrinha do time de Jabuticabeiras.” Diante disso, “o povo desta jurisdição, no maior ardor cívico, aproveitou para botar para correr um magote de cabeludos que veio na rabeira do pessoal de Riachão do Norte. Foi tanta cacetada de tremer a praça do Mercado.” No fim das cacetadas, os retirantes haviam deixado para trás: “quatro pneus de caminhão, um motor, uma bateria, uma caixinha de pastilha Valda, um vidro de brilhantina Quebra-Galho, dois bigodes e meio, duas costeletas em bom estado de uso, uma cabeleira encaracolada que foi cortada a serrote, um anel de horóscopo, fotografia de um disco voador, três bonés zebreados, o mapa do glorioso Estado do Piauí, uma carta de pedido de emprego, um pacote de mariola, uma receita para queda de cabelo e o retrato de uma certa Minervina Cunha (...)”.

Os três contos (40, 17, 54) se assemelham por narrarem brigas em disputas de futebol. No conto 40 há uma predisposição ao cômico já no título, que estabelece um diálogo com a comédia de William Shakespeare: ‘Sonhos de uma noite de verão’. Essa relação entre textos é considerada intertextualidade e pressupõe um universo cultural muito amplo e complexo, pois implica na identificação e no reconhecimento de remissões a obras ou a trechos mais ou menos conhecidos. A intertextualidade está ligado ao "conhecimento de mundo", que deve ser compartilhado, ou seja, comum ao produtor e ao receptor de textos<sup>23</sup>.

Outra característica que suscita o riso e está presente, tanto no conto 40 quanto no 54, é de fato o saldo da briga, com objetos inusitados como “dez facas de matar porco, um mapa do Ceará” – no 40 – e “o mapa do glorioso Estado do Piauí, uma carta de pedido de emprego” – no 54. No conto 17 o riso é assinalado pela escolha lexical – “um treze-de-maio, mulatão do time visitante”, pois a data faz referência ao dia da libertação dos escravos e é justamente o personagem pivô da confusão – pelos

---

<sup>23</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki/Intertextualidade>, consultado em 12.02.08

neologismos – “piormente”, “respeitoria”, “justicialista” – e pela metáfora hiperbólica e caricatural – “cara de fogão a gás”.

Outras histórias também estão dentro da perspectiva de suavizar o discurso da violência com uma narrativa cômica. É o que ocorre no conto 127 (p. 142-3). Sob o título ‘Extrato de mulher é solavanco’ relata o conselho dado por Jordão de Araújo a Neném Cruz: “- O negócio é meter a cara. Mulher não gosta de sujeito mariquinhas. Gosta de sarrafo, Seu Neném. Energismo! Tu chega na aba da saia de Ocarina e vai desempacotando naquela cara de marmita de operário o ventilador da mão. Quanto mais firme o tapa mais ela vai apreciar. É o que eu digo sempre, Neném. Mulher gosta de solavanco.” Neném segue o conselho do amigo e se dá mal. “Pois é. Cheguei e despachei o braço na cara de engomador elétrico de Ocarina. A sarará tirou o corpo fora, de modo a me largar um tapa-olho de Camões que não lhe conto! Aí meti uma cabeçada de bode velho. Outra vez a sarará, que parecia aparentada dos capetas, deixou passar a minha cabeçada e na passagem largou o alicate da mão bem no meu passador de farinha. Aí desfolhei por cima de uns pés de espada-de-são-jorge e dei de espernear como galinha na hora do facão.”

A violência do conto 127 provoca o riso por meio do uso de metáforas hiperbólicas: “cara de marmita de operário” – determina característica física da pessoa que se pretende agredir, provavelmente um rosto comprido; “ventilador da mão” – caracteriza a agilidade do golpe, como o movimento circular do ventilador; “idéia de mula-sem-cabeça” – idéia absurda; “cara de engomador elétrico” – mais uma forma pejorativa de se referir à vítima; “um tapa-olho de Camões” – golpe recebido pelo agressor; “cabeçada de bode velho” – referência a uma provável diferença de idade entre agressor e a vítima; “passador de farinha” – referência a garganta; “funil da respiragem” – referência ao nariz. O autor, na busca pelo riso fácil, fez escolhas lexicais que empobreceram suas metáforas e, conseqüentemente, suas narrativas.

Nesse sentido também está o conto 33 (p. 50-1). Sob o título ‘Um mestre de confissão espontânea’ narra o relato do delegado Xenxém Cardoso, de Cacimbas do Livramento, a respeito da prisão de Vandílio Rosa. “Abri o processo com uma surra de cipó que foi um santo vomitório. Na quarta rodada de embira, o indigitado suspeito confessou um jacá de vandalismos, numa totalizagem de mais de oitocentos e cinquenta e três e meio delitos. O escrivão Jurandino Chaves trabalhou duas semanas de modo a meter em termos da Justiça tanta grandeza de maldade. Foi tanto crime e delitagem que

a gente teve que dar outra surra em Vandílio para o indigitado recuar e não arcar com a responsabilidade da morte de gente que ainda está viva e vota no governo.”

O riso do conto 33 está no exagero cômico contido em expressões como: “quarta rodada de embira (...) um jacá de vandalismos, numa totalização de mais de oitocentos e cinquenta e três e meio delitos” e também na contradição presente entre forçar a confissão e forçar a negação da confissão posteriormente.

### 4.3 – Do cômico de palavras

#### 4.3.1 – Gíria

À medida que surpreende pela criatividade, pela originalidade e pela estranheza que provoca, a gíria transforma-se em uma estratégia do riso. Surge como um fenômeno sociolingüístico geralmente no vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria pelo conflito que estabelece com a sociedade. Converte-se em *gíria comum* no momento em que a linguagem do grupo deixa de ser restrita e propaga-se para a sociedade, tornando-se conhecida e passando a fazer parte do vocabulário popular (cf. Preti, 2004, p.66).

A gíria comum é “parte do vocabulário usado na linguagem da comunicação cotidiana necessária, espontânea e despolicada, falada comumente pela média da população urbana e contaminada pelas linguagens especiais das pequenas comunidades” (Urbano, 2001, p. 182). O homem moderno pode utilizar a gíria para enfatizar uma postura crítica e contestadora frente às injustiças sociais. Nesse sentido, a gíria encontra no riso grande aliado. É o que ratifica Preti (2004):

O vocabulário gírio, com seu humor, sua ironia, seu poder agressivo (quando não injurioso), cumpre, também, o papel de um verdadeiro processo de catarse, de purgação para o homem moderno, que nele encontra uma das formas de defender-se das injustiças sociais, atacando-as no conservadorismo de sua linguagem, para compensar sua revolta e frustração.

Sob o título ‘Amante de Sevilha com bofetada no terceiro ato’, o conto 133 (p. 147-8) faz uso da gíria para suscitar o riso ao narrar o teor da carta de Sandoval Moscoso ao primo Betinho Moscoso de Barrinha de Serapuí. Ele relata que, desde que fugiu com o dinheiro da Prefeitura de Barrinha, arrumou emprego no Circo Internacional. “O trabalho mais pau-com-formiga que peguei foi de Judas. Sabe como é o povinho dos matos, que só deseja ver o desgraçado do Judas estrebuchando nas cordas do enforcamento. Em Iguabinha, lugar danado dos colarinhos, quase morri

dependurado. Na hora da figueira, naquele temporal feito de lata de querosene nos ouvidos, um sem-vergonha com cara de porco-espinho pulou no palco e veio apertar meu gasganete. Foi uma batalha, Betinho, para fazer o vaca-braba desocupar meu gogó.” O relato prossegue dizendo que agora o serviço é mais leve: “Apanho bofetadas no terceiro ato do drama *O amante de Sevilha*. Mas tenho promessa de pegar o cargo de galã da peça *O ladrão elegante*.” Se isto acontecesse daria “beijos de repuxo na cara bonita de Rutinha Cruz, uma coisa feita de curvas e recurvas. Essa lindeza vai fazer a figuração de certa madama muito virtuosa, sortida de rococós e não-me-toques.” E termina enfático: “Comigo ela vai perder os pivôs. Vai sair do palco com os beijos e partes próximas em fogo vivo, que em negócio de realismo estou sozinho.”

O sufixo *oso* nos nomes dos personagens indica a idéia de posse plena, de abundância, de existência em grande quantidade. Se considerarmos *Moscoso* uma derivação da palavra *mosca*, poderemos enquadrar o comportamento de *Sandoval* como muito inoportuno. O que pode ser confirmado com o fato de ele ter saído às pressas com a maleta dos impostos da prefeitura de Barrinha. Para o primo *Sandoval* esforça-se por passar uma imagem de trabalhador dedicado. É nesse sentido que o uso da expressão gíria “pau-com-formiga” busca valorizar o trabalho de *Sandoval* no circo. Significa que ele tem ambições e está preparado para todo tipo de serviço. Outra expressão gíria “vaca-braba”- representa uma pessoa descontrolada que ele teve que enfrentar durante o trabalho - vem confirmar sua disposição. As metáforas estão relacionadas com a dificuldade e perigo do trabalho realizado. O desejo de *Sandoval* com tal esforço é beijar uma moça e os termos gírios: “sortida de rococós e não-me-toques”, “perder os pivôs” e “fogo vivo”, buscam valorizar a dificuldade dele nesse intento. As metáforas fazem menção à sexualidade.

Em outro exemplo do uso da gíria, o conto 01 (p. 21-2), sob o título ‘Uma festa montada em fatias de mortadela’, narra o ocorrido com o major *Aniceto Cunha*, durante uma festa de aniversário, no Hotel *Palmeiras*. A tudo que lhe ofereciam o major recusava. “Vez por outra, uma chegava e indagava: - Major, quer um copo de maracujá? E o major: - Não bebo coisa de moça. Outra vinha e indagava: - Major, aceita licor de jenipapo feito pela viúva *Frazão*? E o major: - Militar que é militar não bebe. Mesmo já aposentado do pau-de-fogo.” Deu-se tamanha desordem quando o major respondeu para todos o que mais apreciava nas mulheres. De nada adiantou chamarem *Dr. Zozó* para desagrar a honra do estabelecimento, pois ele concordava como o major. “O major foi despejado como sem-vergonha. E o doutor como ajudante dele.”

A força da comicidade no conto 1 está na aliteração. A repetição das sílabas ma, me, mi, mo, mu são responsáveis por dar graça à sonoridade. Destacamos as palavras: montada, mortadela, major, maracujá, moça, militar, mesmo, mulheres. A gíria “pau-de-fogo” é relativa à revólver. A metáfora pode ser associada à sexualidade uma vez que o major foi acusado de sem vergonha.

Em sua obra, *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*, Preti (1984) destaca a importância da gíria na manifestação da linguagem erótica. Sua pesquisa se deu em *O Coió*, um periódico cômico-erótico, publicado no *Dicionário Moderno*, no começo do século XX, no Rio de Janeiro. Segundo o autor:

Verificamos que a obra, mesmo surgindo anônima, no contexto leviano de um periódico humorístico, representa, de fato, um levantamento muito original e historicamente pioneiro de um ângulo pouco estudado da cultura popular: a linguagem erótica e suas várias manifestações na gíria, no vocabulário obsceno, e nos processos lingüísticos de expressão da malícia (Preti, 1984, p. 2).

Nossa pesquisa vem ao encontro das considerações de Preti (1984) ao analisarmos a gíria em contos cômicos com um fundo erótico. É nesse sentido que entendemos a expressão “alisador de cadeira” – nádega – termo utilizado por um vendedor de máquinas, no conto 24 (p. 43), ao relatar ao primo os motivos pelos quais se casaria com uma moça da cidade: “Cuido que vou acabar tomando estado em Guaxirim com moça de uns turcos entranhados em comércio de panos, uma família muito distinta, com três incêndios nas costas, todos três garantidos pelo seguro. No quarto fogo, que não vai demorar a ter, pois já botaram o estabelecimento a salvo de corisco e curto-circuito, eu caso, que nessa altura o fogo já consolidou o prosperismo deles e a menina do meu xodó, além de possuir alisador de cadeira de fino trato, já deve ter o baú da herança mais que cheio”.

Na mesma linha de raciocínio está a expressão “assentador de moça” – nádega – do conto 41(p. 57-8) que tem como título: ‘Anão no vento das quatro horas da tarde’. “E por causa de uma discussão sobre coisas de zepelim e assentador de moça, o anão Azevedinho Codó levou, de um certo Chico Pereira, pescoção de tal modo peçonhento que atravessou de foguete toda a cidade de Guarus e sumiu para o lado do Piauí numa poeirinha de não ser mais visto”.

Nesse sentido também está a expressão “atrasado de moça bonita” – nádega – do conto 140 (p. 154-55), que tem como título: ‘A gloriosa morte de Gaudério Paiva’ e narra o encontro de dois velhos amigos. Como um deles está todo “modernão,

vistosão”, o outro pergunta: “-Homem de Deus, que avanço é esse?” A resposta é: “-Cala a boca, Pestana. Morro mas não entrego a rapadura. Sei que estou velho, que estou fora do compasso. De manhã, quando acordo, tenho de ser desempenado por dois especialistas em reumatismo. Mas logo que piso a rua do Ouvidor ou a rua das Marrecas sou outro. Empino o peito de 1901 e não perco um atrasado de moça bonita.”

A linguagem erótica continua utilizando a gíria para suscitar o riso em expressão como “um par de possuídos” – seios – encontrada no conto 26 (p. 44-5). Sob o título ‘Bode velho pede capim novo’, narra a história de Cincinato Pereira que “almoçava e jantava provérbios.” Aos sessenta e nove anos, embrulhado na bandeira que diz que “o coração não envelhece”, abalou “a cidadezinha de Santo André de Macabu com a novidade de seu casamento contra a menina Ritinha Barbeitas, moça tenrinha em idade, mas com um par de possuídos que fazia o povo sem brio de Santo André parar e olhar para trás. Cincinato também olhou para trás, gostou e casou.(...) Dois meses andados, no esforço de subir e descer as ladeiras e curvas da menina Ritinha, o professor sentiu fina agulhada no peito, arregalou os olhos e pediu padre. E antes que a morte viesse, enquanto alisava os torneados e partes afins da esposa, deixou escapar seu último Marquês de Marica: - Bode velho pede capim novo. E fechou o pasto.” Este conto também tem apelo cômico pelo trocadilho – velho/novo; e pela metáfora – peso da idade/vigor da juventude, contidos no provérbio do título e pode ser enquadrado dentro do humor sexual pela referência as carícias do marido na esposa. Segundo Maingueneau (2005, p. 169) a enunciação proverbial é polifônica e quando se profere um provérbio significa fazer ouvir, por meio de sua própria voz, outra voz, a da “sabedoria popular”.

A expressão “maior par de amamentadores de criança” – seios – é usada para descrever uma moça que se encantou por um cantor de tango argentino sedutor, conforme narra o conto 117 (p. 133), ‘Os destroços de um bigode’: “Para abertura dos trabalhos, derreteu, com uma nesga de olho, o coração da filha do major Afonsinho Bragança, menina de boas leituras e responsável pelo maior par de amamentadores de criança de Penedos e circunscrições adjuntas. Ao ver passar pela rua da Praia o bigode de ponta caída de Pereda, a moça Bragança revirou os olhos, colocou a mão no peito e teve um acento circunflexo no coração. Avisou: - Vou ter uma coisa. Sei que vou ter.”

Encerramos a discussão sobre o riso suscitado pela gíria – estratégia utilizada por José Cândido de Carvalho – com o posicionamento de Bérqson (2001, p. 94) sobre o tema: “Uma palavra basta às vezes, desde que nos permita entrever todo um sistema

de transposição aceita em certo meio e nos revele, de algum modo, uma organização moral da imoralidade.”

#### 4.3.2 - Metáfora

A metáfora, na obra de Bérqson, é tratada como uma estratégia lingüístico-discursiva que suscita o efeito jocoso por meio da interferência de séries, conceito segundo o qual é possível “dar à mesma frase dois significados independentes que se superpõem” (Bérqson, 2001, p.90). A metáfora provoca o riso à medida que a transposição de significados entre os termos dê-lhe sentido diferente do próprio, por analogia ou semelhança. É o que o autor ratifica ao dizer: “Obteremos efeito cômico se fingirmos entender uma expressão no sentido próprio quando ela é empregada no sentido figurado. Ou ainda: Quando nossa atenção se concentra na materialidade de uma metáfora, a idéia expressa se torna cômica” (Bérqson, 2001, p.85-6).

Nesse sentido o conceito de Bergson ilustra a comicidade suscitada pelas metáforas utilizadas por José Cândido de Carvalho. É o que ocorre no conto 95 (p. 110-1). Sob o título ‘Abriu as velas e foi embora’ narra a história de uma queixa, feita pela velha Quinzinha Seixas, ao delegado Zozó Dias contra o capitão Bartolomeu Pimenta que “para além de vinte anos de galés” teria “desonestado uma sua afilhada ainda dentro da menoridade.” Convocado para depor o capitão lamentou “não ser autor de tão mimoso despautério.” E metafórico ponderou: “- Seu Zozó, para enfrentar mar virgem, como é a dita afilhada da velha Quinzinha, menina na força das dezoito marolas, carece o sujeito de leme rijo a tempo e a hora. E eu, amigo Zozó, nem mais pequena cabotagem faço quanto mais sair de barra afora com uma navegação desse quilate! Não tenho capacitismo, delegado Zozó!”

No conto podemos destacar o riso causado pela utilização de algumas metáforas marítimas: “para além de vinte anos de galés” – referência ao tempo decorrido de navegação ou ao tempo do fato ocorrido; “mar virgem” – virgindade da moça; “dezoito marolas” – idade da moça; “leme rijo a tempo e a hora” – órgão sexual masculino sempre pronto; “pequena cabotagem” – mínima atividade sexual; “navegação desse quilate” – referência ao vigor e à disposição da moça.

Corroborando com o conceito de metáfora, Propp (1992, p. 133) ressalta que é o “estilo lingüístico” do autor que “suscita no leitor uma contínua sensação de admiração.” Afirma que o êxito da comicidade está em se apropriar das particularidades

e sutilezas encontradas nas formas de expressão abstrata, campo das idéias e figurada, imagens visuais. E reconhece que a expressividade da língua é um fator importante nesse sentido.

Em ‘O virilhista’, conto 03 (p. 24), o protagonista faz uso da metáfora para descrever o término de seu casamento ao compadre. Segundo ele: “Nunca que botei sua comadre em estado de nove meses.” Continua metafórico: “Comprei um livro de safadeza e até seus corredores de baixo joguei na mão de doutor de preço, coisa que um Barbosa nunca fez em derredor de duzentos anos, por ser uma sem-vergonheira de fazer meu finado bisavô Pantaleão espumar na sepultura.” E a metáfora final: “-Pois é, compadre. Fui muito infeliz de virilha.”

As metáforas que suscitam o riso no conto são: “estado de nove meses” e “infeliz de virilha” referindo-se à incapacidade do protagonista de engravidar sua esposa. E as expressões: “corredores de baixo” – parte sexual feminina; “espumar na sepultura” – discordar da ação.

Sob o título ‘Tarde demais e Inês morta’, o conto 05 (p. 25-6) narra a história de Rebordão Castanheira que, ao receber uma carta de Lisboa, “tossiu sua tossinha de cemitério, foi ver a cara no espelho e disse: - Chegou tarde!”. Na carta um advogado comunicava que um tio, “duas quinzenas antes de empacotar, havia feito dele herdeiro de todos seus teres e haveres, coisa de monta, com vinhedos, dinheiros em banco, apólices, dividendos, cachos de casa, uma por cima da outra.” A narrativa prossegue metafórica: “a vida toda sonhou com os altos-relevos das damas em noites de braços macios. Tudo isso na camaradagem de bifés impulsionados a vinho de preço. E cinqüenta anos passaram sem damas, sem braços, sem vinhos. O que Rebordão teve em quantidade de encharcar, foi papel para despachar em sua pobre mesa de amanuense da Inspeção das Águas. Foi humilhado e ofendido. Aturou diretores e subdiretores que falavam com os pés. Certa ocasião, por causa de uma vírgula, levou um montanhoso bofetão. E ao querer casar com a menina Peralgina, filha de um reles chefe de seção, teve o pedido indeferido a socos. Foi para Catumbi com o nariz de Rebordão Castanheira e voltou com o nariz de ananás.” A narrativa prossegue dizendo que “depois de uma papelada de trinta e cinco anos de tamanho, Rebordão era um caco. Por ele haviam passado mágoas e fomes. Vivia por procuração, nos braços dos remédios.” Amassou a carta e a jogou no lixo. Enviou uma resposta ao advogado em que afirmava não ter preparo para arcar com tanta herança junta. “E voltou para a janela da Pensão Santa Rita de modo a olhar a chuva que caía triste como um amor perdido.”

As metáforas responsáveis pelo riso no conto 05 são: “tossinha de cemitério” – tosse de pessoa doente próxima de morrer; “empacotar” – morrer; “alto-relevo das damas” – seios e nádegas das mulheres; “falavam com os pés” – eram agressivos; “trinta e cinco anos de tamanho” – muito grande; “nos braços dos remédios” – dependente de remédios.

É importante realçar que o autor utilizou a intertextualidade no título do conto para nos remeter a um fato que acontece tardiamente. A expressão ‘Agora Inês é morta’ que dialoga com o título do conto vem de uma história na qual um nobre quer se casar com Inês, porém, já era tarde demais, pois ela já estava morta. Inês de Castro, uma nobre castelhana, foi amante do futuro Pedro I de Portugal, tendo sido executada às ordens do pai deste, Afonso IV. Era filha bastarda de um cavaleiro galego e tinha irmãos favoráveis à junção de Portugal ao Reino de Espanha. Ao morrer a primeira esposa de D. Pedro I, D. Afonso IV e seus vassallos sentem-se ameaçados pela possível influência de Inês de Castro na vida política do futuro rei. Temendo pela independência de Portugal, o rei cede às pressões dos seus conselheiros, e aproveitando a ausência de Pedro numa excursão de caça, envia Pêro Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco para executar Inês. Ao retornar, D. Pedro encontra sua amada Inês morta. A morte de Inês fez com que Pedro se revoltasse contra Afonso IV, a quem responsabilizou pela morte e este fato provocou uma sangrenta guerra civil. Com a morte de D. Afonso IV, D. Pedro I assume o trono e coroa Inês, sua rainha. D. Pedro mandou construir dois esplêndidos túmulos no mosteiro de Alcobaça, um para si e outro para onde trasladou os restos de sua amada Inês. O cadáver de Inês em estado de composição é colocado no trono, e a realeza portuguesa é obrigada a beijar sua mão<sup>24</sup>.

A metáfora também é o que realça a comicidade do conto 10 (p. 30). Com o título ‘Um quilo de espírito público, por favor!’ narra à história de um funcionário público que depois de beber, desanda em confidências ao seu compadre. Admite que com a bebida o “sujeito fica liberado de tudo. (...) Nas minhas águas, sou outra prosopopéia.” Bêbado, é capaz de dizer na cara do prefeito “que ele não passa de um ratão velho”. Sem bebida, é “serviçal de tudo que é graúdo da terra.” Até artigo de louvor “andou derramando” para o prefeito, “esse animal de tração”, quando “inaugurou quarenta anos de furtos e roubos na jurisdição”. E metafórico, afirma que “se baixar nesse ninho de Ali-Babá uma inquirição do governo não fica ninguém do lado de fora.”

---

<sup>24</sup> <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20060914080615AArODap>, consultado em 12.02.08

Inclusive ele que quando não está “bebido de gambá”, também mete “a mão nos impostos.”

As metáforas responsáveis pelo riso no conto 10 são: “nas minhas águas” – quando bebo; “rato velho” – ladrão; “animal de tração” – forma pejorativa de se referir a uma pessoa; “ninho de Ali-Babá” – conjunto de ladrões; “bebido de gambá” – bêbado; “meto a mão nos impostos” – roubo. Destaque para a metáfora do título que está colocada como se fosse um pedido de um cliente ao garçom e ironiza a honestidade dos funcionários públicos.

A metáfora, como vimos, permite a comparação entre dois elementos por meio de seus significados e pode provocar um efeito inesperado no significado de um termo quando comparado ao outro. Por isso, esse efeito surpresa contribuiu para tornar a metáfora uma estratégia do riso muito utilizada por José Cândido de Carvalho.

### 4.3.3 – Ironia

A ironia é uma importante estratégia do risível. Cabe, no entanto, uma reflexão a respeito das considerações de Nash (1985), segundo as quais há uma dificuldade em se achar definições claras e aplicações concisas do uso da ironia. Para ele, o conceito de ironia perdeu muito de seu conteúdo técnico e acabou por se tornar um rótulo afetivo do qual não se consegue denotar um tipo de uso lingüístico. O autor afirma:

(...) os críticos literários passaram a ter o hábito de usar a palavra para denotar qualquer reflexão oblíqua, qualquer inconsistência de caráter, qualquer volta imprevista na história, qualquer sinal de uma corrente perversa de significado não direcionado (dito diretamente) pelo autor. (Nash, 1985, p. 152)<sup>25</sup>

Na contramão das idéias de Nash (1985), Propp (1992) considera de fácil entendimento a definição de ironia. Para o autor, “na ironia se expressa com as palavras um conceito, mas se subentende (sem expressá-lo por palavras) um outro, contrário.” Nesse sentido, a linguagem falada é mais expressiva porque possibilita para a ironia “uma particular entoação escarnecedora.” À medida que expõe algo negativo por meio de palavras positivas, a ironia transforma aquele (ou aquilo) de que se fala em motivo de chacota, “nisto está sua comicidade” (Propp, 1992, p. 125).

---

<sup>25</sup> “particularly since literary critics are in the habit of using the word to denote any oblique reflection, any inconsistency of character, any unforeseen turn in the fable, any sign of a perverse current of meaning not directed by the author.” [Trad. nossa].

Para explicar o uso da ironia como estratégia do riso, Bérqson discorre a respeito do conceito de transposição. Ao transpor uma expressão do sentido ideal para o sentido real, gera-se uma oposição entre o que é e o que deveria ser. Segundo o autor, a ironia consiste em expor “o que deveria ser, fingindo acreditar que isso é precisamente o que é”. Além disso, traz a questão do fenômeno irônico para o plano da retórica ao afirmar que “a ironia é de natureza oratória” (Bérqson, 2001, p. 95).

Corroborando com o conceito de Bérqson a respeito da ironia, Brait (1996) faz alguns questionamentos a respeito da dificuldade em se entender a oposição proposta entre o sentido ideal, tratado como ‘sentido figurado’ e o sentido real, tratado como ‘sentido próprio’. Segundo a autora, por conta da ambigüidade comum a este tipo de jogo irônico é necessário contar com conhecimento compartilhado do leitor que precisa “descodificar, conscientemente ou não, as implicações, as sugestões que estão veiculadas” (Brait, 1996, p. 42).

Já para Freud (1996) também há uma preocupação do autor com o entendimento da ironia por parte do leitor. Afirma que no processo de criação da ironia são colocados sinais na mensagem que revelarão as intenções do autor em dizer o contrário do que quer sugerir. Neste caso, porém, o leitor se satisfaz justamente com o fato de a ironia lhe inspirar um esforço de contradição. Em sua obra ele assegura que a “única técnica que caracteriza a ironia é a representação pelo contrário” (Freud, 1996, p.76).

Pinto (1970, p. 26, 29 e 37) reforça o conceito defendido por Bérqson (2001) em que a ironia evidencia “o que deveria ser fazendo crer que assim é na realidade”. Acrescenta que embora provoque o riso “quase sempre ela é da mais profunda amargura.” E reconhece a ironia como sendo “a principal característica do moderno humor americano”. Por sua vez, Jerkovic (1970, p. 50) afirma que a transposição entre o “mundo do nosso dia-a-dia com um mundo deliberadamente reduzido ao absurdo” cria o paradoxo irônico. Dessa forma, a ironia transforma-se em um instrumento para se violar as convenções sociais, ignorando “deliberadamente a “sabedoria” constituída”.

José Cândido de Carvalho traz a ironia para algumas situações em que a intenção da personagem é uma, mas a consequência de seus atos, é outra. Sob o título “Dilúvio ao alcance da mão”, o conto 105 (p. 122) narra a história de um feiticeiro contratado para fazer chover em Jundiá dos Patos. “Deu bom-dia e perguntou em que confim andava o banheiro. (...) Entrou, puxou a descarga e no mesmo instante, como coisa feita, deu um pé d’água em Jundiá como nunca ninguém em cem anos viu ou teve

notícias. (...) Correram para pedir ao feiticeiro que estancasse tão grande sangria. O sujeito não estava. Em seu lugar deixou este bilhete: Sou representante da firma de tecidos Vieira Peixoto & Cia. e nunca que lidei com água do céu. A minha desgraça foi puxar a descarga.” Pode-se destacar ainda a inversão de sons entre as letras g e ç de desgraça e as letras c e g de descarga como recurso lingüístico que provoca o riso.

O conto 04 (p. 24-5), com o título ‘Ferreira Alves & Cia. vai para o céu’, relata a visita da mulher ao túmulo do marido. Depois de olhar para os lados, “falou bem junto do retrato dele perto da aba esquerda do bigode do pranteado: - Bem que te avisei, Ferreira. Bem que te disse que o doutor Botelho Santos estava de olho em teus teres e haveres. De receita em receita, de pozinho branco em pozinho branco, tu foste recambiado para o céu. Enquanto isso, o doutor Botelho ficava com a Panificadora Duas Pátrias, com a tua casa de Nova Iguaçu, com a tua bicicleta de quatro espelhos e com mais esta tua mulher que sou eu. Mas fica sossegado, Ferreira, que teus negócios na mão do doutor Botelho vão de vento em popa. Vais ter um lucro enorme no fim do ano.”

No conto 04 é a ironia está no sentimento de vingança da mulher por não ter sido ouvida. São irônicas expressões como “falou bem junto do retrato dele” como se fizesse diferença a distância da fala uma vez que falava com o retrato de um morto. Destacamos a expressão “foste recambiado para o céu” que significa devolvido ou reenviado “para o céu” e também o cinismo da mulher ao se incluir entre os bens cuidados pelo doutor Botelho. Ironicamente ela pede para o morto ficar sossegado que terá “um lucro enorme no fim do ano.”

O conto 78 (p. 95), sob o título ‘O maravilhoso a serviço municipal’, é o relato da prisão de Antônio Sapo que, “pelos poderes da treva”, fez “Bentinho Ramos botar um ovo de galinha em pleno largo da Lapa, foi preso pelo delegado Chiquinho Kalil com o respectivo delito do crime, o mencionado ovo. (...) E estava Chiquinho desatarraxando a confissão de livre e espontânea vontade do dito sujeito, com o auxílio de um par de alicates e medicamentoso maçarico de bombeiro, quando a competente autoridade desatarraxadora deu de dar coices, fazer macaquismos de jerico e urrar em feitiço de jumento. (...) E mais depois, nem era passada meia hora, brotou a primeira orelha grande, de ventarola, em Chiquinho.” Transformado num cavalo, Chiquinho foi indicado “para a diretoria do ensino municipal com a brecha deixada por Pedrinho do Carmo, que aprendeu a ler e escrever, fez dois discursos e foi ser caixeiro em Diamantina .”

A parte final do conto é toda irônica. Um cavalo foi indicado para a diretoria do ensino municipal, porque a pessoa que lá estava aprendeu a ler e a escrever e virou caixeiro em Diamantina.

Sob o título ‘Do purgativo saiu uma borboleta’, o conto 23 (p. 42-3) relata o erro cometido pelo boticário Zito Pereira. Errou a indicação de um remédio e fez com que o juiz de paz Arcanjo Aragão sofresse com uma desordem estomacal. Depois de curado, em represália, o paciente manda um telegrama irônico para um compadre nos seguintes termos: “PEÇO REMETER URGÊNCIA MAIOR PURGATIVO DE CAVALO ENCONTRAR NA PRAÇA PARA SALVAR VIDA BOTICÁRIO ZITO PEREIRA.” Depois de tomar o remédio, o boticário “ficou tão fino que virou borboleta. Pegou um vento de mau jeito e morreu.”

A ironia está presente no fato de pedir um remédio para salvar a vida com intenção de matar o boticário.

O conto 52 (p. 71-2), com o título ‘A vírgula não foi feita para humilhar ninguém’ relata a história de Borjalino Ferraz que perdeu o emprego na prefeitura por exagerar no uso da vírgula em seus ofícios. É comunicado com ironia pelo seu superior de que a “comarca não tem dinheiro pra comprar vírgulas novas”. Estudou gramática, aprendeu a utilizar corretamente a vírgula e arrumou emprego como escriturário em outra repartição. Depois de dois meses foi nova e ironicamente demitido. A alegação foi de que ele era muito instruído para o trabalho, tanto que, quando alguém recebia um ofício feito por ele pensava ser ordem de prisão. Um coronel quase teve um sopro no coração e reclamou direto com o governador do Estado. “E por colocar bem as vírgulas e citar Nabucodonosor em ofício de pequena cabotagem, o esplêndido Borjalino foi colocado à disposição do olho da rua. Com uma citação no *Diário Oficial* e duas gramáticas debaixo do braço.”

#### **4.3.4 – Neologismo**

Outra estratégia com a qual o escritor de contos pode contar para provocar o riso é a utilização de neologismos. Embora no conto a narrativa seja breve, a criação neológica pode ser inserida para provocar um estranhamento pelo caráter incomum do vocábulo. Pode ser esse estranhamento o responsável pela produção do riso.

Na obra analisada, percebemos que o processo criativo dos contos, recorre constantemente a essa estratégia do riso. Constatamos uma unidade lexical nova em

pelo menos quarenta e três contos, sendo que em muitos há mais de uma ocorrência. A exploração do neologismo como responsável pela produção do riso é justificada nos argumentos de Alves (1994, p. 86), segundo os quais a produção lexical “pode ser criada por razões estilísticas e, nesse caso, contribui para causar efeitos intencionais”, como é o caso do efeito cômico causado pelo estranhamento.

Nesse sentido o conto 9 (p. 28-9) é bem ilustrativo. Sob o título ‘O alisador ou a missão fracassada do soldado Tatão Ramos’ descreve o relatório que um delegado envia aos seus superiores contando as providências que tomou contra um sem-vergonha, conhecido por Chico Alisador, que vinha “escamar, no sono da madrugada, pernas e demais naturezas das meninas e damas em suas alcovas.” Uma das ações executadas foi a de disfarçar um soldado com roupas femininas, maquiagem, ‘foramente’ uma peruca angariada no comércio da cidade vizinha e colocá-lo para dormir na casa das meninas. Embora o ‘descompetente’ soldado tenha sido submetido ao processo de ‘alisação’, não prendeu o indigitado. Foi inquirido em modo ‘autoritativo’ e teve reprovado seu ‘pouco-casismo’ para com a Polícia Militar.

Neste caso os neologismos têm a função de satirizar a incompetência policial de ação e de verbalização e o sentido sexual do conto. De fato causa estranheza que um delegado de polícia, de quem se espera um linguajar formal, faça uso de tantos novos vocábulos. Por outro lado, é, principalmente, a utilização do neologismo ‘alisação’ fundamental na produção do riso uma vez que esta palavra dá o tom sexual que permeia todo o conto e que o torna espirituoso. Cabe destacar as palavras ‘foramente’ e ‘pouco-casismo’ que contêm derivações sufixais muito recorrentes em nossa língua. O ‘mente’, é um sufixo de caráter adverbial e “expressa uma intensa produtividade ao juntar-se a bases adjetivas femininas para designar modo” e o ‘ismo’ denota “o exagero e, conseqüentemente, a depreciação” (Alves, 1994, p. 35).

Já o conto 61(p. 79-0), sob o título, ‘A voz que perdeu o freio’, narra a história de um amigo que escreve para outro dizendo que tomou aula de ‘educamento’ da voz. Com dois meses de ‘praticamentos’ estava preparado para falar em qualquer recinto. Sua voz estava mais grossa depois do trato do mestre de ‘gargantismo’. Foi quando numa palestra que fazia apareceu um ‘sujeitão’ espaçado que ‘brincancista’ perguntou se o pessoal da repartição tinha ligado a bomba d’água. Em resposta ao ‘perguntante’, ele largou um discurso de abalar os alicerces do edifício.

No sufixo ‘mento’ das palavras “educamento” e “praticamentos”, “a expressão da ação verbal não se faz acompanhar por um mecanismo de expansão” (Alves, 1994, p. 30). O sufixo ‘ista’ de “brincancista” designa “próprio de” ou “adepto de”, no conto, adepto da brincadeira. Neste caso, o protagonista quer demonstrar ao amigo que além de ter aprendido a impostar a voz para falar em público, também é conhecedor de um vocabulário diferenciado. Mais do que a ameaça fantasiosa em que transforma sua voz, a criação de palavras é a responsável por realçar o inusitado das ações e causar o estranhamento próprio da situação cômica. Principalmente nas palavras ‘brincancista’ e ‘perguntante’ que ficam bem diferentes de seus substantivos de origem brincador/brinçalhão e perguntador/indagador.

No conto 107 (p. 124), cujo título é: ‘Patriota duas vezes por dia’, há o relato de um psicólogo contratado por um educandário que em seu discurso ‘inaugurativo’ adverte os alunos sobre as conseqüências do ‘faltamento’ de respeito em suas aulas. Antes de ministrar aulas, foi retirado da força policial por ter amassado a cara de dois sargentos e descadeirado um capitão. No mais, tudo dentro do maior ‘corretismo’. Destelhou um colégio para pegar um aluno que o desrespeitou e fugiu pela chaminé. Em outro colégio saiu aos socos com os estudantes de modo a deixar ‘apenasmente’ um aluno desacordado por doze horas. Tirando esses pormenores, era sujeito de paz, religioso e patriota.

Toda a situação criada pelo conto é absurda, uma vez que é inconcebível a um professor de psicologia a intimidação pela agressão física. Também é inusitado o fato de os neologismos serem proferidos por um professor. Considerando o absurdo e a violência da história, a criação lexical surge como responsável pela comicidade, na medida que, pelo estranhamento, dá leveza à narrativa.

O conto 146 (p. 160-1), sob o título “Rogaciano Mota descobre a vocação: sem-vergonha”, relata a história de um homem que sempre viveu no maior ‘respeitismo’. Puxava andor de procissão, tomava parte nas festas cívicas. Fundou a Liga dos Bons Princípios com o promotor público na ‘comandância’ e ele na ‘secretariância’. “Um dia, a serviço da lavoura, teve de vir ao Rio de Janeiro para tratar de coisas de saúva e plantação no Fomento Agrícola. (...) De repente, Rogaciano ficou modernão, de pegar, em meio mês de carioca, um par de costeletas que dobrava em curva quase na boca.” E encontrando um amigo desabafa: “-Seu Codó, não queira saber! Sou a maior vocação para sem-vergonha do Brasil. Só agora é que descobri.”

Destaque para o neologismo “modernão” que emprega o sufixo ‘ão’ para dar um valor aumentativo. O ‘ão’ é “formador de nomes substantivos e adjetivos cujas categorias de origem são do tipo nominal e verbal” (Alves, 1994, p. 37). O sufixo ‘ância’ das palavras “comandância” e “secretariância” assinalam o sentido de ação ou resultado dela. Sendo assim, embora a criação do neologismo se dê por meio de derivações prefixais e sufixais, onde os verbos, advérbios, adjetivos e substantivos sofrem alterações em suas bases e transformam-se em idéias complementares, muitas vezes sofrendo alteração de classe gramatical (op.cit., p. 29), José Cândido de Carvalho concentra seu humor nas derivações sufixais.

#### 4.3.5 – Nomes estranhos

Em nosso *corpus* encontramos nomes próprios ou de cidades que por sua originalidade e pela contextualização em que estão inseridos são inusitados e causam uma estranheza que suscita o riso. A propósito da utilização de nomes como estratégia do risível, Propp (1992, p. 129) afirma:

O âmbito da comicidade conseguida graças a meios lingüísticos é bastante rico e variado. Ao tocar a questão da comicidade de palavras isoladas não é possível deixar de falar em nomes próprios que os autores de comédias e de obras cômicas dão a suas personagens.

Em todo conto da obra que ora analisamos há, em média, uma denominada personagem que interage ou se refere a outras personagens pelo nome. Da mesma forma, a maioria das histórias é situada em alguma cidade, sempre nominalmente indicada. Esta estratégia utilizada pelo autor confirma as palavras de Propp (1992, p.131): “Os nomes cômicos são um procedimento estilístico auxiliar que se aplica para reforçar o efeito cômico da situação, do caráter ou da trama.”

É nesse sentido que está a comicidade do conto 117 (p. 133). Sob o título ‘Os destroços de um bigode’ narra a história de um sedutor cantor de tango argentino. Segundo seu empresário, ele era “o maior abridor de quarto de moça solteira e dama casada” que ele conhecera. E de fato “com dois espetáculos no Parque de Pequim, Pereda desmantelou a cidade de Penedos do rodapé à chaminé. Segundo *O Combate*, em prosa de renda, o cantor de tangos, depois de passar o arado no coração do pessoal da comarca e arredores, deixou estes destroços: dona Maurilina Feijó teve cachumba, dona Idalina Abreu pediu desquite e levou duas sovas do marido, dona Gumercinda de Melo bebeu lisol junto do retrato de Pereda, dona Carmelina Araújo escreveu

quinhentos sonetos, dona Orneliana de Castro viu um lobisomem, a professora Alfredina Teles comeu uma dúzia de agulhas de vitrola, a velha Euclacinda Barbalho deitou fogo às vestes, Miltinha de Barros sumiu com a féria da Casa das Rendas, a costureira Feliciano de Azeredo bebeu um litro de querosene e a solteirona Ormelinda Barbosa aproveitou a confusão geral para dar vazão aos seus instintos bestiais: fugiu com um anão.”

Como o relato do acontecido é feito no espaço discursivo do jornal *O Combate*, a expressão ‘prosa de renda’ pode ser uma forma de expressão quase caricatural para melhor se apreender a comicidade dos nomes e das ações das personagens. José Cândido utiliza essa estratégia da caricatura do personagem pelo nome em outros exemplos. É o caso de Adrião Popó (conto 47, p. 62) para o criminoso (onomatopéia = sons de tiros); Dona Jurubaldina (conto 36, p. 53), para a adúltera (semelhança com jura, juramento); Fifi Mendonça (conto 36, p. 53), para o marido traído (semelhança com onça, bicho); Dona Rosália Seabra (conto 39, p. 56), para a esposa “ingênu” (semelhança com rosa, flor); Julinho Ferraz (conto 118, p. 134), para o entregador de mercadorias (semelhança com ferro, metal pesado); Gegé Cruz (conto 118, p. 134), para o farmacêutico (referencia a cruz, morte); Joaquim Alves (conto 118, p. 134), para o dono da mercearia (nome tipicamente português). Dignos de destaque são também os nomes das localidades: Paus Vermelhos (conto 47, p. 62) referência à palmatória, Currealzinho Novo (conto 151, p. 164), referência aos currais eleitorais.

Outro conto em que os nomes são cômicos pela estranheza que causam é o 114 (p. 130), cujo título é: ‘O compadre que era um tiro nos suspensórios’. Nele, o velho Nepomuceno Bragança liga para seu compadre Lifinibático de Almeida para contar que sairá com a menina Filodendra. No hotel, antes que a menina ficasse totalmente nua, Nepomuceno liga novamente para o amigo: “- Compadre Lifinibático, deixei testamento nas prestimosas mãos do amigo Arquias Rocha do Cartório do Sabugosa Melo. Vou atacar com meu certificado de reservista da Marinha Mercante a fortaleza da menina Filodendra. Viva a Tomada da Bastilha! Avançar!” Dos braços de Filodendra, “rolou em pedaços para uma tenda de oxigênio do Hospital São Judas Tadeu.”

Além dos nomes próprios, nomes não convencionais também são dados às cidades. É o caso da cidade de Xereréu de São Mateus, que é cenário para o conto 93 (p. 108-9). Com a chegada de um forasteiro, Aruinha de Melo “foi logo verrumando o ouvido de Lacavinha Pereira com esta suspeita: - Capaz que esse sujeitinho é parido da barriga do disco voador que passou zunindo por cima da praça da Aclamação.”

Lacavinha por sua vez pediu providências ao major Lagartino Reis. Planejam descobrir de forma violenta quem é o sujeito e acabam por matar “o novo juiz de direito da jurisdição de Xerereú de São Mateus.”

O conto 77 (p. 94), sob o título ‘A importância de usar óculos’, narra o acontecido com a personagem que tem o nome de Arsênio Burlamaqui e que está na cidade que tem o estranho nome de Marimbondos do Funil. Caixeiro em férias e munido de arma foi à caça de onças. Voltou “meio perneta, meio zanolho, sem armas e sem munições.” O fiasco na caça deveu-se à perda dos óculos na hora do tiro na onça.

Dona Vilandina Pereira, no conto 108 (p. 125), sob o título ‘Aladim de pequena cabotagem’, repreende o filho, que de repente se descobriu mágico, da seguinte forma: “- Deixa isso de lado, menino. Teu pai, quando brotou nele o negócio de mágico, não quis ouvir meus conselhos e desandou a dar retreta em tudo que era festinha e festineta que encontrava ao alcance de seus pombos. Até que em noite de aniversário, em Jenipapos do Fundão, teve a idéia nefasta de tirar dos fundilhos da mulher do prefeito um ovo que mais parecia uma abóbora. No mesmo instante levou uma cacetada tão em alto-relevo que ficou vesgo e corcunda de Notre-Dame. Morreu soltando passarinho pela boca, meu filho.” Neste caso há o jogo de palavras entre o Fundão no nome da cidade e tirar dos fundilhos da mulher.

#### **4.3.6 – Trocadilho**

Quando o objetivo é suscitar o riso por meio do jogo de palavras, o trocadilho ou calembur surge como importante estratégia lingüístico-discursiva. Para Propp (1992, p. 121-3) o jogo de palavras provoca o riso quando a palavra é compreendida em seu sentido amplo, geral, mas é substituída por um sentido mais restrito ou literal. Segundo o autor, quando “dirigido contra os aspectos negativos da vida”, o calembur “torna-se um arma de sátira afiada e precisa.” Reconhece, no entanto, que a argúcia é necessária para que o trocadilho não adquira um caráter ofensivo ou depreciativo.

Para Bérqson (2001, p. 90-1), o trocadilho também se dá por meio do jogo de palavras. A possibilidade do jogo está na “diversidade de sentido que uma palavra pode ter, em sua passagem do próprio ao figurado, principalmente.” Para o autor, o jogo de palavras revela “uma distração momentânea da linguagem” e por causa deste descuido lingüístico se torna risível.

Em nosso *corpus* alguns contos suscitam o riso com a utilização do jogo de palavras. Sob o título “O par de Montepios da viúva Morais”, o conto 103 (p. 120) narra a história de um ferreiro apaixonado por uma “viúva de farto montepio.” Por não ser correspondido apelou para a ajuda de um pai-de-santo e “partiu para assaltar” a viúva. Repelido a tapas e bofetões, desabafou: “- Com aquele par de montepios de tremer por baixo do vestido eu devia ver que era viúva demais para meu pobre martelo.”

Neste conto o jogo de palavras ocorre entre o significado da palavra montepio, pensão recebida pela viúva, e o sentido sexual dado a ela pelo ferreiro. Há também uma relação entre a palavra montepio e o fato dele partir para assaltá-la, com um possível duplo sentido para a palavra assaltar.

Já a história do conto 142 (p. 157) é a de um homem que chega a uma cidade todo vestido de preto: roupa preta, sapato preto e chapéu preto. Assim que coloca o pé na rua das Palmeiras, desaba um temporal sobre a cidadezinha. Esfregando as mãos “falou em preto enquanto olhava barriga preta das nuvens” que não havia pedido tanta chuva a São Pedro e pediu para o santo guardar o resto da chuva para inauguração da funerária que pretendia montar. “Abriu o guarda chuva preto e foi embora na mesma cor.” A intenção é fazer um trocadilho entre a cor preta e o que ela representa. Alguns fatos apontam para isso: vestimenta preta, falar em preto, barriga preta das nuvens, inauguração da funerária, guarda-chuva preto e ir “embora na mesma cor”.

O conto 84 (p. 100-1) narra a história do regente de banda de música que vai para a guerra. Volta uma semana depois com uma bala “em parte desabonadora, nas dobradiças do assentador de cadeira.” Embora com o tempo fique curado do tiro, nas paradas e desfiles “não deixava de capengar.” Segundo ele: “- Fiquei bom no civil. No militar continuo ferido. Sou capenga com discurso e louvação. Capenga de papel passado.”

O trocadilho no conto 84 fica por conta do civil e militar, condições que podem alterar o estado de saúde da personagem. No civil estava bem, mas no militar era manco, coxo.

O trocadilho é uma estratégia do riso muito utilizada por José Cândido de Carvalho. Em alguns contos o autor faz uso dessa estratégia no título do conto. É o que ocorre nos títulos dos contos seguintes: Conto 19 – Mágico de pequena extração não chega a pássaro azul; Conto 49 - Quem nasceu para polca não chega a tango argentino; Conto 60 – Uísque de velho é coalhada; Conto 64 – Revólver de mágico é pombo;

Conto 88 – Ferreiro não tem mulher de pau; Conto 69 – Para Deus nas asas da bomba; Conto 148 – Quem pega bala na popa não chega a tabelião.

Notamos que muitos dos trocadilhos se deram com relação a um provérbio. Segundo Maingueneau (2005, p. 169), a “enunciação proverbial é fundamentalmente polifônica; o enunciador apresenta sua enunciação como uma retomada de inúmeras enunciações anteriores, as de todos os locutores que já proferiram aquele provérbio.” José Cândido faz uso da polifonia própria do provérbio para suscitar o riso com o trocadilho. A discussão a respeito do trocadilho é complementada com os conceitos de captação e subversão de Maingueneau, que evidenciam bem a técnica utilizada por José Cândido:

*Captar* um texto significa imitá-lo, tomando a mesma direção que ele. É o caso, por exemplo, de um slogan que imita um provérbio: o primeiro esforça-se para, em benefício próprio, apropriar-se do valor pragmático do segundo. Por outro lado, há a *subversão* quando o texto que imita visa desqualificar o texto imitado.”

Em todos os títulos que citamos ocorre a *subversão* porque imaginamos um provérbio paródico, ou seja, um provérbio que contesta a autoridade da sabedoria popular. O enunciador “imita” um texto ou um gênero para desqualificá-lo. Por meio da subversão ataca-se toda a forma de discurso cristalizado, de senso comum.

#### **4.4 – Do cômico de caráter**

##### **4.4.1 – Alogismos**

O alogismo, a estupidez, a tolice ou ainda a falta de inteligência, são conceitos que se equivalem quando a estratégia é tornar um conto cômico. Por meio desta estratégia somos levados a castigar, pelo riso, a incapacidade da percepção geral, da visão do todo, dos tolos em situações aparentemente óbvias. Por outro lado, o riso também é provocado pela identificação com o herói, que na maioria das vezes se safa dos conflitos com esperteza. Com isso, a comicidade exalta a esperteza e a astúcia do herói espertalhão - aquele que se dá bem em qualquer situação, e considera merecida a punição ao tolo - aquele que ignora os acontecimentos ao seu redor. É o que constata Bérgeon (2001, p. 57) quando diz: “Tanto por instinto natural quanto porque todos preferem – em imaginação ao menos – enganar a ser enganados, é do lado dos espertos que o espectador se põe.”

O conto cômico conta com esta possibilidade estratégica, ou seja, o riso provocado pela tolice, de duas formas diferentes. Uma forma é aquela em que a

estupidez está manifesta. A movimentação das personagens na história aponta para a superioridade e má fé de um sobre o outro ou a falta de conhecimento de um deles. A outra forma é aquela em que a ignorância latente vem à tona repentinamente nas palavras ou nas ações do tolo, ou na súbita vantagem levada pelo espertalhão. Esse desmascaramento dá origem a uma situação de prazer inesperado e com isso surge o riso (Cf. Propp, 1992, p. 107-8).

Como estratégia do risível, os alogismos revelam-se muito eficientes. O conto que distribuir, equilibradamente em sua narrativa, o tolo - sua incapacidade de observação mais elementar, e/ou o espertalhão - sua astúcia e sagacidade, garantirá ao leitor momentos de descontração e comicidade.

As considerações feitas a respeito de alogismos vêm justificar o riso conseguido em alguns contos de José Cândido de Carvalho. É o que acontece no conto 20 (p. 39). Sob o título 'Sonho também pega fogo', narra uma situação em que a falta de inteligência está claramente manifesta. É a história de um vendedor ambulante que, depois de beber, acende o pavio de vinte rojões, que ele mesmo havia amarrado a um cabo de um guarda-chuva. O cômico é facilmente percebido na estupidez dessa ação e nas ações seguintes em que ele é levado aos ares pelos rojões e culmina com ele sendo "desencravado a poder de muita corda e pá", depois de cair num alagado.

Desde o primeiro parágrafo, o encadeamento das ações no conto 20, rumava para uma situação cômica provocada pela estupidez do protagonista. A falta de inteligência declarada da personagem é o mote que assegura a comicidade da trama do início até o seu desfecho. Não há intenção de ocultar a tolice, pelo contrário, sua exaltação é que constrói a comicidade.

No conto 110 (p.126-7) há uma situação em que a esperteza se sobrepõe à ignorância. Sob o título 'Compre o céu antes que acabe', relata a história de um espertalhão que engana uma cidade inteira, com a falsa notícia de que o mundo iria se acabar, para se safar de dívidas e ainda ganhar algum dinheiro com a venda de terreno no céu. Nesse caso, é evidente a falta de inteligência das vítimas do golpe. Por outro lado, o zombador ainda conta vantagem de seus atos ao desdenhar da avareza de outra personagem.

A forma astuta e sagaz com a qual o espertalhão conduz o conflito resulta em sua superioridade em relação ao rumo das ações. O cômico tem origem no súbito reconhecimento da incapacidade de percepção das vítimas do golpe e no sucesso do

mentiroso. O riso castiga as vítimas do golpe pela estultice, ao mesmo tempo em que estabelece uma relação de cumplicidade entre o enganador e o leitor (Cf. Bergson, 2001, p.57).

Sob o título ‘Incêndio como bonificação de fim de ano’, no conto 132 (p. 146-7) temos o relato de um bombeiro-eletricista amador que, em dois anos, quase demoliu toda uma cidade. Depois de danificar mais de vinte casas, atear fogo em parte do comércio local, tem orgulho e admiração para o que considera sua obra-prima - o grande incêndio da Fogueteria Azeredo. O tolo do conto estabelece um vínculo de simpatia com o leitor à medida que exerce seu atrapalhado ofício, de forma despropositada, sem nada cobrar pelo trabalho; e é cômico por conta de, ingenuamente, acreditar que sua incompetência consiste no fato de ainda não ter levado a cidade toda pelos ares, ignorando os danos que sua inabilidade já causara.

A visão distorcida que o tolo tem do mundo faz com que suas conclusões sejam equivocadas e, portanto, cômicas. Porém, considerando suas convicções, ele é capaz de ter compaixão e até sacrificar-se pelos outros. É isso, inclusive, o que cria simpatia entre o tolo e os leitores: o fato de suas qualidades morais prevalecerem sobre a sua inteligência (Cf. Propp, 1992, p. 113).

## Considerações Finais

Encerrada a pesquisa, feitas as análises, cremos ter atingido o objetivo inicial deste trabalho ao estudar, explorar e destacar as mais significativas estratégias lingüístico-discursivas do risível nos contos que compuseram nosso *corpus*. Nesse sentido, *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon* correspondeu às nossas expectativas e confirmou-se como o material rico em estratégias do riso que suspeitávamos desde o início.

A forma de escrever de José Cândido de Carvalho é que se mostrou bastante característica. Seu estilo é marcado por uma linguagem exagerada, hiperbólica. Esse fato pode ser atribuído a sua larga experiência como jornalista, pois a rotina de uma redação de jornal muitas vezes exerce influência sobre o estilo do escritor. Essas marcas, quando transmitidas aos contos, contribuem para que a leitura se torne um tanto quanto cansativa e repetitiva.

Porém, muito acertada é a constatação de Minois (2003, p. 15), segundo a qual o riso é estudado com lupa há séculos, por todas as disciplinas, e ainda resguarda seu mistério. Isso porque no levantamento do riso que compreendeu o período da Antiguidade ao Renascimento não encontramos registros que dessem ao riso um aspecto positivo. Nesse período o riso era feio e próprio das classes inferiores, baixas, ridículas, cheias de vícios e falhas. Essa divisão entre o sério e o não-sério refletia também uma divisão de classes sociais. O riso, ao mostrar sua face libertadora, contestadora, torna-se um grande aliado do povo para se rebelar e debochar da sociedade da época.

O mistério que envolve o riso fortificou-se quando no levantamento contemporâneo constatamos que havia o riso bom, que a sociedade ou os grupos sociais encontraram no riso um aliado para a manutenção da ordem e dos bons costumes e, que, entre as muitas disciplinas que estudam o riso estava a lingüística.

O enfoque lingüístico-discursivo que demos ao nosso *corpus* teve como base quatro categorias de comicidade exploradas, principalmente, nas teorias de Bérghson e Propp. São elas: a comicidade de formas e movimentos, a comicidade de situação, a comicidade de palavras, e a comicidade de caráter.

O cômico de formas e movimentos foi estudado a partir da descrição de personagens facilmente encontrados no convívio social. José Cândido reuniu contos sobre gente gorda, gente feia, gente vaidosa e anões, ou seja, pessoas que fogem do padrão de beleza estabelecido pela sociedade e linguisticamente explorou o riso desses tipos com o uso de metáforas, hipérboles e ironias.

O cômico de situação é marcado pelos relatos de violência e, principalmente, violência em partidas de futebol. O exagero nas ações das personagens, realçados pelo uso lingüístico da metáfora e da escolha lexical, chega a anular o efeito cômico em alguns casos, e a vulgarizar a narrativa, em outros. O riso assume a função de amenizar a violência das ações, mas não contém qualquer crítica social à situação.

A comicidade de palavras é a mais recorrente nos contos de José Cândido. O autor tem uma predileção pela criação de nomes e palavras novas. Estratégias como neologismos, nomes estranhos, gírias e trocadilhos são facilmente encontradas nos contos e utilizadas de forma hábil na produção do riso. Ainda assim, em alguns casos, o vocábulo ou o nome novo é tão absurdo que ultrapassa o limite do estranhamento e não provoca o riso.

O cômico de caráter é explorado a partir da relação estupidez-ingenuidade. Os contos assinalam bem as características dos personagens que querem levar vantagens sobre os outros. O riso é provocado ora pelo desmascaramento das ações do espertalhão, ora pela merecida punição do tolo que não consegue perceber o que se passa ao seu redor. Linguisticamente o riso é suscitado a partir do uso de muitas metáforas e ironias nas narrativas.

O estudo lingüístico-discursivo do riso oferece ainda um vasto campo para investigações, mas encerramos nossas análises com a sensação de que demos a nossa contribuição não só para as pesquisas lingüísticas, mas também para revelar parte do mistério que envolve o fenômeno riso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo, criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.

ARISTÓTELES. *Metafísica: livro 1 e 2; Ética a Nicômaco; Poética*. Trad. de Vincenzo Cocco... et alii. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ATTARDO, Salvatore. *Linguistic theories of humor*. New York: Mouton de Gryter, 1994.

BACEGA, Maria Aparecida (Org.) *José Cândido de Carvalho*. São Paulo: Abril Educação, 1983

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC, 1993.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Unicamp, 1996.

CARVALHO, José Cândido de. *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon: contados, astuciados e acontecidos do povinho do Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. A notícia como entretenimento no jornal sensacionalista e sua relação com a comicidade. In: URBANO, Hudinilson et alii (Org.) *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 211-19

\_\_\_\_\_. *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular*. São Paulo: Cortez, 2003.

FERRAZ, Geraldo Galvão. As histórias de um parágrafo. *Revista Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Segmento, n. 21, p. 38-9, jul. 2007.

FRANÇA, Maria Teresa Rego de. *A construção linguística do riso nas crônicas de José Simão*. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JERKOVIC, Jerônimo. Duas ou três coisas que eu sei do humor. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis: Vozes, v. 64, n. 03, p. 47-53, abr. 1970.

JOLLES, André. *Formas simples: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste*. Trad. de Alvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad. de Cecilia P. de Sousa e Silva et alii. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINS, Joaquim Pedro de Oliveira. *História da República Romana III*. Lisboa: Guimarães & Cia Editores, 1952.

MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Atica, 1989.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Trad. de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

NASH, Walter. *The language of humor – Style and technique in comic discourse*. New York: Longman, 1985.

PINTO, Ziraldo Alves. Ninguém entende de humor. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis: Vozes, v. 64, n. 03, p. 22-37, abr. 1970.

PIRANDELLO, Luigi. *Humorismo*. São Paulo: Experimento, 1996.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da Língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas: Mercado de letras, 1998.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

\_\_\_\_\_. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

RASKIN, Victor. *Semantic Mechanisms of Humor*. (Syntese Language Library 24). Dordrecht, Holland: D. Reidel, 1985.

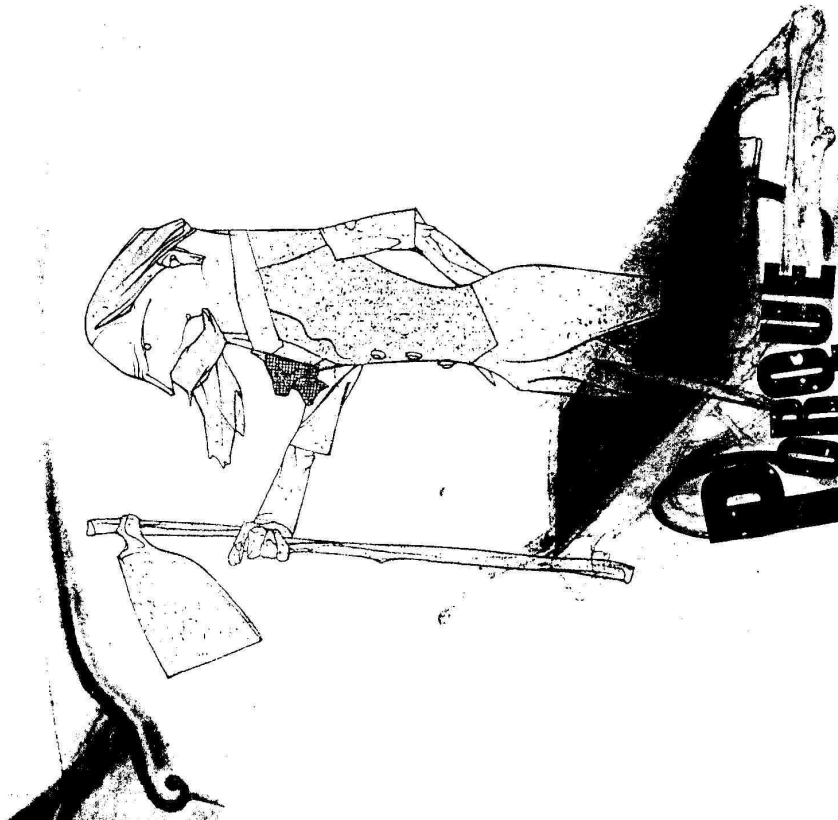
TODOROV, Tzvetan. *Teorias do símbolo*. Campinas: Papyrus, 1996.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é engraçado? – Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. *Revista do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas*, Maceió: CHLA-Universidade Federal de Alagoas, n. 5/6, p. 42-79, jan./dez. – 1989/1990.

URBANO, Hudinilson. A gíria: um aspecto de sua criação numa amostragem dicionarizada da fala popular moderna. In: \_\_\_\_\_. et alii (Org.) *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 181-99.

# Anexos

José Cândido de Carvalho



# PORQUE LULU BERGANTIM NÃO ATRAVESSOU O RUBICON

Rocco

**PORQUE LULU BERGANTIM NÃO ATRAVESSOU O RUBICON**

José Cândido de Carvalho

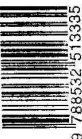


Quem não gosta de ouvir causos curiosos e bem contados?

Situações insólitas e hilariantes, como viagens à Lua, surras e conflitos insolúveis, são narradas nesse livro, envolvendo os personagens mais esquisitos e engraçados que a razão pode conceber. Com sua prosa única,

José Cândido de Carvalho mostra que tudo pode acontecer nas muitas cidadezinhas espalhadas pelo Brasil.

ISBN 85-325-1333-4



9 788532 513335

José Cândido de Carvalho

PORQUE  
LULU BERGANTIM  
NÃO ATRAVESSOU  
O RUBICON

CONTADOS,  
ASTUCIADOS,  
SUCECIDOS  
E ACONTECIDOS  
DO POVINHO  
DO BRASIL



Rio de Janeiro – 2003

Copyright © 1971, 2003 by herdeiros  
de José Cândido de Carvalho

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA ROCCO LTDA.  
Rua Rodrigo Silva, 26 - 4º andar  
20011-040 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel.: (21) 2507-2000 - Fax: (21) 2507-2244  
rocco@rocco.com.br  
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais  
MARIA ANGELA VILLELA

Para  
Manoel Gomes Maranhão,  
Geraldo Lemos Basto  
e Fernando Sales:  
*amizade e admiração.*

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C324p Carvalho, José Cândido de, 1914-1989

Porque Lula Bergantim não atravessou o Rubicón: contados,  
astuciados, sucedidos e acontecidos do povinho do Brasil/  
José Cândido de Carvalho; nota de Gilberto Amado. - Rio de  
Janeiro: Rocco, 2003

Contém perfil autobiográfico  
ISBN 85-325-1333-6

I. Anedota brasileira. I. Título.

CDD - 869.97  
CDU - 821.134.3(81)-7

01-1435

## JCC. HISTÓRIA PESSOAL

A bem dizer, fui inaugurado em 1914, vinte e quatro horas depois de rebentar a Primeira Grande Guerra. Era agosto e chovia em Campos dos Goitacazes. Comecei com jeito de grandeza. Meu ideal era ser usineiro, viver no último andar de trezentos mil sacos de açúcar. Como isso não foi possível, tratei de realizar o subideal que era ser funcionário da Leopoldina. Sempre tive admiração toda especial por chefes de estação, espécie de donos de trem. Como esse subideal também não veio, tratei de escrever para os jornais da minha terra. Uma tarde, em plena década de 1930, entrava este José para a redação da *Folha do Comércio* por uma porta e Raimundo Magalhães Júnior saía por outra. Eu para escrever notinhas de aniversários e casamentos de comerciantes locais e Magalhães Júnior para iniciar sua prodigiosa carreira de grande jornalista e grande escritor. De jornal em jornal realizei o sonho de todo o pai brasileiro do começo do século: ver o filho bacharel, fotografado de beca e de óculos. E bacharel saí na formada de 1937, depois de passar, como o diabo pela cruz, através de lombadas de livros de alto saber jurídico. E, uma ocasião, com a sacola soltando leis e parágrafos pelo ladrão, fui extrair da unha de um subdelegado um pobre-diabo qualquer. Foi quando constatei, para desencanto do meu canudo de bacharel, que mais vale ter a chave da cadeia do que ser Rui Barbosa. Aborrecido, dei de mão numa resma de papel e escrevi meu primeiro romance, *Olha para o céu, Frederico!* Uns elogiaram, outros malharam. Embrulhado em suas páginas arrumei, no Rio de Janeiro, o cargo de redator da velha e saudosa *A Noite*. E em seu manso seio fiquei até que o governo, a poder de bofetões, fechou o jornal em 1957. Dos cacos de *A Noite* pulci para os *Diários Associados*. Nesse meio-tempo, entre uma coisa e outra, caí no serviço público, com escrivinha no Ministério da Indústria e do Comércio, onde procuro tirar o país da beira do abismo a poder de relatórios que ninguém lê. Quanto à ficção, é mato brabo no qual

rarissimamente círculo, temente que sou de mordida de cobra e dente de lobisomem. Vejam que não exagero. Publiquei o primeiro livro em 1939 e o segundo precisamente vinte e cinco anos depois. Entre *Olha para o céu*, *Fredrick!* e *O coronel e o lobisomem* o mundo mudou de roupa e de penteado. Apareceu o imposto de renda, apareceu Adolf Hitler e o enfarte apareceu. Veio a bomba atômica, veio o transplante. E a Lua deixou de ser dos namorados. Sobreveio a todas essas catástrofes. E agora, não tendo mais o que inventar, inventaram a tal da poluição, que é doença própria de máquinas e parafusos. Que mata os verdes da terra e o azul do céu. Esse tempo não foi feito para mim. Um dia não vai haver mais azul, não vai haver mais pássaros e rosas. Vão trocar o sabiá pelo computador. Estou certo que esse monstro, feito de milastúcias e mil ferrinhos, não leva em consideração o canto do galo nem o brotar das madrugadas. Um mundo assim, primo, não está mais por conta de Deus. Já está agindo por conta própria.

Niterói, setembro de 1970

João Cabral de Melo Neto

## O MUNDO DE JCC\*

Quem me faz rir todas as manhãs, com riso grosso que deve fazer bem à saúde é José Cândido de Carvalho com sua verbalização abstrusa na apresentação de figuras do sertão num tom de extrema comicidade, um mundo estrambótico, brigas, festas, pequenas farsas, tudo isso não raro obras-primas no gênero. O primeiro requisito do burlesco – o absurdo, a surpresa espontaneamente espoucando inesperados – revela no autor conhecimento do seu mister, capacidade de prever e de medir o alcance dos seus achados e desígnios. Cito este exemplo: “E houve aquele aniversário movido a pastéis e guaraná no Hotel Palmeiras, com dona Juributina de Sousa dentro do melhor vestido e jorrando pelos desvãos o melhor extrato. Houve adivinhações, jogos de prendas e mágicas de pequena voltagem. Dona Cotinha Frazão foi para o piano e EXPÉLIU (as maiúsculas são minhas) uma valsa de delicados bemóis.” Notem primeiro em cima aquele “movido a pastéis e guaraná” e considere o EXPÉLIU que faria rir a estátua do Comendador do Don Juan. As páginas cotidianas de José Cândido de Carvalho reunidas em volume constituirão sem dúvida uma das mais ricas contribuições literárias à nossa humorística, da fixação do patusco, do bufo, do fundo histriônico de uma população julgada macambúzia, enfadada, deprimida. José Cândido de Carvalho só encontrou gente reinadia, folgazã, chula mas voltada demais para o gozo. Nesse meio uma função movida a pastéis e guaraná é um fuzê, um festival, pode ser uma galhofada ou uma galhofaria, mas é festa!

\* Artigo publicado por Gilberto Amado no rodapé que o eminente e saudoso escritor mantinha no jornal *Última Hora*, edição carioca de 8/7/1969, a propósito das crônicas que o autor deste livro divulgava diariamente em *O Homem* com o título de “Diário de JCC”.

Comparo o efeito do uso de um verbo como aquele “expelir” a um traço de pincel surrealista numa tela de pintor *pompier*; quebra tudo que estava na lógica acadêmica.

Também de consignar-se nos escritos de José Cândido de Carvalho é sua contribuição para a onomastia brasileira. Há quem retenha na memória pronomes alucinantes de originalidade, sobretudo os formados pela junção de sílabas dos nomes dos pais. Quão fora dos quadros da anormalidade, da prática dos demais povos essa nossa singularidade! No ano retrasado um pai do interior da França quis dar à filha o nome de Marjorie. O padre recusou e o juiz civil também. Nome de gente além dos do calendário so os de heróis ou heroínas nacionais. Não é na França que se daria, por exemplo, a nenhum catecúmeno o nome entre todos venerado de um Churchill. O pai francês foi aos tribunais. Ignoro o resultado do processo. Portugal não sai do João, do Manoel, do José, etc. Na Inglaterra, como em todos os países, as regras da tradição prevalecem. No Brasil até número é nome de gente. José Cândido de Carvalho aumenta a lista com alguns que excedem tudo que a extravagância pudesse conceber. Brasil imprevisível. Pelo menos nesse particular não imita o estrangeiro.

GILBERTO AMADO

## SUMÁRIO

### 1. OS ELEFANTES DO TEMPO

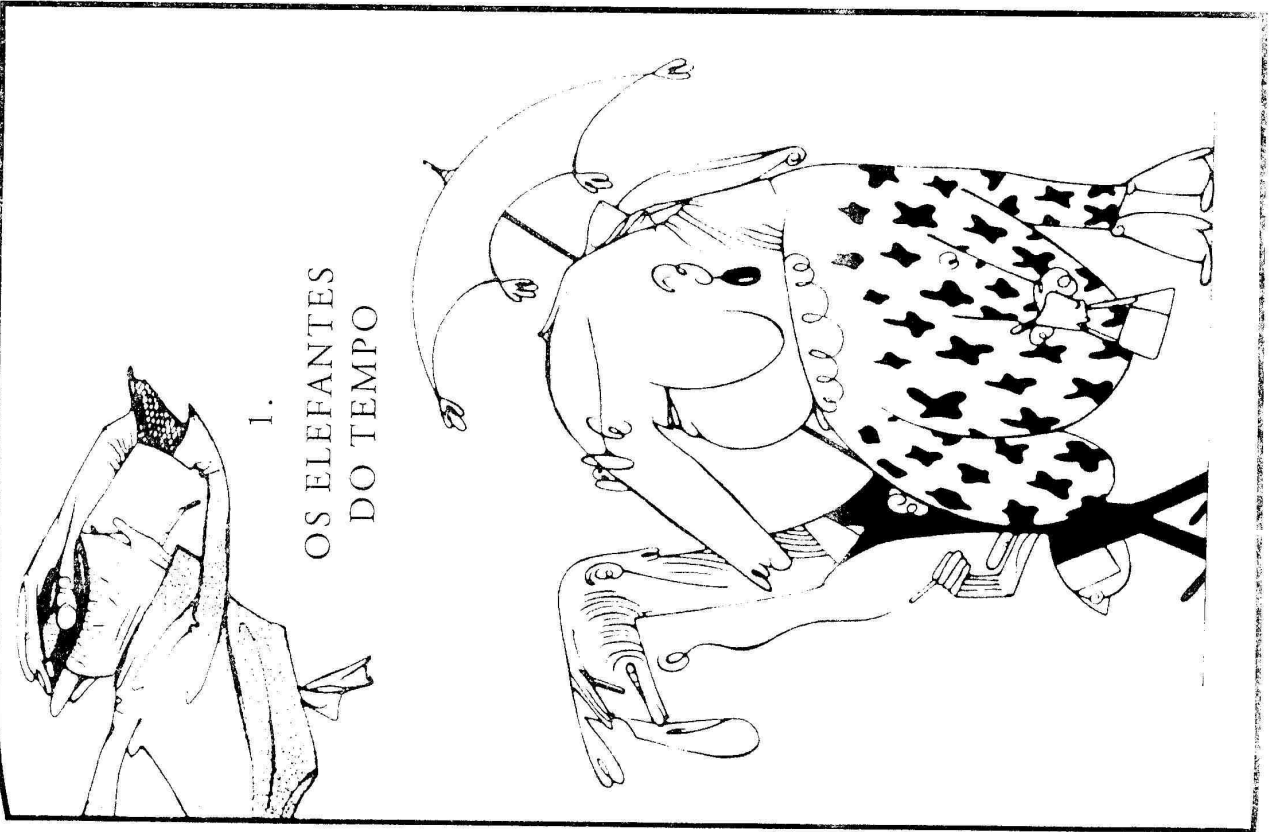
Uma festa montada em fatias de mortadela .....	21
Viúva em quatro maridos .....	22
O virilista .....	24
Ferreira Alves & Cia. vai para o céu .....	24
Tarde demais e Inês morta .....	25
Como subir na vida pela escada do revólver .....	26
Quem souber o paradeiro de Lili Reis mande notícias .....	27
Verbos e gerúndios pela ponta dos dedos .....	28
O alisador ou a missão fracassada do soldado Tatão Ramos .....	28
Um quilo de espírito público, por favor! .....	30
Uma questão de vida ou de gravata-borboleta .....	31
Na asa do último gás .....	32
Amor de contabilista em carta comercial .....	32
De como o tabelião Sá Barbalho lavrou a ata do descobrimento das Américas .....	33
Se escapar do médico morre na farmácia .....	34
Herói posto a pique .....	35
Porretada nos ipsilones da confraternização geral .....	36
Morra agora e pague depois .....	37
Mágico de pequena extração não chega a pássaro azul .....	38
Sonho também pega fogo .....	39
Surucucu de Diário Oficial .....	39
Amor imortal morre de tarde .....	41
Do purgativo saiu uma borboleta .....	42
Prosperidade de curto-circuito .....	43





E agora meu trabalho humilde espera  
que ponhais nele favoráveis olhos.

Francisco de Sá Menezes



I.  
OS ELEFANTES  
DO TEMPO

1

UMA FESTA MONTADA EM  
FATIAS DE MORTADELA

**E** aconteceu aquele natalício movimentado a pastéis e guaraná no Hotel Palmeiras, com dona Jurebutina de Sousa dentro do melhor vestido e jorrando pelos desvãos o melhor extrato. Houve adivinhações, jogo de prendas e mágicas de pequena voltagem. Dona Cotinha Frazão foi para o piano e expeliu uma valsa de delicados bêmóis. A um canto, sem abrir o bico, o major Aniceto Cunha só tinha olho. Rejeitou os bolinhos de aniversário, rejeitou os refrescos, tudo recusou o major. Por isso, a menina caiu de brincadeira em cima de seus setenta e oito anos de militar aposentado. Vez por outra, uma chegava e indagava:

- Major, quer um copo de maracujá?
- E o major:
- Não bebo coisa de moça.
- Outra vinha é indagava:
- Major, aceita licor de jenipapo feito pela viúva Frazão?
- E o major:
- Militar que é militar não bebe. Mesmo já aposentado do pau-de-fogo.

Ofereceram tudo ao major e major tudo rejeitou. F. quando a dona da casa, embarcada na brincadeira, veio saber do que é Aniceto mais gostava nas damas, Aniceto firmou os óculos, deixou a cadeira, estabeleceu sua antiga pessoa no centro da sala para dizer:

- Já que o povo do Hotel Palmeiras anda tão cuidadoso de saber o que mais aprecio, vou fazer a vontade do povo do Hotel Palmeiras, indicando as partes das damas que mais calham no meu bem-querer de militar aposentado.

Deu dois passos para trás e mandou bala. Dona Nenen de Barros levou a mão no peito, acendeu os olhos e caiu no sofá. Dona Santinha Reis, viúva juramentada, sacou do rosário e apelou para os santos de sua devoção. As meninas, com a mão nos ouvidos, correram para o jardim. O dr. Gastão Feijó perdeu os óculos de tartaruga. O meirinho Calixto de Abreu desabou do alto de uma torre de fatias de mortadela e falou lamentoso:

— Santa Bárbara! Que vai pensar de mim o meritíssimo Doutor Juiz da 4ª Vara de Ausentes!

Diante de tamanha desordem, pastéis no chão e bandejas no ar, dona Juributina apelou para o hóspede do quarto número 16:

— Dr. Zozó Barbceitas, traga o revólver! Vem desagravar a honra do estabelecimento, dr. Zozó. Vem acabar com essa mina de sem-vergonhice que é o major Aniceto!

Do 16, pulando de degrau em degrau, logo chegou a resposta do dr. Zozó:

— Eu também gosto, dona Juributina. Tocó mundo gosta, dona Juributina. Até o provedor da Santa Casa de Misericórdia. Viva o major Aniceto! Viva!

O major foi despejado como sem-vergonha. E o doutor como ajudante dele.

## 2 VIÚVA E M QUATRO MARIDOS

Jundiá Carapebus, funcionário do Montepio Militar, só tinha um desejo na vida: ficar livre de dona Hermengarda e de sua mania de seguro de vida. Viúva de *loggia*, com três filhos e dois irmãos, Jundiá tinha cinco irmãos e três maridos, fora Carapebus, que ainda estava em pautá. O primeiro, que escrevia versos para o “Almanaque das famílias”, não deu trabalho. Assim, o seguro de vida, rimou *loggia* com *amor* — e finou. O segundo, um solido senhor de secos e malhados, sócio da firma Vilela, Irmãos & Cia.,

lutou bravamente contra as poções e desvelos de dona Hermengarda. Até que uma noite, depois de passado por uma xícara de chá, sentiu certos repuxões na entranha. Pediu que trouxessem os livros da firma — e embarcou. Antes de deixar a casca essa alma de secos e molhados ainda teve alento para dizer:

— Hermengarda, minha bondosa Hermengarda. Só levo desta vida uma tristeza. A de não ter podido fechar o balancete de 1922.

O terceiro ocupante dos desvelos e chás de dona Hermengarda, o capitão Albernaz de Melo, foi duro de roer. Falava como se comandasse um batalhão e passava dias e anos sem tirar a farda, de onde só saía para dormir. Inteição mais que aba de canhão, prometia não morrer nunca. Mas, numa feijoada feita pela mão perita de dona Hermengarda, o capitão mergulhou de tão mau jeito que só voltou para pedir o boné e fazer um discurso de louvor a Rui Barbosa. E assim finou. Nos braços desta frase:

— Depois do marechal Floriano Peixoto, o maior brasileiro foi mesmo Rui Barbosa.

Com lágrima no olho direito, que sempre foi seu olho de prantear marido, a desvelosa Hermengarda falou:

— Coitado! Logo agora que fez seguro de vida.

No luto de Albernaz veio Jundiá Carapebus. Funcionário de baixa extração, viu que era negócio hipotecar a solteirice na caixa-forte da viúva. Casou. Instalou sua pessoa entre as apólices e demais vantagens da ilustre senhora. Foi nesse tempo que teve a idéia de acelerar a viagem de dona Hermengarda para o céu. Era mesmo para rir. Hermengarda, de papada e óculos, voando para Deus. Carapebus dizia para Carapebus:

— De óculos e movida a vidro ralado.

Foi pena que Jundiá Carapebus pensasse nisso tão tarde. A bem informar, ele havia morrido dois dias antes, do mesmo modo que finou o capitão Albernaz de Melo, afogado numa feijoada. Subiu aos céus montado em toucinho e lombo de porco.

### 3 O VIRILHISTA

**N**o Beco das Cangalhas em Açú do Livramento, depois de muitos anos de não ver e nem falar, Bem-Bem Barbosa deu de cara com o compadre Nonô Cruz que para trás de muito tempo tinha sido cometa de uma firma de panos e carretéis em Sapucaí do Barro Vermelho. Conversa foi, conversa veio, Nonô quis saber como andava a comadre Aneurbina Barbosa:

- Como vai a obrigação, compadre Barbosa? Ainda é muito dada a comer grunxíxama e jabuticaba?

Bem-Bem tirou o chapéão de pegar boi à unha, transitou o lenção pela testa e aninhou na orelha do compadre Nonô Cruz o seguinte pé de conversa:

- Desmanchei o compromisso. Nunca que botei sua comadre em estado de nove meses. Perdi para mais de vinte barrigas. Aneurbina empinzava, empinzava o umbigo, mas tudo em rebate falso. Menino para euairo é que não vinha a fuuro. Comprei um livro de safadeza e até seus corredores de baixo joguei na mão de doutor de preço, coisa que um Barbosa nunca fez em derredor de duzentos anos, por ser uma sem-vergonheira de fazer meu final bisavô Pantalão espumar na sepultura. Sem poder largar um Barbosainha no mundo, deliberei desatar o casamento e remeter dona Enervina, sem o Barbosa, para o sertão do pai, reforçada de dinheiros do Banco Hipotecário e mais a terça parte dos meus herdados.

Fui despedida, com a mão mateira na mão de vender chitas de Nonô Cruz:

- Pois é, compadre. Fui muito infeliz de virilha.

4

### 4 FERREIRA ALVES & CIA. VAI PARA O CÉU

**E**na primeira visita que realizou ao túmulo do marido, um certo Manuel Ferreira Alves, natural dos campos e águas de Trás-os-Montes, dona

Joaquina olhou para um lado, olhou para outro e falou bem junto do retrato dele perto da aba esquerda do bigode do pranteado:

- Bem que te avisei, Ferreira. Bem que te disse que o doutor Botelho Santos estava de olho em teus teres e haveres. De receita em receita, de pozinho branco em pozinho branco, tu foste recambiado para o céu. Enquanto isso, o doutor Botelho ficava com a Panificadora Duas Pátrias, com a tua casa de Nova Iguaçu, com a tua bicicleta de quatro espelhos e mais esta tua mulher que sou eu. Mas fica sossegado, Ferreira, que teus negócios na mão do doutor Botelho vão de vento em popa. Vais ter um lucro enorme no fim do ano.

5

### 5 TARDE DE MAIS E INFÍS MORTA

**L**eu a carta chegada de Lisboa, tossiu sua tossinha de cemitério, foi ver a cara no espelho e disse:

- Chegou tarde!

Fera Rebordão Castanheira e a vida toda sonhou com os altos-relevos das damas em noites de braços macios. Tudo isso na camaradagem de bifes impulsionados a vinhos de preço. E cinquenta anos passaram sem damas, sem braços, sem vinhos. O que Rebordão Castanheira teve em quantidade de encharcar, foi papel para despachar em sua pobre mesa de amanuense da Inspectoria de Águas. Foi humilhado e ofendido. Aturou diretores e subdiretores que falavam com os pés. Certa ocasião, por causa de uma vírgula, levou um montanhoso bofetão. E, ao querer casar com a menina Peralgina, filha de um reles chefe de seção, teve o pedido indeferido a socos. Foi para Catumbi com o nariz de Rebordão Castanheira e voltou com nariz de ananás. E o chefe, na sua porta de Catumbi:

- Vai descer em outro terrico! Vai casar com a mãe!

Ao dar baixa na Inspectoria de Águas, depois de uma papelada de trinta e cinco anos de tamanho, Rebordão era um caco. Por ele haviam passado miágoas e fomes. Vivia por procuração, nos braços dos remédios.

Diante de um carro de enterro sem defunto tinha muita vontade de levantar o espeto do braço e dizer:

— Táxi! Táxi!

Releu a carta em que um advogado de Lisboa comunicava, em termos de discurso, que o tio Joaquim Castanheira, duas quinzenas antes de empacotar, havia feito dele herdeiro de todos seus teres e haveres, coisa de monta, com vinhedos, dinheiros em banco, apólices, dividendos, cachos de casus, uma por cima das outras. E Rebordão aos cacós, com a alma partida ao meio. Parou diante do espelho e voltou a dizer:

— Chega tarde.

Pegou a carta e foi olhar a rua. Chovia uma chuvinha triste, em jeito de adeus. Pela janela da Pensão Santa Rita, Rebordão viu passar, ao abrigo do guarda-chuva, aquela geléia contida em suas tremuras pelas calças justas de uma menina bonita, uma certa Lúcia Teresa que morava na esquina. E Rebordão para Rebordão:

— Passa tarde, já fora de hora.

Amassou a carta, jogou seus dizeres no lixo e largou no papel esta resposta para o doutor de Lisboa:

“Lamento informar a V.S.<sup>a</sup> que o amanuense Rebordão Castanheira faleceu há vinte anos. O que restou dele foi um Rebordão em cacós, sem preparo para arcar com tanta herança junta.”

Datou e assinou. E voltou para a janela da Pensão Santa Rita de modo a olhar a chuva que caía triste como um amor perdido.

## 6 COMO SUBIR NA VIDA PELA ESCADA DO REVÓLVER

Quando Ornchbaldo Pestana soube que dona Dorodela Pestana não era firme em assuntos de fidelidade, só teve uma idéia:

— Mato o desazonador de minha honra. Na hora! Com dez tiros na boca!

E o constatar, por provas e mais provas, que Dorodela praticava coisas de travesseiro com o dr. Ribamar Leivas, comprou um revólver deste tamanhol. E já entrou em casa em feição de notícia policial. Mas chegou para saber pela esposa da grande novidade. Dorodela esfregando as mãos, contou ao marido a proposta do dr. Leivas:

— Pediu segredo. Mas vai te dar um cargo de diretor da Companhia de Amilinas São Pedro. Coisa de importância, com secretária bonita e telefone às ordens. Vai ser sortudo assim na China!

De noite, de barriga para cima e falando para o teto, na paz da cama, Ornchbaldo disse de um ouvido para outro:

— Não tem como um bom pau-de-fogo para fazer o sujeito subir na vida. Não tem!

E dormiu feliz. De cabeça limpa.

## 7 QUEM SOUBER O PARADEIRO DE LILI REIS MANDE NOTÍCIAS

Sucedeu que houve um festão de cinco andares em Cajueiras, cidadezinha de muito bom proceder, católica de São Jorge e São Tomé. A distinta sociedade bebeu tintas de quentão e mastigou vários bois de corte. E no sair da lua, na hora dos rojões, um certo Lili Reis segurou numa cauda de foguete e subiu. Procuraram Lili no céu e no barro. E nada de Lili aparecer, motivo pelo qual o semanário de Cajueiras, o bravo e sem medo *Acanté*, estampou anúncio para saber o paradeiro do sumido Lili. Neste estilo de renda de bilro:

“Dá-se dois bois do Piauí, de grande apuramento, a quem der notícia de um tal de Lili Reis, que com parte de subir em rabo de foguete, todo metidinho a aeroplano, arrebanhou a fêria da Prefeitura de Cajueiras, bem assim como seus competentes livros e carimbos.”

## VERBOS E GERÚNDIOS PELA PONTA DOS DEDOS

O mestre Zeferino Moscoso recordando, na porta da Colombo, seus heróicos tempos de professor de gramática em Crubixais do Alto:

Aquilo é que era educação! A gente largava a palmatória na manada de sair verbos e gerúndios pela ponta dos dedos. Os mestres tinham o apoio dos pais. Chiquinho Cravo, que depois foi deputado e senador, aprendeu gramática com meia dúzia de aulas de palmatória. Antônio Barbirato, filho do desembargador Barbirato das Neves, na primeira caçetada que levou na raiz do ouvido desmaiou. E quando voltou do desmaio estava falando francês. Aquilo é que era ensino! Hoje, com essa mania de modernismo, o negócio virou da cabeça para os pés. O mestre agora apanha dos alunos. Um colega meu do Educandário Afonso Pena levou uma cabeçada tão ferina que ficou três dias sem fala. Quando recobrou a voz foi para gritar pela progenitora e pedir aposentadoria. Não falando no caso do doutor Penedo Riscado. Pegou tanto bofetão nas bochechas que botou pela boca *Os Lusíadas* de Camões, fora outras obras de pequeno porte. Por essas e outras é que deixei o ensino. A gente amassa um aluno e vai preso. Só porque reürei do seu devido lugar um par de orelhas, levei processo, fui destrutado pelos jornais e comi o pão que o diabo faz em sua padaria de desgraças. Ensino, nunca mais!

## O ALISADOR OU A MISSÃO FRACASSADA DO SOLDADO TATÃO RAMOS

Trecho do relatório que o delegado Gontijo dos Santos, de Guaxindí da Boca do Mato, remeteu aos escalões superiores:

"Vai de meio semestre para cá que esta jurisdição criminal foi tomada pelos desregramentos de um indigitado que deixa, nos escritos que escreve, o nome de Chico Alisador, cuja astúcia principal consiste em escamar, no sono da madrugada, pernas e demais naturezas das meninas e damas em suas alcovas. Anda com pé de páina e some em feito de vento. Para dar cobro a tamanho despautério, montei armadilha especial na pessoa do soldado Tatão Ramos que vesti da roupa mais fina e a cara dele empapei das pomadas mais custosas dos armarinhos, foramente uma cabeleira postiça que angarici no comércio de Ubaí. Assim, em jeito de moça, de salto alto e bolsa no dedo grosso, foi Tatão dormir na casa das meninas Frazão, muito apreciadas pelos altos avantajados com que a natureza municiou seus respectivos amassadores de cadeira, coisa de ser vista no longe do olho nu. Rebocadas as meninas para lugar seguro, ficou Tatão fazendo as vezes delas e bem não tinha apagado a vela já desnaturado era chegado, pelo que submete o dito Tatão a trabalho de escamação que começou na boca da noite e saiu pelo gogó da madrugada, sem que o descompetente deitasse mão nele. De manhã, sabedor do sucedido, inquiri Tatão em modo autoritativo, reprovando seu pouco-casismo e suas desconsiderações para com a Polícia Militar. Respondeu fora dos regulamentos, afiançando que de uma boa alisação ninguém nunca que podia escapar. Nesse ínterim, o nojeito indivíduo passou pelo quarto de mais cinco moças e quatro viúvas, de não escapar nem a velha Dodó Reis, que já atravessou cem anos só de fazer licor de jenipapo. Na hora que intimei a dita Dodó Reis para falar no inquérito, veio com gritos e impropérios asseverando que não era pior do que as outras e até que o noturno sujeito louvou seu serviço de joelhos e partes além. Diante disso, não tem mais velha nesta jurisdição criminal que não queira dormir de janela escancarada, pelo que tive de reforçar a ronda. O pior é que essa mania contaminou até o pessoal do comércio de Guaxindí da Boca do Mato, havendo muito negociante maluco da cabeça para ser passado pela mão do indigitado Chico Alisador. O sacristão Lilico Alvarenga não quer outra coisa e até o tal do paletó lascado ele já adquiriu, o que é uma sem-vergonhice em sujeito com responsabilidade de missa e batizado."

## UM QUILO DE ESPÍRITO PÚBLICO, POR FAVOR!

Calixto Peixoto, funcionário de pequeno porte de Bela Cruz do Cariré, depois de devastar duas garrafas da famosa Vai em Frente que é Mole, desandou em confidências. Com o ouvido do seu compadre Gervão de Sousa às ordens, passou a dizer:

— Não tem, Gervão velho, coisa mais calhada para abrir as verdadeiras da gente do que uma talagada de cachaga. O sujeito fica liberado de tudo. Sem aguardente na entranha não passo de Peixotinho dos Impostos, mais serviçal que um capacho. Nas minhas águas, sou outra prosopopeia. Sou Peixotão das Mulatas, doutor Calixto de Sousa e Athayde com ipsilone! Com ipsilone, compadre Gervão! Que diz na cara do prefeito Zacarias do Monte que ele não passa de um ratão velho, que só não leva a pedra fundamental da Prefeitura para casa porque está muito enterrada no barro. Sem calibrina, no meu natural mentiroso, digo o contrário, sou serviçal de tudo que é graúdo da terra. Até artigo de louvor andei derramando nas colunas da *Comarca* quando esse animal de tração que é Zacarias do Monte inaugurou quarenta anos de furtos e roubos na jurisdição de Bela Cruz do Cariré. Lhe digo uma coisa, compadre Gervão, se baixar nesse ninho de Ali-Babá uma inquirição do governo não fica ninguém do lado de fora. Entra todo mundo. Vai ser um processo de cem metros. Vão ter que miandar vir reforço de papel até do estrangeiro, que o nacional não vai dar. E eu entro também, compadre, porque nas horas vagas, na hora em que não estou bebido de gambá, meto a mão nos impostos, que não sou besta. Já trabalhei muito pelo progresso do município. O que eu quero agora, amigo Gervão, é tirar proveito do meu reconhecido espírito público. Fazer como o compadre muito bem fez, quando era gerente da falecida Fábrica de Tecidos União. Dilapidou a firma de alto a baixo, de não deixar uma chita para ninguém. Viva o compadre Gervão!

## UMA QUESTÃO DE VIDA OU DE GRAVATA-BORBOLETA

O moço Abreu Pestana montou, na rua da Imperatriz, banca de doutor em leis, chegado do Rio e aparelhado para defender, no civil e fora do civil, qualquer causa por mais pau-com-formiga que fosse. Era em São Félix, cidadezinha que vivia a bem dizer das tetas de suas vacas e com orgulho apregoava ter o melhor queijo em cem léguas em derredor. Era branquinha de leite, com jardim de passear e igreja de rezar. O dono de toda essa ostentação morava no beco do Cravo, em casarão que vinha do mais recuado antigamente, o major Leleu Calaña. Valia o major por um saco de surucucus. O povo, contaminado de susto, passava diante de sua varanda em jeito de virgula, cabeça rebaixada, quase na ponta do pé. Mas o moço Abreu Pestana, doutor novinho em folha, deixou de lado a fama do major e aceitou cobrar umas contas muito dormidas dele. Quando, no meio da barba, no Salão Royal, Pestana asseverou que ia demandar contra o major Leleu Calaña, o barbeiro, navalha no ar, parou o seu escanhoar. F. recuando:

— Virgem mãe! Não cometa tal dilate.

Mas o doutor cometeu e ganhou. O major teve que pagar tudo na boca do cofre, sem um aê, sem um gemido. Na asa dessa vitória a coragem do moço inchou. F. inchando, mandou fazer tabuleta que colocou no consultório da rua da Imperatriz. A tabuleta ria por cima desses dizeres:

DR. ABREU PESTANA ACEITA TUDO  
QUE É CAUSA. MESMO CONTRA O  
MAJOR LELEU CALAÇA

O enterro do moço veio logo em seguimento. Tempos depois, em conversa de varanda, o major afiançou que a morte do doutorzinho não

teve raiz na demanda da Justiça nem no desaforo da tabuleta. Foi motivada por falta de respeito. E clareando a dúvida:

— Onde já se viu um sujeito aparecer em São Félix com aquela sem-vergonheza dependurada no pescoço, hein?

A sem-vergonheza era uma gravata. A gravata-borboleta do doutor.

12

### NA ASA DO ÚLTIMO GÁS

Manequinho Alves chegou no Pavilhão Americano e ofereceu os préstimos do anão Jonjoca-Meio-Quilo, o maior saltador de altura de Sapopira do Sul. Diante da cara espantada do diretor do estabelecimento, não acreditando no salto do nanico, Manequinho reforçou a proposta com esta explicação:

— Salta mais que macaco em roça de milho. Já disse e repito. Salta mais que ovelha, mais que o gado e o brito. Só que tem um porém para esse serviço. A gente, para fazer o preguiçoso pular, tem que dar um cacete firme no tendão do pé do sem-vergonha. Ai, meus senhores, Jonjoca é anão de pular os mais altos panos dos circos de cavalinho. De uma ocasião, em Urubí, acertaram uma paulada tão danada da vida em Jonjoca que Jonjoca subiu pela torre da Igreja Mãe dos Homens e já ia ganhando o fofinho de uma nuvem quando a cacetada perdeu as forças e Jonjoca teve de voltar na asa do último gás.

Diante de tão claros argumentos, o anão foi contratado. Com Manequinho Alves na proa e mais dois ajudantes de cacetada na popa.

13

### AMOR DE CONTABILISTA EM CARTA COMERCIAL

Carta de despedida do contabilista Sabugosa de Castro a Belinha Guedes, moça de prendas domésticas de Jundiá dos Filares:

Prezada senhoria:

Tenho a honra de comunicar a V.S.<sup>a</sup> que resolvi, de acordo com o que foi conversado com seu ilustre progenitor, o tabelião juramentado Francisco Guedes, estabelecido à rua da Praia, nº 632, dar por encerrados nossos entendimentos de noivado. Como passei a ser o contabilista-chefe dos Armazéns Penalva, conceituada firma desta praça, não me restará, em face dos novos e pesados encargos, tempo útil para os deveres conjugais.

Outrossim, participei que vou continuar trabalhando no varejo da mancebia, como vinha fazendo desde que me formei em contabilidade em 17 de maio de 1932, em solenidade presidida pelo Excmo. Sr. Presidente do Estado e outras autoridades civis e militares, bem assim como representantes da Associação dos Varejistas e da Sociedade Cultural e Recreativa José de Alencar.

Sem mais, creia-me de V.S.<sup>a</sup>, patricício e admirador,  
Sabugosa de Castro

14

### DE COMO O TABELIÃO SÁ BARBALHO LAVROU A ATA DO DESCOBRIMENTO DAS AMÉRICAS

É de repente, na sala do Cartório Raul Pimenta, o tabelião Ludovico de Sá Barbalho estancou a pena no meio de uma lavratura e disse com voz de mar alto:

— Comunico e participo que de hoje em diante não sou mais o tabelião juramentado de Crubixais do Rio Novo. Sou Cristóvão Colombo pela vontade de Deus e do rei. Amanhã lavrarei a competente ata do Descobrimto das Américas.

Estava maluco. É, no dia seguinte, que era domingo, toda Crubixais do Rio Novo viu o tabelião Barbalho sair em passo de 12 de Outubro e

ganhar a rua das Flores. Levava embaixo do braço uma luneta e na cabeça um chapéu de almirante. Quando chegou na praça da Matriz, gritou em feitiço de escritura pública:

— Ao mar!

Como não havia mar em Crubixais, Barbalho navegou mesmo em seco e em seco ancorou a caravela na porta da Barbearia Central. Os filhos, com seu compadre Juquinha Azambuja na frente, correram para desenterrar o barco do velho Ludovico de Sá Barbalho. E mansamente bordaram pelo fundo da praça da Matriz de modo a colocar o tabuleiro em águas de casa. Na soleira da porta, antes de entrar, Barbalho voltou a gritar:

— Sou Cristóvão Colombo vitalício do que não abro mão nem faço acordo!

Loucura pega de galho. E tanto pega que houve um derramamento de doidão em Crubixais. Um era pajem do rei, outro nobre da corte e outro covarde geral. Quando o dr. Sabugosa Leiteão, circunspeto juiz da comarca, que não ria nem brincava com ninguém, veio de Rui Barbosa, carca e de pinetê, o tabelião Barbalho deixou no mesmo instante de ser Cristóvão Colombo. Reuniu o pessoal graúdo e avisou:

— Deu tanto maluco em Crubixais que alguém, meus senhores, deve ser o juiz. Comunico e participo que de agora em diante sou o doutor Sabugosa Leiteão.

E desandou a despachar os processos em pauta. Com muito acerto e competência.

15

## SE ESCAPAR DO MÉDICO MORRE NA FARMÁCIA

Trecho da carta que Baltazar Meireles mandou para seu bem-querer a doméstica Anita Feitiço:

“Nitinha, deixei o ramo de caixeiro de armarinho para entrar na carreira de papa-defunto. Com os médicos de Cachoeira do Timbó é o negócio mais pingado do momento. O dr. Castrinho

Quintanilha não perde um caso — manda todo mundo para cova de cemitério. Doente que bater em sua mão não atravessa a segunda receita. Fico de olho no padecente que entra em seu consultório. Trato logo de tirar a metragem do caixão dele, bem assim como providencio as competentes coroas. Quando o pobre escapa da unha do dr. Castrinho morre nos aviamentos das receitas da Farmácia Moderna onde Tadeu Ramos, sócio da Funerária Boa Esperança, exagera nos ingredientes ministrados. Só em passar por perto das poções e sanitivos de Tadeu Ramos o patriota fica adquirido de tonturas sem fim. Astuciou um tal Vomitório Três Marias de fazer Chiquinho Novais remeter para fora coisa de não ter cabimento. Veio pela boca de Chiquinho até o relógio que estava no bolso da calça. Em Cachoeira do Timbó não tem escapatória. Adoeceu, morreu.”

16

## HERÓI POSTO A PIQUE

Entrou em casa, fora de hora, com o chapéu de dois bicos, feito de jornal. E, antes que dona Licovina Guedes, professora de Letras, abrisse o gramofone, Agartino, funcionário da Secretaria de Obras, bateu os calcanhares e avisou:

— Respeito comigo! Sou admirante. Não escolhi ainda qual deles, Tamandaré ou Pedro Álvares Cabral. Amanhã delibero.

Levou pela caixa dos peitos a maior cadeirada de São João do Alto. E dona Licovina para as amigas e vizinhos que vieram ver o montão de destroços em que ficou transformado o amanuense Agartino Pereira de Sá Feliciano Guedes, seu marido:

— Depois que recebeu, de brinde, uns almanaques ilustrados, o sem-vergonha deu para aparecer em casa, alta noite, encarnado neste ou naquele figurão. Só de Napoleão Bonaparte veio três vezes, fora outras miudezas, como mocinho de fita de cinema e equilibrista de circo de cavaleiro. Fui revelando. Até que agora o sem respeito apareceu de Tamandaré e Pedro Álvares Cabral. Achei que era ofender o Brasil, pelo que acabei com a prosopopeia dele a poder de cadeiradas.

De fato, o corretivo da mestra de Letras foi tão desmontador que Agartino só acordou no rabo da semana. Enjoado, com maresia na boca, falou sozinho enquanto botava a língua para fora, diante do espelho:

— Fui a pique!

17

### PORRETADA NOS IPSILONES DA CONFRAERNIZAÇÃO GERAL

Fra partida de confraternização entre a brava equipe de Limoeiros e a não menos brava equipe de Jacarezinho, teve tanto pau que foi um desperdício. Sernado o comício de cacetadas, o delegado Joaquim Azeredo, mais conhecido como Azeredão das Mulatas, remeteu para as autoridades superiores este breve, mas equilibrado relatório:

“Fui adveio por causa de um treze-de-maio, mutilação do time visitante, temon em jogar municado de costeleta avançada. O pessoal embirrou com a costeleta dele, pelo que foi o dito utensílio extraído a poder de dente de alicate. Mas o piormente vinha vindo mais adiante, quando o pessoal visitante, sem a menor respeitória pelo povo de Limoeiros e suas competentes autoridades, deu de enfiar gol no cangote de gol. Aí, com justas razões, o povo do distrito deixou de banda as boas educações e largou porretada de fundir os ipsilones da dita confraternização, que foi coisa de sair nas gazetas. Como autoridade competente, responsável pela zelação da tranqui- lidade pública, fiquei de lado, assuntando tudo para no adiante relatar, de modo equilibrado e justicialista, o que houve e que não houve. Mesmo assim para não deslustrar o cargo e honrar a nome- ação do governo, dei um par de tiros nos assentamentos de um sem- vergonha de um bandeirinha e soltei um batuta de um rabo-de-arraia num sujeitinho frajola, metido a falar dificultoso, que vim a saber, em conversa de mais tarde, ser o orador oficial do povo visitante. Enfim, nem tudo foi deslustração e vexame na confraternização de Limoei- ros e Jacarezinho de São Pedro. Dona Escolástica de Araujo levou

uma bolachada tão bem lavrada naquela cara de fôgão a gás que aprendeu a andar de bicicleta.”

18

### MORRA AGORA E PAGUE DEPOIS

Fra papa-defunto de nome antigo: Diogo Scrapião. Atuava no varejo dos caixões, entre Lapinha e Mirassol. Ao saber que um certo Apolônio Ferreira estava embarca-não-embarca, vestiu a roupa de guerra e partiu para a casa do aspirante a defunto. Com olho de catacumba, foi serviçal, foi prestativo. Ficou na cabecera do empanzinado dois dias e duas noi- tes. Pagou até despesa de bebida e biscoitos de araruta. Estalava os dedos e dizia:

— Defunto meu passa bem. Tem de um tudo.

E dando Apolônio com o dinheiro em caixa, chegou a medir, no escondido da noite, o tamanho dele com seu metro defunteiro. E para ganhar tempo, providenciou caixão de madeira especial, que Apolônio era gráido de não ter, para pronta entrega, o número de seu envelope. O diabo é que Apolônio, que estava na beira da cova, fez força, tomou poções e novo alento tomou. E do novo alento para a saúde a todo pano foi um pulo só. Os parentes de Apolônio respiraram aliviados:

— Arribou! Está como nasceu.

Aí o papa-defunto danou. Disse que era um desaforo. Como é que Apolônio, sujeito de respeito, aposentado dos Portos e Canais, fazia um papelão daquele tamanho! E de dedo na cara do esbranquiçado Apolônio:

— Ademais, já mandei cortar a madeira. Seu caixão ficou uma tetéia, de não existir coisa melhor em derredor de trinta anos. Lhe digo, seu Apolônio, que faz a maior besteira da vida não morrendo agora.

Uma batelada de braços e pernas veio em socorrência do doente Apolônio. Como Scrapião sentisse murro a bordo, escapuliu para a rua. E, do outro lado da calçada, de olho forrado das mais negras mortalhas, avisou:

-- Me paga, caloteiro! Da outra vez eu cobro tudo. Não vai ser como agora, enterro facilitado. Cravo na conta até o teu último suspiro.  
E negro como um urubu sumiu na noite escura.

19

### MÁGICO DE PEQUENA EXTRAÇÃO NÃO CHEGA A PÁSSARO AZUL

Para meio de pequenas extrações, era Lilico Alves, de circo mal pago e esfarrapado. O mais que Lilico fazia era tirar cambaxirras da cartola. A última noite de Lilico aconteceu no Pavilhão Mexicano quando conseguiu retirar do bolso do paletó uma bandeira do glorioso Estado do Maranhão e dentro dos panos dela dois mininos pombos dourados. Sem saber o que fazer com a própria mágica, Lilico recolheu a cartola ao Hotel Oliveira de Santa Maria de Assunção. Subiu para o quarto meio cabreiro, sem acreditar no que fez no céu do Pavilhão Mexicano. E, na calma do aposento, sem olho de ninguém que ver, Lilico repetiu a mágica e de novo apareceu aquela bandeira enorme puxada por quatro passaros que voavam em anil. Espantado, Lilico meteu a cabeça entre as mãos e disse baixinho de Lilico para Lilico:

-- Virgem Nossa! Que deu em mim?

Para o maior mágico do mundo, coisa nem nunca existida nas feitiçarias de São Cipriano. E no meio do quarto, como prova dos nove, fez de novo funcionar seu saco de maravilhas. Meteu a mão no bolso, como fazia nos circos mambembes, para ver que nova invenção saía. E na ponta do seu gesto nasceu um arco-íris do mais lindo acabamento. Gente parou na rua, diante do Hotel Oliveira, para admirar aquela derramagem de cores na noite de Santa Maria de Assunção. Foi quando Lilico Alves, balançando a cabeça, viu que seu ofício de mágico estava no fim. Pensou: -- Ninguém nunca que vai acreditar que faço essas prosopopéias. O povo vai cuidar que sou pregador de mentiras.

E dependurou, para sempre, a cartola de extrair pássaros azuis.

20

### SONHO TAMBÉM PEGA FOGO

E Nequinho Gomes, vendedor ambulante em Capociras de Andaraí, ficou tão esquentado com a conquista da Lua que comprou vinte rojões, amarrou todos eles num cabo de guarda-chuva com um gato no comando. E, contente da vida:

-- É, o comemorativo de Nequinho Gomes em homenagem aos acroplanos que andaram na tal da atmosfera.

Bebeu de gambá, acendeu uma tocha e rumou para o ninho dos rojões. Mas, trocando as bolas, ficou no lugar do gato e acendeu o pavio. E se deu aquele estrondo. Os rojões, de rabo quente, saíram soltando escamas de fogo e no meio deles, todo dourado, seguia Nequinho Gomes. Foi cair num alagado onde só foi desencravado a poder de muita corda e pá. Frase de Nequinho misturada com lama:

-- Quando já estava nascendo asa no meu sovaco, veio o fogo do rojão e incendiou tudo!

21

### SURUCUCU DE DIÁRIO OFICIAL

Abriu o guarda-chuva e apertou a gola do paletó surrado por anos de natalina e vencimentos curtos. E deslizou as botinas de funcionário interino pela rua das Marrecas. Nome do guarda-chuva e do paletó avacalhado: Badenes Guirjão de Sousa. Um monte de anos de humilhações e espinha baixa. Louvações aos senhores diretores-gerais: "A nomeação de Vossa Senhoria é um dos atos mais felizes deste feliz Governo." E ouvia a língua de cobra de Bessa Pereira do Serviço do Pessoal avisar:

-- Cuidado com o artigo 231! Não tem interino que resista.

De uma feita, soltaram esse cão danado do 23 em plena Divisão do Orçamento. Espirrou interino até pela folga das janelas. A viúva Andreina de Sá, além de perder um cordão com o retrato do saudoso Albermandes de Sá, ficou desfalecida por meia quinzena. Quando voltou a deliberação, disse que era a Princesa Isabel e desandou a decretar a abolição da escravatura. O que fez o dr. Ribas de Castro asseverar enquanto dava corda no relógio de prata:

— O 23 quando não mata deixa pelo menos de cachumba.

Badenes parou diante de uma banca para ler os jornais que abriam a boca contra os interinos:

Degola para os funcionários sem estabilidade! Cada repartição deverá remeter, dentro de trinta dias, a relação dos servidores interinos que deverão ser dispensados.

Badenes recitou como se fosse uma pancada. Engraçado! Todo governo que subia só amanaçava um objetivo: salvar a pátria em cima dos interinos. Badenes explodiu por dentro:

— Cachorros!

Nisso, um relógio avulso atirou nos ouvidos de Gurjão a hora certa: dez e meia. Apertou o passo. Não podia entrar depois das onze. Era dia perdido. Já ouvia até a voz de livro de ponto de Bessa Pereira do Serviço do Pessoal:

— Seu Badenes, olha o 23! O 23 é de fundir os tímpanos.

Atravessou a rua Santa Luzia, pegou um táxi e desceu, por uma nota de dois mil-réis, na porta do Fomento Agrícola. E rápido, em passo de estirar as virilhas, afundou o paletó surrado e o guarda-chuva barato por salas e corredores. Nisso, no cotovelo de um corredor, esbarrou em distinto cavalleiro que vinha muito apressado no comando de uma fiera de senhores de óculos e papéis na mão. Os óculos do cavalleiro apressado vacilaram e caíram. Uma voz, afrita, pediu:

— Deixa, Senhor Ministro, que eu apanho.

De relance, o pobre Badenes contou meia dúzia de sujeitos de gatinhas que fuçavam o assoalho em busca dos óculos do sr. Ministro. Confusão total e acabada. Relatórios saíram do fundo das gavetas e processos criavam asas em socorro de S.Ex.<sup>a</sup> Um magrinho, que trabalhava no Almoarifado, empinou as veias do pescoço e soltou este guincho informativo:

— É o Badenes Gurjão. É interino. Quebrou os óculos do sr. Ministro. Logo os óculos de despachar com o sr. Presidente da República. Que atrevimento!

Badenes pulou a primeira janela que encontrou, ganhou a rua e abalou por dentro da chuva. E, atrás de suas botinas furadas, como cachorro danado, aquele vozeirão que escorria pelas portas, janelas e fendas do Fomento Agrícola:

— Pega! Mata! É interino! Solta o 23 na canela dele. Solta!

## 22

### AMOR IMORTAL MORRE DE TARDE

De tarde, ao dobrar uma esquina, aquele encontrão. Mercedes Pires nem reparou nele, que foi sua grande paixão. Aniceto de Castro, o Castrão das Rendas Aduaneiras, também em Mercedes não reparou. Esteve na curva de 1922, a pique de meter uma bala no casco pela beleza em flor de Mercedes. E Mercedes, pelo bem-querer de Castro, quase abriu os pulsos com uma faca de cortar mortadela. Do talho aos jornais era pulo de periquito. E até imaginou o berro das manchetes: “Linda moça de Cordovil morre por um amor impossível.” Mas entre o tiro que não houve e a faca que não cortou, a folhinha da parede desfolhou quarenta bem passados anos. E de repente, na dobra de uma esquina, aquele esbarrão. Castro nem reparou em Mercedes. Falou para dentro, para o ouvido de seu suspensório:

— Uma ilha desta tonelagem devia andar no meio da rua, com placa de caminhão nas costas. É páreo para ônibus e não para gente de calça e botina.

**Mercedes também não reparou em Castro. Falou sozinha:**

– Cada tipo esquisito! Parece de tão gordo, que está esperando criança. Se tivesse espelho em casa devia reparar que aquela sua cara de engomador elétrico não pode usar óculos nem costeleta. É cara para tomada de parede.

E, assim um passou pelo outro. Perdidos na distância de quarenta anos.

23

### DO PURGATIVO SAIU UMA BORBOLETA

Como Jurihocas da Várzea, muito atochada de reumáticos e tosses de vento encanado, carecesse de um prático em farmácia, contrataram, em Callas do Cipó, um certo Zito Pereira, que pisou a rua da Aurora com fuma de quase doutor ser. Era rindo pelos dentes de ouro que o prático Pereira, de palito desabado no beijo, apregoava na porta da Farmácia Ankarati:

Tive de largar o curso das medicinas na quarta parte. Não fosse esse tropeço, era doutor com placa na porta, que instrução levo muito mais que muito médico de canudo registrado.

Fim cima dessa sabença desandou a recitar, por conta própria, pílulas e calamelanos. Um dia errou o aviamento de uma receita de deixar, por meio mês, de fio a pavio, o juiz de paz Arcanjo Aragão com uma desordem de barriga nunca vista. Tão grande e estrondosa foi que a vizinhança, não resistindo às proximidades de Aragão, mudou de casa. O barbeiro Quinquim Santarém fechou as portas do Salão Chic e colocou num prego o seguinte aviso:

FECHADO ENQUANTO DURAR  
O SOFRIMENTO DO MAJOR ARAGÃO

Na porta da botica, de óculos na ponta do nariz, Pereira explicava:  
– É remédio de descarrego. O juiz vai sair mais limpo da entranha que menino novo.

Quando Aragão, fino de palito, escapuliu das garras do remédio de Zito Pereira, mandou o seguinte telegrama para um seu compadre da Bahia: PEÇOFMETERURGÊNCIAMAIORPURGATIVODECAVALI. O ENCONTRAR NA PRAÇA PARA SALVAR VIDA Boticário ZITO PEREIRA. O remédio, uma coisa pavorosa, chegou com brevidade e com brevidade sumiu pela garganta de Pereira. Passado por ele, o prático em farmácia ficou tão fino que virou borboleta. Pegou um vento de mau jeito e morreu.

24

### PROSPERIDADE DE CURTO-CIRCUITO

Bilhete que Tomé Arcanjo, vendedor de máquinas agrícolas em Guaxirim da Serra, mandou para o primo Abelardo Seabra:

“Primo Seabra, a praça de Guaxirim é boa, tudo negociante de relógio de ouro na barriga que paga na boca da entrega da mercadoria. Cuido que vou acabar tomando estado em Guaxirim com moça de uns turcos entranhados em comércio de panos, uma família muito distinta, com três incêndios nas costas, todos três garantidos pelo seguro. No quarto fogo, que não vai demorar a ter, pois já botaram o estabelecimento a salvo de corisco e curto-circuito, eu caso, que nessa altura o fogo já consolidou o prosperismo deles e a menina do meu xodó, além de possuir alisador de cadeira de fino trato, já deve ter o baú da herança mais que cheio. E nesse entretimentos, primo Seabra, vou lendo “O Manual do Orador Moderno” e fazendo gargarejo com chá-de-melão-de-são-caetano que é beberagem muito apropriada para limpar o gogó e abrir a voz do patriota, uma vez que pretendo angariar o cargo de vereador de Guaxirim da Serra na próxima demanda do voto.”

25

### NECO AZAMBUJA EXONERADO DO COPO DE FAMÍLIA

**E** ao saber, por voz de confiança, que Neco Azambuja dava vazão ao seu bandalhismo desatarraxando, a poder de beijos, a boca e outras partes das meninas dos teatros do Rio de Janeiro, o comendador Fortunato Pecanha, tesoureiro da Santa Casa de Misericórdia de Aroeiras do Queimado, cuspiu de nojo e asseverou:

— Na minha casa o compadre Azambuja não bebe mais água em copo de família. Vou mandar comprar vasilha especial para aquele beijo contaminado.

A cidadezinha de Aroeiras, que dormia de camisola e de touca, logo acompanhou o comendador nas medidas saneadoras contra o beijo nefasto de Neco Azambuja. E assim nasceu e cresceu em Aroeiras do Queimado o copo da sem-vergonhice. O copo de Neco Azambuja.

26

### BODE VELHO PEDE CAPIM NOVO

**C**incinato Pereira, em cima de seus colarinhos de ponta virada, sempre de preto, dos óculos aos confins da botina, almoçava e jantava provérbios. Não comprava o mais velho carretel de linha no Bazar Duas Pátrias de Santo André de Macabu sem deixar no balcão sua fatia de Marquês de Maricá. Se acordava tarde, com o sol a todo pano, logo dizia enquanto colocava os suspensórios:

— Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga.  
Nunca suas botinas pisavam salão ou saleta de festa. Recusava os convites na jurisprudência deste provérbio:  
— Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz.

**E**ra professor de letras redondas e passava por homem de ricas prendas. Não ria porque “muito riso pouco siso”. Não andava depressa porque “quem corre cansa”. Não falava muito porque “em boca calada não entra mosca”. Na chegada da revolução de 30, em Santo André de Macabu, o povo recorreu ao serviço do professor de modo a parlamentar com a tropa do tenente Juruá de Melo que vinha na ponta dos cascos, na proa de dois canhões e cinco metralhadoras. Cincinato aceitou a missão com um provérbio:

— Quando o pé-de-vento vem feio e forte é melhor ficar do lado do pé-de-vento.

Vestiu o terno de cerimônia, espanou os óculos e aderiu ao tenente Juruá. Em cima do bom senso deste estilhaço do Marquês de Maricá:

— Contra a força não há resistência.

E, emburilhado na bandeira que diz que “o coração não envelhece”, os sessenta e nove anos de Pereira, uma noite, abalaram a cidadezinha de Santo André de Macabu com novidade de seu casamento contra a menina Ritinha Barbeitas, moça tenrinha em idade, mas com um par de possuídos que fazia o povo sem brio de Santo André parar e olhar para trás. Cincinato também olhou para trás, gostou e casou. Do alto de um provérbio:

— Moça nova, manido sisudo.

Dois meses andados, no esforço de subir e descer as ladeiras e curvas da menina Ritinha, o professor sentiu fina agulhada no peito, arregalou os olhos e pediu padre. E, antes que a morte viesse, enquanto alisava os tornados e partes afins da esposa, deixou escapar seu último Marquês de Maricá:

— Bode velho pede capim novo.

E, fechou o pasto.

27

### AROBALDO SEABRA PASSADO A LIMPO

**U**ma cooperativa de sujeitos ofendidos, namorados e maridos, aplicou em Arobaldo Seabra uma coça de primeira página de jornal. Medicado,

**posto de novo em tráfego, Arobaldo procurou as autoridades de Codozinho da Serra para os seguintes esclarecimentos:**

— You mandar dinamitar as costeletas e o competente topete, que essas duas guarnições de minha cara só têm carreado aborrecimentos para meu viver de alfaiate com dez anos de tesoura e agulha. Dá-se que o mulhério de Codozinho, onde tenho oficina montada, é lélé da cabeça pelo meu topete descaído na testa. Desta data para a frente juro que you fazer uma limpeza geral em minha figuração. You dar de usar cabelo militar, cara raspada de padre, terno de negociante da rua do Comércio e adotar na boca o tal do charuto. Quero ver que sem-vergonha de mulher vai agüentar Arobaldo Seabra de charuto de gambá e cabelo de sargento da Polícia Militar!

28

### OS SONHOS CANALIZADOS DE NONÔ CUNHA

Nonô Cunha, negociante da praça de São José de Pipeiras, dono do Bazar Japonês, sonhava muito com chuva — era chuva em seu travessão desde que deitava até que acordava. Chovia tanto nos sonhos de Nonô que Nonô pegou trem de ferro e cortou duas dúzias de léguas para vir trazer sua chuva ao consultório de um certo doutor de muita fama em Campo Limpo. O doutor, sujeito de pincenê, ouviu Nonô e garantiu que curava o padecimento dele em pronto instante. E com a mão aconselhativa na direção do chuvitivo Nonô Cunha:

— Vou lhe recitar umas pílulas de modo a abrir sua bevinga, que a retenção dela é causativa desse mal-estar de que sua pessoa é possuída.

Nonô seguiu a receita do doutor de Campo Limpo e deu de fazer pipi que foi uma pujança. E feliz da vida, dentro de terno cáqui, Nonô Cunha vivia falando das bondades do pincenê que estancava chuva. Era debruçado no balcão do Bazar Japonês que apregoava sua admiração:

— Sujeito capacitado! Doutor de pincenê. Quando bati as vistas na ilustração dele vi logo que era médico especial. Pegou toda a chuva que

chovia em mim e fez correr as águas dela para dentro do ralo da minha bevinga, do que resultou vaziar a maldade por baixo.

Encurtando, canalizaram os sonhos de Nonô.

29

### SEGURA A ONÇA QUE EU SOU CAÇADOR DE PRÉÁ

Não passava de um modesto caçador de préá. Era Bentinho Alves, dos Alves de Arrió do Pará. Em dia de semana gastava os olhos no pilulador da Farmácia Brito. Em tempo de feriado consumia as vistas no rastro das préás. Até que resolveu caçar bicho de maior escama:

— Comigo agora é na onça! Ou mais que onça! Na tal da pantera negra.

Foi quando deu em Arrió do Pará um doutor de erva aparelhado para fazer os maiores serviços de mato adentro. Mediante uns trocados, o curandeiro botava macaco para desgostiar de banana e tamanduá correr com perna de coelho. Bentinho, exagerado, mandou que o especial em erva preparasse simpatia capaz de fazer morrer na pólvora de sua espingarda as caças mais grossas, coisa assim no montante de uma capivara de banhado ou uma onça das mais pintadas. E no ardume do entusiasmo:

— Ou mais! É, aparecer e morrer.

O curandeiro tirou uma baforada do covil dos peitos e mandou que Bentinho largasse no rodapé do arvoredo mais galhoso uma figa de guiné de sociedade com fumo de rolo e pó de unha de tatu. Bentinho não fez outra coisa. E montado nessa simpatia, uma quinzena adiante, o aprendiz de botica entrava no mato. E bem não tinha dado meia dúzia de passos já o trabalho do curandeiro fazia efeito na forma de uma onçona de três metros de barriga por quatro de raiva. Bentinho, diante daquela montanha de carne e pêlo, largou a espingarda para subir de lagartixa pelo primeiro pé de pau que encontrou na alça de mira. E enquanto subia Bentinho falava para Bentinho:

— Curandeiro exagerado! Isso não é onça para aprendiz de farmácia. Isso é onça para doutor formado. Ou mais!

E voltou para sua caça miúda de préá.

## REMÉDIO DO CÉU É SEMPRE MAIS BARATO

Foi deit se que o capitão Nicolino Borba, de Sacopé de Monte Verde, sentiu uma agulhada no peito, caiu e dado como morto foi. Quando era levado para o cemitério, eis que o capitão desabrochou por entre flores e grinaldas aos betros e já fazendo inquirições. Como era muito usurário, de não dar bom dia para não gastar o solado da língua, logo entrou de perguntarivo em pauta:

— Que negócio é este? Que despautério é este? Enterro de primeira, com caixão de veludinho e um jardim de rosas por cima, é para estuporar. É despesa muita para um defunto só. Desperdício!

Correu gente, veio o médico de maleta na mão e no caixão mesmo examinou o usurário. Logo na primeira ouvidada que aplicou na armação dos peitos de Nicolino, viu que andava bem vivo e em bom estado de uso. E aproveitou para falar dos perigos que o capitão corria. E com autoridade de receitador de poções:

— Desta o capitão escapou. Mas lhe digo que não vai muito longe se não fizer tratamento urgente, como requer sua doença. É o que lhe digo! Não vai muito longe.

Bem encastrado no veludo do caixão, Nicolino perguntou:

— Se não é falta de respeito, doutor, em quanto fica essa medicina?

O médico rapidinho colocou a mazela de Nicolino na máquina de somar e apresentou a conta:

— Oitocentos contos para um tratamento completo.

F. Nicolino:

— Toca o enterro, minha gente. Por esse preço prefiro morrer, que remédio no céu é mais barato.

## ASCENSÃO E QUEDA DE BOBÓ RAMOS

Transitava com o nome de Bobó Ramos e fazia política em Caruacá de Santa Rita. Tudo que a vista media era dele, desde terras e matas ao delegado, prefeito e juiz de paz. Nababão! O mundo a seus pés — um cachorro às ordens dele. Nem o governo podia com os poderes de Bobó Ramos. Até que uma tarde, pela rua do Ingá, começou a correr da boca para o ouvido, de casa em casa, a notícia de que Bobó Ramos estava de malas prontas para deixar Caruacá de Santa Rita. F. arrematavam:

— De não voltar em derredor de muitos anos.

Seu compadre Simão Veloso largou de mão os recitativos da Farmácia São Cosme para fazer este indagamento:

— Meu compadre major Bobó Ramos, que bicho lhe mordeu, meu compadre?

Aborrecido, Bobó relatou para o amigo que estava em conversa de varanda, falando de boi e pasto, quando jogou, como era de seu gozo e hábito, o toco de charuto na rua. O jogado deu duas voltas no ar e foi pegar na justa medida a cara larga de Manequinho Gomes, da Padaria Modelo. E Bobó Ramos com a mão boiadeira no ombro do compadre Simão Veloso:

— Ofensa maior não tive, seu doutor! Manequinho levou o charuto pelas ventas e não abriu o bico. Em outro tempo, o patriota vinha de chapéu na mão, cabeça no bico do pé, com desculpas por motivo do meu charuto ter sido contrariado pela cara dele. Hoje, que esperança! Manequinho nem ligou. Foi como se um cachorro, e não o charuto do major Bobó Ramos, tivesse latido para ele.

F. murcho, com voz de maracujá de gaveta:

— Estou desmoralizado, compadre. Ninguém respeita mais Bobó Ramos. Vou embora de Santa Rita para os nunca mais. E foi.

## 32 O AJUDANTE DE SÃO JORGE

**E** Tiburcino Torquato, depois de ler os jornais na porta do Bazar Três Andorinhas, em Capivari do Rio Novo:

— Muito dantes dessa gentinha da nação dos gringos andar na Lua, já Pedrinho Feijó navegava naquelas alturas.

E Tiburcino Torquato, limpando os óculos de aro de prata, relatou como sucedeu a visitação de Pedrinho Feijó em terras da Lua. Estava ele malhando um couro de boi, na companhia de mais dois trabalhadores de espichados, quando levou uma paulada bem no osso mestre do dedão de segurança. Ai Pedrinho começou a fumar, a soltar estrelinhas pelos bolsos da calça. Em seguimento, lagartixou pelas paredes da Coletoria Federal, ganhou a parte mais alta do sobrado do falecido Chiquinho Bessa, venceu a torre da Igreja de Santa Efigênia, segurou a aba de uma nuvem enquanto o povo de Capivari do Rio Novo implorava:

— Larga disso, Pedrinho!

Que esperança! De noite, na hora em que a Lua deu as caras, quem é que estava malhando, de dedão inchado, o dragão de São Jorge? Pedrinho Feijó! Quando desceu, todo rechocado de fama, ganhou um elogiativo do governo, um gramofone e foi servir de vereador em Ponte Alta, onde viveu e morreu dessa viagem a vida toda. Entluarado!

## 33 UM MESTRE DE CONFISSÃO ESPONTÂNEA

**O** delegado Xeném Cardoso, de Cacimbas do Livramento, relatando para seus superiores o caso da prisão de Vandílio Rosa:

“Comunico e participo que enquadrei o indigitado Vandílio Rosa, mais conhecido como Vandílio Pica-Pau, nas malhas das piores leis

e regulamentos do governo. Abri o processo com uma surra de cipó que foi um santo vomitório. Na quarta rodada de embira, o indigitado sujeito confessou um jacá de vandalismos, numa totalizagem de mais de oitocentos e cinquenta e três e meio delitos. O escrivão Jurandino Chaves trabalhou duas semanas de modo a meter em termos da Justiça tanta grandeza de maldade. Foi tanto crime e delitagem que a gente teve de dar outra surra em Vandílio para o indigitado recuar e não arcar com a responsabilidade da morte de gente que ainda está viva e vota no governo.”

34

## AZAMOR, AQUELE QUE MORREU NOS BRAÇOS DA POUÇA-VERGONHA

**R**etrato, com pontos e vírgulas, que dona Astrudes fez de seu marido, o tabelião Azamor Façanha:

— Azamor foi chefe de família exemplar, cumpridor de seus deveres, até que veio a moda da saia por cima dos joelhos. Dessa precisa hora em diante desabrochou nele uma remessa de sem-vergonhice de não caber em Viradouro do Pontal. Uma ocasião, na praça da Matriz, quando um pé-de-vento suspendeu o vestido da menina Ritinha Gomes, ficou Azamor contaminado de tamanha afrontação no peito que teve de ser levado, espumando feito sabão de barba, para a Farmácia Cunha, onde só deixou de fazer borbulha a poder de muita injeção na veia. A conselho dos amigos reboquei Azamor para uma sessão espirita e logo na abertura dos trabalhos o presidente da mesa, o major Ataliba Maranhão, mandou que Azamor fosse extirpado do recinto por estar vertendo, pelos olhos e pela folga do colarinho, cachos de calhordismo. Até que chegou o Circo Irmãos Meireles, de tarjada memória, na frente de um bando de saias bonitas. Não resistindo a tanta rajada de perna de fora, Azamor veio a falecer nos braços da pouça-vergonha logo na estréia do circo, na justa hora em que a moça do trapézio danou a tirar os panos, de não ficar um

só dos seus pertences de roupa. Bem não tinha retirado as ligas da meia já Azamor era defunto.

35

### LEÃO DE CIRCO PEDE DEMISSÃO DO CARGO

Totonho Reis aceitou o cargo de leão africano do Circo Polonês por estar a meio pau da mais negra miséria. A roupa não tinha mais cor nem sola tinha o seu sapato. Nem sabia mais o que fazer com a barba que ameaçava entupir a cidade. Quando o emprego de leão de circo chegou, foi para Totonho Reis a salvação da lavoura. Tão ardido ficou que confessou para o domador Giovanni Vivanti suas aptidões para o cargo:

— Não é para me gabar. A verdade é que dou para o negócio. Sempre imitei bicho. E, na disga em que estou, seu Giovanni, até empreitada de gambá eu pegava.

Era serviço maneiro, coisa leve. Totonho ficava por baixo da pele do leão, dava duas patadas no vento, fazia rom-rom, metia umas visagens em cena e o resto ficava por conta do cabaré Giovanni Vivanti, que entrava na jaula de cadeira e chicote. O que dificultava o trabalho de Totonho era o entusiasmo que Giovanni botava em seu ofício. Vez por outra, perdia a medida e largava uma cadeirada ou chicotada sem pena no pobre leão de mentira:

— Tonia, desgraçado!

Por baixo da pele, Totonho pedia com voz desbotada para ninguém ouvir:

— Seu Giovanni, abrande, que ainda não recebi o ordenado do mês.

Abranda, seu Giovanni!

Esse esfogueamento do domador Giovanni acabou por estragar a carreira de leão africano de Totonho Reis. Uma noite, em Sumidouro do Imbé, o circo rebentando os panos de tanta gente, Giovanni, animado pelas palmas da distinta platéia, entrou na jaula e dilapidou Totonho a poder de chicotadas. E quanto mais palma recebia mais o braço de

Giovanni engrassava. Até que Totonho, de pé feito leão dos contos da caroch uha, abriu a boca, botou a corneta na rua:

— Socorro! Vai bater assim na mãe, seu galego de uma figa! Com o ordenado em atraso, e tanto chicote no lombo, não tem leão africano que agüente. Peço demissão do cargo. Socorro!

E Totonho Reis deu por encerrada a carreira de leão de circo de cavalinhos. Serviço leve, trabalho manso.

36

### SÓ CINCO VEZES EM TODA A VIDA

Vinte anos poliram o falecimento de Fifi Mendonça. Foi nessa época que a viúva Mendonça confessou para uma amiga do peito:

— Marido bom era Fifi! Chegava cedo em casa, todo recoberto de pacotes de manteiga e pão quente. Tinha a mania de seguro de vida. Foi a esposa mais segura de São João de Meriti. Só na hora de dormir é que Mendonça mudava. Vinha de revólver engatilhado e indagava com boca de lobo e olho em fogo: “Dona Jurubaldina, onde está o mancebo teu amante, Dona Jurubaldina?” E danava a percorrer os armários de não deixar uma só peça sem vistoria. Quando dava na veneta, subia de gato pelo teto em risco de quebrar a canela. Uma vez foi parar no forro da casa em ceroulas e de garrucha na mão. Como sou mulher direita, em quinze anos de casamento só cinco vezes Mendonça pegou gente dentro do meu guarda-vestido. No mais, foi rebate falso.

37

### A VERDADE DE CADA UM

O juiz de paz de Porto das Antas era Nhonhô Baltazar. De manhã trabalhava no comércio de espichados e na parte da tarde metia o terno de

juiz de paz. Como afiançava ter sido prático de botica em São Mateus, vez por outra, no miolo das audiências, receitava purgativos ou praticava serviço de parto. Era arregaçando as mangas da camisa que o juiz de paz garantia:

— Nhonhô é pau para toda obra.

Servia as leis havia muitos anos pelo simples fato de ser o único a possuir em Porto das Antas um exemplar do Código Civil e assinar o *Jornal do Comércio*. E seu prestígio na praça subiu de fogueite quando, uma tarde, estando em sua casa do Largo da Freguesia, recebeu um telegrama com os seguintes dizeres: FELICITO ILUSTRE CORREIJEONÁRIO E COMPADRE PELA ATUAÇÃO OPEROSA FRENTE JUIZADO DA COMARCA, PELO QUE ESPERO, EM FUTURO PROXIMO, CONTAR SUA VALIOSA COLABORAÇÃO JUNTO GOVERNO FEDERAL. Quem assinava esse telegrama era o Marechal Floriano Peixoto, Presidente da República. Muitos anos depois Porto das Antas soube que o telegrama era falso, que o Código Civil de Nhonhô era do tempo antigo, de não vigorar mais e que Nhonhô não tinha sido prático de farmácia coisa nenhuma. Em verdade, nunca perdeu um parto. Em verdade, era um grande sujeito. E quando o caso do telegrama botou a cabeça de fora não importava mais. Nhonhô Baltazar era já de muitos anos morrido.

38

## MARCILIA À RÉ PARA GATO

É se deu que Apolentino Trovão cismou que era gato. Vivia de miiau em miiau. E de miiau em miiau pulava muros em horas tardias. Não podia ver cachorro, o mais insignificante lulu, que logo arrepiava carreira. Morava em Limão do Serro, onde era possuidor de uma fazendola de leite. A cidade gostava de Apolentino que era de natural sujeito de bem, tocador de bombardino na Lira 15 de Novembro. Sendo assim, gostado de todos, arrumaram em Saruí um doutor que fazia e acontecia com gente de cabeça

avariada. Era como Lagartino Peçanha, presidente da Loja Maçônica de Limão do Serro, afirmava nos braços do seu charuto:

— O patriota vai para a mão do doutor lelé da cabeça e volta Luís de Camões.

E para Saruí, para a mão do doutor, seguiu Apolentino com sua mania de gato. Durante meses ficou na jurisprudence do doutor de Saruí. Miou, miou, até que uma tarde chegou e garantiu que não era mais gato. E escreveu:

Doutor, que bobagem! Ainda bem que estou curado.

O doutor riu, converteu e remeteu Apolentino, sem gato e sem miado, para Limão do Serro. A cidadezinha, com a Lira 15 de Novembro a bombordo, veio receber o curado Apolentino Trovão. E entre abraços e abraçetes, felicitado mais que moivo de moça rica, foi levado até em casa, onde abriram em seu louvor garrafa de vinho do porto. Alegião, bem vestidão, Apolentino pediu a palavra e disse:

— Deixei de lado essa mania de gato que não calhava na minha pessoa, dono de fazendas e bombardinista da Lira 15 de Novembro.

Parou, endireitou o nó da gravata, avivou o lenço do bolso do paletó para continuar:

— Agora, meus amigos, sou desencaminhador de moça solteira e desfazedor de lar feliz.

E, nas bochechas espantadas do povo do Serro, desentocou da mala um frasco de água-dê-cheiro e esclareceu:

— É de aronância certeira. É botar na tal das axilas e o mulherio de Limão do Serro cair nas minhas botinas. É a devastação em frasco.

Imediatamente, sem perda de minuto, pegaram Apolentino trovão pelas presilhas e remeteram intecinho para o doutor de Saruí. E no cangote dessa remessa seguiu este telegrama: É FAVOR FAZER APO-LENTINO VOLTAR AO SFU ESTADO DE GATO, DO QUAL NUNCA DEVIA SAIR.

### 39 O ALFABETIZADOR DE EMPREGADAS OU O IDEALISTA SEABRA

**E** dona Rosália Seabra, professora jubilada e autora do célebre soneto “Rui Barbosa, a Água de Haia”, diante do retrato do marido, todo de preto, com a faixa de congregado mariano no peito:

– Não é por ter sido meu marido. Mas igual a Seabra não vai ter outro em muitos anos. Patriota estava ali mesmo. Pelo seu gosto, todo mundo marchava de boné e espingarda no ombro pelas ruas de Umbuzeiros. Tanto que uma ocasião inventou um Corpo de Bombeiros só para andar fardado por baixo de um capacete de quatro quilos. Mas a grande obra de Seabra foi o ensino. Quando o governo lançou a campanha de ensinar a ler e escrever, Seabra pegou uma resma de livros, meteu os calhamaços debaixo do braço e saiu desentocando alunas. O exemplo começava em casa. Não teve empregada que não soubesse de nossa cozinha sabendo botar o preto no branco. Uma até exagerou, uma tal de Arlete não sei de quê. Foi posta no olho da rua porque deu para falar difícil e escrever cartas anônimas. Seabra não tinha mãos a medir em favor do ensino. Dava aulas até fora de hora. Por mais de uma vez, alta noite, fui encontrar Seabra no quarto da empregada, em fraldas de camisa, dormindo sobre os livros junto da aluna. De leve, como compete em tais ocasiões, eu acordava Seabra que deixava o sono dizendo: “Ave é do vovô”, “Ovovô viu a ave”, “A nuca é da viúva”. Um devotado!

### 40 SALDOS DE UMA TARDE DE VERÃO

**F**oi um jogo de muito que falar e muito que dizer o jogo de Poço de Antas contra o pessoalzinho de Seridó da Serra. Logo de saída, para abrir os trabalhos, baixaram a acha de lenha no anão Joãozinho Paiva que perdeu meio centímetro na primeira cacetada e outro meio na segunda. Se

Joãozinho não sai da alça de mira do porrete era sujatinho de ficar avaliado em meio palmo de tamanho, o menor anão do mundo. Mas isso era o aperitivo da festa, pois o grosso já vinha vindo. E apareceu quando o juiz da partida, Dazinho Quero-Quero, teve a coragem de anular um gol feito com as duas mãos pelo time de Seridó da Serra. Aí foi o Juízo Final, uma coisa nunca igual inventada. Um vermelho, de barba de espanador, montou na garrucha e gritou:

– A gente vamos matar ele!

Na rabada do grito do barbaça advieram milhões de gentes, com o major Nepomuceno Beirão no tombadilho de sua cadeira de rodas. O povo levou tudo pela frente, de deixar desacordado até um pobre pé de abricó que servia de refrescador para os jogadores. E no meio desse Juízo Final, o assobio do porrete nos costados de todo o mundo, ventalejando uma perna com calça e tudo, certo café-com-leite, um mulatão de dois metros de distância, avisou:

– Arranquei o pé dele! Arranquei.

Era uma perna de pau. Depois, tudo serenado, levaram para a sede do Seridó da Serra os troféus da guerra: cinco bonés, vinte e três garruchas, dez facas de matar porco, um mapa do Ceará, um retrato do Padre Cícero, duas dúzias de putuás, um vidro do famoso Xarope São Domingos e a gloriosa cadeira de rodas do major Nepomuceno Beirão que comandou a imortal batalha.

### 41 ANÃO NO VENTO DAS QUATRO HORAS DA TARDE

**E** por causa de uma discussão sobre coisas de zepelim e assentador de moça, o anão Azevedinho Codó levou, de um certo Chico Pereira, pescção de tal modo peçonhento que atravessou de foguete toda a cidade de Guaras e sumiu para o lado do Piauí numa pocirinha de não ser mais visto. No meio da semana, o delegado Xexé Barroso, encarregado de desvendar o paradeiro de Azevedinho, recebeu do seu colega do Palmei-

ral do Livramento o seguinte telegrama: PASSOU PELA RUA DO CO-  
MÉRCIO UM NANICO VOANDO DE PASSARINHO, QUE SÓ PODE SER  
O PROCURADO AZEVEDINHO CODO. NO MEU FRACO PENSAR, O  
PESCOÇÃO MINISTRADO AINDA TEM CARVÃO PARA MAIS DOIS  
DIAS, PELO QUE TELEGRAFEI PARA LAGOINHAS DE MODO QUE  
A AUTORIDADE COMPELENTE ESPERE O INDIGITADO ANÃO NO  
CAMPO DE POUISO, ONDE DEVE CHEGAR NO VENTO DAS QUATRO  
HORAS DA TARDE SE NÃO SOFRER ATRASO NO PESCOÇÃO. SÓ  
QUERO SABER SE A GENTE DEVOLVE AZEVEDINHO CODO POR VIA  
MANUAL OU PELA ESTRADA DE RODAGEM.

42

### PRIMAVERA CHEGOU COM REBATE FALSO

Foi de repente, o velho Junqueira Carvalhais sentiu que estava nos braços da primavera. Cantou: *La-la-la-la-la*. E foi em flor de resedá que expediu esta ligação telefônica para seu amigo Anésio dos Anjos:

— Compadre, estou tomado de amor. Sinto cachos de rosas em minha vida. Vou passar o fim de semana com os meus setenta anos enterrados nas dezoito primaveras da menina Carminda de Castro. Seu compadre é madeira de lei. Não entrega os pontos!

Foi a pé e voltou nos braços do Pronto Socorro, arrastado por quatro enfermeiros. Restabelecido, outra vez com os patafusos nos devidos lugares, ajoitou os suspensórios e ligou para o compadre Anésio dos Anjos:

— Compadre, aquele negócio de primavera era rebate falso. Pelo que autorizo o meu bom amigo a torrar, por preço de queima, meu saldo amoroso, na ordem de duas perucas com topete caído na testa, meia dúzia de camisas rulé, quatro litros do famoso Revigorativo Eterna Juventude, o livro intitulado SEGUIR SUA MULHER EM SEIS LIÇÕES, duas custe-letas postigas e toda a coleção sem-vergonhista do Marquês de Sade, que aos setenta de idade não tem Marquês de Sade que dê jeito.

E foi assim que o velho Junqueira Carvalhais deu baixa.

43

### RUI BARBOSA ENCADERNADO EM SALSAPARRILHA

Pertilato de Abreu, tesoureiro da Divisão de Obras e Orçamento, vestiu o termo de posse, preparou o discurso de posse e saiu em feição de posse. Ia saudar, em nome dos colegas de repartição, o novo diretor, um certo Gudesteu Paranhos, que enricou sem tirar dinheiros na loteria ou herdar de pai ou tio. Na rua da Estação, a caminho do discurso, Pertilato encontrou Cravino de Sousa, que escrevia coisas no *Almanaque das Famílias* e vendia máquinas agrícolas em São José de Itauca. Cravino aconselhou o tesoureiro de Obras e Orçamento a abrir as idéias com um polidor de garganta. F. histórico:

— Rui Barbosa não fazia por menos. Só falava empapado de conhaque com salsaparrilha. Era cada discurso, Seu Pertilato, de abalar os alicerces!

Pertilato não quis saber de outro conselho. No Bar América mandou descer uma chuva de conhaque entrecortado de salsaparrilha. E para o moço que servia:

— O grande Rui só falava na força do conhaque com salsaparrilha. Era cada discurso de abalar os alicerces.

Bebeu meio copo e outro meio copo bebeu. E de meio copo em meio copo acabou na posse de Gudesteu Paranhos mais bebido de não ter leme nas pernas. E da porta, na maior intimidade, gritou para dentro da sala atochada de licor de jenipapo e bandejas de salgadinhos:

— Gudesteu velho, ratão de beira de cais! Conta com a minha perícia para devastar este compartimentinho do Governo a poder de desfalques sobre desfalques. Manda a ordem que eu lasco o competente carimbo e pago. Depois, na calada da noite, a gente acerta o reparate. Te digo, Gudesteu, uma coisa. Com um semestre de carimbadas a gente monta um banco. Um banco deste tamanho, Gudesteu velho! Maior do que o Banco do Brasil. Muito maior!

Abafaram a murros e bofetões a parte final do discurso do esclarecido Pertilato de Abreu, tesoureiro da Divisão de Obras e Orçamento. Na

beira da calçada, língua de fora e colarinho de palhaço, Pertilato disse com voz de salsaparrilha:

— Puxa vida! Agora é que vejo como Rui Barbosa sofreu. Ninguém pode falar nesta terra que logo empastelam o discurso do patriota a poder de bofetões e cacetadas. Como Rui deve ter apanhado! Puxa vida!

44

#### NINGUÉM MENTE POR UMA ROLINHA

A conversa de beira de fogo era de mato adentro, coisa de assombrados e caçadas. Nonô Vergueiro relatou o caso de uma alma penada que ele desenfeirou a poder de fumeção e reza. E Jojó Reis falou de um tiro que deu no tempo em que era caçador de rolinha. O tiro de Jojó saiu assim:

— Cheguei numa lagoinha de gravatá e vi aquele comício de rolinhas que mais parecia inundação de bico e pena. Meti na espingarda munição fina, um cartucho espalhador, desses de fazer leque no bocal da arma como rolinha aprecia. E bem o tiro não tinha saído já uma nuvem de pena tomava conta da lavourinha de gravatá. Contei, no coice da espingarda, uma numeração de quatrocentas e noventa e nove peças. Sem mentira nenhuma!

O filho de Jojó Reis, que capengava a conversa enquanto esquentava batata-doce na fogueira, deu aparte:

— Que quatrocentas e noventa e nove, que nada! O pai defuntou quarentas que contei com estes olhos de viver e de morrer. Sem mentira nenhuma!

E Jojó Reis zelando pela verdade:

— Quatrocentas e noventa e nove, menino! Sou lá homem de mentir por uma rolinha?

45

#### OS PLANTÕES DE POUCA-VERGONHA DE BONFIM FERREIRA

E deram tamanha sarrafada em Bonfim Ferreira, negociante de farinha em Mongol das Cruzes, que Bonfim Ferreira perdeu o leme e começou a navegar por conta do vento. De sujeito atilado para o comércio, ficou jururu, murcho de uma figa. Com a pancada, veio a olho o que Ferreira tinha de sem-vergonha. Deu para acompanhar, feito bezero desmama-do, os passos das meninas da Fábrica União de Tecidos. Movido a bala e balinha, ficava na porta do estabelecimento de panos dando tiros de jujuba e rebuçado nas moças que entravam e saíam. Um dia, seu compadre Alcino Feitosa, penalizado, falou mais para o vento do que para o entendimento do amigo Ferreira:

— Coitado do compadre! Vive atrás das meninas sem o menor proveitismo.

E Ferreira saindo do ninho de sua boqueira:

— É o que o compadre pensou e o povo assegurou. Com parte de bobão, de Ferreira das Jujubas, já desobriguei dos compromissos da donzelice para mais de cinco pares de moças. Mas não espalha, compadre, que ainda estou na ala leste da Fábrica União de Tecidos.

E do alto de sua sem-vergonhice foi tirar plantão de pouca-vergonha na praça da Matriz.

46

#### QUE SAUDADES DO PARÁGRAFO 21!

Vivia de expedientes e falava enrolado: Bimbinho Couto. Infestava as repartições públicas de Juruais forçando papéis e processos. Era especial em lidar com o povo do sertão, gente de pouca experiência em leis e seus competentes parágrafos. Com ar entendido, charuto no dedo, Bimbinho perguntava:

— **A parte está devidamente provida da competente guia consentitiva? É claro que ninguém estava provido deste surucucu. E Bimbinho de charuto ameaçador:**

— **Pois sem essa competente instrução é até perigoso dar entrada em qualquer papel. Deu-se o caso de muito postulante pegar a Lei 423 cruzada com o parágrafo 21. Lá se vão uma coisa, triste do cristão que cair nas malhas dessa jurisprudence. Não sai nunca mais. Nunca mais!**  
Mas para a felicidade do postulante, ele, Bimbinho Couto, sabia mais leis que qualquer desembargador velho. E sem perda de tempo pastoreava o pobre para um canto do Café Portal. E sem maiores conversas retirava do bolso do paletó um pesado carimbo que largava num velho papel de repartição. Era a maior carimbada de Juruais, a marca registrada de Bimbinho Couto. E no fim da carimbada:

— **Agora, enquanto o amigo fica no gozo do café, vou requerer a assinatura da competente autoridade.**

De carimbada em carimbada Bimbinho pegou dois anos de cadeia. E, ao sair, encontrando no Café Portal um major do sertão que desejava seus serviços para certos papéis de repartição, Bimbinho avivou a fumaça do charuto, meteu o dedo na sovaqueira e esclareceu:

— **Estou afastado do negócio, amigo velho. Esse governo desgraçado não só acabou com a Lei 423 e seu parágrafo 21, como caiu a pau a competente guia consentitiva. Fizem isso e não me avisaram nada, pelo que purguei na cadeia dois anos, dois dias e duas horas. A gente não pode viver com honestidade nesta terra! Agora só trabalho no ramo do cheque sem fundo até que fique restabelecida a benemérita Lei 423 com seu competente parágrafo 21.**

Montou no competente charuto e foi embora.

47

## A PALMATÓRIA CONFESSATIVA DE FIFÓ MADEIRA

**E** logo que o lavrador Adrião Popó chegou na casa da delegacia de Paus Vermelhos, não esperou que o soldado de plantão retirasse do seu negro

covil a palmatória confessativa: **relatou o crime em todas as pormenorizagens. Quando o progressista Fifó Madeira, xerife nomeado pelo Diário Oficial, soube da confissão completa e acabada de Adrião Popó, pisou nos suspensórios. E sem o paletó, já pronto para a batalha, berrou:**

— **Esse indigitado indivíduo não vai desmoralizar este estabelecimento! Vai entrar na medicação da palmatória para que o povinho sem brio de Paus Vermelhos não cuide que sou delegado mariquinhas que retira confissão a poder de conversa fiada. Comigo é na energia!**

E passou para os costados de Adrião uma sova de não caber em Paus Vermelhos. E foi no fim da sova que o lavrador Adrião Popó, desconjuntado dos pés ao cabelo, resolveu dar marcha à ré:

— **Sou muito inventeiro, muito pregador de mentira. Não feiei ninguém.**

E Fifó Madeira, já de cara desanuviada, alegre e fagueiro:

— **Eu não dizia? Nada como um porrete bem sacado no lombo do suspeito para o suspeito espirrar as verdades todas. Se não sou traquejado, a gente remedia para as malhas da Justiça um pobre inocente.**

E mandou Adrião Popó embora.

48

## O MAJOR ATACA AS FSCRIVANINHAS

**O** major Zeferino Bento, que tinha de chão e boi coisa de perder de vista, foi tratar de negócio de imposto em certa repartição de cobrança de Piabanhás de Grussaí. Só de muitos anos em muitos anos é que o major pisava pedra de cidade. Entrou na Coletoria Estadual tirou o chapéu, limpou a testa e deu o nome:

— **Major Zeferino Bento, para servir o Governo e seus competentes adjuntos.**

Ninguém, em verdade, respondeu, que em repartição, seja em Piabanhás de Grussaí ou São Luís do Maranhão, ninguém responde a ninguém. Chapéu afundado na cabeça, o major atacou de novo:

— Quem for possuído de orelha de ouvir fique sabendo que sou Zeferino Bento em serviço de limpar dívidas com o pessoal do governo. Outra vez ninguém abriu a boca. Af Zeferino Bento, dono de muito casco e chifre de boi, perdeu as boas educação de berço e soltou a língua: — Sou servido de fina instrução e não vou sair deste recinto feito um pau de amarrar água, pelo que vou dar, de aviso, dois tiros na barriga das lamparinas deste estabelecimento de caneta e canetinha.

Zeferino não precisou cometer tal violência. Cachos de servidores caíram sobre seu desejo, prontamente satisfeito:

— Às ordens, major. Mandé suas incumbências.

Fora da repartição dos impostos, em conversinha de lombo de cavalo com o compadre Sicarino Canelão, o major relatou:

— Esse povinho de escrivania só anda na força das armas. Se trago meu pau de fogo de sucumbir onça pintada, eu tomava conta da Prefeitura de Piabanhãs de Grussaí. É o que lhe digo, compadre. Tomava conta!

49

## QUEM NASCEU PARA POLCA NÃO CHEGA A TANGO ARGENTINO

O caixeiro-viajante José Pelinca chegou em Jaturubas com uma vitrola embaixo do braço. De noite, no baile dos Novais, Pelinca pediu licença para cortar a fita inaugural da nova dança que imperava no mundo. E no meio do salão, muito emboncado e muito falatinado:

— É a última moda. É o tal de tango argentino.

Pedinu licença, colou o rosto no rosto da moça Carlinda Pestana, esticou o braço e saiu em passo graúdo até os confins da sala enquanto a vitrola de José Pelinca jorrava no salão “Adios-muchachos-compañeros-de-mi-vida”. Não chegou ao fim do tango. Desfaleceu na segunda volta do disco, ajudado por uma paulada do pai da menina Carlinda Pestana. Com a vitrola em fatias e um galo bem estabelecido na testa, José Pelinca deixou Jaturubas com esta opinião formada:

— Povinho atrasado! Quem nasceu para polca nunca chega a *La Cumparsita*.

E foi embora.

50

## O DOUTOR QUE TINHA MANIA DE BEZERRO NOVO

De diploma novo na cava do braço, o dr. Beledano Silveira veio ancorar sua medicina em Muçambé, justamente em casa azulejada da rua das Pitangas. Veio assim: cabelo desabado pelas platibandas da cara, sapato de fivela, camisa vermelha, paletó de manga curtinha, no meio do braço, de modo a deixar sobressair as abotoaduras que mais pareciam rodas de carro de boi. E foi assim em moderninho, cabelo alvorçado, que Muçambé, da praça da Aclamação ao beco dos Frades, viu Beledano transitar em passo de bula medicinal em direção do seu consultório. Bezinho Dias, na porta do Bilhar Francês, diante de tamanha ostentação, sustou o taco para dizer:

— Doutor empombado!

E bem não tinha Beledano Silveira cruzado o primeiro mês de receitas e poções e já estampava na *Voz Municipal*, na página de frente, um trabalho muito medicinal e ilustrativo com o título de “Farmacologia das Glândulas Mamárias”, quando Arnolfo de Melo, escrivão de cartório, deu com aquela linguçõma que escorria de alto a baixo pelas colunas do jornal, meteu a folha no bolso, cortou a praça da Aclamação e foi bater na porta do major Alineu Braga, seu compadre, com esta imposição:

— Braga, veste a farda. Pega a espada que tem perigo à vista. Veja este descarado. Vêja! Um sujeito confessa, em letra de forma, que quer mamar. Está com mania de bezerro novo. Hoje mesmo, compadre, fui remeter minha menina para o sertão mais afundado que existir. Seguro morreu de velho. Nunca vi coisa igual. Nunca!

O artigo do dr. Beledano Silveira correu de mão em mão, de casa em casa. Quando bateu na escrivania do Prefeito Manequinho Gomes, a autoridade pulou de costas:

— Se esse doutor quer dar expansão aos seus instintos bestiais, que vá para longe. Em Muçambé, enquanto eu for prefeito, ninguém dá expansão a coisa alguma. Ninguém!

E foi assim que o delegado Zeca Novais remeteu o doutor da rua das Pitangas para os artigos relacionados com atentados ao pudor e delitos libérrimos. E com a prestimosa colaboração do Prefeito Manequinho Gomes, o delegado Zeca Novais arrematou suas razões às autoridades superiores: "Antes que o indigitado atentasse contra as glândulas mamárias das virtuosas damas e gentis donzelas desta laboriosa jurisdição, encaminhei o respeitante indivíduo nas malhas da lei, como pede o vigilancismo da tranquilidade pública."

Enquanto arrumava a gravata de duas cores, Moscoso Feijó, pela espina do olho, viu a mulher que dava os últimos retoques no cabelo. Riu por dentro. Sem exagero, dona Expedita era um completo e acabado maqui. Tinha de tudo, desde verruga no pescoço de zebu a esporão de galo nos pés. E Moscoso para Moscoso:

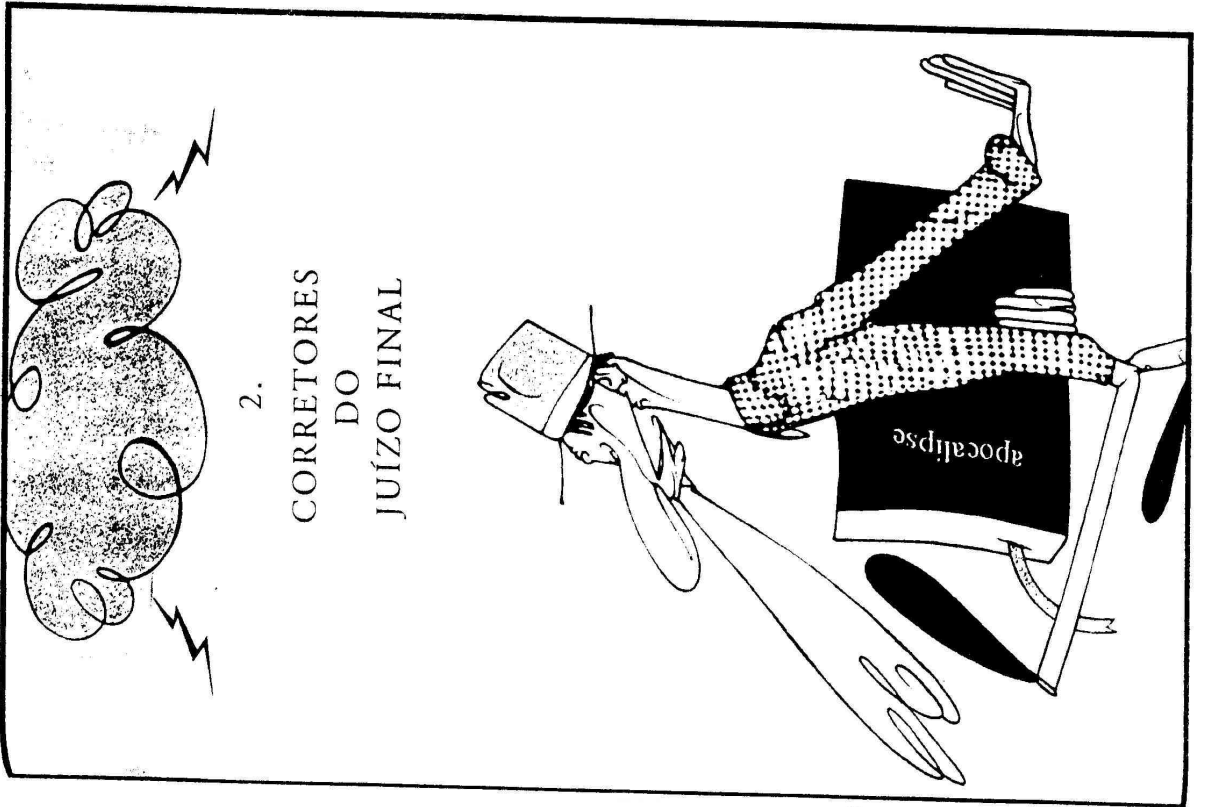
Se passar na porta do Circo Mexicano vão contratar pensando que é elefante.

— Coitado de Moscoso! Era o sabiá-laranjeira de Brás de Pina. Hoje, com licença da palavra, mais parece um boi de presépio. Se pelanca fosse dinheiro, Moscoso era o Banco do Brasil em pessoa.

Sairam. Dona Expedita em cima de cem quilos e Moscoso comboiando uma barriga de balão. Dona Expedita de pensamento atarraxado num vago Teles, Afonsinho de Almeida Teles, seu par constante nos maxives dos bailes da chácara dos Almeidas. E Moscoso fazendo vir à tona uma certa Mercedes de Araújo Bonfim, que deslizava em seus braços de tango argentino. Enquanto dona Expedita pensava em

Teles e Moscoso em Mercedes, um pobre-diabo puxado a gasolina de garrafa chegou perto deles e garantiu com voz embrulhada em cachaça:

— Tem circo novo na praça! A elefantada está chegando!  
Foi como se o pé-de-cana não tivesse boca. Moscoso cantava "Adios-muchachos-compañeros-de-mi-vida". E Dona Expedita dançava em 1910.



2.  
CORRETORES  
DO  
JUÍZO FINAL

## A VÍRGULA NÃO FOI FEITA PARA HUMILHAR NINGUÉM

Fera Borjalino Ferraz e perdeu o primeiro emprego na Prefeitura de Macajuba por coisas de pontuação. Certa vez, o diretor do Serviço de Obras chamou o amanuense para uma conversa de fim de expediente. E, aconselhativo:

– Seu Borjalino, tenha cuidado com as vírgulas. Desse jeito, o amigo acaba com o estoque e a comarca não tem dinheiro para comprar vírgulas novas.

Fez outros ofícios, semeou vírgulas empenadas por todos os lados e foi despedido. Como era sujeito de brio, tomou aulas de gramática, de modo a colocar as vírgulas em seus devidos lugares. Estudou e progrediu. Mais do que isso, saiu das páginas da gramática escrevendo bonito, com rendilhados no estilo. Cravava vírgulas e crases como ourives crava as pedras. O que fazia o coletor federal Zozó Laranjeira apurar os óculos e dizer com orgulho:

– Não tem como o Borjalino para uma vírgula e mesmo para uma crase. Nem o presidente da República!

E, assim, um porco-espinho de vírgulas e crases, Borjalino foi trabalhar, como escrivão, na Divisão de Rendas de São Miguel do Cupim. Ficou logo encarregado dos ofícios, não só por ter prática de escrever como pela fama de virgulista. Mas, com dois meses de caneta, era despedido. O encarregado das Rendas, funcionário sem vírgulas e sem crases, foi franco:

– Seu Borjalino, sua competência é demais para repartição tão miúda. O amigo é um homem de instrução. É um dicionário. Quando o

## NOS BRAÇOS DE UMA CACETADA

Esta é a história curta do pobre juiz Fofó Cruz, segundo relata o tranqüilo e imparcial *Semanário do Norte*:

"Ia de macio o jogo entre a brava equipe de Jabuticabeiras e o pessoalzinho sem caráter de Riachão do Norte, na ocasião que o sem-vergonha do juiz, um tal de Fofó Cruz, marcou penalidade máxima de contra as nossas cores. Feito isso, pegou a bola com a mão, empinou o peitinho de cambaxirra e partiu para o despaatório do pênalti. Felizmente, desmaiou no meio da viagem, nos braços de uma cacetada que levou de dona Leônia das Mercês, impoluta madrinha do time de Jabuticabeiras. E: o povo desta jurisdição, no maior ardor cívico, aproveitou para botar para correr um magote de cabeludos que veio na rabeira do pessoal de Riachão do Norte. Foi tanta cacetada de tremer a praça do Mercado. E no fim das cacetadas, Nhonhô Barbosa, competente delegado de Jabuticabeiras, contou os deixados pelos retrantes: quatro pneus de caminhão, um motor, uma bateria, uma caixinha de pastilha Valda, um vidro de brilhantina Quebra-Galho, dois bigodes e meio, duas costeletas em bom estado de uso, uma cabeleira encaracolada que foi cortada a serrote, um anel de horóscopo, fotografia de um disco voador, três bonés zebrados, o mapa do glorioso Estado do Piauí, uma carta de pedido de emprego, um pacote de mariola, uma receita para queda de cabelo e o retrato de uma certa Minervina Cunha, de telefone no pé do ouvido, com a seguinte dedicatória: 'Ao querido Ranulfo, autor da minha desonestação no carnaval de 48, lembrança da tua Vina.'"

## COMO ERA VERDE O MEU CANHÃO

Estava Sinofrildo Guedes tão ruim de vida que foi ser Papai Noel de casa de fazendas. E andava no seu segundo dia de ofício, sino na mão e

contribuinte recebe um ofício de sua Javra cuida que é ordem de prisão. O coronel Balduino dos Santos quase teve um sopro no coração ao ler uma peça saída de sua caneta. Pensou que fosse ofensa, pelo que passou um telegrama desaforado ao Senhor Governador do Estado. Veja bem! O Senhor Governador.

E por colocar bem as vírgulas e citar Nabucodonosor em ofício de pequena corretagem, o esplêndido Borjalino foi colocado à disposição do olho da rua. Com uma citação no *Diário Oficial* e duas gramáticas debaixo do braço.

## NÃO MORRA SEM OS BENEFÍCIOS DA CERTIDÃO DE ÓBITO

Como estivesse nas garras de dorida doença, Anísio Café foi procurar Chico Borges, que levava fama de curar qualquer mazela com os poderes do mato. O especialista apalpou Anísio, ouviu bater o martelinho de seu coração e mandou que arregalasse os olhos. No fim, receitou uma garrafada de cipó-de-macaco com cerveja preta. Que Anísio deixasse a bebida em buraco de terra para tomar vigor. E explicativo:

— É para ganhar raiz.

Anísio tomou e quase morreu. E outra vez na mão do doutor do mato:

— Fiz o que o mestre mandou e por pouco não larguei os bofes de fora.

E Chico Borges:

— Muito que bem, é a primeira parte da curagem. Agora, o moço pode procurar um doutor de consultório que está em ponto de bala. Vai em pé ligeiro para tu não morrer sem os benefícios da tal de certidão de óbito.

saco nas costas, na hora em que viu chegar aquele amor de trinta anos distanciado, uma certa Orondina Pimenta, dos Pimentas de São José do Paraíso que davam tiros por qualquer mudança de temperatura. Nos comemorativos da Descoberta do Brasil ou da Batalha dos Guararapes, o velho Pimenta, ajudado pelos doze filhos, rebocava para a praça do Pilar antigo canhão sobrado da Guerra do Paraguai. Mais de uma casa ficou destelhada com os tiros mal-encarados dos Pimentas de São José do Paraíso. Na tarde em que ele, Sinofrildo Guedes, de bigode retorcido, chegou para pedir a mão de Orondina ao velho Pimenta, foi recebido a canhão. Bem não tinha dito ao que vinha e já o pai da pretendida berrava para dentro de casa:

— Dona Cidó, desentranhe o canhão que vai ter serviço para ele hoje. E agora, repassados trinta anos, voltava a ver Orondina. Ele, de sino, em serviço de Papai Noel. E ela, na rua, de esposo a bombordo. Uma Orondina enorme, vazando gordura pelas presilhas. E o marido, muito encardido, com cara de índio mexicano na frente daquelas dimensões, daquela senhora que devia andar movida à gasolina e sobre rodas de borracha. E foi balançando o sino de Papai Noel que Sinofrildo lembrou, inundado de agradecimento, o velho canhão de São José do Paraíso. Era melhor ser Papai Noel de casa de fazendas do que casar com aquele latifúndio. E tão feliz ficou Sinofrildo que apurou a garganta individual para expelir cacos mal cantados de antiga milonga:

“Quiero emborrachar mi corazón  
para apagar un loco amor  
que más que amor es un sufrir...”

Um velhote, com cara de bula de remédio contra asma, parou diante de Sinofrildo e comentou pelos cotovelos:

— É o fim do mundo! Papai Noel cantando tango argentino...

56

## ADEUS A UM GIGOLÔ DE PASSARINHO

**E** na hora em que Zeferino do Monte começou a falar, da aba da sepultura de Filinho dos Anjos uma voz, que mais parecia do falecido, protestou:

— Cala a boca, caloteiro.

Com um tiro assim tão traiçoeiro na raiz da honra, Zeferino perdeu a educativa e destratou, de corpo presente, o defunto. Neste baixo estilo:

— Eu te mato, falecido de uma figa, gigolô de passarinho, explorador de fundilhos de galinha!

É que o pranteado Filinho dos Anjos era proprietário de uma casa de aves e ovos em Morro do Pilar.

57

## FOGUETE SEM DONO NÃO RESPEITA POPA DE NINGUÉM

**E** Bacaxá de Cima nunca pôde esquecer aquela humilhação do ovo que uma galinha de Ribeirão Velho lançou na praça para espanto de todo mundo. Como bem disse o sacristão Pedrinho Facó, ao relatar o caso para o *Municipal*, era de tal grandeza que mais parecia um ovo de vaca. F, bem a fama da postura da galinha de Ribeirão Velho não tinha sucumbido, veio a inventoria do balão, uma coisa linda que o pessoal daquelas jurisdições fez trafegar pelo céu de São Pedro e de São João. Tinha de um tudo o balão de Ribeirão Velho. O retrato do Prefeito Manelito Cunha, uma frase mimosa do poeta Alíneu Gonçalves e mais as figuras de Fagundes Varela, Santos Dumont e Getúlio Vargas desenhadas pelos alunos do Educandário Tomé de Sousa. Parecia um comício. E quando o balão do pessoal de Ribeirão Velho passou pelo alto de Bacaxá fez uma necessidade bem em cima da estátua do dr. Tocantins Guarani Índio de Melo. A bucha, saída da entranha do balão, denegriu o discurso que o dr. Tocantins fazia em bronze desde 1914. O major Tomé Azeredo, que

presenciou a ofensa sentada na varanda de sua casa, correu para a praça da Aclamação e gritou:

— O povo de Bacaxá de Cima foi ofendido! Borraram a estátua do dr. Tocantins Guarani Índio de Melo. Isso não fica assim. Tem volta!

E teve. Durante uma quinzena, em serviço de enfada, o fogueteiro Quintinho Alves trabalhou no maior foguete do mundo. Só de pólvora o canudão engoliu para mais de cem quilos. O povo vinha de noite ver a obra. Ficava de longe, por trás das árvores, com medo do coice do foguete. A velha Nicota de Castro afiançava sem tirar os olhos do seu serviço de croché:

— Isso é um despropósito. Isso vai puxar doença para Bacaxá de Cima. Pode até estropiar os anjos e competentes querubins.

Quando o foguete ficou pronto, foi rebocado, por quatro juntas de boi, para a praça da Aclamação, onde ficou de ponta virada para Ribeirão Velho. Marcado o dia da subida, o major Azeredo, acompanhado pela Associação Comercial e reforçado pela Loja Maçônica Libertadora, foi futucar o rabo do foguete com vara curta. Assim que sentiu o alumiado do fôforo a inventoria deu de soltar fumaça por todos os lados, firmou os borzeguins no chão, fez tremar a praça da Aclamação e seus arredores, fendeu a casa da Coletoria Estadual, depreudou a Papelaria Andrade, varejou gente numa distância de cem metros, deu um assobio, pulou na ponta dos cascos e saiu maluco no rasto de Ribeirão Velho, onde fez duas rodadas em torno da torre da igreja de São José e voltou danado da vida, soltando escama de fogo, para Bacaxá de Cima com idéia de cair, como caiu, na praça da Aclamação. O major Azeredo, diante de tamanho despautério, abriu a boca:

— Corre, pessoal, que foguete sem dono não respeita popa de ninguém. Nem do presidente da Loja Maçônica Libertadora e muito que menos da Associação Comercial de Bacaxá de Cima.

Durante a reconstrução da boa cidade de Bacaxá tudo ficou esclarecido. O fogueteiro Quintinho Alves tinha fabricado um avassalador buscapé.

58

## UMA NOITE COMO NUNCA

Estava o mágico Nataniel Peixoto tirando pombinhos do lenço em Ubaí dos Arcos, mediante dois mil-réis por assento, quando um forasteiro, redondo em modelo de roda de carro de boi, deu de gritar assim:

— Isso não existe! A gente está enfeitada. Vai morrer todo o mundo! Sem padre e sem água benta. Vai todo mundo de cambulhada para os infernos!

Choveu desentendimento no Teatrinho São Roque da boa cidade de Ubaí dos Arcos. As luzes piscaram e perderam a cor. Era tudo um nó cego de confusão. Ninguém entendia mais ninguém. Um balão de caranguejo não ganhava em desordem do Teatrinho São Roque nessa noite de mágicas. E quando as luzes voltaram a rebrilhar não existia mais o sujeito da gritaria, responsável por uma limpeza geral nos teres e haveres da respeitável assistência. Logo desconfiaram que era coisa do mágico, que nem o sujeito da gritaria era existido. Veio o delegado Pimpim de Melo, uma educada autoridade, que logo fez o mágico, a poder de cacetadas, cuspir pombinhos por todos os bolsos. Acabado o estoque de asas, o artista deu de soltar lenços do mais fino acabamento. Mais tarde, escrevendo para seus superiores, o xerife Melo relatou que com os deixados pelo mágico montaram em Ubaí dos Arcos um comércinho de fazendas de muito lucro e proveito. E no rabo do relatório:

“Se pego outro sem-vergonha desses a gente estabelece em Arcos uma fábrica de tecidos.”

59

## ALMA DE ARTISTA FORRADA COM BILHETE DE LOTERIA

Levava nome de cantor de tango e tocava acordeão. Era Cristóbal Gardel. Pisou Itamaraju de Lajes, alugou quarto no Hotel Moderno e estampou anúncio de mestre de música. Deu aulas, primeiro com hora

marcada. Depois sem hora nenhuma, porque logo viram que Cristóbal era duro de ensinar e mais duro ainda de tocar. Atrasado nos pagamentos do Hotel Moderno, sapato já em boca de jacaré e acordeão sem serviço, o artista desabafou no ombro do amigo Almeida da Silva montado nesta queixa:

— Amigo Almeida, esta cidade não dá valor ao artista. Vou para Cravinhos. Lá o povo é louco por acordeão. Recebe a gente bom tratamento, tem até estípidos do governo, faz carreira e mais de um músico saiu para a política, como vereador e deputado. Vou embora para Cravinhos.

Foi. Dois meses depois, tendo Almeida da Silva de fazer viagem de cobrança, parou em Cravinhos para ouvir aquela voz muito conhecida que apregoava bilhetes de loteria:

— Quem vai na vaca? Quem quer ficar rico na vaca?

Era o artista Cristóbal cercado freguês de loteria na boca da praça da Estação. F. Almeida da Silva de braços abertos:

— Amigo Gardel, mudou de ramo? Deixou a arte?

F. Cristóbal, meio enalistrado:

— Acordeão em Cravinhos, sem ajuda de bilhete de loteria, não dá. É pior que Itamaraju de Lajes, amigo Almeida. Estou arrumando dinheiro de modo a viajar para Santo André de Sapucaí. Lá todo mundo é maluco por acordeão. É lugar para o artista encher o baú. Recebe estípidos do governo, pode fazer carreira na política, sair vereador e até deputado. Vou embora para Santo André de Sapucaí.

F. saiu apregoando, pela praça da Estação, suas ilusões feitas de números e papel pintado:

— Olha a vaca! Olha a vaca! Quem quer a vaca?

60

## UÍSQUE DE VELHO É COALHADA

**E** o velho Eucalstes de Aragão, que babou um cacho de palavras no ouvido de certa moça da rua Uruguiana, levou um bofetão tão mal-encarado que seus setenta e quatro anos ficaram esparramados no meio-

do. Um relojeiro correu, montou o velho de novo, deu corda e mandou que fosse andar:

— Vai contratar outro bofetão. Vai!

**E enquanto limpava o paletó amarelhado, Eucalstes falou em tom menor:**

— Se apANHAR NA CARA fosse voto eu era senador vitalício. Venho levando bofetões desde 1914. Já peguei duas guerras pelo chifre. Doze governos, quatrocentos e trinta e dois tabefes, sessenta e cinco socos em várias repartições do organismo, além de vinte e quatro bengaladas, no tempo em que a bengalada estava em moda e tinha muita saída. Na verdade, não ganho para dentadura postiça e esparadrapo. Eu devia ser aposentado pelo Instituto de Previdência como profissional de levar tapa na cara. Mereço!

E foi mergulhar as miógas numa coalhada de dois pavimentos de idade.

61

## A VOZ QUE PERDEU O FREIO

**C**arta de Abelardo Matoso ao amigo Alípio Costa, de Sapucaí da Várzea:

“Compadre velho, logo que pisei pedras do Rio de Janeiro tomei aula de educamento da voz com um mestre de garganta. Com dois meses de praticamentos, fui dado como preparado para falar em qualquer recinto. Nem lhe conto! Fiquei tomado de uma voz grossa nunca vista. Ela já era encorpada em Sapucaí da Várzea e muito mais avantajada ficou no trato do mestre de gargantismo. E foi assim que cheguei na repartição do dr. Arcoverde de Melo para entregar a carta de empenho do pessoal da Irmandade de São Benedito. E andava este seu compadre na melhor parte da palestra, de fazer até coisas bonitas com a garganta, quando apareceu um sujeitão espaçado, de óculos na mão, perguntando se o pessoal da repartição tinha ligado a bomba d’água ou qualquer outro motor de igual calibre. F.

Primavera com esse trabalho que chamei de Vento Outonal nas Rosas do meu Coração. Não tirei o primeiro lugar porque um cretino teve a idéia genial de aparecer com um fogão econômico de 1917 soltando fumaça por todos os buracos. Começo e Fim da Criação, como era o nome do dito fogão econômico, venceu de ponta a ponta. Uma dona ficou tão esfogueada que comeu três quilos de fumaça e foi esvaziar o estoque no hospital. Fim todo o caso, meu Vento Outonal tirou o segundo posto e uma braçada de palmas nos jornais. Agora, na próxima vez, vou aparecer de macacão, batba escorrida no peito e de boné listrado na cabeça, de modo a ficar nas evidências do mundo. Vou entupiguitar a praça com o Jarro do Barão, um penico que muni de uma tronbeta de gramofone e um vidro de magnésia leitosa. Primo, em matéria de invencismo eu sou fogo selvagem. E para despedir, recomendações aos tíos, principalmente um grande abraço na prima Nôa. E não deixe de ver se compra em São José do Monte e redondezas uma caixa de descarga antiga, daquelas de puxar por uma correntinha, porque pretendo concorrer a uma exposição na Bahia que vai render uma nota bonita fornecida pelas famosas Pilulas Anticoncepcionais Minerva. Uma caixa desse tipo não é só folclórico como fotografática. Calha muito bem em recantos de sala de visita por baixo daqueles retratos de família em fêitio oval.”

63

## MULA-SEM-CABEÇA FEITA EM CASA

A noite apareceu de rabo de fora e a conversa na sala grande da invernada de Ramiro Aires de Ataíde versava sobre alma do outro mundo. Cada qual presente era mais relatoso em assombração, cada qual mais contatavo que o outro. Era de ver os exagerados daquelas bocas de pasto, casos e mais casos de arrepiar a noite trevosa. E andava Ramiro às voltas e revoltas com um boitatá, que de tão boitará chegou a prefeito de Ponte Alta, na hora em

brincancista: “Tem mangangá na sala?” Achei isso uma falta de respeito pelo que larguei nas boc hechas do perguntante um discurso de abalar os alicerces do edifício. Compadre, na hora que deixei os compartimentos do governo tiveram que parafusar tudo de novo, portas e janelas. Desmontei duas mesas e estilhaeci para mais de dez vidraças. Por essas e outras é que fui contratado para cantor lírico do Circo Alemão e já meti na cabeça dos graúdos da companhia que praça boa de dinheiro é Sapucaí da Várzea. Compadre, te manda dessa desgraça que vou demolir esse municipalismo com o canhão de meu gô. Te manda, compadre, enquanto não chega o Circo Alemão.”

62

## A ETERNIDADE AO ALCANCE DE TODOS

CARTA de Micael dos Reis a um primo de São José do Monte, o mecânico Manuel Bristos:

“Manequinho, não precisa mandar mais carta para a oficina de Enternagem de Zuzu Tavares, uma vez que mudei de ofício e abracei a caneta de escultor moderno. Sei como o pessoalzinho de São José do Monte vai rir ao saber que o filho de Santinho Reis está fazendo nome a poder de ferro-velho e coisa destorcida. Peguei inclinação pelo ramo no dia em que vi nos jornais um pára-lama de sucata que pegou o primeiro prêmio numa demonstração de esculturagem no estrangeiro e mais depois em São Paulo. Ai, primo, meti os peitos. Nem retirei o macacão de lanterneiro. E de macacão, todo lambuzado de óleo e sujo de graxa, pulci para o negócio de lata velha. Peguei de jeito uma porta de automóvel, meti o maçarico nela, furei e bordei. Foi segunimento, lasquei por cima uma pá de ventilador e arremeitei a obra com uma antena de televisão. Partí para a IV Exposição da

que um forasteiro veio pedir talher e cama por uma noite, fugido que andava do vento e do corisco:

— Tenho distância longe a derrotar pelo que peço telhado por um pernoite só.

Ramiro Aires de Ataíde mandou que ficasse a gosto, que arrastasse cadeira e visse encorpar a conversa assombrada:

Fique como se em sua casa estivesse, amigo.

O, chegada encançou sua figura num canto, pendeu a cabeça e assim ficou por tempo de ser esquecido. Até que o major Tatão Navega apareceu nas águas de um caso dos mais negros e grumies, uma certa mula-sem-cabeça que fazia e desfazia. F. Navega tanto espichou o acontecido da mula-sem cabeça da cauda aos dentes, que todas as presentes pessoas ficaram arrepiadas. De braço dado com esse sucedido, um friso de cruz de cemitério atravessou a sala de Ramiro Aires de Ataíde de ponta a ponta, do que uma conuja aproveitou para pingar seus agouros nos ouvidos da varanda. Foi o major de mula-sem-cabeça em punho:

Fra muniçãda das piores maldades, de não existir igual nem no tempo em que o milagroso São Jorge andou pelo mundo!

Foi nesse entremetentes que o desconhecido, não agüentando mais, implorou:

Nossa! Socorro! Quero voltar para casa!

F. na presença dos olhos espantados de Ramiro e seus parceiros de conversa assombrada, o desconhecido deu de voar pelo teto da sala para ganhar a varanda e subir na aba de uma nuvem que o ventão de rabo virado empurrava na direção do cemitério de Ponte Alta. Com mexdo da mula-sem-cabeça do major Tatão Navega.

64

## REVÓLVER DE MÁGICO É POMBO

F. de supetão, na rua do Cravo, em noite de Santana de Ururui, um mascado chegou e atarraxou no pé da barriga do mágico Cínofredo Paixão um revólver de metro e meio. F. de galtilho fumegante:

— É um assalto! Passa a bolada. Tudo serve. Até dente de ouro. Cínofredo meteu a mão no bolso para sacar uma pena de pombos. Foi um bater de asas sem medida, de embranquecer o luarão de Santana de Ururui. Atordoado, o revólver murchou e fugiu. E Cínofredo na poeira do ladrão:

— Tu teve sorte, cretino! Se estou em noite de fazer mágica em circo mambembê, a cima o tostões por cabeça, tu ia pegar pelo chifre um par de sarutuacus desta idade! Que em circo vagabundo eu não gasto pólvora de pombinho. Lascio chumbo grosso de jararaca para cima. Tu teve sorte! Tu nasceu de novo, sem-vergonha!

65

## VÓO PARA SÃO PEDRO NAO TEM ESCALA

O velho Nonô Barbeitas, do comércio de farinha de pau de Sortãozinho de Limeira, estando no meio de uma perna de peru, sentiu aquela pontada nas partes subalternas pelo que apalpuou a barriga e caiu de cama. Correu na direção de sua pontada, de maleta na mão, o moço Gasparzinho Ferreira, prático da Farmácia Santo Onofre. Olhou, examinou, fechou a maleta e sentenciou:

— É negócio de operação, que só doutor formado vai dar jeito.

Nonô, mesmo esganado pela dor, botou a boca para o lado e garantiu:

— Saiba o sujeitinho da Farmácia Santo Onofre que barriga de Nonô Barbeitas é coisa sagrada. Morro com muita honra e glória mas doutor algum, por mais doutor que seja, vai meter faca na minha pessoa. Não sou boi de corte.

Mas Nonô piorou. Começou a variar, a não dizer coisa com coisa. Os filhos mandaram vir avião de Belém do Pará para meter o velho em sua operação salvadora. Nonô deu por paus e por pedras. Protestou, pediu revólver:

— Mato um!

Mas embarcou acalmado por uma injeção e pelos cuidados dos parentes e dos filhos. E mal saiu da agulha, viu um cacho de nuvens alisando o vidro da janela do avião. Aí Nonô berrou:

— Bem que eu não queria sair de Sertãozinho de Limeira! Estou morto. Já estou até entrando na barriga do céu. Virgem Nossa Senhora! Parou. Mas ao ver, pela primeira vez, a barba de espanador do piloto, voltou a dizer, muito falecido e sepultado:

Morto e nas mãos de São Pedro!

E, para não cair em mentira, morreu de verdade.

66

## NA ABA DO ÚLTIMO SONO

Ao sentir que estava entrando no ponto final, que nem mais uma vírgula tinha de vida, Ortegal de Sá, aposentado dos Correios e Telégrafos, mandou chamar dona Bejuína, sua mulher, para pedir em voz três por quatro:

— Quero um favor muito especial, Bejuína. Quando morrer não desejo ser enterrado no jazigo de sua família, com aquele anjão de espada em punho na aba do meu último sono. Como teu falecido pai era muito sumático, em lugar de trazer um anjão do céu mandou comprar um anjão de casa de felechior que mais parece um guarda-noturno de boné azul-marinho. Ademais, o anjão é teu retrato. Só que anjão não tem bigode e tua cabeça tem.

Sorriu e finou.

67

## PILATOS CAMBARÁ NA MIRA DA ALÇA DE CAIXÃO

Estava vai não-vai, morreu-não-morre.

Veio o padre, veio gente para chorar e o caixão para enterrar Pilatos Cambará. E Pilatos Cambará não morreu. Meia semana depois, seus

setenta fagueiros anos estavam de jogatina no Bar Azeredo. Era batendo no peito abaulado que Pilatos afiançava:

— Doencinha boa! Até estou mais limpo da idéia.

Mas assim como arrilhou, assim recaiu. De novo veio gente, de novo veio o padre, de novo veio o caixão e até grinalda veio. E na hora de assinar os papéis com São Pedro, Cambará pulou da cama e correu para a jogatinagem do Bar Azeredo. E outra vez batendo no peitinho abaulado:

Até que estou mais revigorado. Doencinha boa!

E uma quinzena depois, estando no bem-bom de um sete-e-mício, na parceriada dos amigos, recebeu da Funerária Esperança a seguinte carta:

Prezado senhor:

Por duas vezes o nosso conceituado estabelecimento teve a honra de ser chamado a seu serviço e por duas vezes V.S.<sup>a</sup> tocou as cordas e não usou os lindos caixões que mandamos confeccionar em jaquetas e do-brujo especialmente para a sua pessoa, pelo que debitamos na conta de V.S.<sup>a</sup> esses dois rebatos falsos bem assim como as despesas do transporte.

Outrossim, deixamos de debitar as grinaldas e flores artificiais, com o nome de V.S.<sup>a</sup> em vistosas letras de ouro, porque esse material pode esperar por longo tempo sem desbotar ou manchar. Com essas providências muito lucrará V.S.<sup>a</sup> porque, na ocasião em que for usado, cobraremos a seus herdeiros os preços de agora, sem juros e sem acréscimos de espécie alguma.

Na esperança de em breve servir V.S.<sup>a</sup>, o patrocínio muito agraciado,

Phimlópio de Jesus

68

## O VELHO CAPITÃO QUE VIROU MISSA DE SÉTIMO DIA

O velho Ribaldino de Araújo firmou na cabeça o boné de capitão reformado e foi reclamar no apartamento 201 a barulhada que espumava

por fechaduras e vãos de janelas. Veio atender o boné do capitão uma Maria Lúcia em flor, tão em flor que desfolhou seus dezoito anos nos braços do reclamante. Ribaldino velho e a moça em calda rolaram sobre pilhas de casais que entupiam, do rodapé ao teto, o 201. E como Araújo não voltasse os sobrinhos despejaram nos jornais o seguinte comunicado:

#### APELO

Senhor de respeito, de óculos de aro, oficial reformado da Marinha Mercante, saú de casa e não regressou. Vestia pijama listrado, calça chinêl e cara de gato e levava na cabeça o boné de capitão de navio. Gratificasse a quem der notícias do desaparecido.

Ninguém deu notícias nem podia dar. Uma semana depois, falando pelo conto da boca, de cabelos pintados e sapatos de fivela, apareceu Ribaldino todo metido a moderno. E, na outra semana, para espanto geral dos sobrinhos e de todo o bairro, apresentava sua futura esposa, a moça Maria Lúcia em flor. E, na outra semana casava em Cosme Velho. E, na outra semana era missa de sétimo dia na Capela Santa Inês.

69

#### PARA DEUS NAS ASAS DA BOMBA

Antes de bater as botas, Pedrão Caçalho chamou o padre. E nos últimos pontos e virgulas dos oitenta anos, confessou:

Meu bom vigário, deixei uma bomba deste tamanho nas partes fracas da casa da pessoa que botou a pique minha paz e meu viver sossegado. Vai rebentar no prazo de vinte e quatro horas. Sem apelo e sem agravo.

Revirou os olhos e encerrou a fatura. O padre, batina encolhida, botou a boca na praça do Rosário:

-- Vai tudo pelos ares! Tem bomba solta em São José de Ubá!

Não ficou ninguém na cidade -- foi como se a peste tivesse chegado. Nem tiveram tempo de enterrar o defunto Caçalho, que foi colocado a um canto do cemitério até que a bomba passasse. Quem tinha binóculo ou luneta ficou de longe, deitado em estilo de lagarto, por trás dos pés de pau, esperando pelos trocos. E dito e feito. No prazo estipulado a bomba estourou na própria casa do falecido, pelo que levou para os ares dona Ortensina Caçalho, que nunca pensou que seu Caçalho marido desse tamanho rombo em seus sessenta anos de bofetões e desentendimentos. Quando o povo de São José de Ubá voltou ao cemitério, para o piedoso serviço de encadernar em definitivo o bravo defunto, Pedrão Caçalho parecia sorrir. Feliz da vida.

70

#### MÁGICO VENI DE BODE EM LUGAR DE CAMBAXIRRA

Era um pobre mágico de pequeno calibre: Matinhos Facó. Tão pobre que não tirava pombos do bolso. Tirava grilos e cambaxirras. Quando fez o seu melhor número foi despedido. Aconteceu assim: ao querer extrair dos punhos um coelho, extraiu um gambá. O diretor do circo foi franco: -- Seu Facó, depois do gambá fui obrigado a encerrar o espetáculo.

Houve gente, Seu Facó, que teve de tomar dois banhos de criolina. Nunca houve um gambá como o da tua mágica. Nunca!

Sem trabalho, barriga no rés do chão, o pobre artista foi oferecer os préstimos ao Gran-Circus Germânico, uma grandeza de espetáculo. Com leões, tigres e elefantes. Pegou um cargo muito subalterno: ajudante de tratador de cachorros. Vez por outra, para não enferrujar as mágicas, soltava uma cambaxirra avulsa diante do pessoal miúdo da faxina. Aparecia sempre uma boca para elogiar:

-- Leva jeito. Cambaxirrinha bem inventada!

Até que uma tarde o Gran-Circus Germânico, atrás dos elefantes e dos guizos dos palhaços, deu entrada em Japoné. Mas aconteceu que na noite da estréia, estando a casa tomada de povo até junto das bonas mais

altas, Zeborini, o mágico que soltava pavões pela ponta dos dedos, caiu por baixo de uma febre de quarenta graus. Que fazer, que não fazer? Foi quando alguém lembrou que o sujeitinho tratador de cachorros liberava cambaxirras no avulso e no atacado:

— Por uma noite, serve. Dá para enganar os trouxas.

Foi assim que o respeitável público de Japoné viu aquele pobre mágico de dois vinténs no lugar do grande e incomparável Zeborini. F. andou e Matinhos ficou na base do fundo musical pronto a soltar suas cambaxirras, quando levantou a mão e nesse levantar de mão deu entrada no pé direito, feito uma desgraça sem pé nem cabeça, um bode preto de forma tão nua a visto. Já entrou espalhando gente e quebrando cadeiras. Uma senhora, de peito de rola, ajeitou os óculos e gritou para o marido:

Peixoto, dá um tiro no mágico antes que o mágico solte outro bode.

Foi uma confusão de ninguém entender mais ninguém. No assobio do primeiro tiro, Matinhos pegou estrada de só parar em Vila Nova, com a maior língua de fora. F. longe de Japoné e do Gran-Circus Germânico, alegado em cerveja de botequim, Matinhos disse para Matinhos:

Estou com o aparelho descalibrado. Quero soltar um mimoso coelho e largo um nojeito gambá. Quero botar no céu um par de educadas cambaxirras e aparece no picadeiro o maior bode do Brasil. Qualquer dia sou muito mágico de preparar um buscapé e na hora sair uma guerra mundial já dando tiros e soltando foguetes.

## 71 PAPEL E BARBANTE TÊM SEU SHAKESPEARE

Só mantinha o Bazar Moderno pelo gosto de fazer embrulhos. Ninguem, em Joatô do Alto, sabia trabalhar um pacote, fosse de chitas ou mantimentos, como Juquinha Saraiva. Em mês de festa igrejeira o tempo de Juquinha, a pedido dos padres, era todo para enfeitar as prendas de lindos revestimentos. Um gênio do papel com cordão. Quando alguém queria mandar presente, mesmo não sendo comprado no Bazar Moder-

no, apelava para os embrulhados de Juquinha. Com orgulho de especialista Juquir ha pedia explicações:

— É, para moça donzela ou senhora de respeito?

Tinha papel especial para cada caso. Uma tarde, estando Juquinha no balcão do Bazar Moderno, chegou certo viajante que pediu um coco e uma garrafa de cachaça:

— F. tudo em embrulho de segurança, que tenho muita raça de lãgua a derrotar.

Juquinha olhou o coco, mediu o tamanho da garrafa, matitou e respondeu:

— Não vendo, não senhor. Não dá para fazer embrulho.

F. não vendeu.

## 72 O SEGREDO DE JUBILATO GUSMÃO

É de repente, de um dia para outro, Jubilato Gusmão apareceu na Seção de Ofícios e Encaminhamentos com um bigode avassalador. Parou gente, nos corredores, para ver tal grandeza transitar. Uma viúva, que carinhava recibos numa jaulinha de atender o público, botou a mão no peito e antes de dar seu costumeiro chilique falou alto:

— Santa Maria! Até parece o bigode do falecido Jeremias, meu saudoso marido!

Era com a mão emaranhada na selva dos pêlos que Jubilato confessava:

— Reconheço que é uma avacalhação lançar um bigode do calibre do meu numa espelunca como esta. Isto é uma repartição para cavanhaque de bode. Estou perdendo meu tempo.

De fato, era uma peça para dez capítulos. Com os meses, foi instituída, na Seção de Ofícios e Encaminhamentos, a hora de ver Jubilato Gusmão pentear o bigode. Sério, ao espelho e diante do olhar esparramado dos funcionários, Jubilato alisava seu enorme latifúndio. F. encerrava

o cerimonial com um toque de mestre, isto é, um golpe de pente, seco e rápido, de modo a arrebitar as pontas caídas em forma de guidom de bicicleta. E, mirando a obra-prima:

— Não é para me gabar não! Mas nem o Brasil comporta peça deste quilate. É negócio para viver no estrangeiro. Pago em dólares.

E assim, trepado no bigode, Jubilato pulou carniça por cima de todos os cugos públicos. De reles funcionário de porão passou a diretor-geral. E nas pontas do bigode, como velas ao vento, viajou para várias conferências no estrangeiro. E, só ao morrer, por ter caído do alto de um processo de três andares, é que descoloriram que o bigode de Jubilato Gusmão não era de raiz. Era postiço, parente de peruca.

### (73) UM SUJEITO DE LINHAS MAL TRAÇADAS

Foi a menina Carminha Guedes, dos enricados Guedes de São Sebastião da Varzea, fez tudo para casar com Zizito Castro. O mais engraçado é que Zizito Castro era o tipo do sujeito que podia ser embrulhado num jornal e jogado no lixo. Todo mal organizado, sem rima e sem nada. Mas a linda Guedes deixava de saber dessa feitura e das linhas mal traçadas de Zizito Castro. Era toada de paixão fervente que a menina apregoava:

Sou entupida, zancha pelo carca. Vou acabar fazendo uma besteira. Tomo veneno e boto a boca nos jornais.

Quando colocaram Zizito dentro do caso, com todos os pontos e vírgulas, Zizito assaltou a Caixa Beneficente dos Empregados Municipais com um empréstimo de três mil contos. E, na força desse empréstimo cortou roupa bem cortada, modificou o penteado, comprou lambreta, óculos grandes e partiu para estralçar o coração da moça apaixonada. Até falar sozinho:

— Só na lubrificação do topete emparei com contos de réis. Limpinhos! E, pela mão de um amigo da família, ancorou no palacete dos Guedes de São Sebastião da Varzea. Zizito Castro parecia uma quermesse. Tinha

de tudo, até lapiseira no bolso do paletó. E foi a linda Guedes ver aquela modificação em solas de borracha para dizer tristoza:

— Coitado! Mataram Zizito à tesourada de alfaiate. Ficou uma vaquinha de presépio. Não serve nem para a gente botar na lata de lixo. E fez descer sobre sua paixão um grosso ponto final.

### 74 HERÓI AFOGADO EM MINGAU DE ARARUTA

No dia em que Górgão de Ataíde e Melo soube que havia rebentado a revolução de 1930, reuniu a família e com voz de luto avisou:

— Vou pegar no pau-furado. No rabo da semana, se Deus quiser, vou cumprir meu dever militar.

A família de Górgão caiu em argumentos. Que não fizesse isso, que negócio de pegar em armas podia dar em morte. Dona Fibercina, avó de fazer croché e dia todo, largou do canto da sala sua voz antiga:

— Ataíde, Ataíde! Deixa de lado essa profissão de heróiano. Pensa em teu finado avô Flesbão. Quando rebentou a Guerra do Viném o pranteado pegou da espingarda e levou um tiro na popa de não ter mais traseira de sentar. Ademais, cuidado com vento encanado, menino!

A notícia de que Górgão de Ataíde e Melo, mestre da Lira Musical, estava disposto a pegar no pau-furado virou e rodou pela cidade de Cipó da Cruz (como buscapé de São Pedro. A viúva Coutinho Reis aproveitou a ocasião para aninhar nas páginas do *Azeite* um soneto que tinha lavrado em fôvor de um certo e desaparecido Pedrinho Pinto, morto em dente de cobra numa caçada de préá. Só teve o trabalho de extrair o nome de Pedrinho Pinto e colocar o de Górgão de Ataíde e Melo. No desenrolar do soneto da virtuosa senhora, Górgão velho aparecia de espada em punho, na popa de um navio, combatendo os mouros na África, vejam só! O coletor Bemبém Peixoto, ao ler a peça, confessou:

— É negócio mimoso, é coisa de muita ilustração. E andava nesse pé o heróismo de Górgão na hora em que dona Liberata, a chamado dos filhos, voltou de Araras para cortar pela raiz as

**bravuras do marido. Na sala de jantar, fardado de roupa cáqui, boné na cabeça e espada derramada pelo chão, estava Gorrão de Ataíde e Melo. E dona Liberata perguntava:**

— Vai ter retreta hoje na Praça da Anunciação?

E Ataíde com mão cabeluda no punho da espada:

— Estou revolucionário, dona Liberata. Tenha respeito!

E dona Liberata avançando sobre a farda de Gorrão:

Tenha vergonha, homem! Olha tua figura de boi de presépio. Teu filho, Gorrão. Tira essas bugangas do lombo e volta para o teu mingau de aramita. Quem é que vai querer uma barrigona dessa idade, que mais parece coisa de nove meses, em serviço de pau-furado? No que mais pode dar é criança.

Foi do heroísmo de Gorrão de Ataíde e Melo só ficou o soneto da viúva Coutinho Reis. Com dois pombinhos em cada varapau dos versos.

75

## OS EXAGERADOS NÃO VÃO PARA O CÉU

**P**or motivo de não agüentar sua própria bebedeira, Nhonhô Vates, adjacente de tabeleiro em Poço das Antas, procurou os serviços de um doutor de marca maior. E, assim relatou o caso:

Quando bebo sou outro, doutor. Fico atacado da mania de grandesa. Se fosse bebado de porta de botequim, de falar sozinho no meio-fio das calçadas, ainda bem. Mas nada disso. Parto para ser aviador, campeão mundial de boxe, levantador de peso, Castro Alves de aniversário, pianista e até mágico de soltar pombinhos já fui. A última coisa que fui, doutor, quase deu comigo no cemitério. Cheguei em Bom Retiro, que tem um rio de não acabar mais, para dizer que era o maior nadador do mundo. E sem esperar pelo troco, caí na água. Como não sei nadar, adquirei uma barriga desconforme, de liberar peixinhos pela boca e pelo funil do nariz. Pensa que tomei vergonha na cara, doutor? Qual nada. Salvo das águas, parti logo para ser toureiro, o maior toureiro das

Espanhas. Se o doutor não der um jeito, eu estréo na próxima semana em Cajuais com o nome de Manolito, El Matador.

76

## MERGULHO EM NOVA CORRENTE DO PAÍS

**C**orretor de seguros como João Fifó de Melo nunca mais vai haver. Era montado em roupa preta que Fifó trabalhava para a Companhia Internacional em Jequié de Sete Pontes. De uma feita, na Casa dos Vidros, no escritório de Mombaça de Araújo, retirou da barriga da pasta cachos de papel para informar muito cheio de falas e refalalas:

— Vim lhe trazer o melhor negócio do ano, Mombaça. É o mesmo que tirar a sorte grande. O mesmo!

Parou, ajeitou os olhos, frizou com a mão a calça listrada de visitar gente de cerimônia e continuou viagem:

— Vim colocar à disposição do amigo Mombaça um negócio da China. Vim propor, em nome da Companhia Internacional, um seguro contra sua distinta esposa. O doutor Sicarino Lanhoso, hoje saudoso viúvo, três meses antes do falecimento de dona Arnetilde Lanhoso, a conselho meu, segureu a pranteada em mais de cem milhões. Foi muito feliz, porque a saudosa logo tratou de desabar do alto da escada de modo a cair em cheio na caixa seguradora da Companhia Internacional. Fui, o prazer, tempos depois, de pagar a Lanhoso aquele jacá em moeda corrente do país. Já o cretino do Abreuzinho Arruda meteu os pés pelas mãos. Ao ver o tamanho da bolada que a viuvez deixou no bolso do Lanhoso, tratou de fazer o mesmo com sua bondosa esposa. Firmado o seguro, Abreu ficou esperando que a extremosa caísse de uma escada ou fraturasse a testa num poste de rua. Como a referida era dura de roer, o débil mental, sem a menor paciência, largou na direção da ilustre senhora quarenta e dois pontos de porretada. Uma exorbitância!

Na porretada de Abreuzinho Arruda o corretor de seguros parou, ajeitou de novo os olhos, frizou o vinco da calça e arrematou:

## O MARAVILHOSO A SERVIÇO MUNICIPAL

**R**elato que o juiz de paz e mestre de letras do Quintão do Alto endereçou às autoridades superiores:

“Tenho o sentimento de comunicar o acontecido que sucedeu nesta progressista comarca no decorrer da prisão do indigitado Antônio Sapo. Vendo o repulente indivíduo, pelos poderes da treva, feito o escrivão Benzinho Ramos botar um ovo de galinha em pleno largo da Lapa, foi preso pelo delegado Chiquinho Kalil com o respectivo delito do crime, o mencionado ovo. F. estava Chiquinho desatarraxando a confissão de livre e espontânea vontade do dito sujeito, com auxílio de um par de alicates e o medicamentoso maçarico de bombeiro, quando a competente autoridade desatarraxadora deu de dar coices, fazer macaquismos de jerico e urrar em fôrito de jumento. F. na vista de todos, autoridades nomeadas pelo governo e mais o pessoal da verança, começou a crescer nos confins de Chiquinho um rabão de burro. F. mais depois, nem era passada meia hora, brotou a primeira orelha grande, de ventarola, em Chiquinho. Era um cavalo em pessoa, transformado pelas artes negras do dito Antônio Sapo, que sumiu sem ninguém mais saber do seu nefasto paradeiro. Em vista disso, desmarchei Chiquinho Kalil de sua competente autoridade, mas tive a artimanha de não deixar a pessoa dele cair em descrédito, pelo que indiquei Chiquinho, por ser do partido que está de cima, para a diretoria do ensino municipal com a brecha deixada por Pedrinho do Carmo, que aprendeu a ler e escrever, fez dois discursos e foi ser caixeiro em Diamantina.”

— É o que eu digo. Fazer seguro tem sua arte, sua mestria. É uma questão de paciência. Ninguém, que tenha cabeça de pensar, vai firmar um seguro da esposa e no mesmo instante adquirir nas proximidades de casa um vidro de arsênico. **Dá na vista. Tem sempre um abelhudo para botar a boca no mundo: “Vi o marido dela comprando veneno na Farmácia Aurora.” Em verdade, o sujeito que tem competência para fazer um seguro deve contar, antes de tudo, com o tráfico, com as escadas, com um susto bem administrado na calada da noite etc. etc.** Por isso é que venho propor ao amigo Mombaca um negócio de vulto em seu favor e contra sua digníssima esposa. Nire-se no caso do doutor Sicarino Lanhoso. Com um serrotinho bem trabalhado cortou o degrau por onde passava sua Lanhosa esposa e foi uma queda só. Uma queda de cem milhões, amigo Mombaca!

F. foi assim que Mombaca de Araújo, da Casa dos Vidros, pegou trinta anos de prisão

## A IMPORTÂNCIA DE USAR ÓCULOS

**A**rsênio Burlamaqui, caixeiro em férias, pisou pedras de Marimbondos do Funil atou cabeça de armas e munições. Falou para o primeiro que encontrou:

— Vou às onças!

Foi. Uma semana depois deixava Marimbondos do Funil meio pernila, meio zarolho, sem armas e sem munições. Explicação de Arsênio para seu pernetismo e zarollismo:

— Segui as regras do *Guia do Perfeto Caçador*. Na hora do tiro na onça, perdi os óculos.

## O DESAÍARRAXADOR DE DÍVIDAS

**E**deram a Bebé Reis o emprego mais sossegado da firma Almeida Rosa & Cia., isto é, o de cobrador itinerante das dívidas mortas e sepultadas. Bebé, de pasta empanzinada de recibos, partiu para sua primeira cobrança a de dez paranaes, quarenta contos de um tal Pepito Cunha, da praça de Cipó dos Índios. Antes de bater na porta de Pepito, o cobrador Reis foi espancar a sede a porretadas de cachaga no Bar Dois Irmãos. Na curva da quinta cacetada a brabeza de Bebé veio para fora. Gritou que com ele não tinha caloteiro que escapasse. E, mostrando a pasta preta:

Cobrei até de Lampião que era Lampião quanto mais desse tal de Pepito Cunha. Nem vai ter graça.

Foi quando junto dele encostou aquele caminhão de calça e boné. Foi Pepito Cunha em pessoa. Mas não veio com bruteza ou faltamento de educação. Foi pomponete, em jeito de moça donzela. E falou assim:

Pois é, sou Pepito Cunha e quero lhe pagar o devido.

E começou a desembulhar de dentro das calças uma faca que mais parecia, de tão comprida, escada de Corpo de Bombeiros. E abancado na mesa de Bebé Reis, deu de fazer contas e recostas da dívida. Somou, diminuiu, espichou cifras e encurtou cifras. E, deixando cair o braço de palmeira velha no ombrinho mal pago de Bebé Reis:

Pelos meus somados, seu compadre, a firma ainda deve a Pepito Cunha vinte contos de réis, coisa que dou por liquidada se o distinto cobrador passar para meu bolso cinco bagarotes de conto de réis.

Bebé raspolou os bolsos e transferiu para a mão de Pepito Cunha seus últimos dinheiros. E no meio da rua, feliz da vida, mostrou a pasta e falou:

— Fu não disse? Comigo o sujeito pára na boca do cofre! Lampião que era Lampião pagou. Por essas e outras é que vou pedir aumento na firma.

Sou o maior cobrador do Brasil. O maior!

## CÉU NÃO É LATA DE LIXO

**E** Janjão Ferraz, fogueteiro de Santo Antônio do Fundão, reuniu a Associação do Comércio Varejista, de que era presidente, para uma sessão especial. Todo de preto, como em fotografia para jornal, Janjão bateu a campainha, pediu silêncio, olhou o retrato do Comendador Aniceto Ferreira dependurado pelos bigodes na parede, tossiu para limpar a garganta e disse em voz de inauguração pública:

— Venho pedir um voto de congratulações para meus colegas que acabam de descer na Lua. Vai para mais de trinta anos, quando instalei a Foguetaria Estrela-d'Alva, pedi auxílio ao governo de Santo Antônio do Fundão para criar um ninho de foguete. Não recebi fomento algum. Mesmo assim, sem auxílio dos cofres públicos, já mandei para cima, na força dos meus rojões, um par de gambás, dois ratos, o álbum de família do Comendador Aniceto Ferreira, um alentado processo que a Coletoria Pastadual moveu contra mim, o anão Joãozinho Laranjeira, uma mula-sem-cabeça aparecida na rua dos Frades, um livro de atas da Beneficência Portuguesa, a harpa do dr. Aprígio de Rezende, dois quilos de acrósticos da viúva Moreira Chaves, deztoio dobrados da Lira Flor de Maio, bem como um par de papagaios. Se tenho amparo do governo, meus senhores, era Janjão Ferraz de fazer a comarca voar pelos ares para a grandeza do Estado do Ceará e do Brasil.

Deu por encerrada a sessão, tossiu histórico e foi dormir histórico.

## GUERRA DE CANUDOS ATACA DE GUARDA-CHUVA

**A**o bater a estaca dos setenta e quatro anos, Barbalho de Almeida, aposentado do governo adquiriu costeletas de cantor de tango argentino e mudou o feitiço da roupa. Lascou tudo que foi paletó e ficou por dentro das mais lantejouladas camisas. E anunciou na casa das sobrinhas Barbalho:

## A BONIFICAÇÃO DO COMEDOR DE FOGO

Anacleto Alves era ajudante de ferreiro de um tal de Pedrão Feijó. Certo dia, por questões de ferro mal malhado, brigou com o patrão. Palavra vai, palavra vem, Feijó por um triz não fez Anacleto comer meia porção de brasa da sua forja. Posto no olho da rua, o aprendiz de ferreiro foi pregar em outra freguesia e da outra freguesia sumiu no mundo. Muitos anos depois veio no Circo de Sevilha como número especial. O nome de Anacleto, o maior comedor de fogo já existido, piscava em letras enormes na propaganda do Circo de Sevilha. A cidadezinha de Cajamã da Serra correu para ver o conterrâneo Anacleto. E, antes de entrar em ação, no espetáculo da estréia, o comedor de fogo fez uma saudação em louvor do respeitável público de Cajamã da Serra. Neste teor agradeceu:

— Devo tudo que sou ao ferreiro Pedrão Feijó. Em sua ferraria comeci comendo brasa e hoje como fogo.

Palmas para Anacleto, que nessa noite, depois de soltar labaredas no Circo de Sevilha, deu um número extra como bonificação: incendiou uma fábrica de mariola, a casa do ferreiro Pedrão Feijó e a Câmara de Vereadores.

## HORA F. VEZ DO BOMBEIRO ARISTONILDO ARRUDA

Foi um festival tão quente de não haver outro em tempo de cem anos. Começou com um soneto de Olavo Bilac e acabou no Código Penal. Na polícia, depois da competente triagem, escaparam todos, pois todos eram do tipo você-sabe-com-quem-está-falando. O delegado, macaco velho em comemorativo, soltou um por um. Até que encaihou em certo Aristonildo Arruda. Viu logo a autoridade que esse Aristonildo Arruda não podia tomar parte em festival de tantos e movimentados instrumentos. E indagativo:

— Isso é nome de gente ou de sabonete?

— Vou casar. Vou dar fim ao meu solteirismo.

Logo retiraram da prateleira devidamente passada a ferro uma prima Barbalho que morava em Bauru. Escovada, embonecada, veio aquele boitatá para a casa das sobrinhas Barbalho na esperança de lançar ferros no coração do velho. Quando o solteirão bateu os olhos naquela antiguidade do tempo das ventosas, gritou:

Tira essa maxam-bomba de minha frente! Isso dá reumatismo. Uma carabina! Mato essa velha agora mesmo. Com dois tiros no pé do ouvido!

Viram logo que Barbalho, bode velho, queria capim novo. E tanto queria que uma semana depois, estando as sobrinhas no ajuntamento de domingo, receberam a notícia nefasta que escorreu pelo telefone tarjada de luto:

O Comendador Barbalho de Almeida acaba de falecer no Hospital Santa Teresinha de Jesus.

Depois do enterro, que teve discurso do promotor público e homenagem da Associação Acadêmica de Jundiá do Pilar, um compadre do falecido, que levou Barbalho para as mãos do médico, relatou o que houve. Estando Barbalho em fase de atrair em todo o mundo, atrou em certa moça que servia no consultório do dr. Agamenon Luatosa. Como o doutor não estivesse, a moça resolveu atender o pedido de Barbalho que era o de suspender a delicada saia para dois palmos além do joelho. A moça do consultório exagerou e suspendeu todos os panos de uma vez só. Quando Barbalho viu aquele ninho de beleza que morava por baixo dos levantados, engasgou, apontou o guarda-chuva, estufou o peito e avançou. E antes de morrer, passando a limpo seus tempos de alferes da Guerra de Canudos, gritou:

— Um brasileiro não corre da raia!

Ficou a meio pau de distância da moça bonita. Morfinho para nunca mais.

O pobre Aristonildo pediu licença para explicar sua Arruda presença em convescote chovido a uísque e champanha. Disse assim:

— Doutor, sou da profissão de bombeiro e fui convocado para fazer um biscate num cano furado. Trabalho arrematado, a moçada do recinto resolveu prestar um comemorativo ao cano consertado. Logo uma meni-na deu de tirar o que era dela e varejar para o alto. Outra fez a mesma desfeita. E outra seguiu talqualmente as duas. Aí ninguém era mais responsável por responsabilidade de ninguém. Todos os distintos tiraram seus pertences de ficar, em canto de sala, uma trouxa de roupa que quase furava o teto. Vesame maior foi quando um senhor de óculos, que até parecia sujeito do fóro, gritou: “Caminho da roça, minha gente!” A moçada fez fila. F. Lá foi o bombeiro Aristonildo, doutor, de cambalhada com os distintos. O condão de gente, solto nos corredores, deu de entrar em tudo que foi apartamento sem ser chamado ou assuntado. Vi, com estes meus olhos de viver e morrer, quando uma dona gorda, que jogava jogo de cartas com outras donas gordas, gritou: “Peixoto, apunha o revolver! Os comunistas estão chegando, Peixoto!” Para encurtar, doutor, que o seu tempo é pouco, quando a correição voltou para o apartamento do meu conserto, no meio da farrá, entre outros trazidos, rebocava um par de velhos, um pernetá, um meirinho da Justiça, uma bateria de cozinha, um piano de cauda, um vovô de cadeira de roelas e mais um papagaio que berrava a todo vapor: “Esta é a maior! Esta é de lascara!” Depois, não vi mais nada. Meteram cachacha no papo do papagaio e deram de soltar velhos pela janela que foi um dilúvio!

## 84 CAPENGA DE PAPEL PASSADO

Deixou o chapéu de regente da Lira 13 de Maio em cima do balcão do Empório Novo Mundo e comunicou com jeito de parada militar:

— Rebutou negócio de tiro no sul. As tropas já estão descendo. O governo mandou arrebANHAR todo o mundo. Até gente de banda de música. Veu para a fronteira pegar no pau-furado.

Foi. Uma semana depois voltava o maestro Licúrcio Teixeira possuído de uma bala em parte desabonadora, nas dobradiças do assentador de cadeira. Não tendo heroísmo melhor na mão, a Câmara de Macabeus do Limão concedeu título garboso em louvor da bala de Licúrcio. Com o tempo, o lado estropiado do maestro Teixeira ficou bom como nasceu. Mesmo assim, nas paradas e desfilés de Macabeus do Limão, Licúrcio não deixava de capengar. Bascado nestes bons fazêses: — Fiquei bom no civil. No militar continuo ferido. Sou capenga com discurso e louvação. Capenga de papel passado.

F. Capengou pelas ruas de Macabeus do Limão até que a morte curou o capenguismo de Licúrcio Teixeira com poções de sete palmos de terra por cima.

## 85 SEMBOI F. SEM BICICLETA

Afonzinho Rosa, segundo os apunhados do boticário Nicanor das Poções, foi o sujeito que mais bofetadas tomou em território de cem léguas, de Jurilobaca a Santo Antônio do Serrado. Era mexendo no pilulador da Farmácia Alemã que Nicanor garantia:

— Se tapa fosse dinheiro corrente, Afonzinho era o sujeito mais enricado desta jurisdição. Mais que o Banco Hipotecário, mais do que o pessoal da Associação Comercial.

Não houve tábuas de mão de Santo Antônio do Serrado que Afonzinho Rosa não levasse pelos barrancos do focinho. Nesse trabalho grosso, de apanhar de uns e outros, ficou quinze vezes sem sentidos, perdeu uma dúzia de dentes, criou um calombo maior que aragá na testa e teve o nariz adernado para a esquerda de não ter desadernado que desse jeito. Só levou uma vantagem em apauhar tanto de uns e de outros. Era vesgo até que em certa ocasião, depois de adquirir pela cara um bofetão de Bombém Cardoso, ficou curado desse desbenefício de nascença. Se foi um conforto para Afonzinho, foi uma desgraça para Bombém. O major Secundino de

Araújo, zarolhista de berço, sabedor da medicinosa munheca de Bembém, mandou convocar o munhequista à sua presença. E intimativo:

— Seu Bembém, descarregue o peso do braço na minha venta de Bembém, um boi do Piauí e uma bicicleta com buzminha e tudo pelo serviço. Não faça cerimônia, seu Bembém!

Bembém arregaceu as mangas do paletó, cuspiu na palma da mão, pegou distância e largou a maior bofetada do ano na cara larga de fumar chibutos do major Secundino Araújo. Quando a poeira do bofetão sossegou no assalho, o major estava com as bochechas mais incliadas do que dois travessieiros e mais zarolho do que quatro zarolhos. Bembém Cardoso morreu na hora. Sem boi do Piauí e sem bicicleta com buzminha nova.

86

## ONÇA EM TIRO DE FOTOGRAFIA

Um que foi às onças: Aruinha Pereira. Desceu em Pilar da Cruz falando em fios e cablites de espingarda. De tarde, vindo do carrascal, chegou, dependurada em vara, uma onça morta à zagaia. Rápidinho, de máquina amada, Aruinha pediu que batessem para ele uma chapa. E de espingarda, a onça e botou na cabeça da pintada Aruinha posou para a eternidade da fotografia. Isso feito, agradeceu, arrumou as bagagens, pagou a conta no Hotel os Viajantes e pediu condução. Na hora da largada, já na soleira da porta, o hoteleiro indagou de Aruinha se voltava para dar morte às onças. E para fomentar o tiro de Aruinha:

Tem cada peça, doutor, de pedir bala grossa! Onça aparentada de bezerro.

E Aruinha firmando o chapéu de caçador na cabeça:

Que onça? O amigo acha que vim do comércio limpo do Rio de Janeiro para morrer em unha suja de onça? Era o que faltava! Vim só tirar fotografia, que em caçada o que vale é a fotografia. Com essa onça de boje,

é a quinta que mato a poder de máquina de tirar retrato, meu amigo. A quinta!

E partiu, com armas e bagagens, na mula das sete horas.

87

## DIRETOR ESPUNJA PORTARIAS DO DIÁRIO OFICIAL

Foi reclamar na Divisão das Águas e tratou o contínuo de doutor:

— Moro em Queimados e vim fazer uma queixa, doutor.

O contínuo, ao receber pelas ventarolas título assim tão ilustre, raspou o assalho da garganta, endireitou a lapiscira no bolso e falou meio sobre o rebuscado:

— A parte pode exibir a competente prova de quitação das taxas?

Escolastino Vieira, orgulhoso, informou que pagava adiantado:

— Estou quatro meses na frente, doutor.

O contínuo, muito entendido, esclareceu:

— Neste caso, o assunto não pertence à jurisdição desta dependência. É privativo da 2.<sup>a</sup> Região.

Na 2.<sup>a</sup> Região ninguém sabia de pagamentos adiantados. Mas um sujeitinho, de palito no canto da boca, lembrou:

— É capaz de ser com o Adrião. O João Adrião é que vive mexendo com essas coisas. Procure a Seção de Levantamento e Comunicações.

O Adrião não estava. Uma senhora de coque e nariz em jeito de virgula perguntou a Escolastino se não queria falar com o próprio Chefe do Levantamento e Comunicações:

— Seu Albernaz Justosa chegou agora mesmo.

E Escolastino:

— Se não é incômodo, falo.

Esperou meia hora, quase foi atropelado por um carrinho que tratava apilhado de processos, mas enfim chegou até ao Chefe do Levantamento e Comunicações, um esvaíndinho que recebeu Escolastino com olhar de papel timbrado. E Escolastino estendendo a mão que o homem não apertou:

– Doutor, sou de Queimados. Vim fazer uma reclamação.  
O esvaíquinho pulou como se fosse acionado por uma mola. E aos berros:

– Vire a língua! Em minha presença ninguém reclama coisa alguma. Ainda mais que a Seção de Levantamento e Comunicações é um exemplo de organização. Digo mais. Um exemplo para o Brasil. Já saiu até nos jornais, ouviu?

Escobastino pendeu a cabeça, endireitou a gravata e falou com humildade:

– Gosto dos carnis competentes, doutor. Não sei passar por cima de ninguém. Mas vejo que sou obrigado a apelar para o Ministro que é meu primo irmão. Um telefone, por gentileza.

Falou para o primo Ministro. Quando deixou o fone, o esvaíquinho do Levantamento e Comunicações estava desmaiado no sofá. Espumava para fora do *Dênis Ozalé*.

88

## FERREIRO NÃO TEM MULHER DE PAU

Carta de dona Angelina Pacó para seu Pacó marido, ferreiro de bom conceito em Santo André do Pinhal: “Marido, saiba que não tem sujeito mais esperto do que sua esposa. Por motivo de batar tu ferraria na ponta das cascos, coisa de destroçar de inveja o porvinho falador de Santo André, peguei um jogo de carta com Juquinha Melo, aquele vendedor de cereais que sempre pegava hospedagem no Hotel da Ponte. Falta de sorte tua, por causa que o danado só quis apostar em coisas de meus pertences carnis. Joguei o cabelo e perdi. Joguei os braços e perdi, bem assim como o que estava bem guardado da cintura para baixo, pelo que tive de acompanhar o sortido do Juquinha para sua casa de Itaúna até desgastar a dívida, fazendo ele uso e abuso do que ganhou pelo direito do jogo, depois do que voltei para tua companhia com a honra limpa e desindividada, que não sou mulher de deixar o nome do marido na falência.”

89

## UM PROCESSO DE CEM ANOS DE TAMANHO

Foi assunto de crime e suspeitismo o Capitão Dedé Quaresma e a muito especial. Honrava as montanhas de Mimoso do Norte com seus galões e perfeitia. Anos antes, em dias já passados em desuso, tinham dado o passe-partout para o céu a um certo Chiquinho Lima, imperante em muitas terras e muitas águas, rico de não caber numa só pessoa. No calcanhar do criminoso sem andando e rolando um processo de enraivadas páginas. Quanto mais o processo engordava mais o matador diminuía de ser encontrado. E de pulo em pulo, de diligência em diligência, chegou muito velho e muito penado na mão de Dedé Quaresma. Dedé, olho de verruma, viu fogo que era coisa raposentada. Mas, de imediato, arrumou trabalhos para o processo. Quando lutia em Mimoso do Norte um sujeitinho o qualquer, com sintomas de fazer política, levantar votos na praça, Quaresma coçava o queixo e ordenava para um certo Cacá de Araújo, seu sargento-ajudante:

– Oficial Araújo, retire das prateleiras o processo do finado Chiquinho Lima e enquadre o bichão agora chegado na lista dos suspeitantes.

Ninguém escapava do processo de Chiquinho Lima. E assim, de enquadrar uns e outros, viveu Quaresma até que uma tarde, depois de comer uma tina de jabuticabas, sentiu que era chegado a sua hora, mandou chamar o sargento-ajudante e falou com voz dos últimos saldos:

– Oficial Araújo, retire das prateleiras o processo de Chiquinho Lima. Vou com ele para o lugar que tenho de ir.

Parou, tomou vento e continuou:

– É que pode ter algum suspeitante.

E, foi assim, de processo embaixo do braço, que o bravo capitão Dedé Quaresma de Mimoso do Norte entrou no céu. Ou inferno. Quem sabe?

## UM PAR DE DENTES COMO BONIFICAÇÃO

Anúncio que um certo Fifi Campos mandou estampar no *Arauto do Povo*, herói de quatro páginas que infestava, com sua prosa de discurso de aniversária, as ruas de São José de Cacimbas:

Fifi Campos faz serviço bucal com honestidade e rapidez. Em caso de extorquir dente errado, como é de costume no serviço da dência, fica o paciente no direito de arrancar mais dois como bonificação. Ademais, Fifi Campos avisa que está capacitado para ministrarem o famoso Gargarejo Rui Barbosa, muito salutar para desimpedir a voz em discursos e pedales de casamento.

## LOÇÃO SONHIO DE VALSA COM IPSILONE

Vestiu roupa sadinha do alfaiate, largou meio quilo de Loção Sonho de Valsa no vão da sua aparência, apurou o cabelo no espelho e partiu Chicó Rio para tirar a limpa a paixão de Abelardina Cruz por ele. Mas antes de atacar, foi pedir uma remessa de conselhos a Fifi Meneses, seu primo mais velho e dado a conhecer coisas de pedidos de casamento:

Parente, vou deseneravar hoje o caso da menina Abelardina. Primo, diz uns ipsilones para mim. Diz:

Fifi, que lá a *Tatungra do Moirho* em rede de varanda, deixou o livro de armin no chão e veio ver o parente. Aceitou os óculos, fez uma vistoria no primo de alto a baixo, aprovou o sapato amarelo, a roupa zebraada, a garavata rosa, a Episcieira de duas cores, o lenço vermelho no bolso e o tapetão na varanda da testa. Depois do que expediu este conselho:

— Primo, só falta em tua pessoa um alentado patuá contra mau-olhado, que tua figura é demais para uma menina só. O parente devia pegar um trem e sair desmoranando moça bonita por este mundo de Deus só no maçarico do olhar. Vai ser galhardoso assim na China. Vai!

Chicó passou cuspe no sapato, ajeitou a caneta no bolso e partiu para a casa da moça Abelardina. Na boca da noite, amarfanhado dos pés ao topete, voltou para falar com Fifi Meneses:

— Parente, não te conto nada! Fui jogado no meio-fio a poker de solavanco e bofetão. O pessoalzinho desta jurisdição não aprecia gente extratosa, de terno bem cortado e sapato amarelo. O povo deste sertão só quer botina rangadeira e aroma de gambá no debaixo do braço. Vou embora para Amarantina.

E foi.

## O HOMEM DE COLARINHO DE PONTA VIRADA

Depois de bem juntado e polido, de terno preto e colarinho de ponta virada, em conversa na porta da Pensão Elite, o velhote disse ao que vinha:

— Sou inquiridor. Vim fazer inquirições em Curralinho.

A cidade treneu nas sandálias. Bem-Bem Araújo, do Armazém Olímpico, reuniu a tope de casa a Associação dos Verejistas e Acadêmicas para uma tomada de posição. F. sério, com voz de secos e molhados:

— Chegou um inquiridor-geral. É sujeito de poder. Usa colarinho de ponta virada.

Depois de muito gasto de saliva, ficou deliberado que ele, Bem-Bem Araújo, como presidente da Associação dos Verejistas e Acadêmicas, fosse procurar, na Pensão Elite, o inquiridor para uma conversa de preparação. E foi assim que Bem-Bem Araújo, de terno passado a ferro, bateu na porta da Pensão Elite. F. amarrado de conversa com o inquiridor, fez ver que a desgraça de Curralinho era o prefeito Tatão Gomes, velha ratazana das verbas do governo, sujeito de caráter derretido, que só vivia atrás de

meinha de Curralinho e era possuído de três mancebas, todas três de casa montada. E, no arremate do relato:

Deixo a inquirição em vosso poder.

E mal Bem-Bem Araújo saía da Pensão Elite, entrava pela porta dos fundos o chapélio de aba larga de Tatão Gomes. Sem perda de tempo caiu em confidência com o colarinho de ponta virada do inquiridor. Que soube-se de que o povo do comércio de Curralinho era em feição de ladrão de galinha. Reolhava no peso, roubava nas mercadorias, roubava até na compra das peças. Cada qual mais gatuno que o outro, de não ter dono de atacadista ou varejo que não tivesse dinheiro em banco e casa posta com moeda de encunilhada. E no rabo da conversa:

Fra poder de vossa mercê deixo a inquirição.

Fra Tatão Gomes para entrar a professor a Estelina Boa Morte, esperitada e bem filante. Queria colocar o inquiridor a par do que sucedia no Colégio Estadual, onde imperava o Diretor Onofre Assunção, assaltante das partes das meças com promessa de casa e casamento. E, suspenhando os panes de modo a mostrar mais a gosto meio palmo de perna:

Audo como as seções de baixoroxas de beterrabade tanto beliscão que levo de Onofre. Não agüento. Além do mais, o governo não paga em dia.

Só na manhã seguinte é que Curralinho soube que o hóspede da Pensão Elite não era autoridade do governo e sim angariador de informações do Banco Hipotecário e Agrícola. Lavaram e engomaram o colarinho de ponta virada a pau.

93

## DÚVIDA QUE ATORMENTA

O sujeitinho chegou em Xereré de São Mateus na justa hora em que cruzava o céu, bem por cima da igreja de Santo Antônio, uma coisa preta eada que soltava fumaça de azuladas cores. Chegou, não deu nome, não disse ao que vinha nem ao que não vinha. Era muito baixo e despesçoado. Era pequeno e atarata e azulada e não se viu, sumia mas s'ab'noiteiras dos

ombros. Aruinha de Melo, que preparava cigarrinho de palha na porta do Bilhar Taco de Ouro, foi logo verrumando o ouvido de Lacavinha Pe-reira com esta suspeita:

— Capaz que esse sujeitinho é parido da barriga do disco voador que passou zunindo por cima da praça da Aclamação.

Lacavinha, com essa dúvida no buraco da orelha, correu para pedir providências ao major Lagartino Reis, que coçava, no alpendre de sua casa da rua do Rossário, um bicho-de-pé da maior estimação:

— Major, tem suspetante na praça.

Posto a par do acontecido, sem deixar de amamentar a comichão do bicho-de-pé, o major deliberou:

— Pode sei muita coisa e pode ser coisa nada. Por via das incertezas a gente vai furar o cano de-le a poder de cacetadas. Se o bicho espirrar papel com as devidas carimbagens, é fiscal do Governo em viagem de multa. Aí a gente reforça a guaratingamba com um par de tiros de maneira e manda a gente reforçar para as autoridades da nação que o povo de Xereré de São Mateus sucumbiu a um anão de disco voador tão sem-vergonha que nem peçoço tinha.

E foi assim que mataram o novo juiz de direito da jurisdição de Xereré de São Mateus.

94

## O AVERIGUADOR DE ASSONBRANÇA

Em Capelinhas de Nino um plantador de mandioca deu de nariz numa assonbrança que só faltava apitar para ser trem de linha. Entupido de medo, o mandioqueiro correu tanto de só parar na delegacia, rente da mesa do delegado. E foi assim, assustado, que relatou o que viu e o que não viu:

— Coisa de grande soberba. Um fantasmão que não quero ver outro na vida.

A autoridade não conversou. Mandou chamar um certo Nobertino Azulão e entregou o caso à sua competência. Nobertino era especial em

falar com os mortos e foi nessa condição que entrou para a folha de pagamento do xerifado de Capelinhas. Dias depois, voltava à presença da autoridade com o mistério desovado. Chegou e relatou:

— Não é coisa do alto, é coisa de safadeza. Um sujeitinho chamado Juquinha Bordalo está praticando abusamento com filha de Manequinho Chaves, pelo que vive assombrando as redondezas de modo a não ser vistoriado.

O xerife esfregou as mãos, afundou o chapéu de pegar suspeito e parou, na boquinha da noite, para o recinto do crime. F. estava de olho vivo, num maninho de pitanga e gravatá, quando apareceu o assombramento. Rápido, a autoridade caiu de porretada sobre o aparecido que logo sumiu como fumaça. De rabo entre as pernas, o xerife correu em pé de ladrão fugido, só parando na delegacia, para onde, na força do berro, mandou chamar N. de Almeida.

Quero neste justo instante ver a pessoa desse semi-vergonhal!

F. passou para o ombro dele, logo que chegou, a maior surra da quinzena. F. no fim da surra esta ordem de despejo:

— Tu não videsse de nada, tu nunca foi espiritista coisa nenhuma. Esti despichido de averiguador de assombramento e levanta a mão para occê por não ter a minha competente autoridade largado no teu embornal um processo de soltar gafanhoto pelas lombadas. De deixar o sujeito concunhar e maneta.

95

## ABRIU AS VELAS E FOI EMBORA

Chegou e derramou na mesa do delegado Zozó Dias queixas e agravos contra o capitão Bartolomeu Pimenta, que nos tempos do gramofone andou, de cachimbo e barbas ao vento, montado em navio mercante. Zozó Dias, de queixa em punho, convocou o velho Pimenta. F. foi com cara de jiló, de pouca amizade, que Zozó relatou:

— A velha Quinzinha Seixas trouxe pedido de prisão contra sua pessoa por ter, no alegado dela, desonestado uma sua afilhada ainda den-

tro da menoridade. A lei é braba, de apertar mais que laço de sucuri. É pena que transborda para além de vinte anos de galés. É um despropósito!

Foi a vez de Bartolomeu Pimenta soltar a alegria empenada pelo desuso de quase não rir desde que aposentou a patente. Alimentou de fumo a barriga do cachimbo e garantiu que levava pena de não ser o autor de tão mimoso despautério. Soubesse Zozó Dias que desde o desmonte do encouraçado *Minas Gerais* que ele, Bartolomeu Pimenta, tinha dado baixa nos serviços das águas. F. largando o primeiro filó de fumaça no céu da delegacia de Barra Santa:

— Seu Zozó, para enfrentar mar virgem, como é a dita afilhada da velha Quinzinha, menina na força das dezoito marolas, carree o sujeito de lenne rijo a tempo e hora. E eu, amigo Zozó, nem mais pequena calbotagem faço quanto mais sair de barra afora com uma navegação desse quilate! Não tenho capacitismo, delegado Zozó!

Abriu as velas e foi embora.

96

## NINGUEM MORRE DE GRAÇA

Como a industria de caixão de defunto promettesse mundos e fundos em Limão de Santa Fé, com resmas de mortes por dia, Nequinho Condão trocou o gatilho de matar a tanto por cabeça pela bem montada Funerária Boa Viagem com placa vistosa no largo do Carmo. E para fomentar ainda mais o negócio de cemitério, Nequinho abriu casa de armas na rua do Sossego, bem nutrida de espingarda, garruchas e facas de ponta. Nequinho, trepado em cima dos seus sapatos pretos de enterro e visita de moribundo, dizia:

— Mato na rua do Sossego e enterro no largo do Carmo.

Em tempo de tiroteio, o que era rotina em Limão de Santa Fé, Nequinho, por trás do balcão da Funerária Boa Viagem, semcava bala sem dono, certo de que bala avulsa sempre encontra um peito desprevenido onde dormir para sempre. Era como Nequinho, embaixo do terno preto das cerimônias, costumava dizer:

— Tudo é lucro. Tudo ajuda a Funerária Boa Viagem. Só tinha uma coisa. Quando Nequinho cortava roupa de madeira para um cliente não havia modos de demover Nequinho. Ficava de plantão na cabeceira do pobre até que o teimoso entrasse no envelope da Funerária Boa Viagem. Na tarde em que Clodoveu Peixoto, do Bazar América, o maior unha-de-fome de Limão de Santa Fé, de não dar bom dia para não gastar a mão, adernou tomado de febre mortal, Nequinho foi montar na rua das Flores, pitocinando a moléstia do negociante. Nas Feições de não morrer. Chegava na porta do cemitério e voltava. Foi quando Nequinho, já abortecido com essas idas e vindas, resolveu empurrar Peixoto para o fundo da cova. Com esta delicadeza:

Tu não vai de smortalizar meu estabelecimento! Tu caixão já foi tallado em madeira de lei desde a quinzena passada. Se tu não for por bem, vai a poder de bala!

Foi como: Nequinho desse vida ao moribundo. Logo ficou corado, logo pediu a ajuda de go-lura. Então, como último recurso, Nequinho apelou para a coação do unha-de-fome. Neste jeito comercial:

Clodoveu, meu amigo. Não perde a ocasião. Tu não vai pagar um tostão. É brinde da casa. Até carregamento de flor lhe mando botar em cima. Tu vai morrer de graça, Clodoveu. Pechincha maior tu nunca vai ter igual. Numal!

Clodoveu Peixoto sorriu, apertou a mão de Nequinho, agradeceu a pechincha - e morreu.

## 97 MORTE SEM LUÍS DE CAMÕES

Carta que a extremosa Minduca Alves mandou para a amiga Alice te Feitosa participando o atestado de óbito do seu pranteado marido:

“Comunico que fiquei viúva de Joaquim Alves na semana passada. O falecido andou perigando, vai-não-vai, até que foi. Felizmente tudo correu bem e Joaquim embarcou na poção das dez horas da noite. Mandei levantar um túmulo bonito para seu sossego. Só que

não tive coragem de fazer o que o pranteado queria: gravar no mármore do cemitério a figuração de Luís de Camões. Achei que melhor calhava um instantâneo da padaria dele, a Panificadora Alentejo, com Joaquim na porta, de bigode e montado numa bicicleta.”

## 98 O CÉU COMO TESTEMUNHA

Jururema Queirós, caixeiro em Quixá das Cruzes, ficou tomado de paixão repentina por uma tal de Teodorina Alves, pelo que partiu para a solução de cortar os pulsos com navalha. Na hora do falho, recuou. E mandou para seu amigo Ribelino Sampaio a seguinte carta:

Amigo Sampaio:

Lhe escrevo para dizer que estou em Saquarema do Limão em gozamento de férias. Nesse entretimentos tentei cortar as veias do pulso mas fui aconselhado pelas almas do Purgatório a não fazer semelhante disparate. Uma dessas entidades chegou na aba da minha orelha e disse assim com voz de anjinho:

“Deixa de bobagem, Jururema, que vossa pessoa não nasceu para morrer. Compra uma Lambreta e sai pelo mundo montado em sua penitência.” Fiz, amigo Sampaio, a vontade da boa alminha e introduzi um empréstimo numa ostentosa lambreta do comércio do Rio de Janeiro. Lhe digo que não tem nada melhor para expulsar paixão funesta do que essa aparelhagem. A gente larga o pé na tábua dela e a bichinha voa na frente do vento. Coisa muito beneficiada, de fazer um frinão no assento que não te conto.

## HERÓI NÃO TOMA XAROPE

**Jupiagu Rescende, que lavra escrituras em Ourinhos do Cipó, contando, na porta do Salão Chic, o que aconteceu com ele durante uma peça de teatro no Rio de Janeiro:**

Fraque que abriam a boca do palco jorrou na platéia, sem roupa e sem mais nada, um sorrimento de moça bonita. E sem mais apela, as meninas desceram e vieram misturar suas belezas de nascença com o pessoal das cadeiras. Por sorte, ganhei um carmoso assentador de moça que veio me estovar seus arremates dos fundos bem no centro do meio colo do adalbertojuamentado de Ourinhos do Cipó. Logo vi que esse despaquírio fazia parte do trabalho das meninas. Era coisa andava nesse pé quando um sapatinho, com cara de biscoito de araruta, saltando o braço da esposa, correu feito foguete para a balta onde deu de apulpar as partes trombudas das coristas, pelo que tive de ser desatarraxado a poder de cachações. Já a essa altura havia confusão e mais confusão no recinto, de ninguém mais entender ninguém. De cima do palco um cabeludo dizia palavras, enquanto um preto vestido de fraque soprava trombone. Um sujeito, que mais parecia Pôncio Pilatos, tocava harpa, na mesma hora que outro dava bananas para a distinta platéia. Vi uma velha, em jeito de pincenê, gritar: "Fenho dinheiro no Banco Ultramarino! Quero ser raptada. Quero levar tapa na cara. Quero ser seduzida a bofetões." Ninguém ligou para a velha e ela se foi de pincenê. Certo cavalheiro, com jeito de menearia, sentiu uma pontada no coração e falou: "Morro feliz! A escrita da firma Almeida Costa & Cia. está em dia e o balanço encerrado." Na porta do teatro, com cabelo de espanador, uma senhora chamava por um tal de Gonzaga: "Gonzaga, deixa de ser cretino! Não te mete nisso. Cuidado com a tua bronquite asmática. Vem tomar tua colher de xarope, Gonzaga!" Para encerrar, meus amigos, quando acabou a confusão quinze maridos tinham desaparecido atrás de quinze meninas do palco. E um jenicó, que fazia parte da cena, ficou desacordado na ponta de dez cachações. Peguei o trem e voltei para Ourinhos do Cipó com um par de mulatas na mala. Teatro no Rio de Janeiro tem dessas vantagens...

## O PRIMO QUE NÃO GOSTAVA DE D. PEDRO I

O primo Almeida, João Almeida de Abranhos Lessa, veio especialmente de Paracatu para casar com a prima Anabela, moça das areias do Rio de Janeiro. Era casamento que convinha aos Almeidas de lá e de cá. O moço, guarnecido de nove-horas, parecia um bolo de aniversário. Por qualquer coisa apelava para a História do Brasil. Era muito orgulhoso dos finados Almeidas, suas glórias e façanhas. Uma noite, em conversa de fundo de jardim, a prima começou a fomentiar junto dele um namoro de abraço funcional além do permitido. Com fala de Ipanema, Anabela deixou cair dos lábios peritos esta meia porção de pimentar:

— O primo bem podia fazer as vezes de D. Pedro I e ir de Marquesa de Santos...

Não pegou. Almeidainha recuou sem botar a mão na massa. E histórico:

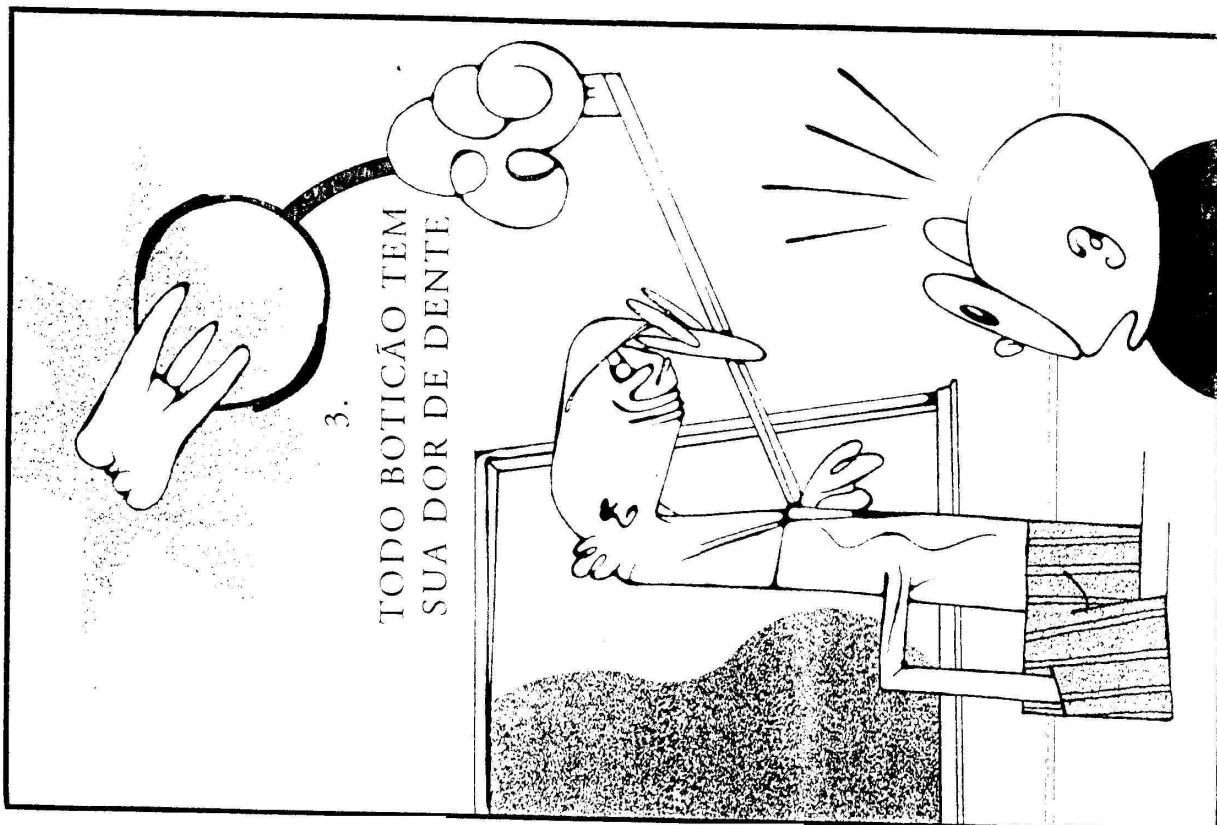
— Logo quem! D. Pedro I. Um sem-vergonha!

Anabela viu que era perder tempo. Segurou o telefone pelo cangote e mandou este parecer para sua amiga Rute Moscardo:

— Fiz tudo, Ruiinha. Apelei até para a História do Brasil. E sabe o que fez o primo? Virou a página. Por desgraça, foi cair na Primeira Missa. Almeidainha ficou de olho vidrado e deu de cantar "Queremos Deus, homens ingratos, ao Pai supremo ao Redentor". E, so vendo a voz do cretino! Parecia empalhada.

## CORRETORES DO JUÍZO FINAL

**Chegou em També de Santo Antônio com um livrão na cava do sovaco e uma barba de promessa na cara. Foi desembaraçado e bem-falante. No**



micio da praça do Mercado, de livro aberto sobre um tamborete, deu de gritar:

— O Dia do Juízo Final vai chegar! Já partiu das alturas do céu. Fui encarrgado pelos Santos Apóstolos de organizar tudo de modo a não ter encontro e esbarão nesse julgamento de última instância. Mediante pequeno dinheiro, o cristão pode ter seu lugar garantido e até numerado. Quem se habilita? Este é o último livro que tenho. É aproveitar a pechincha. Quem se habilita?

Fam meio dia de serviço, o livro do homem de barba grande soltava nomes pela lombada, tão cheio estava. E, ele fomentando o negócio:

— É aproveitar! Criança não paga. É bonificação que dou de mão beijada. Quem não aproveitar esse meu facilitário, vai botar fogo pelas comportas. Ainda tenho cem cadeiras de frente, de grande conforto, para gente de posse. Quem se habilita?

O comércio forte da rua dos Tanoeiros ficou com as melhores praças do livro do homem de barba. A viúva Calafate, Belarmina Calafate, comprou camarote e disse:

— Só quero ver a cara do falecido Calafate, desencaminhador de emprega-linhas do comércio, na hora do Juízo Final. Só quero ver aquela cara de ventilador de botequim largando espermacete pelo buraco do nariz. Só quero ver!

Fêzta no bolso, o homem da barba saiu montado na noite e só dois meses depois, em Juazinho do Sertão, é que caiu nas malhas da lei. No braço de palmeira do xerife João Badenes, o empresário do Juízo Final confessou adantado:

— Se o tal de Juízo Final não veio a culpa não foi minha. Fiz tudo para que viesse em paz e na melhor ordem. Até organizei recepção bonita, todo mundo em seus devidos lugares, de jeito a não ter atropelamentos e al-guém morrer sufocado como aconteceu no tempo da Arca de Noé, que foi um despatúrio botar tanto bicho num barquinho só. Sou um sujeito organizado, Seu Badenes. Se o Juízo Final não veio, que tenho eu com isso?

Apareceu na cidadezinha de Pedras Altas numa chuva antiga. Em boa sela e melhor estribo veio ele. Falava pelo canto da boca — do outro lado a brasa do charuto ameaçava incendiar o mundo. No Hotel da Estação, depois de sacar de uma devastadora garrucha, deu nome e patente:

— Capitão Quirino Dias.

Mandou que arrumassem seu baú dentro do maior cuidado. E, espadanando fumaça até no teto da sala:

— É tudo munição! Coisa de muita responsabilidade.

A cidadezinha de Pedras Altas viu logo que estava diante de um pistoleiro de marca maior. E, isso ganhou raiz quando um tropeiro, parando no Hotel da Estação para deixar encomenda de boca, espalhou que o sujeito do charuto era perseguido da Justiça. Que matava só pelo gosto de ver de que lado o cristão caía. E, de mula picada:

— Vou ligeirinho que esse capitão é pior que cobra em brasa.

Foi. Atrás da pedra do tropeiro a fama de Quirino Dias cresceu de não caber em sala e saleta, de jorrar pelos telhados de Pedras Altas. No Hotel da Estação o melhor pedaço era para seu dente, o melhor doze para sua língua. E no dia em que bebeu cachaça com pólvora, na vista de todo o Hotel da Estação, sua fama não teve mais freio. Bebeu e disse:

— Tenho trabalho longe. Só volto na semana entrante.

No quarto, remexeu o baú e sumiu nas patas do seu brasino. Pedras Altas, por trás de portas e janelas assustadas, comentou:

— É viagem de tocaia.

A bem dizer, a cidade era dele. Seus pedidos de dinheiro corriam nos pés dos moleques de leva-e-traz. E, era quem mais queria munição o

capitão, no medo que ele fosse ao baú. Quirino mesmo apregoava pelo canto da boca que o charuto deixava livre:

— Não abro aquela peça sem proveito.

Foi quando aconteceu o caso da onça. A notícia veio ligeira e ligeira entrou no Hotel da Estação. A pintada era um capeta de olho em brasa. Um portador, chegado fresquinho do mato, derramou no ouvido do povo a última aritmética da onça:

— Limpou o curral de Nonô Pestana de não ficar nem bicho de pele nem bicho de pena.

Uma embaixada de coronéis, com todos os seus pertences, correu para pedir a Quirino Dias providências contra a onça. F. Quirino, espantado:

— Onça? Deu onça em Pedras Altas? Socorro! Quero lá saber disso? Vou embalar neste justo momento.

Não teve tempo de levar o baú, uma peça de folha de flandres onde guardava suas bugigangas — pentes, rendinhas, frascos de cheiro, alfinetes e águas de moça. Quirino Dias era caixeiro-viajante.

## O PAR DE MONTEPIOS DA VIÚVA MORAIS

**E** por estar muito fora de mão do amor de dona Helenice de Moraes, o ferreiro Quim-Quim de Matos apelou para um pai-de-santo que fazia qualquer lindosa moça de olhos verdes morrer de paixão pelo pior zarolho da praça de Caximbé das Almas. Passado pelo dendê e pelas encruzilhadas do macumbeiro, Quim-Quim de Matos partiu para assaltar dona Helenice de Moraes, viúva de farto montepio. Repellido a tapas e hofetões, o ferreiro voltou ao seu viver de puxar-fole e martelar ferro. F. uma semana depois, ao ver a viúva cortar a Praça do Carmo, Quim-Quim desabafou:

Com aquele par de montepios de tremar por baixo do vestido eu devia ver que era viúva demais para meu pobre martelo.

## CRIME MALFEITO DE CORPO

Santiago Toledo, da praça de Sobralzinho, fez os maiores planos para transformar Orihoncina Toledo em lousa de cemitério. Com olho faminto em seus herdados, lia metros de livros policíats. Em verdade, dona Orihoncina era imortal. Papou os maiores arsênicos, e engordou. Caiu das maiores escadas, e escapou. Com os dentes em chocalho, como se tivesse castanholas no céu da boca, Toledo dizia:

— É demais! Tem estômago de locomotiva e braços de asa de avião.

Foi então que Toledo, depois de ler uma bem maquinada história de crime, partiu para o lance do ladrão. Riu e falou sozinho:

— É a última palavra. Desse não vai haver Orihoncina que escape. Não vai!

Arrumou as malas, parafusou o boné de viagem na cabeça, abraçou Orihoncina dizendo que ia para Paracatu:

— Vou visitar o mano Adrião que está doente.

Alta noite, de máscara na cara, assaltou a própria casa e já andava na sala de visita, de pau-de-fogo engatilhado, quando recebeu na moleira uma porretada que espatifou Toledo em várias partes. Depois que a porretada perdeu o tutano, Toledo acordou para ouvir este sermão pingado dos lábios inorríveis de Orihoncina:

— É para aprender, sem capricho! Pensa que não lio teus livros? Estou por dentro de todos os lances, seu cretino! Esse do ladrão mascarado, que inventa viagem, é coisa do cinema mudo. Deu até fita de Theda Bara com o finado Rodolfo Valentino.

Santinho Toledo, da boa cidade de Sobralzinho, tomou uma deliberação enérgica. Com os livros comprados, para mais de quinhentos, abriu uma livraria. A Livraria Quebra-Galho.

## DILÚVIO AO ALCANCE DA MÃO

**F**oi como em Jundiá dos Patos, lugarzinho trabalhador e decente, não chovesse desde muitos recuados meses, mandaram vir de fora um sujeito especial em trovão. Era feiteiro de marca maior. Chegou a bordo de duas malas graudais e arrastando capa, guarda-chuva e galocha. Foi pisar terras de Jundiá dos Patos e logo o céu mudar de cara. Era paisano de pontos dizeres. Deu bom-dia e perguntou em que confin andava o bumbreiro. Apontaram para o fundo do Hotel Gaspar:

— Aquela portinhola verde.

Entrou, puxou a descarga e no mesmo instante, como coisa feita, deu um pé d'água em Jundiá como nunca ninguém em cem anos viu ou teve notícias. Era chuva de cordão e corda, de não parar mais. Uma velha do tempo das sesmarias avisou:

— É chegado o tal do Dilúvio!

Correram para pedir ao feiteiro que estancasse tão grande sangria. O sujeito não estava. Em seu lugar deixou este bilhete:

“Sou representante da firma de tecidos Vieira Peixoto & Cia. e nunca que lihei com água do céu. A minha desgraça foi puxar a descarga.”

## VIAGEM, COM PALETÓ ABOTOADO, PARA O ANO 2000

**F**oi de supetão, de uma quarta-feira para quinta, o velho Calheiros, Jundiá Calheiros, dono absoluto da Importadora e Exportadora São Domingos, adormeceu antigo e acordou moderno. Encaixou seus muitos

anos em paletó de cintura de macaco e colarinho trespassado por enorme alfinete de fralda. A gravata fazia uma barriga de vela ao vento. Os empregados da firma pararam para ver aquele avanço do velho Jundiá na crista do tempo. Martagão Rolim, que cuidava das contas da Importadora e Exportadora São Domingos desde 1935, não acreditou no que via. Tirou os óculos, limpou os vidros, mirou, remirou e disse:

— Não é possível! A firma vai a pique.

A primeira medida que o novo Calheiros tomou foi dispensar dona Remintolina de Azeredo, que ajudou a Importadora e Exportadora São Domingos a crescer desde a primeira fatura. Veio moça e gastou a vida cuidando de embarques e desembarques de mercadorias. Com um pontapé nos seus trinta e cinco anos de bons serviços, Calheiros chegou e decidiu:

— Vou lhe aposentar, dona Remintolina. Primeiro porque tem nome de máquina de escrever. E segundo porque resolvei modernizar a firma. Com este frontispício de máquina registradora sua pessoa não tem mais lugar na nova Importadora e Exportadora São Domingos.

Santino Valadão, responsável pela correspondência, pulou em socorro de dona Remintolina. Nem chegou ao fim do recado. No meio já era funcionário demitido e indenizado. Nesta base:

— Passe na caixa, seu Valadão, para ver a cor do xarope. Quem gosta de velho é asilo. Vai tomar teu chá de erva-cidreira em Catumbi. Vai e não amola!

Nessa volta do paraíso o pessoal da Importadora e Exportadora viu que o progressismo de Calheiros era para valer, pelo que todo mundo tratou de mudar de rumo. Cada qual apareceu de bigode maior. As costeletas desceram até a saboneteira do pescoço. Mas transformação completa e acabada foi a do velho Lindolfino Martagão, chefe da contabilidade. Paletó chanfrado, curtinho, apertadinho, mais parecendo de menino, Martagão não cabia nos panos. Punhos de palmo e meio e abotoaduras com cara de bicho. Ficou tão na frente da moda que Calheiros resolveu interferir. Mandou chamar os setenta anos de Martagão e disse:

— Já viu tua figura no espelho? Isso não é roupa para gente da tua idade. Tenha respeito, homem!

Fra tarde, Martagão bateu o pé. E batendo o pé comunicou:

Se alguém quer dar marcha à ré, pode dar. Eu é que não dou. E logo agora que estou devastando a ala leste de minha rua. Não amola, Calheiros. Vai tomar teu chá de erva-cidreira e deixa a moçada em paz! Tirou um penúltimo de tartaruga do bolso, passou no bigode, abotoou o paletó, avantajou as guarnições de trás e partiu para cem anos adiante. Calheiros viu que era perder tempo. Vendeu a firma.

### 107 PATRIOTA

#### DUAS VEZES POR DIA

Tadeu Moscoso, psicólogo contratado pelo Educandário Castro Alves de Três Lagoas, chegou no salão de aula, reuniu a meninada e logo em seguida iniciou este pequeno discurso inaugural:

Vim apitar meus ensinamentos e quero muito respeito com a minha pessoa. Sua dignidade impensar alunos desde que Getúlio entrou no governo em 1930. Antes de ministrar ensino, eu labutava na gloriosa Força Policial do Estado do Maranhão, de onde fui retirado por ter amassado a cara de dois sargentos e desadeirado um capitão. No mais, tudo dentro do maior conformismo. Só que tive de deslutar o Colégio Vilas-Boas de Santarém do Alto por motivo de pegar um aluno que não respeito minha psicologia e fugiu pela chaminé. Também no Educandário Estácio de Sá de Cotassol das Cruzes fui compelido a sair de socos em cima de uma estudante que fazia pouco caso de minha instrução. Coisa leve, avarias de somenos, de deixar apenas um aluno desacordado por doze horas e outro com quatro costelas fundidas. Depois disso, ainda por faltamento de respeito para com a minha competência, dei um rabo-de-arratia num carente de cabeça chata que o bichinho deu duas voltas pelo largo da Matriz de Santana do Cipoal, ganhou alfeira foi parar nos estrangeiros, onde casou e prosperou. Tirando esses pormenores, sou sujeito de paz, religioso de nascença e patriota de cantar o Hino Nacional duas vezes por dia.

Disse isso, pegou um copo de água, estilhaçou o vidro nos dedos e co-meu os cacos. Estava inaugurada a aula de psicologia de Tadeu Moscoso.

### 108

#### ALADIM DE PEQUENA CABOTAGEM

É de repente, sim que era mágico de nascença. Ao segurar o mágico do palito soltou um passarinho. E mais tarde, ao fitar o lenço do bolso, saiu dele uma bandeja branca e amarela. Correu para casa e deixou em poder de dona Vilandina Pereira a grande notícia:

— Mãe, sou mágico! Mágico de raiz e não de aprendizado.

Dona Vilandina, olhando de um lado para outro, rebicou o filho para o fundo da sala e com voz afinada assim falou:

— Deixa isso de lado, menino. Teu pai, quando breteme no zangão de mágico, não quis ouvir meus conselhos e desandou a dar reticeta em tudo que era cunha e festinga que em outrora ao pé que de setes pombo. Até que em noite de aniversário, em Jenipapo do Funchal, teve a idéia nefasta de tirar dos filhos da mulher do prefeito um ovo que mais parecia um talaboa. No mesmo instante levou uma caçada fã em alto-relevo que foi ovesgo e coxunda de Notre-Dame. Morreu soltando passarinho pela boca, meu filho.

### 109

#### HEROI DE GUERRA COMBATE NA RUA DO OUVIDOR

Canuto Bandeira queria casar. Foi ao espelho e apalhou as bolsas que começavam a tomar bariga debaixo dos olhos. E, enquanto acertava a gravata-borboleta, falou de Canuto para Bandeira:

— Agora ou nunca, seu compadre! Com mais meia mão de tinta viras mula-sem-cabeça.

Colocou o assunto na mão do amigo Peixoto Almeida, caixairo-viajante da firma Matoso Costa & Cia. Almeida foi atochativo:

— Toma vergonha! Num concurso de coisa imprestável tua cara perde longe para um penico amassado. Compra um espelho, Canuto! Pega de um rosário e vai rezar tuas orações na igreja de São Judas Tadeu. Canuto não desanimou. Devastou uma alfaiataria com ternos de todos os feitios. Comprou óculos pretos, desmunhecou cabelo na testa, alugou um automóvel, rolou a 180, entrou por baixo de um caminhão e quando saiu era suata de hospital. Sete meses depois, o amigo Peixoto foi dar com Canuto, de bengala e paletó listrado, em passeio pela rua do Ouvidor. E depois de braços abertos:

— Soube do desastre pelos jornais. Viu no que deu tua mania de casamento? Viu?

E Canuto, chamando o ouvido do caixeiro-viajante para um canto:

Fala baixo. Que casamento, que nada! Sou ferido de guerra, que é o que dá mais saia com mulher. Vai para mais de dois meses que já padia ter deixado a bengala de lado. Arraso os corações com meu heroísmo. Sou capanga de profissão, amigo Peixoto.

Sacou da bengala e atirou no primeiro vestido curto que passou na tarde da rua do Ouvidor.

110

### COMPRE O CÉU ANTES QUE ACABE.

Foi barer em Guarabús a notícia que o mundo ia morrer às quatro horas da tarde. Nem um minuto a mais nem um minuto a menos. O povo logo correu para a igreja nas bofinas da missa. Quem trouxe a novidade do acabamento do mundo foi Chiquinho Ferreira que aproveitou a embalagem para pedir perdão das muitas e variadas dívidas que tinha nas gavetas do Guarabús. Com jeito de defunto, murcho, socando as mãos no peito, Chiquinho andou de casa em casa em busca da quitação e de seus competentes recibos. Dizia com os olhos cravados no céu:

Quero meter com a documentação em dia, tudo recibado e selado, dentro dos conformes da lei

Fêto isso, esperou que o mundo acabasse e o mundo não acabou. Quando souberam que tudo não tinha passado de inventória, coisa sem pé nem cabeça criada e amamentada por Chiquinho Ferreira, a cidade toda correu atrás dele de acha de lenha e garrucha. Mas Chiquinho já era andado de muitas léguas. De longe, na primeira venda de estrada que encontrou, Chiquinho desabafou:

— Não se regateia minha comprimiçãca com conveniências. Tanto quanto Vilela para comprar dez alqueires no céu. Sujeto suquinho, o como Vilela não tem outro igual. Quase que não fecha negócios só por causa de meia palmo a menos. Como sou não aberta, deixei que ele pegasse a testada de — ir que bem entendesse.

Depois disso, Chiquinho Ferreira mandou descer dois andares de cachaca.

111

### INCENDIARAM UM ANJO!

Foi campanha angariativa de votos, com o Badaró Furado em Jacumá de Santa Cruz montado em um mator selo de cachaca já existida. Vinha vindo de beber com uns e outros em peregrinação de uma enfimidade de vendinhas de rodapé de estrada. E só acertou com Jacumá de Santa Cruz porque o cavalo, fôjinho de para o espírito e boia cobrada, saltou coraçãca pela muitas viagens que fez embaixo de Badaró e sua candidatura de vereador. Foi ao pisar a praça das Verduras deu o angariador de votos com um fôrinheiro de povo diante da Foguetaria Estrela que ardia da tabuleta à cumeceira. Foi um atirar de rojões e cabeças-de-negro para o céu de não sobrar um buscapé para São Pedro e São João. Em presença daquele alumiado, a noite em formato de arco-íris, Badaró tirou o chapéu, agradeceu, subiu no coreto da praça das Verduras para dar vazão aos seus instintos de candidato a vereador. Berrou em fogo de cachaca:

— Num a cuidei, nobre e ilustrado povo de Jacumá de Santa Cruz, que a minha pessoa fosse recebida embaixo de fogos, foguinhos e foguetes. E

demais! Foi não mereço tanto. Mas prometo, de pedra e cal, botar nesta cidade os benefícios da luz, da água, da instrução pública e da injeção para expulsar do educado povo de Jacumá as impurezas das docenças. E tem mais. Dou minha palavra de honra que só permitirei injeçãozinha na popa e em parte outra alguma, que só a popa condiz com picada de injeção.

E cada vez mais falante e mais entusiasmado com o estouro dos foguetes, Badaró continuou a ladainha por conta própria sem ninguém saber nada. E então ele prometendo botar dentadura postiça em tudo que fosse boca e tubinha de Jacumá quando um rojão maluco passou maninho de escaras de fogo rente de sua cabeça. E Badaró:

Hustrado povo de Jacumá de Santa Cruz! Assim também é exagero. Devagar com os fogos que não sou do Corpo de Bombeiros.

E caindo pelo tombadilho, já sem força e sem gás, adormeceu e dormiu. Como um anjo embalhado em fogos de artifício.

112

## PAIXÃO DE VENTO OU SENTIMENTO DE PERDURAÇÃO PERPÉtua?

A dois palmos de tomar veneno, por causa dos encantos a olho nu de certa donzela de Alegrete, o comerciante em férias Anastácio Beirão procurou os serviços de um macumbeiro de Sarandi do Alto. O preclamo homem foi logo indagando de Anastácio:

— Se mal pergunte, o distinto veio procurar meus préstimos por causa de paixão de vento ou sentimento de perduração perpétua?

— Antes que Anastácio abrisse a boca, continuou nesta toada educativa: — Só faço trabalho de bem. Se for para casamento de papel passado, no juiz e no padre, a gente vai para a encruzilhada, planta charuto e galinha, e a pretendida vem vindo feito manteiga derretida. Se for para sem-vergonhismo, desencaminhamento de moça de família, procura Manequinho do Poço, que é feitiçeiro sem responsabilidade, formado em erva do mato pelo *Almanaque Cabeça de Leão*.

113

## DENTE DE OURO COM ÁGUA-DE-CHEIRO

Chegou em Birejil um certo Hilário da Mata, macumbeiro que matava cobra e mostrava o pau. Para começar os trabalhos, mandou descer todo o estoque de sapo macho, que fêmea não dava rendimento em serviço de responsabilidade. Hilário falou por trás dos seus dentes de ouro:

— É trazer a mercadoria e levar a prata.

Vinam logo que Hilário era macumbeiro de segurança. E como Estevinho Barros, dono da Alcataria Modelo, estivesse falando da coração pela nova Alamiranda Celó, de cintura de cordão e olho de anil, procurou os préstimos e artimanhas de Hilário. Pediu:

— Quietos usufruir a menina Alamiranda com os consentidos da família ou sem os consentidos da família.

Hilário devastou galinha e fez pilastras de farofa em benefício do apaixonado. E na hora que sentiu que a menina de cintura de barbante estava agarrada pelos dedos de sua feitiçaria, mandou que Estevinho metesse os peitos com a ajuda do prestimoso Caboclo Agarra-Moça. E dando arremate no consentido:

Vai, que não tem impedição de família nem de parente. Estevinho, para ajudar os poderes de Hilário, diluiu um litro de água-de-cheiro nos pontos candiais de sua pessoa. Foi a pé e voltou carregado. Não tinha lá nele parte que não tivesse pegado pau de lenha, de ficar moído mais que café em pó. E Hilário depois de examinar os destroços de Estevinho Barros:

— Tinha que apanhar! Com esse aromatismo que o deseducado cravou na sovaqueira, coisa de botar para correr até um par de bodes, não tem Caboclo Agarra-Moça que agüente. Não tem!

## O COMPADRE QUE ERA UM TIRO NOS SUSPENSÓRIOS

Nepomuceno Bragança escovou os setenta e quatro anos, empapou de loção o bigode branco, dividiu os dois cabelos da cabeça, um para a direita e outro para a esquerda. Feito isso, ligou o telefone para Lafinibático de Almeida:

— Compadre, hoje me faço! Consegui rebochar, na força da saliva, a menina Filodendra para despachar uns papéis da Seção de Alvarás na Barra da Tijua. Arrumei hotel especial, coisa escondidinha no meio da mataria. Lafinibático, não é por estar na minha presença, mas teu compadre é tiro nos suspensórios. Vou mostrar que a vida começa aos setenta.

No hotel especial, quando a moça Filodendra deixou os processos da repartição de Lado e começou a tirar os tecidos, cada peça que caía era uma pontada no coração esburacado de Nepomuceno da Seção de Alvarás. E antes que a menina tirasse a última barreira, uma peça redondinha e mimosa, Nepomuceno avançou sobre o bocal do telefone para uma derradeira ligada com o mundo.

— Compadre Lafinibático, deixei testamento nas prestimosas mãos do amigo Arquias Rocha do Cartório do Sabugosa Melo. Vou atacar com meu certificado de reserva a Marinha Mercante a fortaleza da menina Filodendra. Viva a Tomada da Bastilha! Avançar!

E caiu nos braços da moça Filodendra e dos braços da moça Filodendra rolou em pedaços para uma tenda de oxigênio do Hospital São Judas Tadeu.

## SANTO TAMBÉM TROPEÇA

E Fifi Reis pisou ruas de Guaxibi dos Índios recoberto de fama e escama. Um conhecido dele, que morava em Arapongas, botou no bolso de Fifi carta recomendativa, onde dizia coisas do arco da velha do seu apresentado, F. Guaxibi dos Índios, doída por futebol, logo entregou ao visitante a guarda de honra de seu arco contra as invenções chuteiras de Arcoverde. Em verdade, Fifi não era de muita coisa. Pegava umas bolas no varejo, mas sem soneto e sem rima. Vivía de enganos. Jogava numa terra, jogava noutra terra. E assim, de terra em terra, vendia bem vendido seu mítido futebol mas foi montado em fama que Fifi entrou em campo, certo domingo, na frente da fila indiana dos jogadores de Guaxibi dos Índios, Palmas para Fifi! F. Fifi, embaixo do arco, pulando de macaco, de boné e luvas. E, mal o jogo começou contra os bugres de Arcoverde, aconteceu aquela mão na bola perto do arco de Fifi. E Fifi atarraxando o boné até nas orelhas:

— Não quero barreira! Barreira é para goleiro desmoralizado. Deixa o perna-de-pau chutar sem embaraço para Fifi mostrar quem é Fifi.

Virgem Nossa Senhora! O careta encarregado de bater a falta veio vindo e veio crescendo. Quando faturou três metros de altura, parou de crescer e disparou a perna cabeluda na direção de Fifi. Foi coisa nunca vista! A bola saiu assobiando e assobiando deixou desacordada uma cabra que cabritava por perto, tirou cem contos de telhas de um telhado e colocou, de barriga para cima, de olho embaciado, Fifi Reis. Levado para o Hospital Santa Luzia, Fifi ao voltar do desfalecimento malagou da enfermeira:

— Minha nega, na hora do tiro apelei para Santo Isidoro, de pouco proveito para mim. Veja na lista, minha nega, se esse santinho milagroso foi cassado ou a patente dele está em vigor. Pelo jeito mal-encarado da bola, desconfio que é santo apaido do poder. Perdeu a força dos milágres. Se for esse o caso, vou tratando de arrumar outro padroiro, que Fifi Reis não veio defender as cores de Guaxibi dos Índios para virar anjo no meio do contrato. Uma or..á!

## NINGUÉM DESMORALIZA A HISTÓRIA DO BRASIL

Jonjoca Dantas de Santo André do Pilar, era patriota de folhinha, comemorador de todos os vermelhos do calendário, fosse a Batalha do Riachuelo ou a Tomada da Bastilha. Era limpando o boné de oficial superior da Guarda Nacional que Jonjoca lembrava:

— Sou muito respeitante dos regulamentos do governo.

E era. Uma ocasião, num 22 de abril qualquer, como não tivesse ninguém para desfilar em Santo André, nem a meninada das escolas, nem o povo do comércio, por estar a cidade contaminada por um audáço de catapora, Jonjoca tomou uma deliberação enérgica. Entrou por dentro da farda mais brilhenta e garantiu:

— Não! Ninguém em minha presença vai desmoralizar o Descobrimiento do Brasil. Vou para a rua!

E desfilou, sozinho, por baixo dos galões de Major da Guarda Nacional. Na rabeira de Jonjoca vinha o cabo ajudante batendo o tambor:

— Bum! Bum! Bum!

E, na praça da Cruz, espada ao vento, o bravo Jonjoca Dantas gritou para que todo mundo ouvisse:

— Só queria que essa tal da Polaquia metesse o bedelho no Brasil para eu ensinar aos polaqueses quem é o major Jonjoca Dantas de Albuquerque Gonçalves Caldeira!

Nunca ninguém até hoje soube por que Jonjoca envolveu a Polónia em seu heroísmo da praça da Cruz. Nem ele.

## OS DESTROÇOS DE UM BIGODE

É quando Miguel Pereda, cantor de tango argentino, desce a bigodeleira e o olhar de acorção na praça do Rosário, foi um rebuliço em tom maior. O empresário do cantante, Juquinha de Andrade, arrendatário do Parque de Pequim, em conversa na Associação Comercial de Penedos, avisa-o:

— Quem tiver mulher duvidosa que mande para longe do olhar arranca taraneta de Miguel Pereda. É o maior abridor de quarto de moça solteira e dama casada que já vi.

É foi na poeira dessa conversa que chegou em Penedos o tal Pereda dos tangos argentinos. O olhar era uma coisa e o cabelo outra coisa era! Para abertura dos trabalhos, detreteu, com uma mesga de olho, o coração da filha do major Afonsinho Bragança, menina de boas leituras e responsável pelo maior par de amamentadores de criança de Penedos e circuncrições adjuntas. Ao ver passar pela rua da Praia o bigode de ponta cauda de Pereda, a moça Bragança revirou os olhos, colocou a mão no peito e teve um acento circunflexo no coração. Avisou:

— Vou ter uma coisa. Sei que vou ter.

Enfim, com dois espetáculos no Parque de Pequim, Pereda desman-telou a cidade de Penedos do rodapé à chaminé. Segundo *O Combate*, em prosa de renda, o cantor de tangos, depois de passar o arado no coração do pessoal da comarca e arredores, deixou estes destroços: dona Maurilina Fênjó teve cachumba, dona Idalina Abreu pediu desquite e levou duas sovas de marido, dona Gumercinda de Melo bebeu liso junto do retrato de Pereda, dona Carmelina Araújo escreveu quinhentos sonetos, dona Orneliana de Castro viu um lobisomem, a professora Alfredina Teles comeu uma dúzia de agulhas de vitrola, a velha Euclacinda Barbalho deitou fogo às vestes, Miltonha de Barros sumiu com a fêria da Casa das Rendas, a costureira Feliciano de Azeredo bebeu um litro de querosene e a solteirona Ornelinda Barbosa aproveitou a confusão geral para dar vazão aos seus instintos bestiais: fugiu com um anão.

## CARTA FORA DE PRUMO

**E** ao despedir o menino Julinho Ferraz do cargo de entregador de mercadorias, o lusitano Joaquim Alves fez questão de recomendar seus serviços ao comércio de Bacaxá do Alto. Mas era curta tão descalibrada, tão fora de prumo, que ninguém, em Bacaxá do Alto, soube decifrar. Foi quando lembraram que negócio de letra de garrancho só podia ser lida por olho de boticário:

– É melhor entregar o caso na mão de Gegé Cruz da Farmácia

Aurora.

De posse do garrancho, Gegé Cruz apurou os óculos, balançou a cabeça e disse:

– Muito bem. Custa dois mil-réis e pode vir apanhar o purgativo na parte da tarde.

## UM QUARTEIRÃO DE PERUCA PARA CLODOVIL PEREIRA

**E**ntrou numa casa especializada e pediu uma peruca:

– Coisa moderna, de fazer vista.

O especialista, com jeito técnico, aconselhou:

– Para o cavalheiro, se permite a sugestão, o melhor é uma peça discreta, tipo Napoleão Bonaparte.

O aprendiz de calvo, que era exagerado, repeliu o conselho. Fêz enérgico:

– Não serve! Quero peça ostentosa, de Cristóvão Colombo para cima. Negócio de devastar corações na primeira peruca.

O especialista arrumou para Clodovil Pereira um quarteirão de peruca. Trabalho tão sortido de ondas que Pereira pensou em colocar, no alto da cabeça, um farol de aviso aos navegantes. E no espelho, de peruca em cima:

– É uma peça! Mata a pau qualquer coração.

E, assim, cabeludo, moderno, transiu sua beleza para Alfenas, onde devia cativar os interesses de moça bem-apanhada de cara e de dinheiro. Sóem moeda corrente do país sua beleza pulava na frente de dois bilhões. Estava tudo encaminhado por um primo dela, o encalacrado Barbirato Carvalhais, que participava dos entendimentos na força de dez por cento. E, no balanço do trem, que levava Pereira para sua mina de Alfenas, em presença do espelho do lavatório, Clodovil mais uma vez espalhou elogios em favor das narinas da peruca:

– É demais! Um cabelo assim nem vai caber em Alfenas. Vão pedir outra cidade de refúgio.

Chegou, ficou um par de dias na casa da prima de Barbirato, valsou com ela na sala de visitas, pisou luar em sua companhia, encaixou dois poréns no ouvido da menina e voltou, no trem das 7, para seu negócio de representante em domicílio no Laboratório Almeida Guedes. E já pensava, de dentes acesos, na alta corretagem que Barbirato ia abocanhar (“Mais de cem mil em dinheiro contado! Ladrão!”), quando recebeu do dito Barbirato o seguinte telegrama:

“Casamento foi pelo barranco. Prima apreciou educação, teu pé de valsa, mas achou cabelo demais. A prima é louca por careca.”

## NÃO VAI ATRÁS DE MÉDICO, BALDOMÁSIO!

**E** na rua da Misericórdia, saindo das garras de um especialista em entranhas, Baldomásio Saraiva encontrou o amigo Alicanor das Neves que comprava charutos e olhava os atrasados das moças. F. Baldomásio com voz de alça de caixa de defunto:

– Pois é, Alicanor. Vim agora mesmo do consultório do doutor Vilaça de Castro. F. Estou muito mal. Estou nas últimas, Alicanor. Tão ruim que fui proibido, pelo doutor, de virar de lado. Estou no fim, amigo Alicanor.

Alicanor, cortando a ponta do charuto com os dentes, procurou consolar o amigo:

— Não vai atrás de médico, Baldomásio. Médico é a pior raça que existe. Olha o caso do Mamede Alcerim. Caiu na mão de um doutor que foi uma vez só. Na quarta consulta já não tinha dentes, estava careca e falava sozinho. Tomou uma injeção de tal modo oitavada que deu para ver disco voador. Não vai em conversa de médico, Baldomásio! É a pior raça que tem. Faz ao contrário do que ele mandou. Vira de lado, planta banana, pula de macaco que a doença vai embora. Vira de lado, Baldomásio, vira!

Baldomásio virou e morreu. Ficou desabado no meio-fio com olho de boneca.

121

### VAI, ARUBINHA, QUE O CÉU NÃO TEM CAROÇO!

Entusiasmado com o foguetão que jogou um punhado de gente na Lua, o vereador Arubinha Pinto, de São José do Pontal, trepado numa cadeira, fez comício na porta do Cine Imperial. Quanto mais falava mais subia nos móveis e utensílios. Da cadeira pegou a aba da janela e da aba da janela as partes mais altas do Cine Imperial. De repente estava na cucuira, agarrado na vara do pára-raios. E era rente do céu, estrelado de entusiasmo, que Arubinha expedia seu discurso para o povo amontoado na praça do Piolho. O ferreiro Lalau Paranhos, que muito gostava de Arubinha, aconselhou com voz de martelo na bigorna:

— Desce, compadre! Tu não é bem-te-vi, tu nem aeroplano é. Cuidado com tua chiada dos peitos. Olha o vento encanado, compadre Arubinha!

Nas alturas, sacudindo a vara do pára-raios, Arubinha soltava patriotismo pelas tarraças em defesa de Santos Dumont. Assim:

— Uma banana das graúdas para quem apregoar que o dr. Santos Dumont não inventou a aviação. Foi ele e mais ninguém! Rebento o

facinho do príncipe que garantir que não foi. Viva o doutor Santo Dumont! Se não fosse sua inventoria bem que esses gringos nunca que botavam o pé na Lua. Nuncal!

Foi nessa hora que um gáio da praça do Piolho mandou para o pára-raios o seguinte pedido:

— Isso mesmo, Arubinha! Mostra para a estrangeirada que a povoação de São José do Pontal não perde para outra terra alguma. Vou de aeroplano, Arubinha. Solta fumaça pela cauda, faz barulhinho de maxambonilha, mete os peitos e ganha altura que a gente garante tua viúva com uma pensão do governo. Vá, Arubinha. Os Santos Apóstolos já estão na boca de espera. Vá que o céu não tem caroço!

Entusiasmado, Arubinha abriu os braços, saltou e morreu. Coitao um ovo esparramado na praça do Piolho.

122

### UMA VEZ POR OUTRA, PARA IMPOR RESPEITO

Era conhecido em Palmeiral e terras anexas como Juju Penico por ter enricado em cima do comércio de ferragens, vendendo urinóis e arame farpado no balcão do seu lucrativo Bazar Duas Andorinhas. Belinho Cunha, depois de navegar por dois contados anos na amizade de Juju, propôs:

— Agora, que a gente é carne e unha vou deixar a cerimônia de lado e tratar sua pessoa com intimidade. Vou chamar sua pessoa de major: Cravino Sucupira Ribeiro de Sá Meireles. Dá o seu consentido, major: O major deu. Com essa ressalva:

— Pode. Mas vez por outra me chama de Juju Penico, de especial quando estiver em repartição do governo ou na presença de vereador. Para impor respeito!

## A GUERRA DOS BIGODES

Conversa de Gerondino Pereira no ombro de seu amigo Fifoca de Araújo:

— Fifoca, não te conto nada. Físteve uma quinzena no Rio de Janeiro e vi coisas de cair o queixo. Todo mundo sobre carregado de bigode. Todo mundo de cabeleira no ombro, de ninguém saber quem tem saia e quem veste calça. Te lembras de Joaquim Rolão, um que vendia sabonetes e pentes na rua dos Pescadores? *Gambou*, menino, um bigode descummal! Tão descummal que tiveram de abrigar aquele espanador nos braços de menina enricada, de família muito bem estabelecida na praça. É o que te digo, Fifoca. A gente tem que fazer o mesmo, acompanhar o progresso e não ficar com essa cara de maçaneta de porta. Fifoca, nada de remiar contra a maré. Nada!

E foi assim que Gerondino Pereira e Fifoca de Araújo adquiriram o maior par de bigodes já transitados pelas ruas de São Joaquim do Queimado. Peças tão ostentosas que o major Tolentino do Carmo, chefe da Oposição e presidente da Câmara de Vereadores, desfolhou discurso em louvor dessa iniciativa que vinha, segundo o orador, “colocar São Joaquim do Queimado no parapeito da civilização”. E como fecho de ouro:

— O prefeito desta infeliz terra, capitão Pimpim Rosa, em lugar de perder tempo jogando cartas no Bazar da Estação, devia homenagear nossos dois adelantados conterrâneos com um feriado municipal e mais um mimoso dobrado da Banda São Joaquim.

Viva Gerondino Pereira!

Viva Fifoca de Araújo!

O prefeito Pimpim Rosa não gostou. E por não gostar a cidade ficou dividida entre duas paixões: a que apoiava os bigodes e a que não apoiava os bigodes. E sucedeu a quele disparate. Os partidários de Pimpim Rosa, munidos de afiadas tesouras, deram para cortar tudo que era bigode avulso e não avulso em São Joaquim do Queimado. Por quatro vezes

Fifoca e Gerondino inauguraram bigode: por quatro vezes perderam os bigodes nas gúlhonias de Pimpim Rosa. Em resumo, cortaram tanto que a professora Sambinha Lemos perdeu uma verruga e o farmacêutico Odorino Cruz a perna de pau.

## UM PONBO-LEQUE COMO TESTEMUNHA

Relato do delegado Antoninho Feijó que prendeu, por suspeita de roubo de um brilhante, o mágico Jarjao Meireles, do Circo Zaratini, armado em Itaiçua das Caixas:

— O suspetista, depois de passado pelo Vomatório Trés Andorinhas, inventoria do pessoal da Farmácia Amarel, deu de largar pelo bocal uma disorderem de utensílios, menos o almejado brilhante. Arroiei os seguintes botados do indigitado sujeito: um par de abotoaduras, um canivete, duas moedas de vintém, um tostão do tempo de Getúlio, uma figa de giuné, um chaveiro e uma aliança de prata. E, na arrematação, um pombo-leque que saiu voando em pronto instante.

## DE ÓCULOS NINGUÉM ENTRA NO CÉU

Aristobaldo das Neves casou com dona Limocínia Guedes de olho encanado no cacho de casas e nos fortes dinheiros que a viúva guardava em bancos e cofres. Era montado em charutos, na porta do Café Veneza, que Aristobaldo dizia para o vento que passava pela praça Conselheiro Feijó em Cipoais do Areal:

— Já estou desbaratando a parte dos menores. Tenho fê em meu caráter que dentro de seis meses entro firme e forte no bolão de dinheiro

da velha. Depois, com a ajuda do medicamentoso vidro ralado em copo de leite, transformo a velha Limocínia em aujo. Vai de óculos e tudo para o céu.

Não foi. Aristobaldo, certa noite, escorregou num degrau podre e não teve tempo de abrir o pára-queidas. Ficou esborrachado no cimento, como ovo. Era o quarto marido de dona Limocínia a tropeçar em degrau roído.

## 126 A GUERRA PERDIDA DO CAPITÃO BIMBIM CRAVO

É de supetão, no desmaio da estrela-d'alva, a cidade de Imbuzeirinhos do Pilar acordou com a notícia de que Serapião Lacerda, municionado de duas carabinas, cinco facas e três garruchas, tinha tomado o Hotel dos Viajantes e exigia resgate de milhão para liberar suas portas. Logo foram chamar o capitão Bimbim Cravo, autoridade maior em armas e derramamentos de sangue. Nas conversinhas e conversezes do Bilhar Alemão, enquanto passava o giz na ponta do taco, Bimbim gostava de relembrar coisas e coisas do tempo da revolta contra Floriano Peixoto:

— Espadanei tanto tiro que a guerra acabou e ainda fiquei na retranca das armas. Foi preciso que Floriano viesse dizer, de viva voz, que não carecia mais de meus préstimos. Veio e falou: “Compadre, suspende o fogo que o país está em calma.” Meti o pau-furado na cintura e voltei para os meus quefazeres.

Foi na mão desse mestre de heroísmo que Imbuzeirinhos do Pilar entregou o caso do Hotel dos Viajantes. Bimbim Cravo, que picava fumo na sombra das caramboleiras de sua chácara da rua da Praia, ouviu tudo, pediu que o relatable contasse o acontecido por mais três vezes, depois do que deu seu parecer abalizado. Assim:

— Pelo relatado, esse Serapião é bicho bom de gatilho. Tem ciência militar e muita instrução de armas. De modo que a gente, para evitar

derrame de sangue, vai fustar em cima do maldozo o cambão da praça do Comércio.

É assim, por ordem de Bimbim Cravo, foi o cambão do tempo dos bugres preparado e espanado para desentocar Serapião de seu ninho de balas e espingardas. Fardado de mestre da Banda Independentes do Pilar, o capitão colocou a cidade de garrucha na mão. É era ordem sobre ordem. É embullhado nessas ordens, amigo de não poder mais, o cambão seguiu para o Hotel dos Viajantes. Antes de fazer fogo, Bimbim mandou Jonjoca Cordão, presidente da Maçonaria de Imbuzeirinhos do Pilar, oferecer a Serapião uma saída honrosa. Serapião não conversou. Botou Jonjoca para correr na ponta de dois tiros reforçados por um denegrido pontapé na funilagem. Diante da afronta, o capitão resolveu falar forte e firme pelo gogó das armas. No meio da praça do Comércio, sacando da garrucha, ordenou:

— Fogo!

Deu-se aquele estrondo, aquele fumaréu. Espanada a fumaça, não havia mais cambão, não havia mais nada. A peça, com a boca em cacos, estava morta no meio da praça do Comércio. Nessa circunstância, Bimbim mandou pedir providências ao governo para que remetesse tropa de linha de modo a desencravar Serapião do seu ninho de despotismo, enquanto ele ficava na vigília das armas, na proa do aguerrido povo de Imbuzeirinhos do Pilar. É andava o capitão todo sentinelistas, postado no alto da torre da Igreja do Rosário, na hora que desabou sobre a guerra aquele luarão de bruxa de vassoura. É vindo de longe, nos pés desse clareado, deu presença um vulto que trocava pernas na direção da praça do Comércio. Uma boca falou:

— É Bentinho Cachaça. Vem nas águas das nove horas.

De fato, era Bentinho que chegava cantando “Meu-boi-morreu”, para subir os degraus do Hotel dos Viajantes e desaninhar o pistoleiro Serapião a pontapés e bofetões de cachaça. É assim estragou, para sempre, a guerra do capitão Bimbim Cravo, especial em tiros e derramamentos de sangue.

### EXTRATO DE MULHER F. SOLAVANCO

Jordão de Araújo pegou Neném Cruz pela gola do paletó, sacudiu Neném como quem sacode toalha de mesa e falou:

--O negócio é meter a cara. Mulher não gosta de sujeito marquiúlias. Gosta de sarrafo, Seu Neném. Encrígismo! Tu chega na aba da sala de Ocarina e vai desempacotando naquela cara de marmita de operário o ventilador da mão. Quanto mais firme o tapa mais ela vai apreciar. É o que eu digo sempre, Neném. Mulher gosta de solavanco.

Em casa, Neném deu um treino diante do espelho. Mandou o ventilador da mão na cara de ninguém. F. bem treinado, jogou água de arejar sovaco nas entranhas do braço, passou brilhantina Dois Corações no cabelo desabado na testa -- e partiu. Com esta idéia de mula-sem-cabeça:

-- Hoje ela vai ver quem é Neném Cruz, filho do velho Cruz de Ribeirão das Almas!

Diante da doméstica Ocarina, que trabalhava de coqueira na casa do dr. Ramagem Rodrigues, Neném calibrou o braço e passou para a cara redonda da sarará o tal ventilador de mão recomendado pelo amigo Araújo. E feroz:

-- Comigo é no sarrafo!

Mais tarde, com o olho preso por fita de esparadrapo, Neném voltou ao Bar Estrela de Belém para relatar a Jordão o sucedido. Que foi assim:

-- Pois é. Cheguei e despachei o braço na cara de engomador elétrico de Ocarina. A sarará tirou o corpo fora, de modo a me largar um tapa-olho de Camões que não lhe conto! Ai meti uma cabeçada de bode velho. Outra vez a sarará, que parecia aparentada dos capetas, deixou passar a minha cabeçada e na passagem largou o alicate da mão bem no meu passador de farinha. Ai desfolhei por cima de uns pés de espada-de-são-jorge e dei de espernear como galinha na hora do facão. Fiquei entupido, com o funil da

respingagem atolado. Por sorte, um bombeiro que ajuntava os cantos da casa do dr. Ramagem, correu em meu valimento. Com um descupulador de pia fez o vento voltar ao covil dos meus peitos. Não satisfeito, o bombeiro levou minha pessoa, ainda meio zumbi, para sua oficina que fica a nos imediatismos da travessa do Castro. Lá recebi nova remessa de vento pelo nariz e outros prestativos dessa ordem. F. pior, Jordão, é que o carca cobrou o serviço como se fosse soldagem de cano. Vinte mil réis por descupulir a pia do meu nariz. Ladrão!

### POR CAUSA DE UMA VÍRGULA MAL-ENCARADA

É na tarde que o dr. Feitosa de Castro, diretor das Águas e Encanamentos de São João da Laje, pediu que o escrevente Porfirio Freixiras retirasse certa vírgula de certo ofício, Freixiras tremeu nos borzeguins. Espunou gramática, pronomes e crases. Em vinte anos de Águas e Encanamentos, de ofícios e pareceres, nunca chefe algum, em tempo algum, mandou que ele extraísse essa ou aquela vírgula de seus escritos. Com o papel na mão, ficou remoendo, remoendo, tira-a-vírgula, não-tira-a-vírgula. Até que tomou uma decisão definitiva. Chegou junto da mesa de Feitosa de Castro e expôs o seguinte ultimato:

-- Ou o doutor deixa a vírgula ou eu peço transferência de repartição.

Feitosa, que era homem de pontos de vista firmados, foi claro:

-- A vírgula sai e o distinto amigo também!

O resto veio no *Diário Oficial*. Vejam que barbaridade! Por causa de uma simples vírgula, de uma inútil vírgula, Freixiras foi redigir ofícios em Barro Amarelo. Lugar que não dava a menor importância às crases, quanto mais às vírgulas.

## MANEQUINHO E O ANJO DE PROCISSÃO

Viveu a vida toda com um violão na sovaqueira. Aos domingos e feriados, Manequinho Gaúcho, de lenço no pescoço, saía para seus bordejos. Chegava na praça da Matriz ou na rua dos Padres para conversar com um e com outro. Um amigo vinha e dizia:

— Gaúcho velho, manda modinha para o vento. Aquela do tatu subiu-no-pau. Laska, Manequinho!

E Manequinho:

— Estou de luto fechado por morte de uns parentes em Alegrete. Quando aliviar o preto, satisfaço o pedido.

Nunca que Manequinho achava jeito e modo de tocar no vento ou em recinto fechado. Sempre achava meios de tirar o violão fora dos pedidos. Uma noite, bem bebido e bem mamado, confessou para Braguinha Araújo, adjunto de xerife em Cacimbas do Livramento:

— Afonso amigo, vai para mais de dez anos que vivo de violão mudo. E assim vou varando o tempo, comendo meus salgadinhos em festetes e beberetes. Em Umbuzeiros, no vento da animação, lasquei uma cantoria numa festa do major Antoninho Guedes que foi uma vez só! Acabaram com a modinha a poder de sopapos. Até rabo-de-arraia deram no pobre instrumento que caiu longe, desacordado, com as tripas das cordas para o lado de fora. Aí jurei por São Sebastião, todo crivadinho de flechas, de nunca mais tocar para ninguém. Também lhe digo, amigo Afonso, pior do que eu não pode ter. Sou uma desgraça! De uma feita, a rogo do padre Zozó Melo, acompanhei procissão tirando uma ave-maria das cordas do instrumental. Foi no instante que um anjinho, largando o andor, chegou perto do meu ouvido e falou mais ou menos assim com a boca feita de paina: “Manequinho, Manequinho! Tudo tem um limite. Vai tocar mal assim nas profundas dos infernos! Vai, Manequinho, que te dou transporte grátis. Vai e não amola, Manequinho!” E assim dizendo, fez duas evoluções por cima da minha cabeça e voltou ao seu lugar de anjo de andor.

## VIAGEM À TERRA NATAL. A BORDO DE UMA PERUCA

Estava curuca, era Carapebus Pereira e apelou para a solução da peruca. É de peruca, depois de uma ausência de trinta anos, voltou a Cajubais, onde tinha iniciado sua vida de comerciante de couros. Foi muito homenageado e comemorado. Teve festa na Associação Comercial e discursos na Câmara de Vereadores. Encorajado pela bem encastoadá peruca, Carapebus pediu a palavra em várias ocasiões e até coisas enluaradas falou nos desvãos do ouvido de certa viúva, ainda boa de lençol, que encontrou na casa dos Novais. E em festa regressou Carapebus ao escritório de sua firma de couros em São Luís. E ainda gozava os dividendos do sucesso de Cajubais, quando recebeu o jornalzinho da terra, *O Demorista*. Desatarraxando a folha chamou o pessoal do estabelecimento:

— Seu Palhano, venha cá. Seu Barbosa, veja o deputado falando as massas!

De fato, lá estava Carapebus em retrato grande, dedo futeucando as nuvens, em atitude de Demóstenes dos couros. Mas perdeu o vento quando leu, por cima da fotografia, os seguintes dizeres:

“Saíu de Cajubais cabeludo e voltou trinta anos depois de peruca.”  
E embaixo, em letras gráficas, um anúncio de remédio contra queda de cabelo, o afamado e conhecido “Revigorante Araújo”.

## TATÃO, O ESQUARTEJADOR

Era domingo que pita cachimbo e Tatão Chaves aproveitou para pedir Lili Mercedes, mestra de letras, em casamento. A cidadezinha de Monte Alegre, sabedora da novidade, botou a cabeça de fora para presenciar

Tatão em cima das botinas de lustro e por baixo dos panos engonados. Para avivar a coragem, Tatão bebeu, no Bar da Ponte, meio dedro de licor, coisinha de aligeitar a língua e aromar a boca. Como achesse o licor educado demais, mandou cruzar a hebidinha com caelha de fundo de garrafa. E recomendativo:

– Daquele parati mimoso que até parece flor de jardim.

De talgada em talgada Tatão perdeu a mira da cabeça. Finbaralhou o pedido de casamento com negócio de disco voador, imposto de renda e busto de moça. A essa altura, gravata desabada e camisa fora da calça, Tatão preveniu:

– Sou o maior dedilhador dos desabotoados das meninas já aparecido em Monte Alegre. Sou Tatão Chupeta!

Gritava que era monarquista, que era a favor da escravidão e que o prefeito de Monte Alegre não passava de uma perfeita e acabada mula-sem-cabeça. E para arrematar, ganhando a porta do Bar da Ponte, garantiu:

– Só queria que aparecesse neste justo instante um boi cornudo para Tatão esfarnhar o chifre do sem-vergonha à bofetada!

Nisso, um boizinho desgarrado apontou na esquina da rua do Comércio. Tatão cumprindo a promessa, armou o maior soco do mundo. E atrás do soco saiu Tatão, atravessou a praça 13 de Maio, entrou no Mercado Municipal, desmontou duas barracas, esfarelou um comício de tomates e só parou no Açougue Primavera. E meio adernado sobre um quarto de boi que sangrava em cima do balcão:

– Soco de Tatão é pior que canhão de guerra. Mata e esparteja!

### 132 INCÊNDIO COMO BONIFICAÇÃO DE FIM DE ANO

**O**nofre Guedes era amador de bombeiro-eletricista em São João do Funil, onde grassava com alicates e martelos. Durante a semana média

fazenda na Casa das Pintas e nos feriados, de maleta na mão, saía para espalhar seu ofício de casa em casa. Não cobrava um centavo pelo trabalho. Em troca, em dois anos de atividade, quase deu o filho São João do Funil. Danificou, como bombeiro, mais de vinte casas e como electricista deu um fogo na Mercancia Almeida, na Colômbia de Renadas, no Bazar Três Anjos e na Papelaria Almir. E como bonificação de fim de ano fez um avarejado capitão Apolinário Peçanha, que morava num chade de pedra de rua. Mas a obra-mestra de Onofre Guedes, seu carro chefe, foi o grande incêndio da Figueiraria Azeredo. Quando o velho Azeredo, na boquinha da noite, ligou a chave que a mão especialista de Onofre tinha consertado, viu subir aquela língua de fogo e atrás da língua de fogo um estrondão de ser ouvido em cidades longes. Subiu Azeredo, subiu a ladainha de Azeredo, gatos e cachorros de Azeredo subiram em cachos. Tolo subiu. De longe, na praça do Carmo, o povo ficou apreciando aquele ninho de injções lagarruxando para o céu. E Onofre Guedes diante daquela obra-prima deixou pingar da boca admirada esta observação:

– E não sei nada de electricidade! Se conhecesse o ofício era máio Onofre Guedes de levar pelos ares a cidade toda, com a rua do Comércio atrás e o capitão Apolinário Peçanha no comando. De boné e fita de provedor-mor da Santa Casa no peito.

### 133 AMANTE DE SIVILIA COM BOFETADA NO TERCEIRO ATO

Carta de Sandoval Moscoso ao primo Betinho Moscoso de Barrinha de Serapuá:

“Segura firme para não cair da cadeira, primo. Teu parente agora é artista de circo de cavalinhos. Desde que sucedeu aquele mal-entendido com o dinheiro da Prefeitura de Barrinha, quando tive que sair às pressas com a maleta dos impostos, que peguei lugar no Circo Internacional, uma companhia que desce e levanta panos em

todo o Brasil. Entrei como ajudante de domador e desde que o leão morreu esfacelado por uma cadeirada de um cretino de um bêbedo, que puléi para as vastas pantomimas e dramas que o circo expõe de cidade em cidade. O trabalho mais pau-com-farinha que peguei foi de Judas. Sabe como é o povinho dos matos, que só deseja ver o desgraçado do Judas estrebuchando nas cordas do enforcamento. Em Aguabinha, lugar danado dos colarinhos, quase morri dependurado. Na hora da fogueira, naquele temporal feito de lata de quero-sene nos ouvidos, um sem-vergonha com cara de porco-espinho pulou no palco e veio apertar meu gasganete. Foi uma batalha, Betinho, para fazer o vaca-braba desocupar meu gogó. Fiquei avariado de farmácia no decorrer de um mês. Agora, felizmente, trabalho em serviço mais leve. Apanho bofetadas no terceiro ato do drama *O amante de Sevilla*. Mas tenho promessa de pegar o cargo de galã da peça *O ladrão elegante*. Como o primo muito bem sabe, desde que lasquei aquele desfalque nos cofres públicos da Prefeitura de Barrinha, que peguei uma prática danada de misturar meu dinheiro com o dinheiro dos outros. Ademais, primo, em *O ladrão elegante* vou dar beijos de repuxo na cara bonita de Rutinha Cruz, uma coisa feita de curvas e recurvas. Essa lindeza vai fazer a figuração de certa madama muito virtuosa, sortida de rococós e não-me-toques. Deixo de saber disso, Betinho. Comigo ela vai perder os pivôs. Vai sair do palco com os beijos e partes próximas em fogo vivo, que em negócio de realismo estou sozinho.»

134

### Ó RODAPÉ É O LIMITE

**T**elefona de Noquinha Reis para sua amiga Lucimar Ferreira:

– Noca, vou acabar meu noivado com Santinho Cruz. Um monstro da pior espécie! Estou de namoro amarrado com ele vai para mais de dois

meses e o cretino sem tomar nenhuma providência. É louco por pé. Fui horas fazendo e xobê nos meus dentes. Ontem, não tendo ninguém em casa, mandei que ele subisse, que deixasse o tornozelo em paz para tomar posse de partes mais substanciais. E sabe o que esse desafoiado respondeu? Que do tornozelo não sai, nem mesmo depois de casado. Que eu arrumasse outro para os compartimentos de cima que ele ficava mesmo no rodapé.

135

### BIFES À MILANESA COM FARINHA DE CACO DE VIDRO

**D**ona Eucalística Pestana resolveu ficar viúva por conta própria, pelo que delibrou encaminhar o marido, o meirinho Santinho Pestana, para os confins de uma feijoada. Tinha de tudo a feijoada da bondosa Eucalística: certidão de óbito, anúncio de missa de sétimo dia, alça de caixa, meia dúzia de grinaldas, canto de coruja e até discurso do dr. Sulyão Meireles, orador oficial da Irmandade de São Francisco de Paula, da qual o candidato a defunto era provedor e tesoureiro. E dona Eucalística, depois de dar os últimos retoques de arsênico na feijoada, misturou tudo com este pensamento:

– Pestana, com a fita de provedor da Irmandade de São Francisco de Paula na caixa dos peitos, vai chegar no céu na nuvem das quatro horas. Não tem escapatória. Esta feijoada está especial. O gato Romão, só de passar por perto, ficou desfalecido na porta da cozinha. Desta Pestana não escapa. Tenho fé em Deus que não escapa!

Mas escapou. Comeu a feijoada, repetiu três vezes e não morreu. Dona Eucalística falou admirada:

– Sim senhor! Estômago de locomotiva! Papou arsênico de matar um batalhão e ainda palitou os dentes. Desaforo! Mas esse boitatá não perde por esperar. Vai pegar o maior sortimento de vidro ralado já existido. Vai morrer soltando cacos de garrafa pelas abotoaduras.

Não soltou. Comeu vidro reforçado com preguiçosos enferrujados e fatias de gilete. Até engordou. Uma noite, depois de dois meses de vidro ralado, parou o garfo no meio de um bife coberto com farinha de vidraça, lambou os beiços e disse:

– Eucalística, não tem cozinheira como tu! Não tem! De dois meses para cá, desde que a velha Sebastiana deixou nosso fogão, que venho sentindo um gostinho especial na comida. É o que eu digo aos amigos da Irmandade de São Francisco de Paula. Não tem para uma feijoadá ou bife de caçarola como tua mãe. Mão de anjo, Eucalística! Mão de santa!

Só mais tarde, quando tentou esborrachar o marido a cacetadas, é que a virtuosa senhora soube de tudo. Que Pestana, antes de ser meirinho em São José do Alto, tinha trabalhado no Circo Polonês. Soltava labareda pelo funil do nariz e comia bifês à milanesa com farinha de cacó de vidro. Era Don Pestana, El Mago del Fuego.

### 136 TANGO ARGENTINO MORTO A PAULADAS

Comunicado que Robertinho Guará mandou ao presidente da Associação do Comércio Atacadista de São José dos Pilares:

“Tenho que relatar o triste sucedido que sucedeu com o tabelião Quim-Quim Borges na viagem de botar as autoridades do governo no concernente ao que se passa em São José dos Pilares e arredores. Logo que Quim-Quim chegou no Rio de Janeiro, mal saído do navio, tomou um banho alongado, coisa dilatada de mais de duas horas, depois do que saiu mais aromado que um jasminal. Largou de lado o ternão preto de lavar escrituras para calçar paletó de almo-fadinha, curtinho por cima da aba das ancas, de deixar a repartição traseira mais arrebitada do que rabo de tanajura. E foi nas águas dessa sem-vergonhice que peguei Quim-Quim Borges andando todo moderninho na tal da rua do Ouvidor, sem pejo da idade de avô.

É não contentado, Quim-Quim aprendeu tango argentino que é uma pouca vergonha de não calçar em salão de família. O parquinho grauda o rosto bem junto do rosto da parceira, quebra o organismo para trás, estica os braços e sai em passo de gaúcho pelos recantos do baile. Sujieito que praticar esse tal de tango argentino em festa de São José dos Pilares ou casa com a moça ofendida ou morte na hora.”

### 137 UMSUJEITO CHEIO DE LEIS F. PARÁGRAFOS

Nodia em que sua aposentadoria arribentou no *Diário Oficial*, Norbertino Feição só teve um pensamento: mudar de Norbertino Feição, ser outro sujeito, um Norbertino diferente do que tinha sido durante trinta e cinco anos de selos e carimbadas. Deu balanço em sua carreira de funcionário das Obras e Calçamentos. Mil processos, quatro mil despachos, vinte mil portarias e trinta mil informações. Se papel fosse navio, tinha dado volta ao mundo várias vezes. E, além disso, teve de aturar os discursos dos senhores diretores-gerais, cada qual mais sabiá-laranjeira. O dr. Anacleto Cunha, por exemplo, falava por qualquer motivo. A mais reles promoção do mais reles funcionário era sempre acompanhada de discursativo do dr. Anacleto Cunha. A ponto de certo Lacatvinha Moscoso, almoçariff das Obras e Calçamentos, estipular:

Se tem discurso do Anacleto Cunha prefiro não ser promovido!

É agora estava livre de tudo isso, do dr. Anacleto Cunha, dos aniversários dos senhores diretores-gerais, do presente de fim de ano do sr. Ministro e das festas cívicas acolchodadas de discursos e empadinhas de camarão. Fera um Norbertino livre, com o resto da vida às ordens. E ao fechar, pela última vez, a mesa de trinta e cinco anos de papéis e carimbos, Feição disse baixinho:

– Vou jogar a chave na primeira lata de lixo que encontrar. Vão ter que esbandalhar a fechadura a tiros de portaria, porque mesa de funcio-

nário, mesmo aposentado, só pode ser aberta a poder de portaria. É dos regulamentos. Está na lei 23, de 15 de outubro de 1932. Parágrafo 42.

Riu da portaria que a besta do diretor-geral teria que esguichar sobre a mesa muda e fechada. E foi em riso que entrou no Hotel Miramar, na rua Senhor dos Passos, onde sempre morou desde que veio de Curvelo. Desencovou dona Ricota Melo para este aviso:

— Pode jogar toda a papelada de meu quarto no olho da rua. Contrata um caminhão, dona Ricota! Tem processo mais antigo do que a Guerra dos Canudos. Rua com eles, dona Ricota! Não quero ver mais papel na minha frente. Quem gosta de papel velho é lixo, dona Ricota!

Em cima de Norberto Feitão fez descer as roupas mais finas, cortadas pelas tesouras mais caras. De repente, pegou bigode e fomentou um par de suíças de cair, como avenca, pelas abas do queixo. E outra vez convocou a proprietária do Hotel Miramar:

— Dona Ricota, deixei de ser provedor de várias Irmandades. Quero ter tempo para gozar o bigode e as costeletas. Me chama, dona Ricota, de Nonô Feitão. Sempre tive vontade de ser Nonô, Nonô Pente Fino, dona Ricota...

Logo depois viu que a rua Senhor dos Passos não comportava sua aposentadoria, pelo que mudou para Ipanema. E, moderno, paletó de veludo e lenço no pescoço, caiu na doce vida de beira de praia. Uma tarde, num futebol de areia, ao dar com bola que vinha pelo alto, Nonô gritou de dentro do seu calçãozinho de borboleta no chôco:

— Deixa que o papai vai subir de cabeça!

Subiu tanto que foi parar no céu. De costeleta e bigode de ponta virada.

138

### CRIME ADIADO POR LICENÇA MÉDICA

**Bentinho Barbalho era o delegado mais relapso já existido ou por inventar. Imperava em Ribeira de Guapá Nova. Vivia pescando dourado,**

catucando tatu, desovando modinha do violão. O matador chegava e dizia:

— Delegado Bentinho, não durmo e não como mais pratricamente de duas quinzenas por causa que matei Tonico Sousa por uma bobagem de mulher de porta aberta.

E Bentinho, meio debruçado sobre o nervoso:

Vai te arrapender longe, desgraçado, que estou de capivara contra toda para logo mais e não vou perder tempo com criminoso sem vergonha, que comete despautérios e ainda tem o descaramento de relatar essas exorbitâncias à autoridade!

Certa tarde, Bentinho Barbalho dependurou, na porta da delegacia, o seguinte aviso:

“O delegado Bentinho Barbalho está encostado no Instituto de Aposentadoria em licença médica, pelo que fica adiado o apuramento de casos desimportantes, na ordem de roubo de cavalo, desencunhamento de donzela ou morte de turco.”

139

### REFORÇA O SEGURO QUE O INCÊNDIO É POR MINHA CONTA

Montou escritório na praça das Mulatas e colocou na porta, com dizeres graúdos, uma placa avisativa de que Agostinho Patrício dava fianças e avais a qualquer pessoa, mediante a módica corretagem de dez por cento, bem assim como estava preparado para praticar incêndios espontâneos com a maior perícia e honestidade. Era com a boca redonda de entusiasmo que Agostinho afirmava:

– O progresso de Pipeiras pede firma como a minha. Eu devia até receber estipêndios do governo.

Quando Miguel Simão procurou os préstimos de Agostinho para tirar sua firma da falência pelos braços do fogo, recebeu do perito em fangas e incêndios todas as garantias:

– Não tenha receio. Alarga o seguro que eu cuido do resto. Só trabalho no curto-circuito, que é o mais garantido. Esse negócio de vela esquecida em canto de corredor está muito desmoralizado. Faço obra limpa. F'm Santo André lasquei fogo numa fábrica de gelo, amigo Simão. Numa fábrica de gelo, entendeu?

O negócio de Agostinho Patrício progrediu tanto que o governo teve de fechar o estabelecimento a poder de cadeia. F'm dois meses de escritório, Agostinho deitou fogo em dez armários na rua do Aragão, demoliu a Recebedoria Estadual a mando dos negociantes em atraso de impostos, bem assim como varejou pelos ares a Fogueteria Penalva. Agostinho era o primeiro a avisar:

– Reforça o seguro, minha gente, que o curto-circuito é por conta da firma.

Na hora de purgar doze anos nas grades, Patrício desabafou:

– Se fico por mais um mês, a firma acabava com a cidade a poder de curto-circuito espontâneo. Mas este país é assim mesmo. Ninguém pode progredir, comprar uma roupinha nova, que vem logo a perseguição. Por essas e outras é que esta nação do Brasil não vai para frente. Não vai!

141

## A GLORIOSA MORTE DE GAUDÉRIO PAIVA

**F**e no Mercado das Flores, mergulhado numa braçada de rosas, Pestana de Araújo encontra o amigo Gaudério Paiva, o Paivinha das Rendas Imobiliárias. Bem recauchutado, moderno, vistoso, tinindo por dentro de uma camisa vermelha com rajadas amarelas. Pestana abre a boca em admiração:

– Homem de Deus, que avanço é esse?

F. Paiva saindo de dentro das rosas:

– Cala a boca, Pestana. Morro mas não entrego a rapadura. Sei que estou velho, que estou fora de compasso. De manhã, quando acordo, tenho de ser desempenado por dois especialistas em reumatismo. Mas logo que piso a rua do Ouvidor ou a rua das Marrecas sou outro. F'apinho o peito de 1901 e não perceo um atrasado de moça bonita. Sou Paiva de clar com os costados em Jacarepaguá por um pedaço de menina. Hoje mesmo tenho um compromisso de francesa nova, coisa especial, uma certa Mimi que desentocuei da última remessa chegada de Paris. Qualquer outro, que não fosse este Gaudério Paiva, arrepiava a carreira. Eu não. Mando para as trombetas de Jericó! Essa tal de Mimi vai ver quem é o Paivinha das Rendas Imobiliárias, filho do desembargador Aldenor Paiva que morreu no Teatro de Variedades de Juiz de Fora quando deram de presente uma espanhola ao respeitável público e o velho, para chegar na frente, pulou do alto de um camarote na direção da boca do palco. F. o que eu digo. Mando para a cabeça! Ela não perde por esperar. A vida começa aos setenta, meu caro. Aos setenta! Telefone depois contando o resultado da batalha.

Nunca mais telefonou. Morreu em plena guerra, por entre as flores dos dezoito anos da menina Mimi. Morreu nas barricadas, de ceroulas, por trás dos travessieiros, de arma na mão. Sem bala e sem pólvora. Glorioso como um estandarte!

141

## O APARELHO COMPETENTE E NECESSÁRIO

**A**lberico Sanches trouxe para Guarataízes a maior novidade em curar doenças da carne e da cabeça. Montou consultório na rua dos Alfaiates e dependurou na porta estes dizeres vistosos:

A cidade, no princípio, ficou cabreira, rindo até dos macaquismos que Albernico fazia com as mãos para deixar o padecente desfalecido nos braços do sono. Mas depois que curou, com um par de hipnotizações, a papeira de dona Licovina Beirão, professora pública, foi um chover de gente no consultório da rua dos Alfaiates, de Albernico não ter mãos a medir. Quando o sujeito era duro de dormir, desses de cabeça de coco babaçu, o especialista Albernico gritava para os fundos do consultório:

— Enfermeiro Melo! Traga o aparelho competente e necessário.

Melo, encaixado em avental branco, aparecia com um roliço porrete de borracha que logo soltava na cumeira do renitente que desfalecia feito borboleta de jardim. De porretada em porretada Albernico Sanches ia amontoando curas. Como a do capitão Carvalhais de Araújo, que tinha a mania de falar sozinho. Com duas porretadas, o doente adquiriu na testa um calombo de ser visto longe, pelo que perdeu o uso e gozo da palavra o resto do ano. Semelhante coisa sucedeu com a viúva Livinha Cravo. O enfermeiro Melo foi tão feliz na porretada que a viúva, atrasadona de roupa e de vida, logo pegou linha moderna. Não só estofo as divisões traseiras como empinou o busto que era murcho de não ganhar de um maracujá de gaveta. A medicamentiva borrachada fez ainda dona Livinha botar óculos graúdos e sair por cima dos joelhos. Remoçou, entrou por baixo de uma peruca e da peruca já saiu nos braços do comendador Joaquim Seabra. Casou. E na hora de descer os degraus da igreja, vendo entre os amigos a figura de Albernico Sanches, logo caiu nos ombros dele com estes dizeres:

— Se não fosse o tal aparelho competente e necessário eu não saía da prateleira. Ia ficar viúva encravada, de só fazer croché e rezar novena. Se levo mais duas hipnotizadas como só o enfermeiro Melo sabe dar, eu ainda ficava mais avançada. Era viúva de fisgar ricão até no Rio de Janeiro. É o que eu digo. Não tem como o teu hipnotizador manual. É um porrete!

142

## GUARDA-CHUVA PRETO EM NEGÓCIO DE FUTURO

Montado em roupa preta, sapato preto e chapéu preto, chegou em Covas um certo Gesteira Chaves. Foi colocar pé na rua das Palmeiras e logo desubar sobre a cidadezinha um temporal de larga fartura. Choveu tudo, água, trovão, uma espingarda de dois canos perdida em 1917 e um cacho de coriscos. Na porta do Hotel Barbalho, esfregando as mãos, Gesteira falou em preto enquanto olhava a barriagem preta das nuvens:

— Assim é bonificação demais! Não pedi tanto, São Pedrinho. É bom manieirar até que a gente monte a Funerária Boa Viagem. Guarde o resto para a inauguração.

Abriu o guarda-chuva preto e foi embora na mesma cor.

143

## O COMPRADOR DE FAZENDAS

Deu de falar em fazendas, em propriedades que tinha comprado, a preço de barbaente, em São José de Goiás. A família, meio entupigatada, viu logo que o velho Monsanato, Joaquim Adrião Monsanato, estava de aduela furada. O filho mais velho até falou:

— Coitado dele! Só vive lendo negócio de planta, de adubos e de terras.

Monsanato, tirando os óculos e botando os olhos, é que não parava de apregoar:

— Comprei coisa de não acabar mais! É chão de perder de vista. Tem até onça pintada. Ou mais que isso!

Rapidinho, Monsanato foi empurrado para as garras dos doutores. Mas que nada! O velho era mais forte que todos eles. Logo de manhã acordava com as fazendas na língua:

– Boa Esperança, São Julião, São Pedro da Porteira! Tudo meu. Chão de perder de vista. Tem até onça. Ou mais que isso!

Vinha o leiteiro e Monsanato para o leiteiro:

– Seu menino, com uma cacetada de trinta mil contos quase devasto o Estado de Goiás! Três fazendas meti no saco. E, tudo de porteira fechada. Tem até onça de comer gente, seu menino!

Na noite em que o velho, de *Manual do perfeito criador* embaixo do braço, afiançou que tinha comprado um cavalo pedrês, tão ensinado que era muito cavalo de dançar polca, uma sobrinha de Monsanato, entendida em miolo mole, balançou a cabeça desalentada:

– Está aí, está Napoleão Bonaparte.

E resolveram, em último grau, chamar uma dessas sumidades que já atendem ao telefone cobrando taxa de ouvido. O especialista veio e colocou toda sua medicina a serviço do miolo mole do comprador de fazendas. E trafegava pela quinta ou sexta visita quando, em seu consultório, recebeu uma telefonada do sobrinho de Monsanato. Neste jeito:

– Doutor, não precisa vir mais não, doutor.

E do outro lado, orgulhoso de sua medicina, o doutor já de coreto armado:

– Como que então curei o velho, hein?

E o sobrinho de Monsanato:

– Curou não, doutor. É que as escrituras chegaram e o cavalo pedrês já está na porta. Selado e arreado, doutor.

144

### APOSENTADO NÃO TEM DIREITO À MÚSICA A BORDO

**E** quando o comendador Nogueira, Natalício Brasão Nogueira, morreu espetado numa perna de peru, a inconsolável viúva presenteou a Lira 21

de Abril com dez fardas e quatro cornetas do pranteado. E, na missa de sétimo dia, na intimidade de uma conversa com amiga velha, revelou:

– Nogueira era possuído da mania de entrar no quarto, nas noites de fazer coisas, todo fardado, nunca esquecido que foi, no começo da vida, corneteiro da Polícia Militar. Chegava na boca do quarto, batia continência, metia a corneta no beijo e largava quatro cornetadas. Era um ta-ta-tá sem fim. Com o tempo, foi diminuindo o número de cornetadas. Até que na morte de Pinheiro Machado, em 1915, não dava mais ta-ta-ta-tá nenhum. Chegava no quarto, fazia mal e porcamente a continência, apresentava o instrumento e caía no mais profundo sono. De uma feita, como reclamasse, Nogueira disse que não queria saber mais nem de corneta nem de farda por causa que estava aposentado e sem direito à música a bordo.

145

### COMO TIO NONÔ, NUNCA MAIS EM TEMPO ALGUM!

**D**e depois de muito vai-não-vai conseguiram que Nonô Mendonça, tabelião aposentado de Cruz Alta, fosse passar tempos na Bahia, na casa dos sobrinhos Mendonça. O velho – setenta anos corridos sem sair uma única vez de terras e céus de Cruz Alta – foi. Desembarcou de fraque e queria andar de fraque, como competia a um tabelião jubilado. Os Mendonça pediram que não fizesse isso. E rindo:

– Não usa mais, tio. É coisa do tempo do gramofone.

Mas do ternão preto de lavar escrituras e acompanhar defuntos Nonô não abriu mão. E foi assim, encastado em negro, que certa noite os sobrinhos removeram o tabelião para um teatro que esguichava francesas e espanholas por camarotes e cadeiras. Sentaram o tio Mendonça bem na primeira fila, na boca do palco. Quando o velho, de dentro do terno preto, viu aquele leque de pernas bonitas, tudo ao alcance de sua vista e da mão, extraiu o lenço largo que guardava no bolso, passou o pano pela testa antiga e falou bem alto, como era de sua natureza falar:

— Estou desmoralizado! Que vai dizer de mim o povinho de Cruz Alta quando tiver notícia de que Nonô Mendonça esteve em teatro de perna de fora, gozando os altos-relevos das moças! Estou perdido!

O teatro, pegando pelas orelhas a voz grossa de Nonô de Cruz Alta, quase morreu de rir. Os sobrinhos de Mendonça sumiram por baixo das cadeiras. Foi quando a moça mais ondulada da passarela, de perna de fora, veio colocar seus arredondados arremanetes bem no centro do colo de Nonô. E, com modos sem-vergonhistas:

— *Com su permiso...*

E Nonô, outra vez de voz grávida:

— Já que estou para sempre desmoralizado, quero que o povinho de Cruz Alta se dane. A menina tem meu especial consentido para ficar a gosto onde estabeleceu suas partes mais cativosas.

O teatro veio a baixo.

146

### ROGACIANO MOTA DESCOBRE A VOCAÇÃO: SEM-VERGONHA

Rogaciano Mota viveu, durante quarenta anos, por baixo do maior respeitismo já visto. Puxava andor de procição, tomava parte nas festas cívicas do Recreativo Rui Barbosa e fundou a Liga dos Bons Princípios de Gameleiras de Ubá, com o promotor público na comandância e Rogaciano na secretariância. Por qualquer meio palmo de tornozelo de fora, Rogaciano armava coreto e dava retreta:

— É o fim do mundo! A filha da professora Roquinha Reis de canela desprovida de vestido. É demais!

Um dia, a serviço da lavoura, teve de vir ao Rio de Janeiro para tratar de coisas de saúva e plantação no Fomento Agrícola. Veio em terno preto e chapéu de cerimônia como para missa ou batizado. No quinto dia de Rio de Janeiro o terno já tinha sumido e o chapéu de aba retorcida dormia no cabide de uma pensão da rua Senador Pompeu. De repente, Rogaciano

ficou modernão, de pegar, em meio mês de carioca, um par de costeletas que dobrava em curva quase na boca. E, uma tarde, ao ser surpreendido por Tomezinho Codó, caixeiro-viajante que vendia ferragens em Gameleiras, Rogaciano desabafou:

— Seu Codó, não queira saber! Sou a maior vocação para sem-vergonha do Brasil. Só agora é que descobri. Não tem melhor coisa no mundo, amigo Codó, do que ser sem-vergonha. Não tem!

E, de camisa empombada e de cabelo encaracolado sumiu no formigueiro da rua do Ouvidor.

147

### VARIAÇÕES EM TORNO DO BIFE TROPICAL

Astolfo Lampadosa logo na primeira rodada do casamento, bem não havia desempacotado sua primeira quinzena de uso e gozo da menina Risoleta, sentiu que não podia arcar com as responsabilidades de esposa de dezoito anos. Foi para o espelho, olhou Lampadosa de frente e de lado, para dizer baixinho:

— Casa, desgraçado! Enfrenta menina que mais podia ser tua neta e depois me conta! Casa, cretino!

Remirou de novo sua figura de gambá velho. E foi em jeito de gambá amigo que Lampadosa entrou no Fomento Agrícola para despachar seus papéis de funcionário perito em leis e parágrafos. E estava no rendilhado de uma informação sobre a formiga saúva quando viu, na mesa de dona Clarinha de Mello, o *Cozinhete moderno*. Abriu o livro para encalhar os óculos num certo bife tropical, coisa de fazer milagre, de levantar defunto. E, com a receita na cabeça, Lampadosa deu entrada no Restaurante Beija-Flor. Chamou o mestre de cozinha e mandou que preparasse um prato de sua especial predileção, o famoso bife tropical. E de óculos em punho, como espada de comando:

— É fácil. O amigo pega um filé, mete no dito quatro colheres de manteiga, joga na panela três bananas-da-terra na companhia de 200

gramas de farinha de trigo. Em seguida, largue pimenta-malagueta no angu, daquela que já sai do vidro rogando praça. Frito isso, salpica o prato com pó de canela de cambulhada com meio copo de cachaça Vai Que eu te Espero. Nesse ponto, o amigo joga por cima alho e duas colheradas de colorau. O resto fica por minha conta.

O prato foi construído. Era uma peça de grande porte, que Lampadosa, de guardanapo no pescoço, devorou com mil fomes. E ao sentir uns ardumes por dentro, esfregou as mãos e falou sozinho:

— É hoje que dona Risoleta, com dezoito anos e tudo, vai ver quem é Astolfo Lampadosa! Ela não me conhece. Estou como no meu tempo de fuzileiro naval. Até melhor. Estou largando fogo pelos parafusos!

Também foi a última coisa que Lampadosa, velho funcionário do Fomento Agrícola, pensou nesta vida. O resto ficou para a outra.

148

### QUEM PEGA BALA NA POPA NÃO CHEGA A TABELIÃO

Ao descer em Bom Retiro a notícia de que havia estourado negócio de revolução e tiro no Rio de Janeiro, Pepito Cruz deixou os panos e a tesoura da Alfaiataria Modelo, correu em casa e falou esbaforido:

— Mulher, apronta a farda e escova meu boné de puxar procição. É rapidinho, em lombo de burro, caiu no rasto da revolução que fumejava e dava tiros. Foi num dia e voltou no outro com uma bala encastada na popa e uma carta de recomendação contra os cofres públicos da Prefeitura de Bom Retiro, onde pegou o cargo de amanuense. E Pepito em conversa magoada com os amigos:

— Se levo um tiro em lugar de maior respeito que não bala na popa, eu vinha tabelião. Tabelião de carreira, com direitos a grandes mamadas nas tetas do governo. Mas com meia balinha na traseira eu não podia mesmo requerer maior benefício do que esse de amanuense, que é leitinho fraco para minha fome de bezerro novo.

149

### ÁGUA MINERAL NÃO COMBINA COM FEITIÇO

Foi Argemirando Viana, depois de pular de doutor em doutor, fez descer sua doença na mão do curandeiro Nonô Squarenia. Nonô, que trabalhava com fumaça de charuto, passou para Argemirando essa receita:

— Bote numa garrafa de cachaça, da marca Chora no Barranco, cinco colheres de pólvora, duas pedras de enxofre, meia caixa de fósforos, treze pêlos de rabo de macaco, duas penas de turubu novo, quatro unhas de coruja, uma raiz de agrão, duas pitadas de colorau, meia dúzia de pimenta-de-fogo, dois pauzinhos de canela, cravo do sertão, tuumã de cozinha, teia de aranha de quarto de moça donzela, dois pregos enferrujados, um retrato picadinho de Herodes e um dente de alho bem amassado. Tu enterra por dois dias a beberagem para depois tomar na parte da manhã e na parte da noite.

Por entre a fumaça do charuto o curandeiro ainda avisou:

— Se fumejar é que a garrafada está em ponto de bala.

Argemirando bebeu, inchou e explodiu. O curandeiro, preso em Capão de Piau, justificou assim a explosão de Argemirando:

— Tinha que arrebentar! Maluco da cabeça! No lugar da medicativa cachaça Chora no Barranco, o sujeito botou essa tal de água mineral, uma desgraça que já salta da garrafa na ponta dos cascos, fazendo borbulha feito panela de pressão!

150

### TODO BOTICÃO TEM SUA DOR DE DENTE

Dentista era Pinalicídio Ferrão de Cajuais da Serra. Sujeito engraçado! Saía dos trabalhos de boticão do consultório da rua das Fornigas e

entrava no Colégio Rui Barbosa na praça da Aclamação. A moçada desse amontoado de cartiras e quadros-negros só faltava latir. O menos que esse povinho dos estudos praticava era enforçar resmas de gatos no frontispício dos mestres. Só que ninguém fazia isso com o professor Ferrão. Se algum aluno pulava carniça por cima dos regulamentos, Pinalcldio olhava por baixo dos óculos e avisava:

— Seu Bentinho, tome cuidado! Na próxima extração lhe tiro o molar pelo cangote com bofetões de anestesia. Faço como fiz com o aluno Francisquinho da Farmácia. A poder de boticão, puxando o canino do malcriado, espichei o pescoço dele um palmo a mais. Saíu feito ganso.

Pinalcldio Ferrão tinha essa vantagem: era o único dentista de Cajuaís da Serra. Toda dor de dente que botasse a cabeça de fora caía direta em seu boticão.

## 151 PORQUE LULU BERGANTIM NÃO ATRAVESSOU O RUBICON

Lulu Bergantim veio de longe, fez dois discursos, explicou por que não atravessou o Rubicon, coisa que ninguém entendeu, expediu dois socos na Tomada da Bastilha, o que também ninguém entendeu, entrou na política e foi eleito na ponta dos votos de Curralzinho Novo. No dia da posse, depois dos dobrados da Banda Carlos Gomes e dos versos atritados no rosto de Lulu Bergantim pela professora Andreлина Tupinambá, o novo prefeito de Curralzinho sacou do paletó na vista de todo o mundo, arreagaçou as mangas e disse:

— Já falaram, já comeram biscoitinhos de araruta e licor de jenipapo. Agora é trabalhar!

E sem mais aquela, atravessou a sala da posse, ganhou a porta e caiu de enxada nos matos que infestavam a rua do Cais. O povo, de boca aberta, não lembrava em cem anos de ter acontecido um prefeito desse porte. Cajuca Viana, presidente da Câmara de Vereadores, para não ficar por

baixo, pegou também no instrumento e foi com o cetro com Lulu Bergantim nos trabalhos de limpeza. Com pouco mais, toda cidade de Curralzinho estava no pau da enxada. Era um enxadar de possessos! Até a professora Andreлина Tupinambá, de óculos, entrou no serviço de faxina. E assim, de limpeza em limpeza, as ruas de Curralzinho ficaram novinhas em folha, saltando na ponta das pedras. E uma tarde, de brocha na mão, Lulu caiu em trabalho de caiação. Era assobiando “O teu cabelo-não-nega, mulata, porque és mulata-na-cor” que o ilustre sujeito público comandava as brochas de sua jurisdição. Lambuzada de cal, Curralzinho pulava nos sapatos, branquinha mais que asa de anjo. E de melhoria em melhoria, a cidade foi andando na frente dos salifinões de Lulu Bergantim. Às vezes, na sacada do casarão da prefeitura, Lulu ameaçava:

— Ou vai ou racha!

E, uma noite, trepado no coreto da praça das Acácias, gritou:

— Agora a gente vai fazer serviço de tatu!

O povo todo, uma picareta só, começou a esburacar ruas e becos de modo a deixar passar encanamento de água. Em um quarto de ano Curralzinho já gozava, como dizia cheio de vírgulas e crases o *Socialista Municipal*, do “salutar benefício do chamado precioso líquido”. Por força de uma proposta de Cazuza Militão, dentista prático e grão-mestre da Loja Maçônica José Bonifácio, fizeram correr o pires da subscrição de modo a montar Lulu Bergantim em forma de estátua, na praça das Acácias. E andava o bronze no meio do trabalho de fundição, quando Lulu Bergantim, de repente, resolveu deixar o ofício de prefeito. Correu todo mundo com pedidos e apelações. O promotor público Belinho Santos fez discurso. E discurso fez, com a faixa de provedor-mor da Santa Casa no peito, o major Penelão de Aguiar. E Lulu firmou:

— Não abro mão! Vou embora para Ponte Nova. Já remeti telegrama avisativo de minha chegada.

Em verdade Lulu Bergantim não foi por conta própria. Vieram buscar Lulu em viagem especial, uma vez que era fugido do hospício Santa Isabel de Inhangapi de Lavras. Na despedida de Lulu Bergantim pingava tristeza dos olhos e dos telhados de Curralzinho Novo. E ao dobrar a última rua da cidade, estendeu o braço e afirmou:

– Por essas e por outras é que não atravesssei o Rubicon!  
Lulu foi embora embarcado em nunca mais. Sua estátua ficou no  
melhor pedestal da praça das Acácias. Lulu em mangas de camisa, de  
enxada na mão. Para sempre Lulu Bergantini!